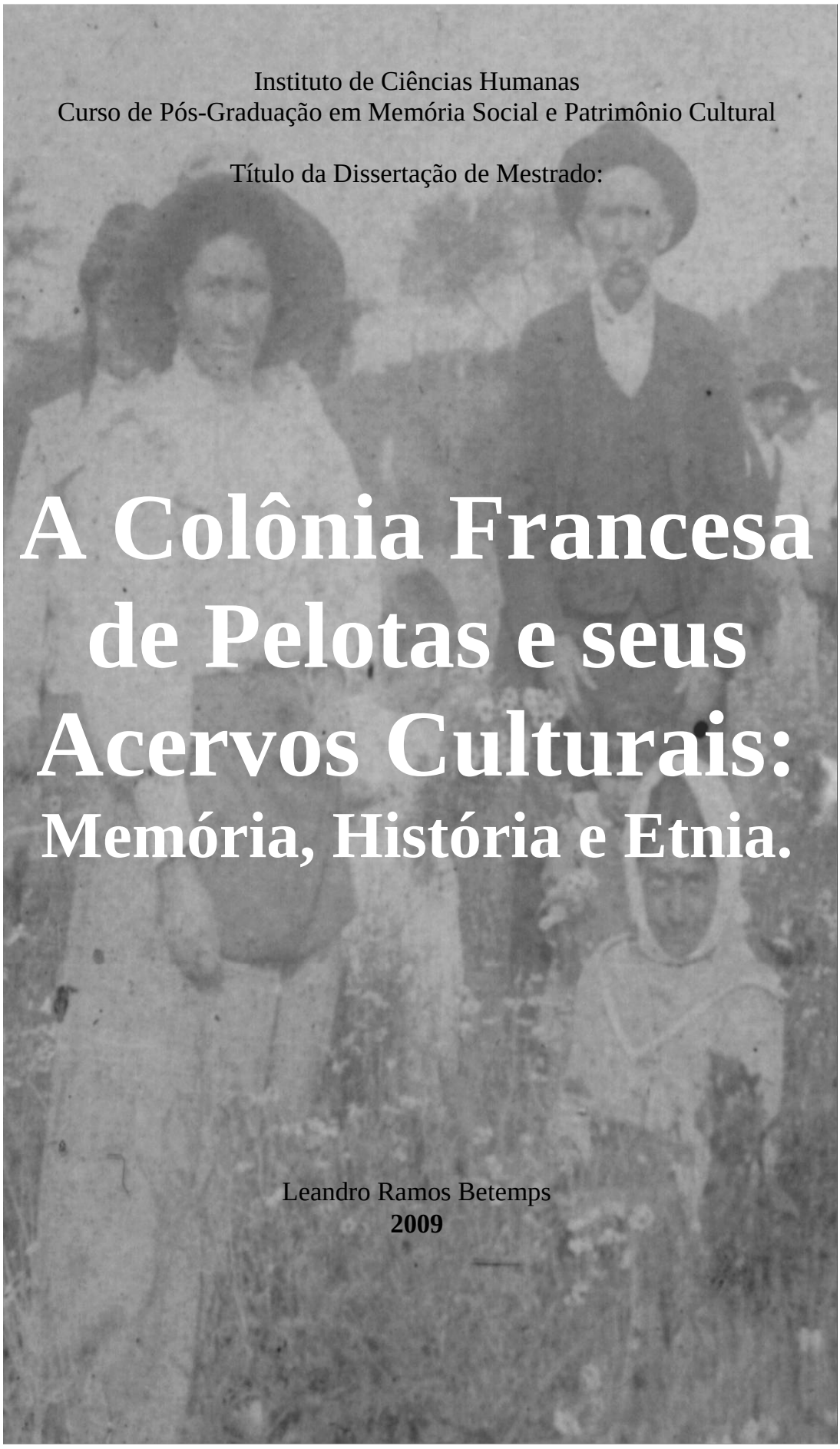
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Título da Dissertação de Mestrado:



A Colônia Francesa de Pelotas e seus Acervos Culturais:
Memória, História e Etnia.

Leandro Ramos Betemps
2009

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

A Colônia Francesa de Pelotas e seus Acervos Culturais:
Memória, História e Etnia.

Leandro Ramos Betemps

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, sob orientação do professor Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

Pelotas
2009

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____

Prof.ª Dr.ª Nuncia Maria Santoro de Constantino

Possui graduação em Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1973), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1990) e desenvolveu programa de pós-doutorado junto à Universidade de Turim (2001-2). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: história oral, imigração italiana, imigração urbana, memória e urbanização. Com livros, ensaios e artigos publicados no Brasil e na Itália e tendo participado como visitante em seminários de universidades italianas, foi agraciada com a Ordem do Mérito da República Italiana no grau "Cavaliere", por serviços prestados à cultura daquele país. Fonte: http://lattes.cnpq.br/3935001803142667

_____

Prof.ª Dr.ª Carmem Gessilda Burgert Schiavon

Graduada em História - Licenciatura Plena - pela Universidade Federal do Rio Grande (1995), Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente, é professora Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde coordena o curso de Arquivologia e é coordenadora do Centro de Documentação Histórica (CDH-FURG). Tem experiência na área de História, Teoria e Patrimônio, com ênfase nas disciplinas de Teoria e Metodologia da História, História do Brasil e Patrimônio. Fonte: http://lattes.cnpq.br/3089240751959037

_____

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Possui graduação em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), mestrado em História (1997) e doutorado em História (2003) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio na Université Montpellier III (2002). Lecionou na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1998-1999 e 2003-2004) e na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2004). É professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas desde 2004, lecionando História Moderna, História da África e História do Brasil. Desenvolve pesquisas nas áreas de organização de acervos, História Moderna e História do Brasil, particularmente na temática da influência do ideário positivista no Rio Grande do Sul. Fonte: http://lattes.cnpq.br/5262060212283632

_____

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Graduou-se no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989) e concluiu doutorado em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica, pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Pelotas, lecionando nos cursos de Licenciatura em História, Bacharelado em Museologia, Mestrado em Ciências Sociais e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Tem experiência na área de História, com ênfase em Arqueologia Histórica e Arqueologia Clássica, atuando principalmente nos seguintes temas: música, arqueologia, antiguidade clássica, história antiga e iconografia. Nos últimos anos, tem-se dedicado às áreas de Memória Social e Patrimônio Cultural, bem como à gestão museológica. Fonte: http://lattes.cnpq.br/5901727444406445

Pelotas, 30 de junho de 2009

Resultado: _____

À memória de Anna Tavares da Silva, Leonor Charnaud,
Floriano Ramos e Napoleão Betemps,
meus avós

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Fábio Vergara Cerqueira pela confiança e amizade dispensadas em todas as horas.
- Aos professores Paulo Pezat e Úrsula Rosa, pelas boas aulas ministradas nas disciplinas do Mestrado.
- Às professoras Maria Letícia Ferreira e Francisca Michelon, pela sempre boa orientação, respectivamente, nas áreas de memória e fotografia.
- Aos colegas, professores e funcionários do Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural do ICH/UFPel pelas conversas e apoio recebido.
- Ao Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, à Biblioteca Pública Pelotense, pela atenção que sempre me deram.
- Aos pesquisadores e genealogistas dos diversos fóruns virtuais de discussão histórica no Rio Grande do Sul, Brasil e França, que com generosidade colocaram informações e fontes de pesquisa a nossa disposição.
- Para Nelcyr e Zillá, pelo amor que sempre deram a seus filhos e por terem muito facilitado o desenvolvimento deste trabalho ao me levarem para as entrevistas na Colônia Francesa.
- À Danielle, por quem Deus fez brotar também o amor misericordioso em mim, que me ensinou um pouco de francês e que as pessoas têm direito de vir e ir.
- A todas as pessoas que cruzaram o meu caminho e, que deixando marcas boas ou ruins, ainda assim, possibilitaram de uma forma ou outra a realização deste mestrado e dissertação.

Gente

As gentes daquela terra
Nasceram com um brilho
Que é encontrado em outras
Mas com certa raridade.

Se reconhece nelas
Capacidade singular
De sentirem-se em casa
Na metrópole ou na favela.

Com desenvoltura
Adentram salas do saber
Ou no barro pisam
Pro chimarrão, perto do fogão.

Falam rebuscado se necessário,
Influenciam decisões,
Mas derretem o coração
Ao entenderem a mais simples gente.

Não subestimem jamais
O colono da roça
Ou o migrante favelado
Na frente daquela gente.

Será como atingi-la
Diretamente na sua história,
Escrita diferente,
Por força, talvez, de um dos pais
Que recusou-se a migrar
Para o asfalto,
Mas propiciou desafios
A seus rebentos,
Que foram pra além-roça
Mas conservam pra sempre
Aquele brilho especial
De ter consigo
Os dois mundos no coração.

Clesis Crochemore, in *Era uma vez lá fora*.
Pelotas: Armazém Literário, 2003, p.79-80.
Figura: Vista geral da Colônia Francesa. Foto do autor, 2007.

RESUMO

Este estudo histórico pretende conhecer os suportes de memória formados, escolhidos e utilizados por um grupo de indivíduos, descendentes de famílias francesas que chegaram ao município de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul em 1880, para fundar a Colônia Francesa de Santo Antônio.

Estes suportes são de diversos tipos, escritos, visuais, materiais ou orais e formam um acervo cultural capaz de possibilitar a compreensão do espaço, das relações sociais, das permanências e rupturas históricas e da identidade deste grupo étnico, dito francês. Os suportes foram criados durante a trajetória histórica do grupo enquanto os indivíduos buscavam estratégias de sobrevivência econômica e reprodução cultural. Portanto, a pesquisa enfoca a própria relação entre memória social e os suportes de memória da comunidade étnica. Nesta pesquisa, três famílias descendentes dos franceses fundadores da Colônia foram entrevistadas, em cada família até quatro gerações deram testemunho. A escolha destas famílias se deu pela diferença de trajetória histórica que tiveram. Uma permanece vivendo na Colônia Francesa, outra migrou para a cidade e outra saiu do município de Pelotas. Cada família possui um grau diferente na sua relação com a Colônia e o grupo étnico.

Assim, quando o grupo étnico faz a gestão de seus acervos culturais, ele utiliza os suportes de memória para manter sua memória social, contar sua história e construir a identidade étnica. Individualmente, as necessidades sociais de cada um contextualizam diferentes suportes para revelar aspectos evocados à memória, da história e sua etnicidade.

RESUMÉE

Cette étude historique vise à comprendre les supports de mémoire qui sont formés, sélectionnés et utilisés par un groupe d'individus, descendants de familles françaises qui sont arrivés à la ville de Pelotas, au sud du Rio Grande do Sul en 1880, pour fonder l’implantation agricole de Santo Antonio.

Ces supports sont de différents types, écrite, visuelle, orales ou des matériaux et forment un fond culturel capable de fournir une compréhension de l'espace, de les relations sociales, des permanences et des ruptures historiques et de l'identité de ce groupe ethnique, dit français. Les supports sont été créé au cours de la trajectoire historique du groupe en tant que les individus cherchaient des stratégies pour la survie économique et pour la reproduction culturelle. Par conséquent, la recherche se concentre sur la relation entre la mémoire sociale et les supports de mémoire de la communauté ethnique. Dans cette recherche, trois familles d’origine française, descendants des fondateurs de l’implantation agricole, ont été interrogés, dans chaque famille jusqu’à quatre générations, ont donné des témoignages. Le choix de ces familles a été par la différence dans leur trajectoire historique qui ont eu. L’une est toujours vivant dans à Saint Antoine, l’autre a migré dans la zone urbaine et l’autre encorea a sorti à une autre municipalité. Chaque famille a un niveau différent par rapport à la colonie et groupe ethnique.

Ainsi, lorsque le groupe ethnique fait la gestion de ses fonds culturels, il utilise les supports de mémoire pour garder sa mémoire sociale, raconter son histoire et construire son identité ethnique. Individuellement, les besoins sociaux de chacun contextualisent les différents supports pour révéler les aspects évoqués à la mémoire, de l'histoire et de l'appartenance ethnique.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

1	Mapa dos departamentos franceses com a localização das quatro zonas de imigração e os três portos marítimos	**40**
2	Mapa administrativo do Brasil com a localização do estado do Rio Grande do Sul, na região sul do país.	**47**
3	Mapa do estado do Rio Grande do Sul com a localização da capital Porto Alegre e dos principais municípios gaúchos.	**47**
4	Mapa do estado do Rio Grande do Sul com as duas metades geográficas	**49**
5	Mapa da zona serrana do estado do Rio Grande do Sul mostrando a ligação rodoviária das antigas colônias que receberam franceses com a Capital Porto Alegre	**53**
6	Mapa da região entre a capital Porto Alegre e a cidade de Pelotas com a localização da Colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano	**54**
7	Foto da Torre do Mercado Público de Pelotas.	**56**
8	Gráfico com os números de núcleos agrícolas fundados em Pelotas contados por década	**58**
9	Mapa administrativo com a divisão distrital do município de Pelotas.	**59**
10	Gráfico com a média de imigrantes entrados por dia em cada ano de registro.	**60**
11	Gráfico com a média do número de imigrantes entrados em cada ano, por década.	**61**
12	Foto de Amadeu Gustavo Gastal	**65**
13	Foto de João Antônio Pinheiro, fundador da Colônia Francesa de Santo Antônio.	**68**
14	Foto dos festejos de inauguração da Escola Joaquina Soares Pinheiro, 1930.	**69**
15	Mapa do município de Pelotas com a localização da cidade de Pelotas, do distrito do Quilombo, da Colônia Francesa e dos Três Cerros.	**70**
16	Foto das ruínas da Fábrica de Papel.	**71**
17	Antigo portão para o Cemitério dos Franceses.	**72**
18	Mapa da colonização francesa em Pelotas.	**73**
19	Antiga construção dos irmãos Bertholon	**74**
20	Foto de parreiral da família Charnaud.	**76**
21	Foto de pessegueiros.	**76**
22	Flor do pessegueiro.	**77**

23	Foto dos sócios da União Camponesa	**78**
24	Foto de Daniel Capdeboscq.	**79**
25	Foto da preparação do *goinfre*.	**81**
26	Mapa da Colônia Francesa com localização de estradas, arroios elotes originais das famílias.	**83**
27	Foto de Luiza Magallon Borges.	**89**
28	Foto de Albino, Denis e Deivid Borges.	**89**
29	Foto dos antigos cinamomos plantado pelos franceses.	**91**
30	Foto das antigas telhas francesas em estilo *ecaille*.	**93**
31	Foto dos alicerces da antiga casa de Angelina Colomby Ney.	**95**
32	Foto do registro de doação das terras para a Prefeitura Municipal construir o Colégio Augusto Simões Lopes.	**96**
33	Planta de terras vendidas para a Colônia Municipal, onde conta três lotes para "Lucio Longchamps".	**101**
34	Foto de Jules Albert Lonchamp.	**102**
35	Foto do casal Alfredo Lonchamp e Angelina Peverada.	**103**
36	Foto de Celina Ernandez Fouchy Longchamp.	**104**
37	Rótulo da Quinta Pastorelo, de Emílio Ribes.	**106**
38	Foto de Maria Nilza Fouchy Longchamp Guido.	**107**
39	Foto de Otílio Borges, Albino Borges e Erci Longchamp em suas bicicletas de pau.	**108**
40	Foto de Valquíria Longchamp Guido	**110**
41	Foto de Alfredo Lonchamp ensinando garotos a jogar bocha.	**111**
42	Foto de Gabriela Guido Carvalho.	**112**
43	Rótulo antigo das compotas dos Crochemore.	**113**
44	Mapa da localidade de Sanga Funda, no município de Canguçu na divisa com o município de Morro Redondo, com a localização das primitivas propriedades dos franceses.	**115**
45	Pintura de Oscar Marius Wahast.	**116**
46	Foto de Louise Leontine Ribes.	**117**
47	Casarão dos Wahast erguido em 1922 na Sanga Funda.	**118**
48	Placa colocada pela Secretaria de Turismo, da Prefeitura de Canguçu com o nome das estradas, no caso indica o "corredor dos Wahast".	**119**
49	Foto de Lili Wahast.	**120**
50	Lili Wahast no balcão da venda, 2009.	**121**
51	Prato com pêssego seco com caroço.	**122**
52	Camionete Rural comprada pelos Wahast.	**123**
53	Foto de Olmar Wahast.	**124**
54	Planta medicinal chamada de Sálvia ou Cidreira de Arbusto, cujo nome científico é Lipia alba (Mill).	**125**
55	Flor azul cuja raiz é utilizada como ração suína pelos Wahast.	**127**
56	Caillette.	**128**
57	Gradil que marca três sepulturas dos velhos Wahast,	**129**
58	Foto de Leinira Ribes Wahast.	**130**
59	Foto da colheita do piretro, no centro está Alcides Ribes.	**130**
60	Foto do Obelisco da Colônia Francesa de Pelotas.	**131**
61	Foto de Eugênio Ribes Wahast.	**133**
62	Rótulo do pó de piretro produzido por Alfredo Wahast.	**133**

63	Garrafa rotulada e ainda fechada com vinho produzido por Alfredo Wahast com o nome de vinho “Sonho Azul”.	**134**
64	Antigo tacho e pá de fazer doce em pasta.	**135**

Lista de Tabelas

1	Número de emigração a partir de solicitações de passaporte e partida nos portos	**40**
2	Número da imigração francesa no Brasil	**44**
3	Imigração estrangeira no Rio Grande do Sul	**52**

SUMÁRIO

**"Para reconhecer a presença francesa,
os descendentes lembram, eles contam sua história"**

AGRADECIMENTOS	**IV**
RESUMO	**VI**
RESUMÉE	**VII**
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	**VIII**
Lista de Figuras	**VIII**
Lista de Tabelas	**XI**
SUMÁRIO	**XII**
INTRODUÇÃO. Memória e identidade	**1**
CAPÍTULO I. Para reconhecer...	**7**
1.1 A memória social da Colônia Francesa	**8**
1.2 A importância das fontes orais	**15**
1.3 O uso da fotografia	**23**
1.4 A "materialidade" indica identidade	**31**
CAPÍTULO II ... A presença francesa...	**37**
2.1 A França cobiça o mundo	**38**
2.2 Le Brésil	**43**
2.3 Os franceses no Rio Grande do Sul	**47**
2.4 Pelotas: uma cidade francesa?	**55**
2.5 A Colônia Francesa de Santo Antônio	**68**
CAPÍTULO III. ... Os descendentes lembram...	**84**
3.1 Na Colônia Francesa: os Magallon	**87**
3.2 Na cidade: os Longchamp	**100**
3.3 Em Morro Redondo: os Wahast	**115**
CAPÍTULO IV. ...Eles contam sua história.	**137**
4.1 Os seus suportes de memória	**139**
4.2 A sua memória e a sua história	**149**
4.3 Etnia: a expressão da integração social	**154**
CONCLUSÕES. Agora já sei quem somos.	**160**
REFERÊNCIAS UTILIZADAS	**163**
APÊNDICES	**180**

INTRODUÇÃO

Memória e identidade

Em 2000, foram apresentadas ao curso de especialização em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, as conclusões da pesquisa realizada pelo autor, sobre os traços culturais do grupo étnico francês em Pelotas[1], no Rio Grande do Sul.

Entende-se como grupo étnico francês os descendentes das 50 famílias francesas que em 1880 fundaram a Colônia Santo Antônio, no Distrito de Quilombo, a distância de 35 km do centro de Pelotas. Ali é o núcleo do grupo hoje presente em vários municípios vizinhos.

À época da realização do trabalho de campo, percebeu-se a quantidade de elementos, carregados de memórias e simbolismos, que ajudam as famílias a fortalecerem os laços étnicos, mantendo o grupo unido há mais de 125 anos. A produção de doce, o fabrico de vinho, as fotos antigas, as construções em pedra, o obelisco dos franceses erguido em 1930, a visita aos túmulos dos ancestrais no dia de finados, ou até mesmo ao ver algum sobrenome francês no dia-a-dia, fazem com que as memórias perpassadas por gerações atualizem os laços étnicos unindo os descendentes das diversas famílias e promovendo a noção de grupo étnico francês em Pelotas. Eles se reconhecem após 4, 5 ou 6 gerações como pertencentes a um mesmo grupo social.

Problematizando, nos perguntamos se é possível a partir destes e outros fragmentos de memória compreender o espaço, as relações estabelecidas, encontrar as permanências e entender as identidades? Que elementos são considerados como parte do acervo cultural do grupo étnico e como esse acervo, por eles formado e gerido, se relaciona com a trajetória histórica do grupo.

[1] Publicado em 2003 e reimpresso em 2006 com atualizações, pela Editora da Universidade Católica de Pelotas sob o título “Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: Um Estudo sobre os 120 Anos da Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS”, como volume 6 da Coleção História e Etnias de Pelotas, uma iniciativa da Câmara Municipal de Vereadores de Pelotas.

O presente trabalho tem como tema a gestão do acervo cultural do grupo étnico da Colônia Francesa de Pelotas. E dissertaremos sobre a própria relação entre memória social e os suportes de memória na Colônia Francesa criados durante sua trajetória histórica.

Buscamos responder, quais são os suportes de memória do grupo étnico? E, como estes suportes revelam a memória social destes franceses? Ou seja, quais os suportes de memória a que o grupo se remete e como eles mantêm a memória social, contam a história do grupo e constroem a identidade étnica?

Nosso objetivo geral é de identificar e analisar elementos que evocam e/ou representam a memória social que perpassa a história da comunidade étnica da Colônia Francesa de Pelotas.

Os objetivos específicos deste projeto de pesquisa são: investigar e identificar artefatos da cultura material e imaterial indicados pelo grupo como suportes da memória social. Catalogar e inventariar os elementos da memória do grupo que servindo como suportes de memória, possam contribuir para a manutenção da memória social da etnia e da localidade núcleo. Analisar e contextualizar o inventário constituído a fim de revelar aspectos a que se remeteu a memória social do grupo étnico. Os suportes de memória são como uma ponte que liga indivíduos hoje separados por espaços, tempos, culturas ou grupos sociais diferentes.

Percebemos que o patrimônio histórico e cultural do grupo étnico francês representa parte do passado e da evolução do município de Pelotas. Temos profundo interesse que este estudo revele mais seu significado e importância. Que este conhecimento possa servir como incentivo ao desenvolvimento econômico, sobretudo, das comunidades do Distrito do Quilombo onde se localiza o núcleo da Colônia Francesa.

Com o objeto delimitado passamos a construir o procedimento teórico-metodológico. Esta pesquisa pretende refletir sobre o grupo étnico da Colônia Francesa e seu significado social através de duas perspectivas de abordagem qualitativa: a da interação social e a de identidade étnica.

O espaço onde ocorre a interação social pode ser entendido como fator explicativo. É na interação social que a memória mantém-se, que a história é contada e que se constrói a identidade. A análise das características das formas de sociabilidade e de interação social em determinado ambiente fornece elementos reflexivos para essa abordagem de estudo. Pois a mudança da função social pode explicar a transformação do papel social.

A Memória é atualizada em função da rede social que obriga a valorização de certas memórias em detrimento de outras. A relação da Memória com a História mostra que falar de Memória é falar de História. É a História que organiza a Memória, mas é esta que confere uma aura quase sagrada à primeira. Os gregos já explicaram essa relação com o mito de Mnemósine e sua filha Clio.

A memória social também atribui valores simbólicos a determinados elementos do cotidiano e revela pistas para uma melhor compreensão do que é a identidade do grupo. Esta atribuição de valores é o principal fator de resistência e de sobrevivência

dos franceses. Quando a identidade está presente ela direciona toda interação social, seja interna ou externa ao grupo.

À Memória e à História acrescentamos a Etnia para formar a trilogia deste trabalho. Se a Memória origina a História, estas duas se não originam ao menos contribuem com a Etnia. As três são construídas nas relações sociais que gerenciam a vida do homem. A interação social e a identidade se encontram no homem. Para estudá-las, nos voltamos aos acervos culturais que como suportes da Memória são nascidos na História e utilizados na Identidade Étnica.

Por se tratar de parte da história de Pelotas, é necessário compreender e interpretar o fato histórico para inventariar os artefatos e suportes de memória. As diferentes fontes históricas, materiais, orais, visuais ou escritas, são expressas nos diversos artefatos de memória. Estes artefatos, carregados de narrativas materiais, visuais, orais ou escritas, trazem referências mnemônicas que representam as lembranças vividas pelos indivíduos e estão armazenadas na memória propriamente dita. Como veremos no capítulo um, deste trabalho, estas lembranças são o que Bergson e Bosi chamam de imagem-memória, o que fica retido no nosso cone de memória.

Dessa forma entendemos que os artefatos de memória possuem um ou mais suportes de memória. Um artefato de memória (seja ele material, oral, visual ou escrito) carrega referências de memória que o indivíduo compacta num suporte de memória. Para exemplificar, tomemos o "sobrenome", que é um suporte de memória utilizado por vários dos entrevistados neste trabalho, como se poderá ver no capítulo três. O "sobrenome" é um conceito desprovido de materialidade, mas que pode ganhá-la na oralidade, quando pronunciado para identificar um indivíduo; ou na visualidade ou escrita, quando grafado numa certidão, ou em outra inscrição qualquer para identificar alguém ou alguma família. O sobrenome pode, inclusive, ganhar uma visualidade ou materialidade, quando gravado em brasões de família. Assim, fica claro que há uma diferença entre artefato de memória que está cheio da materialidade, e suporte de memória, que está num nível acima ao do artefato, e faz referência ao que realmente evoca e aciona a memória.

Neste trabalho de pesquisa foi preciso teorizar o uso e propriedades dos artefatos de memória e sua ligação com a memória, a história e a etnia. Assim, buscamos compreender o artefato material advindo da cultura material, ou seja, monumentos, construções e objetos; o artefato iconográfico em especial a fotografia; e o artefato oral, a oralidade expressa numa gravação digital ou magnética transcrita para a escrita, resultado de uma história oral onde se pode vivenciar, sobretudo, o patrimônio imaterial. Estes artefatos de memória são capazes de ser ou representar um ou mais suportes de memória.

Então, os suportes de memória são analisados numa relação multidisciplinar das teorias de memória com cada suporte. A idéia é que possam trazer uma parcialidade no sentido de que cada suporte é uma parte e uma forma de referência a um mesmo passado. Esta é a importância da diversidade de suportes para se ter uma visão êmica do passado. Ou seja, trata-se de descrever e estudar as unidades em relação a sua função dentro do sistema étnico-identitário. De todo o conjunto de suportes, possíveis de serem utilizados pelos descendentes, nos interessam apenas os suportes que por eles são indicados nas entrevistas e forem mais representativos durante a categorização.

Metodologicamente, a pesquisa em seu objetivo é descritiva-explicativa, pois além de descrever as características do fenômeno, explica os fatores de ocorrência para o mesmo fenômeno. Quanto ao procedimento, a pesquisa é um estudo histórico com pesquisa bibliográfica e documental, levantamento de dados e trabalho de campo.

A população envolvida foi elencada numa amostragem dos descendentes (na zona urbana e rural). A Coleta de dados foi feita através de revisão bibliográfica, entrevistas e escalas de observação. Esta etapa da coleta de dados proporcionou a elaboração de um banco de dados dos suportes apresentados. Os elementos recolhidos nas fontes orais, visuais, materiais e escritas são categorizados. Numa etapa seguinte é feita uma comparação das categorias de análise nas partes multidisciplinares e por fim, ocorrerá a análise, sob o viés da Nova História Cultural para reunir as partes com a trajetória histórica do grupo. A análise dos dados é feita através de leitura interpretativa, catalogação e codificação, redução, categorização e interpretação qualitativa e quantitativa.

Através das narrativas orais (história oral), das narrativas visuais (fotografias) e dos vestígios materiais da Arqueologia Histórica podemos identificar rupturas e continuidades em diversos aspectos da vida social cotidiana. Com isso, é permitido um mapeamento das transformações e das estabilidades que afetam as tradições, os hábitos, os costumes, as representações sociais, as formas de sociabilidade, os padrões de gosto, de comportamento, da arquitetura e seus diferentes usos pelos grupos sociais.

A ancoragem teórica da pesquisa busca referenciais para as discussões sobre Memória, História, Etnia e Identidade.

A memória e suas relações é o próprio objeto de pesquisa. Várias questões são levantadas e considerações sobre os suportes de memória são feitas. Fizemos uma aproximação a temas e teóricos envolvidos com as questões de memória e identidade. E a pesquisa avançou em pensar as características específicas da construção de identidade do grupo étnico. Se em Maurice Halbwachs a memória do indivíduo depende do grupo em que vive; Joel Candau problematiza esta memória social e indica que na realidade existem diferentes graus de interiorização da memória individual. Este conceito é o que Paul Ricouer chama de “olhar externo”, que molda a memória no subjetivo. Ou seja, o indivíduo é a única fonte de sua própria memória. O que difere uma memória de outra é a vivência e os sentidos que o próprio indivíduo dá às coisas que o cercam e que percebe como importantes para si em determinado contexto. É Halbwachs quem vai explicar: somos memória-trabalho, porque somos uma construção social que depende dos quadros sociais onde estamos inseridos. Assim, escolhemos a categoria família como um destes quadros sociais para ajudar na contínua reconstrução social do passado.

Os artefatos de memória (iconográfico, oral, cultura material), como fontes dessa memória social, também pediram uma revisão bibliográfica e teórica para perceber seu uso em relação aos conceitos e categorias de memória.

O acervo iconográfico é baseado, sobretudo na fotografia. Foi preciso conhecer e entender os diferentes processos fotográficos, assim como os elementos que envolvem a criação da fotografia, as técnicas de produção, reprodução de imagens e a relação entre fotografia e memória. Estas revisões bibliográficas e discussões possibilitaram a

observação de diferentes aspectos que combinados formaram uma proposta metodológica de análise de imagens para a construção de referências visuais da Colônia Francesa. A fotografia é um recorte espaço-temporal da realidade que carrega pontos de vista. Uma fotografia trás uma rede de significados e significantes que é acionada pela memória onde forma uma imagem representativa, ressignificando contextos do passado. Assim a fotografia surge como um suporte de memória.

A narrativa oral e o uso das fontes orais também requisitaram uma revisão teórica, devido sua importância para o estudo da construção da identidade étnica e da compreensão da história do grupo étnico. Foi preciso aprofundar o conhecimento sobre as características tipológicas, as formas e os tratamentos possíveis a serem dados às fontes orais. O estudo dos diversos tipos de narrativas possibilitou montar o roteiro da entrevista e entender que uma narrativa é uma busca de recorrências e não de idiossincrasias. Os teóricos forneceram elementos de reflexão que apontaram para as formas de decupagem e análise do depoimento. Entende-se que a oralidade é uma fonte para a História, pois trás um discurso para a memória social. A memória torna-se um discurso da oralidade que atualiza o passado no presente. Com as leituras feitas pôde-se reafirmar a escolha da categoria família para usar as fontes orais e dar a conhecer as interações sociais. Com este suporte de memória usado pela família para transmitir a identidade, o passado, dito no presente pelas narrativas e relativizado pelo historiador, mostra que é possível conhecer a trajetória histórica dos sujeitos.

Para conhecer os suportes de memória, se fez necessário o estudo dos artefatos de cultura material e assim, buscou-se nas teorias e conceitos da Arqueologia Histórica, a ajuda para entender como a materialidade é capaz de dar a conhecer a identidade étnica. Através do cotidiano (a realidade) é possível teorizar e pensar a relação da História com seus suportes de memória. O cotidiano é a realidade do homem que está cercado de materialidade. A cultura material é objeto de estudo da Arqueologia Histórica que dá categorias de representação para conhecer os traços culturais. São estes traços que atribuem a etnicidade, este perfil social que define a identidade cultural de um grupo.

Na colônia francesa o grupo deixa traços culturais ao longo de sua trajetória histórica, produzidos no cotidiano. Estes são utilizados pelo grupo como representações desse passado, do imaginário do grupo que produz a identidade étnica. A revisão bibliográfica permitiu pensar a materialidade como suporte de memória, usada na construção da identidade e na compreensão da História.

O histórico da Colônia Francesa de Pelotas, sob o ponto de vista do documento escrito, está baseado na pesquisa anterior já citada. Mas novas fontes documentais reforçaram as conclusões já obtidas.

Depois de organizar os catálogos dos suportes de memória, partiremos para a análise da Memória Social da Colônia Francesa relacionando os suportes da Memória com as teorias e perspectivas da História Cultural para responder as questões da representação e do imaginário que tantas nuances dão à diversidade cultural que caracteriza o homem.

Observadas estas questões, apresentaremos a estrutura do trabalho e a seguinte divisão em capítulos:

No primeiro capítulo, faremos uma reflexão teórica sobre Memória (e sua relação com a História), Etnia (e sua relação com Identidade). Mostrando que a Memória é uma atividade neurológica individual constituída a partir das convivências sociais. Portanto, é uma construção histórica que pode se modificar no tempo, variando conforme as necessidades presentes do indivíduo que valoriza ou renega lembranças, coisas e imagens. São estes traços que vão formar a etnicidade e construir uma identidade. Também apresentaremos as considerações teóricas sobre os suportes de memória, enquanto artefato iconográfico, oral e de cultura material e sua relação com os conceitos e categorias da Memória, Etnia e História.

No próximo capítulo faremos um histórico da Colônia Francesa de Santo Antônio, sob o ponto de vista do documento escrito, demonstrando a existência de um grupo étnico e o uso dos traços culturais para sua autodefinição.

No capítulo seguinte, como fontes dessa memória social, são apresentados os suportes de Memória, num catálogo ordenado por acervo familiar.

No último capítulo, relacionamos os suportes entre si e com a história escrita. Os temas são as categorias recorrentes e agrupadas com base nos acervos culturais familiares. Aqui faremos uma análise da Memória Social da Colônia Francesa vista sobre os suportes da Memória. Essa análise visa a conhecer quais os suportes da memória social da Colônia Francesa e entender como estes elementos mantêm a memória, contam a história do grupo e constroem a identidade étnica.

CAPÍTULO I

Para reconhecer...

> *"Se nossos mortos recuam, se a distância se alonga entre nós, a culpa não é do tempo, mas da dispersão do grupo onde viveram e que sentia necessidade de nomeá-los, de chamá-los de vez em quando. " – Ecléa Bosi (2006, p.427)*

O presente capítulo tem por objetivo desenvolver uma reflexão teórica sobre o uso da memória social na construção da identidade étnica e na compreensão da história do grupo étnico da Colônia Francesa de Santo Antônio, interior do município de Pelotas – RS.

Após reflexões sobre as teorias de alguns estudiosos sobre memória, propomos pensar a família como uma categoria importante onde a memória é guardada e transmitida.

Para pensar no trabalho do historiador cultural e na reconstrução social do passado é necessário entender que a memória é exteriorizada através de suportes que são agrupados como um arquivo constituído de diferentes acervos culturais. Assim, é preciso refletir sobre a relação destes suportes e a memória.

É preciso perceber o uso das fontes orais e sua importância para o estudo da construção da identidade étnica e a compreensão da história do grupo étnico. É preciso analisar fotografias a fim de investigar os padrões de visualidade organizados dentro de um contexto sócio-histórico de um grupo social. É preciso reconhecer a materialidade como artefato de memória social, partindo da noção de "realidade" ou "cotidiano". São os elementos da cultura material que como traços culturais atribuem etnicidade e definem a identidade cultural do grupo. Com a ajuda da Arqueologia Histórica pensa-se as categorias de representação tão caras para a História Cultural como forma de reconstrução social do passado.

A partir de discussões gerais sobre memória, visualidade, materialidade e oralidade, relacionamos estes suportes de memória com a História Cultural, com Etnia e Identidade Social. Os artefatos tornam-se documentos históricos e nos direcionam para a realidade do grupo étnico francês que conta sua história e constrói sua identidade.

1.1. A memória social da Colônia Francesa

A História estudada pelo viés cultural não é uma inovação recente, mas foi só com a apropriação do conceito antropológico de cultura que os historiadores passaram a observá-la como se referindo aos diversos artefatos e práticas sociais capazes de dizer mais sobre o objeto de estudo da história: o homem e suas relações sociais.

Mas a História Cultural não teve como fonte apenas a antropologia, outros também a inspiraram e levam a História a pensar sobre as representações e as práticas que envolvem o individual e o coletivo. Tanto a representação como a prática, são construidas através da identidade socialmente partilhada pela memória coletiva dos indivíduos. Assim, para reconstruir a história da Colônia Francesa é preciso estudar sua memória social.

O homem é fruto da Memória Social

Em seus estudos sobre a memória, o antropólogo Joel Candau cria uma tipologia para classificá-la: Protomemória, Memória e Metamemória (CANDAU, 2001, p. 20-22). Segundo ele a protomemória é a memória procedural (chamada de memória baixa) onde são introjetadas, por exemplo, como usar o aparelho de microondas, andar de bicicleta, fazer um café. E a memória propriamente dita é a memória semântica (chamada de memória alta), ou seja, aquelas memórias históricas mais perenes. Candau classifica ainda a metamemória (chamada de memória complexa), como a que não depende da memória alta, mas depende do processo comunicacional do grupo onde está inserida. A metamemória é como uma representação sobre a memória do passado que equivale a uma memória social, e até coletiva. Ou seja, a memória individual tem uma correspondente coletiva. Candau diz que é o sujeito que lembra, que a memória social é uma representação social, não uma memória alta. Para ele essa Memória Coletiva deve ser usada como uma categoria de análise, pois ela é uma ferramenta explicativa do real.

A memória coletiva é uma representação distinta da representação individual de memória. É Candau quem vai nos dizer que *"toda memória é social, mas não necessariamente coletiva"* (CANDAU, 2001, p. 44). Sim, toda memória é social porque os indivíduos estão abertos, uns mais, outros menos, as memórias dos outros ou a símbolos externos de memórias como monumentos. Sendo a memória construída socialmente, ainda assim ela pode não ser coletiva.

E ele acrescenta:

> *"...não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras em busca de um objetivo comum, dando-se um mesmo horizonte de ação. Isto é evidentemente mais fácil no interior dos grupos pequenos, como por exemplo as famílias"* (CANDAU, 2001, p. 43).

Candau traz uma outra classificação de memória (CANDAU, 2001, p. 39-40): a memória forte (que é aquela totalizante, que organiza os temas que dizem respeito a

toda a construção simbólica do passado); e a memória fraca (que não tem coesão, ela é mais flexível, já que deve competir com outras memórias, por exemplo, a memória da terceira ou quarta geração de descendentes de um grupo étnico que já estão envolvidos com outras memórias). Para Candau somente o pesquisador vê a memória social coletiva, pois ela é um discurso de convencimento, no sentido de querer ser discurso totalizante (CANDAU, 2001, p. 26). Então, a memória forte é uma categoria de análise que deve ser pensada para que dê conta do todo. Desta forma haverá dificuldades na aplicação da categoria pois é preciso entender a identidade social do grupo para que a memória forte seja entendida. A teoria de Joel Candau ganha importância por mostrar que a memória do indivíduo é o quê é por influência do todo, dado pela memória forte. Ele afirma assim a primazia do aspecto coletivo da memória.

Foi Maurice Halbwachs quem primeiro atribuiu uma memória a uma entidade coletiva dizendo que toda a memória individual depende do grupo em que se vive. Para recordar é necessária uma situação pessoal dentro de uma corrente do pensamento coletivo. E é por isso que Halbwachs concluiu que não há nenhuma memória puramente individual, isto é, as memórias que vêm somente pelo indivíduo, e nas quais ele seria a única fonte (HALBWACHS, 2006, p.69).

O trabalho de Halbwachs veio refutar a teoria construída pelo filósofo Henri Bergson que estava mais preocupado em saber o que se lembra, e não em como se lembra, que estímulos evocam nossas lembranças, porque guardamos no inconsciente estas e não outras representações do mundo. Será justamente esta a crítica feita por Halbwachs, respondendo a isto com o conceito de contexto social da memória (HALBWACHS, 2006, p.72). Para Halbwachs o passado não sobrevive, o passado já era, já passou, nós o recriamos o tempo todo, ele é uma construção histórica e social que depende das necessidades daquele que lembra, no momento em que lembra.

Louis Maurice Halbwachs é sociólogo, nascido em Reims em 1877. Não era um teórico de fama reconhecida como Bergson, do qual ele foi aluno. Ele vai escrever em 1925 a obra "*Les cadres sociaux de la memoire*". A síntese da idéia de Halbwachs é a crítica a Bergson. Halbwachs vê a memória não como filosofia, no estudo da psicologia social, mas ao contrário, para ele o estudo da memória tem de estar dentro da memória sociológica, como um fenômeno social. A sociedade é quem cria a memória do indivíduo através de marcos ou quadros sociais de memória (HALBWACHS, 1925, p.206). Interessa agora como o sujeito lembra, como ele evoca o passado, já que somos seres sociais e estamos envolvidos numa estrutura social.

Mas se o homem é um ser socialmente construído pela memória social, de onde vem esta memória? Como ela se faz presente e é tão decisiva culturalmente?

De onde vem nossa memória?

Halbwachs vai dizer que nós só lembramos daquilo que nossas categorias nos fazem lembrar, não somos só memória pura, mais do que isto somos "memória trabalho", ou seja, somos uma construção social (BOSI, 2006, p.55). Não basta a memória pura, é preciso que esta lembrança tenha uma razão de ser no presente. É a partir da necessidade daquele que lembra, forçada pelo contexto (*cadres sociaux*) onde o próprio sujeito está inserido, que a evocação da memória é feita.

O Marco social é o que marca nosso pensamento (é o tempo, o espaço, a linguagem), observado em grupos (como família, religião, classes sociais) que se

origina dentro da coletividade, dos enquadramentos sociais[2]. Os marcos sociais são categorias como família, religião, outras que são dadas pela memória coletiva. São através destes marcos sociais da memória que um indivíduo dá significados semânticos para sua realidade. Surge a identidade, a história, os valores, o patrimônio, a cultura e a própria memória evocada para situar o indivíduo em seu presente.

Memória é trabalho. A relação entre "eu" e "minhas lembranças" não é direta, passa pela "sociedade". A memória sai da metafísica e ganha um caráter social: as recordações se relacionam no conjunto de umas noções que nos dominam mais do que outras, como pessoas, grupos, datas, vida material e moral. O passado não mais sobrevive no presente, mas é reconstruído através destes marcos sociais que relacionam as percepções do presente com as coisas que ficaram no passado.

A memória individual é formada na relação social, com os outros indivíduos e não por si só como teorizou Bergson. Para Bergson a função da memória era de fazer com que percebêssemos a noção de tempo, seja ele passado, presente ou de duração, através da matéria (BERGSON, 1999. p.77). Ele escreve:

> *"Tudo deve se passar portanto como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens, a última que obtemos a todo momento praticando um corte instantâneo no devir em geral. Nesse corte, nosso corpo ocupa o centro."* (BERGSON, 1999, p.83).

Halbwachs, influenciado pelas idéias sociais de Durkheim, nos ensina que Memória é sempre coletiva, formada por experiências dos grupos sociais e que sua duração será dada pela significação dada pelo coletivo (HALBWACHS, 2006, p.69). Ou seja, no momento em que se afrouxa a rede de laços afetivos que unem o indivíduo a outros indivíduos distantes no tempo e no espaço surge o esquecimento. É quando nos distanciamos do grupo social no qual estamos enraizados que esquecemos. Então os nossos antigos vínculos sociais desaparecem e surgem novos vínculos que nos situam na sociedade e nos dão nova identidade.

Desta forma não há memória fora dos contextos sociais, nos quais os homens que vivem em sociedade usam para fixar e buscar suas lembranças. Aí se encontram o tempo, o espaço e a linguagem. Talvez sejam estes os principais quadros sociais para a construção da Memória Coletiva (HALBWACHS, 1925, p.107-108; 206).

A linguagem é usada pelos homens para a compreensão das convenções sociais. O tempo também vem situar os sujeitos através da relação entre fatos do passado com as idéias, as percepções e necessidades do presente. O tempo não traz o passado inteiro e pleno, mas apenas as relações que dele são significativas hoje. Nossas lembranças estão organizadas como num sistema de relações. Para situar uma recordação é preciso compará-la com outras que se conheça seu lugar no tempo e no espaço. Evocando esta última se poderá lembrar à primeira. As diferentes formas com que os homens fazem estas associações de lembranças indicam que por diferentes modos estas lembranças podem ser evocadas. Conforme os estilos de vida dos homens, suas experiências pessoais e circunstâncias vividas proporcionaram diferentes memórias a cada um.

Assim, os contextos sociais de memória se ligam e evocam memórias pessoais que nem sempre são compartilhadas da mesma forma pelo coletivo. Porém, não quer dizer que estas memórias pessoais não têm relação com o coletivo. Pelo contrário, os

[2] Cf. apresenta HALBWACHS na obra "Les cadres sociaux de la mémoire" 2007 (1925).

contextos sociais, como a família, a igreja e a classe social, devem ser vistos como instituições, e como tal, é uma construção social que concede posições aos indivíduos.

Qualquer uma destas ordens sociais tem um duplo caráter: tradição e convenção que resultam do conhecimento do presente. Todo traço histórico, social ou cultural que se liga a memória torna-se uma mensagem ou um símbolo que tem um significado compartilhado pelo grupo todo. Tradição e convenção se relacionam sempre com o presente. É por isso que Halbwachs afirma que o pensamento social é uma memória cujo conteúdo é apenas uma lembrança coletiva que a cada época a sociedade pode reconstruir se trabalhar em seus contextos sociais atuais (HALBWACHS, 1925, p.206).

A memória social através da categoria "família"

A família é uma instituição social, assim como a igreja, o partido político ou até mesmo a classe social. Em qualquer destas instituições é possível distinguir setores com funções e natureza específicas. Nestes setores é possível organizar a vida da família e aí ocorrem os eventos cronológicos que são guardados na memória. Com esta memória, que é construída e reconstruída, se forma uma identidade ou como diz Halbwachs um "espírito familiar" (HALBWACHS, 1925, p.202).

Este vínculo surge enquanto os membros da família conversam, trocam idéias, convivem cotidianamente. É na família que as lembranças se entrecruzam fazendo com que se formem vínculos fortes, onde mesmo afastados os membros ainda dividem uma memória familiar que transcende a memória individual.

Ecléa Bosi fala sobre este sentimento familiar. Para ela cada família tem um conjunto de lembranças, segredos, sentimentos e modos de vida que lhe são particulares e distintivos (BOSI, 2006, p.424). São histórias de parentes, episódios irreverentes, qualidades ou defeitos, modelos, perfis, costumes, linguagens e outras atitudes que transmitem uma mensagem, uma identidade a todos os membros da família. Bosi afirma que *"em nenhum outro espaço social o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado"* (BOSI, 2006, p.425).

Ela segue explicando que o homem, enquanto ser social, pode mudar de país, de crença, de estado civil, de profissão, mas o vínculo com sua família é irreversível, ele sempre terá uma posição dentro de determinada família (BOSI, 2006, p.425). Será impossível trocar de papel com outro membro da família. A individualidade é valorizada dentro do grupo familiar. Os papéis domésticos não se modificam, podem apenas ser acrescidos, por exemplo: o filho será sempre filho de seu pai, mesmo que o filho algum dia também tenha um filho e se torne pai.

Ecléa Bosi fala ainda sobre as duas formas de se entrar numa família: nascendo nela, ou a integrando por matrimônio (BOSI, 2006, p.423). Nas duas situações haverá sempre uma força de coesão que permitirá que o espírito familiar se desenvolva sem haver ruptura drástica. A criança aprende a ver o mundo através do discurso dos pais e parentes. Mesmo porque as primeiras lembranças do homem são lembranças que não são nossas, mas são de nossos pais e parentes que as repetem continuamente até que as absorvemos como sendo nossas. Da mesma forma o cônjuge termina por adaptar-se a família que o recebe. Atualmente, esta coesão sofre a pressão da mídia, os cônjuges têm menos flexibilidade em sua incursão na nova família. E a própria família se reduz ao casal e poucos filhos, refutando a influência da grande família de tios, primos, tios-avós e outros parentes (BOSI, 2006, p.423).

Hoje, mesmo com estas mudanças de expressão social, a família ainda permanece como a instituição social mais importante. Sua coesão ainda existe nos grandes centros, mesmo com as reduções pessoais. Pessoas com diferentes modos de vida se reconhecem e mantém laços, senão afetivos, pelo menos culturais. Estes fatores de aproximação, mesmo que exteriores às famílias, são fontes para o estreitamento dos vínculos familiares. No caso da colônia francesa em Pelotas, os membros das famílias já estão distanciados no tempo e no espaço por até 6 ou 7 gerações, mas alguns traços como o sobrenome e a história de origem produzem um olhar mútuo de acolhimento e acordo entre eles.

A explicação sobre a origem deste fenômeno social é dada por Bosi de uma forma bastante ilustrativa (BOSI, 2006, p.425). Segundo ela, desde o nosso nascimento vai se criando uma imagem para cada parente e vice-versa. Esta imagem familiar é complexa em detalhes que são reconstituídos nas nossas relações com eles. Para Bosi, além desta imagem familiar, cada sujeito tem pelo menos outra imagem que é mais social, ou seja, que é construída fora do ambiente familiar e nem sempre é igual a imagem familiar (BOSI, 2006, p.426).

Estas imagens não são fixas, mas sim modificadas com o tempo da mesma forma que o sujeito envelhece. Bosi sugere que com o tempo a imagem torna-se mais limpa e estereotipada, e às vezes valorizadas por significar algo que o tempo nos tirou (BOSI, 2006, p.426). Esta imagem é influenciada pela presença de traços referentes ao que se lembra. Quando os parentes vão morrendo, os traços desaparecendo, ou não há mais testemunhas daquele período, as imagens que criamos, vão esmaecendo e surgindo lacunas que abreviam a narrativa da memória.

São as condições de vida do presente que vão reconstituindo a memória e Bosi orienta que a lembrança deve ser revivida por vários suportes de memória, entre eles as conversas, as fotografias, cartas, depoimentos e objetos (BOSI, 2006, p.426). Assim a imagem é renovada e não ocorre o esquecimento.

As condições de vida estão nos *"cadres de la mémoire"*, e encontram seu significado na história vivida que é relativizada na memória coletiva, juntamente com os conceitos de tempo e espaço dados pela memória individual de quem reconstrói aquelas lembranças com base no compartilhamento dos contextos sociais da memória.

As transformações sociais que o grupo passa e que acabam moldando sua memória coletiva, identidade e história são reproduzidas numa tentativa das mudanças não desintegrarem as relações já existentes. Serão os mediadores da memória que, nas idéias de Myriam Barros, tem essa função de manter a identidade do grupo, transmitir a história vivida, ser o elo entre as gerações que traz consigo a incumbência de guardar e transmitir a memória afetiva dos indivíduos e a memória da sociedade. Myriam Barros identifica em suas pesquisas dois mediadores de memória: os avós e os guardiões de memória familiar (BARROS, 1989, p.33-34.

Segundo ela, o papel dos avós é o de poderem reconstruir a trajetória familiar em até cinco gerações (duas antes e duas depois dele). Por exemplo, a posição em que ocupa um avô dentro da família é particularmente a de ser um elo que integra diferentes gerações através da memória. Os avós são testemunhas das mudanças de vida que passou a família e podem recriar a vida de seus próprios avós e pais, transmitindo valores sociais de experiência de vida para os seus filhos e netos.

Os suportes de memória, como cita Bosi, têm a função de criar laços de família, símbolos de união que num processo de socialização de valores atribuem papéis sociais aos indivíduos (BOSI, 2006, p.426).

Depois de falar dos avós, Barros fala dos guardiões de memória que têm um papel semelhante ao dos avós. Eles preservam e transmitem a memória familiar através de um acervo particular (BARROS, 1989, p.37-38). Testemunhos, fotografias, álbuns, outros artefatos são organizados e expressos pelos guardiões com o mesmo objetivo de narrar, a partir de sua percepção, a memória e a identidade da família ou de um grupo maior.

Mas de que forma o historiador pode reconstruir o passado pela memória familiar com a mediação dos avós e outros guardiões de memória, a partir dos suportes das dimensões sensoriais da vida social?

A reconstrução social do passado

Os indivíduos evocam suas lembranças através dos marcos sociais da memória. Enquanto grupo social, eles reconstroem seu passado continuamente. Essa reconstrução é um remanejo de lembranças de forma a colocar em acordo as variações presentes que possam vir a separar os indivíduos, ou a distanciar uns grupos de outros.

Na reconstituição da memória familiar é importante compará-la às memórias de outras famílias. É o caso da Colônia Santo Antônio, onde uma família estava sempre muito ligada a outras famílias vizinhas. Estes vínculos fazem entrelaçar lembranças das famílias criando uma memória coletiva do grupo. Bosi mais uma vez nos auxilia dizendo que *"se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social"* (BOSI, 2006, p.431).

Esta reconstituição natural da memória familiar que remaneja as lembranças atualizando seus valores mantém os vínculos mesmo que as pessoas estejam culturalmente distanciadas. Em determinados momentos de suas vidas estes vínculos afloram e vão conferir identidade, história e um papel social.

Hoje, os discursos sobre memória têm relevância porque estão ligados às questões de identidade do indivíduo. As causas disto são os movimentos sociais que surgem nas relações de poder para exercer a cidadania; e o processo de globalização que molda o homem e suas relações sociais difundindo e igualando os mesmos costumes sociais para todos. Se a família é esta instituição que situa o indivíduo no mundo, é para ela que muitos vão se voltar para achar um lugar nessa efervescência global de relações sociais.

Seria por isso que se vê um aumento da musealização? Seria por isso que hoje se tem museu de tudo e para todos? Porque existe este pensamento de que se deve preservar? Por vezes, a palavra musealização ganha um sentido de engessamento da vida. A vida pára e torna-se peça de museu. Porque isso está ocorrendo? A resposta deverá ser encontrada no presente, nas necessidades e nas relações sociais em que vive o homem atual, frente à globalização e aos movimentos sociais por cidadania.

Se o homem está mudando sua forma de vida, a forma como vai pensá-la também mudará. A ciência vem passando por uma crise de paradigmas e este novo tempo também vem trazer novos questionamentos aos historiadores que buscam entender a dinâmica social que envolve a vida cultural das sociedades.

O processo de pós-modernidade liga a noção de tempo mais ao presente do que ao passado ou ao futuro. O que importa mais ao homem hoje é sua condição presente, seu trabalho, seu lazer, o pequeno grupo de pessoas que o cerca. Aparentemente não há mais espaço para o que não for do tempo imediato. Paradoxalmente a este movimento que faz a informação percorrer o mundo em segundos e igualar os usos e costumes, o homem parece viver uma angústia do tempo presente. Há uma crise de identidade e o homem procura no passado elos que lhe dê uma identidade presente. O homem tem ânsia de se conhece nesse mundo globalizado onde todos têm os mesmos hábitos.

Os descendentes da Colônia Francesa também vivem este paradoxo. Hoje com a memória familiar estão concorrendo outras memórias familiares, sociais, partidárias, urbanas, mundiais, econômicas, culturais, uma centena delas, fazendo com que as novas gerações construam novas identidades para si. Mas em certos momentos deste novo discurso social que criam, reconhecem em si antigos traços que não fazem parte do novo discurso. Esse momento de crise pessoal, muitas vezes acaba aflorando em momentos de perda ou mudança em sua trajetória de vida e provocam uma reflexão, busca ou mesmo valorização de uma memória que estava esquecida no passado familiar. A memória surge e faz com que o indivíduo volte seu olhar para o grupo familiar e as relações que daí surgem. Alguns traços culturais são reforçados, valorizados e fazem com que perceba que existe uma continuidade preservada no tempo, uma duração que provoca uma conscientização da identidade familiar preservada, como sendo sua também.

Essas contribuições teóricas provocam uma “virada cultural” onde a cultura é vista “como um conjunto de significados compartilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, 15). A História Cultural vem estudar os sentidos que o homem tem dado para explicar o mundo através de seus discursos e práticas no cotidiano.

Sem entrar em discussões teóricas sobre a historiografia moderna citamos Andrade, que comentando a objetividade da História diz que: “o historiador é incapaz de criar uma história do passado tal qual este se deu, mas apenas recriar uma possibilidade do vivido, uma vez que sua subjetividade não pode ser extinta de seu ofício” (ANDRADE, 2006, 56). Assim, a História é uma possibilidade da realidade passada conforme as fontes proporcionaram entender, e não uma realidade plena e totalizante.

A memória social está na base da construção do conhecimento sobre qualquer grupo social, pois o indivíduo só lembra quando suas necessidades atuais são aproximadas dos contextos sociais em que sua vida foi e está amparada. Construído por esta memória social, ela também o situa dentro da sociedade, sobretudo com a categoria “família” que estabelece vínculos irreversíveis. Esta construção e reconstrução, natural e contínua de significados, conferem também identidade, papel social e história ao indivíduo, assim como do grupo ao qual se insere.

Para a reconstrução deste passado, o historiador precisa estudar os suportes de memória existentes e utilizados pela família para guardar e transmitir a identidade do grupo que trazem os sentidos dados pelos homens para explicar a si e ao mundo onde vive. É preciso, pois, reconhecer a importância das fontes.

1.2. A importância das fontes orais

Passamos agora a refletir teoricamente sobre a importância das fontes na pesquisa sobre a memória social. Começamos pelas fontes orais e sua relevância no estudo da construção da identidade étnica e a compreensão da história do grupo étnico da Colônia Francesa de Santo Antônio.

A História encontrou lugar para o uso de outras fontes, como as orais. Para a História Oral, o ato de narrar serve para problematizar as construções da memória, na definição da etnicidade de grupos étnicos. Após estas reflexões, afirmamos que a família é uma categoria importante onde a memória é guardada e transmitida e que pode ser a base da escolha do roteiro de entrevista na tentativa da reconstrução social do passado.

A oralidade: uma fonte para a História

A História surgiu na Grécia como um texto narrativo que pretendia dar luz às origens dos conflitos e contradições que envolviam o homem. Heródoto, Tucídides e outros, ouviam as testemunhas das guerras e depois escreviam uma narrativa de cunho literário com o objetivo de registrar as causas daqueles episódios. Embora indo ao passado para buscar as origens, a História surgia de uma necessidade de explicar o presente.

No início do século XX, as ciências sociais rompem com a teologia e a filosofia. A História passa a ver o sujeito também como objeto da História (REIS, 1994, p.14). Ela passa a analisar a necessidade, a interação e a construção social. Com a mudança do campo de pesquisa da História, surgem também novas fontes históricas. E a materialidade e a oralidade começam a ganhar importância como documentação histórica preenchendo as lacunas de uma história mais cultural e social. A oralidade e a materialidade surgem como opções para entender o duradouro, as permanências e rupturas, as representações e significados da estruturação social. Pelo distanciamento que às vezes pode existir entre narrador e fato, a narrativa e a materialidade podem conter subjetividades e até erros. Por isso, Tucídides já dizia que se devem combinar os testemunhos com outras fontes históricas (MEIHY, 1998, p. 28). Assim a oralidade só começa a ganhar credibilidade nas últimas décadas do século XX quando surgiram novos paradigmas científicos e difundiram-se os aparelhos de captação e gravação de áudio e vídeo.

Peter Burke diz que a oralidade é parte da mensagem comunicada entre as pessoas, ou seja, quando se está narrando algo o conteúdo da mensagem sofre adaptações às necessidades dos indivíduos envolvidos. Essas adaptações constam de simplificação, seleção e assimilação (BURKE, 2002, p.138). Assim, Burke salienta que as fontes orais podem ser importantes fontes para a História. Se antes a subjetividade atrapalhava, agora é ela a característica que lhe dá novas opções de uso. O homem é uma construção social carregada de subjetividade e em constante reinvenção.

A memória: um discurso da oralidade

Maurice Halbwachs vai dizer que nós só lembramos daquilo que nossas categorias nos fazem lembrar, somos uma construção social onde a lembrança tem uma razão de ser no presente (BARROS, 1989, p.30). Assim começa o discurso oral.

O Marco social é o que baliza nosso pensamento, observado em categorias como a família, que se origina dentro da coletividade. Desta forma não há memória fora dos contextos sociais, nos quais os homens, que vivem em sociedade, usam para fixar e buscar suas lembranças.

A linguagem é usada pelos homens para a compreensão das convenções sociais. A narrativa surge como intermediária entre a ação vivida e o significado que esta ação tem no presente dos sujeitos.

Assim, os contextos sociais de memória se ligam e evocam memórias pessoais que nem sempre são compartilhadas da mesma forma pelo coletivo. Porém, não quer dizer que estas memórias pessoais não têm relação com o coletivo. Pelo contrário, os contextos sociais, como a família, são construções sociais que concede posições aos indivíduos.

Qualquer um destes contextos sociais tem um caráter de tradição que resulta do conhecimento do presente tornando-se uma mensagem ou um símbolo que tem um significado compartilhado pelo grupo todo. Esta mensagem se relaciona sempre com o presente. É por isso que a oralidade torna-se uma fonte documental para o estudo da História.

A narração: o passado reinventado no presente

Mas então como se estruturam as narrativas? Que elementos elas têm? Meihy recorda os elementos desta estrutura narrativa: a oralidade, o tempo, a subjetividade, as recorrências e a visão do testemunho (MEIHY, p.14; 17; 25; 41 e 53).

A oralidade é emotiva, alterada, sem seqüência cronológica, subjetiva, vem da memória e fundamenta-se numa tradição oral que é fluída no tempo e pode-se modificar conforme as necessidades presentes, adquirindo novos valores semânticos.

A primeira impressão é de que a oralidade não é capaz de servir como fonte documental para a História já que está tão carregada de subjetividade. Mas será por seus elementos de reinvenção e renovação, por este encantamento que tem a palavra proferida que as fontes orais ganham status de documento. Por ser uma construção social, a oralidade é uma narração da subjetividade coletiva e individual.

O uso das narrativas reforça a importância da memória. Quando os narradores descrevem seus relatos surge um tempo de memória que é o tempo para viver o passado, afirmar uma experiência ou negar o vivido (CARVALHO, 2003, p.287). É o momento em que se quer sintetizar e falar das relações vividas. Os narradores montam seu discurso conforme a posição que ocupam dentro do contexto social, por isso há diferentes versões de memórias possíveis e a narrativa identifica-se com a biografia e a identidade (CARVALHO, 2003, p. 295).

O ato de narrar traz em si elementos que podem ser isolados como balizas que revelam estratégias e omissões. A narração é sempre contemporânea, e se deve perceber como o sujeito fala e narra, pois a narração é imaginativa, e por isso é preciso analisá-la

em seu contexto de produção e consumo (CARVALHO, 2003, p. 294). Ela vem juntar traços do passado, que o indivíduo resgata de sua memória, e é instituída quando da fala entre o narrador e o ouvinte. É neste momento que a narrativa ganha sentido. O ato de narrar se dá no campo lingüístico e será o ouvinte que dará as balizas temporais que irão estruturar, limitar e auxiliar o narrador a tematizar o que irá dizer do tempo vivido (SANTOS, 2007, p.4).

Se o tempo do discurso é o tempo presente, da contemporaneidade, não se pode deixar de pensar o contexto de sua interpretação ao recriar o tempo do vivido, que foi o tempo da experiência passada que se quer trazer para o presente. Assim, toda narrativa tem uma dose de fantasia. Há muitos relatos fantasiosos, que são uma interpretação do sujeito, uma visão do sujeito sobre a realidade. Como então separar verdade e ficção? Portelli diz que não se deve separar e descartar a ficção, mas sim se deve analisar o porquê de ter sido dito daquela maneira (PORTELLI, 1993, p.50). A narrativa vem carregada da cultura, que é essa forma que interpreta o mundo. Não se deve tomar a mensagem proferida como verdade, pois nem sempre é. O narrador atenua ou reforça uma posição social. Desta forma surgem muitos depoimentos conflitantes, pois as pessoas podem interpretar os fatos de forma diferente. Para resolver estas situações se deve fazer um diálogo entre as fontes orais, problematizando o tema.

As informações contidas nos depoimentos não são verdades absolutas, tampouco apenas ficção. O narrador não consegue fazer reviver o passado, pois este tempo é o da experiência e não volta mais. O que faz é recriar, no presente, a narrativa desse passado, usando a memória. O ouvinte pesquisador deve comparar esta narração com outras fontes sejam elas escritas, iconográficas, ou até outros testemunhos orais. O uso da entrevista pode trazer os dados que se entrelaçam com outras informações ou abrem novas possibilidades se articulados com a teoria. Deve-se usar da tradição oral, para recuperar trajetórias históricas cuja memória passa pela oralidade e não na escrita, pois são os elementos da tradição oral que estão na narrativa e na vida, como permanências sociais, culturais da memória.

Outra estrutura da narrativa é o tempo, pois o sujeito fala na contemporaneidade, mas ele fala da duração, do tempo vivido na experiência e do tempo narrado e configurado. Para entender a relação entre a experiência e a sua reelaboração como narrativa se recorre às explicações dadas por Isabel Carvalho ao teorizar a narrativa como mediação entre os tempos narrativos e os significados da ação na concepção hermenêutica de Paul Ricoeur. Os tempos de Ricoeur são o pré-figurado no campo prático, o configurado quando da experiência realizada e o refigurado quando essa experiência é construída com a narrativa. E Carvalho sintetiza e relaciona-os respectivamente com o tempo vivido onde a ação é pré-figurada; o tempo do narrado, quando a ação é simbolicamente configurada e o tempo partilhado, quando a narração é comunicada a alguém que a assimila e reconstrói através de sua subjetividade. Os três níveis de operação mimética propostos por Ricoeur para organizar os aspectos temporais no ato narrativo, constituem as mediações simbólicas da narração (CARVALHO, 2003, p.289).

Outro elemento estrutural da narração é a subjetividade inerente a interpretação e a hermenêutica da ação dos sujeitos. O sujeito está no presente, julga valores e formas de atenuar ou reforçar posições sociais.

Também a visão do testemunho é importante: se é individual ou coletivo. Deve-se trabalhar com o dito, mesmo se for verdade ou não, pois em ambos há uma visão

particular e reveladora. É preciso entender porque o narrador dá como fundamental um determinado fato de sua vida.

Por último, as recorrências onde o relato oral busca se apoiar e não as idiossincrasias que são as formas pessoais de perceber algo. As recorrências são importantes porque o narrador estrutura seu relato para ser entendido pelo outro, ambos devem compartilhar alguns elementos de comunicabilidade.

Mas as narrativas não são iguais, existem tipologias diferentes. Entre elas tem-se a história de vida, onde o depoente tem liberdade para falar e recriar a sua narração. Este relato oral é usado por Ecléa Bosi onde ela faz dialogar várias narrativas de uma mesma imagem, no caso a da cidade[3]. A História oral busca um retrato social de um momento, seus valores, emblemas e significados que estão inseridos na vida das pessoas. Nas narrativas, as pessoas tendem a ver suas vidas como uma narrativa mítica, narrando de uma forma onde estruturam inicio, meio e fim, como um ciclo, e geralmente, indicam um momento como o mais importante de sua vida ou de sua narração. Uma outra modalidade é o estudo apenas de trechos e não de toda a história de vida.

A Biografia é outro tipo de narração que tem alcançado destaque no mundo de hoje, onde há uma valorização da experiência e do indivíduo, como uma crítica às idéias totalizantes. Com esta modalidade a história de vida é aprofundada, e se reconstitui o que está à volta, o contexto, não só relato oral, pois às vezes o sujeito-objeto pode ser já falecido. Narrar o tempo de uma vida não é seguir um percurso orientado da História, já que se conhece o caminho de vida do biografado. Mas a biografia deve tratar das potencialidades que precederam os atos do sujeito na época (BORGES, 2007, p.5). Já a autobiografia, durante muito tempo não teve valor, devido a sua grande subjetividade, mas com o tempo alguns relatos, como os diários passaram a ser usados por refletirem o contexto cultural e serem uma visão particular do narrador para a sociedade em que viveu. É o caso do diário de Lino Emílio Ribes, escrito por mais de 50 anos e que descreve o dia-a-dia na Colônia Francesa.

Mas, certamente, a história oral temática é a modalidade mais utilizada neste trabalho. A história temática é um relato oral focado. Detalhes da vida do narrador só interessam se revelarem aspectos referentes ao tema de pesquisa. Meihy esclarece que por trazer um assunto específico e pré-definido, a história temática é mais objetiva e direta e ainda mescla a história temática com a história de vida. Assim a objetividade do tema se relaciona com a vivacidade dos eventos vivenciais do narrador tornando muitas vezes o relato mais interessante (MEIHY, 1998, p.51).

Para a pesquisa com os franceses da colônia de Pelotas quer-se realizar uma história temática combinada com a história oral de família. A história de família é uma variação da história de vida, onde se valoriza os aspectos da vida de um grupo com laços sanguíneos ou afetivos. Pois para perceber a relação entre a memória social e os suportes de memória do grupo étnico, é importante analisar não a soma das histórias de vidas individuais, mas a definição dos projetos familiares. Como indica Meihy, para estas pesquisas apontam-se entrevistas em duas ou três gerações para que no processo histórico que envolveu e envolve os familiares no tempo, revelem-se os elementos culturais que permaneceram, que mudaram, ou simplesmente, que ainda dão a unidade ao grupo (MEIHY, 1998, p.47).

A História Oral: método para analisar uma narrativa

[3] É este um dos objetivos do livro “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos” de Ecléa Bosi.

A História Oral, por ter encontrado expansão significativa no meio acadêmico somente a partir da década de 1990, ainda tem várias questões sobre sua definição e usos. Mas é uma área de pesquisa que encontra seu espaço nas discussões, ganha adeptos e multiplica os temas da história.

"História Oral" é uma expressão pelo menos conturbada em sua definição. Voldman diz que ela é na verdade inadequada, pois deveria ser empregada apenas como título histórico para qualificar a historiografia dos anos 1950 a 1980. E segue dizendo ainda que se a história oral é entendida como um método então se deve chamar história do tempo presente ou contemporânea e se a considerarmos como técnica ou disciplina, ou seja, uma forma de trabalhar para explicar o todo deveria ser chamada então de história das testemunhas (VOLDMAN, 1996, p.34).

Dentre as três posturas que se dá à História Oral, aqui a entende-se como uma metodologia que estabelece e ordena procedimentos de trabalho. Não interessa simplesmente a técnica, mas também sua área teórica, em que é capaz de suscitar e formular questões a serem respondidas pela teoria da História (AMADO e FERREIRA, 1996, p.xii).

História Oral é um método, pois é escolha, é metodologia, porque pressupõe encadeamento. Como método ela possibilita entrar no tempo vivido, o narrador deve ser mais espontâneo e o entrevistador mais estruturado. A História Oral se constrói da linguagem, da metáfora, das interjeições, das omissões, é preciso percebê-las.

A História Oral se dá através de categorias em entrevistas estruturadas, ali esta a subjetividade, a temporalidade e a contextualização da narrativa onde hermeneuticamente o sujeito interpreta o mundo e põe sua visão. A História Oral vem justificar o presente e construir um caminho de futuro. A narrativa é o documento, mas a leitura que se faz desta narrativa precisa de categorias de análise dadas pelos marcos teóricos que ensinam a interpretar as narrativas. Com as fontes orais se pode aproximar de nuances que documentos escritos e formais não possibilitam por suas objetividades.

A escolha da História Oral como metodologia da pesquisa sobre a relação entre memória e seus suportes no grupo étnico francês foi privilegiada porque permite uma boa ligação entre teoria e prática.

Com a História Oral, se quer para este trabalho uma metodologia de pesquisa que amplie a investigação de questões e problemas que requerem uma abordagem histórico-sociológica. É a história oral que possibilitará ao pesquisador ter acesso aos acervos culturais da Colônia Francesa.

A História Oral garante, então, uma ampliação da História com a produção de um outro tipo de documento (o documento oral), capaz de se interrelacionar com outras fontes de informação. Esta metodologia está aberta, também, ao contato interdisciplinar com outras disciplinas como a Sociologia, a Etnologia e a Antropologia.

Na pesquisa, o processo de uso da História Oral deve integrar as práticas de coleta, ordenação, sistematização, crítica, análise e interpretação histórica dos depoimentos orais com outras fontes documentais como a escrita, a iconografia e outros artefatos da cultura material. Assim, busca-se colher depoimentos, através de uma entrevista semi-estruturada, onde se pode, posteriormente, comparar os diferentes aspectos da trajetória de vida dos depoentes em relação ao problema proposto pela pesquisa. A entrevista semi-estruturada é um misto de aspectos históricos e de opiniões sobre determinados temas que o depoente constrói através de sua trajetória de vida.

Portanto, ao se construir um roteiro básico para a entrevista, se contemplará o depoimento biográfico e o depoimento temático (GARCIA, 1994, p.19).

Para se ter sucesso neste intento, é preciso que se tenha em vista alguns pontos como: a seleção dos entrevistados, o caráter dialogado da entrevista e a decodificação dos testemunhos.

Para a seleção dos entrevistados, define-se que sejam descendentes de famílias fundadoras da Colônia Francesa. Os critérios para a escolha das famílias e dos descendentes se deram tendo sempre em mente o objeto e os objetivos da pesquisa. Assim, para que se tenha uma visão maior das percepções dos envolvidos, se buscará 3 famílias: uma que ainda viva na Colônia Santo Antônio ou proximidades; outra que viva na zona urbana e uma terceira que viva fora do município de Pelotas. Desta forma se intenciona que estes membros do grupo étnico espalhados em diferentes espaços possam revelar sua relação pessoal com a memória social do grupo e os diferentes suportes que usam para sua aproximação.

Como o indivíduo é visto em sua interação social e sendo a família um dos mais importantes contextos sociais que posicionam o indivíduo na sociedade, optou-se por privilegiar a história oral de família, conforme caracteriza Meihy (MEIHY, 1998, p.47). Desta forma, passa-se a conhecer a Colônia Francesa como uma entidade constituída por um perfil social onde os fundadores e seus descendentes exercem a etnicidade. Para tentar observar a relação suporte e memória através do tempo, em cada família selecionada se farão 2 ou 3 entrevistas com diferentes gerações.

Essas características que o grupo de entrevistados possui são importantes para formar o contexto necessário à análise de seus relatos. Resumindo, haverá uma família que sempre viveu no centro histórico do grupo étnico, ou seja, na Colônia Francesa. Possivelmente, 3 gerações desta família tenham mais próximo de si uma quantidade maior de resquícios históricos. A segunda família que teve origem neste centro, migrou para a zona urbana em determinada data e as diferentes gerações carregaram ou ressignificaram alguns sinais como marcos étnicos. E a terceira família, que também teve origem neste centro étnico, emigrou para fora do município de Pelotas e possivelmente as 3 gerações estejam mais distantes dos sinais da História do grupo e devem produzir uma outra relação de etnia e identidade.

O discurso gerado por estes depoentes deve ser analisado com base em dois parâmetros: a subjetividade que é uma das características mais marcantes de uma narração e estará sempre presente no depoimento e a presença do tempo vivido já que a narração não reproduz a temporalidade cronológica. Os marcos que o narrador escolhe para balizar a narração podem fazer avanços ou recuos temporais. Cabe ao pesquisador escolher, justificar e fixar marcos temporais da narrativa para assim construir a história cronológica contida no depoimento.

O discurso que é produzido durante uma entrevista é resultado de um processo entre o pesquisador e o pesquisado: ambos são co-autores do depoimento. Há toda uma relação de significados presentes, como constrangimentos, uma busca de coerência da narrativa, um interesse e pré-disposição do indivíduo em querer lembrar-se, e principalmente a preocupação do registro de sua mensagem. É necessário levar em conta o cansaço das testemunhas, limitar o tempo das entrevistas e escolher o local para colher o depoimento (de preferência a casa do entrevistado, onde possa sentir-se mais à vontade e junto aos objetos que lhe avivem a lembrança).

As fontes orais: seu uso através da categoria família

A família é uma instituição social onde se organiza a vida da família e ocorrem os eventos que são guardados na memória e depois são transmitidos.

A reconstituição natural da memória familiar, feita pelos avós ou outros guardiões de memória, remaneja as lembranças atualizando seus valores. Ela mantém os vínculos mesmo que as pessoas estejam culturalmente distanciadas. Da mesma forma que a oralidade entrelaça os indivíduos com a história e a identidade, ela pode também servir de fonte para o estudo dos historiadores na tentativa de conhecer a trajetória histórica das famílias.

Assim, é possível pensar um roteiro básico para uma entrevista semi-estruturada, que é um meio termo entre um monólogo do narrador e um interrogatório do pesquisador. Depois de colhido, o material é transcrito guardando a legibilidade do texto e as características e originalidade do discurso do depoente, possibilitando ao documento ser utilizado para categorização e recortes.

Para a decodificação e análise dos depoimentos, Maria Garcia busca em Laurence Bardin os procedimentos de "análise de conteúdo" (GARCIA, 1994, p.32). Primeiro, registra-se os temas comentados nos depoimentos de cada entrevista, procedendo-se assim a uma primeira categorização. Em seguida se confronta os depoimentos, buscando uma categorização comum sobre cada um dos traços analisados. Esse confronto também será feito em relação a outros documentos escritos, arqueológicos e iconográficos.

Para realizar esta categorização é necessário ainda estabelecer alguns outros conceitos e definir a ótica de trabalho: para tal foi preciso conhecer a tradição e a história da Colônia Francesa e enquadrá-la numa perspectiva de continuidade ou ruptura. O que será apresentado no capítulo II.

O roteiro de entrevista de história oral segue uma seqüência:

Inicialmente é feita a identificação básica do entrevistado, onde se pedem os dados biográficos. Nosso interesse é sobre as características do entrevistado, da família e dos seus antepassados. Neste momento se pedirá: o nome, o sobrenome, a data e o local de nascimento do entrevistado e que conte um pouco de sua história de vida: onde estudou, o que fez, onde morou.

Depois se perguntará o nome dos pais e avós do depoente: como eram, onde nasceram, onde moraram, o que faziam, que traços físicos, culturais e morais pensa ter herdado da família francesa e que coisas ainda faz que viu seus pais e avós fazerem.

Esta primeira parte da entrevista aproxima entrevistado e entrevistador. A história de vida serve de pano de fundo para posterior relativização do depoimento. Com estas perguntas indica-se que a categoria família tem um peso considerável na construção da história de vida do entrevistado.

Na segunda parte questiona-se a relação do entrevistado com a Colônia Francesa. Pergunta-se em linhas gerais o que sabe sobre esta Colônia.

É importante perguntar se conhece a Colônia Francesa, quando foi lá pela última vez, que pessoas ou famílias conhece de lá, que modificações acompanhou, que acontecimentos lembra da história da Colônia e que fatores concorreram para eles acontecerem, como descreve a colônia hoje e em que ela difere da colônia de outros tempos. Como era a residência e a propriedade do seu ancestral na Colônia, a

alimentação, vestuário, cultivos, plantações e moagens, criações, uso da madeira, linho, seda e abelhas, a medicina, escola, namoro, noivado e casamento, as diversões, o transporte, a religião e a situação da família na colônia, como era viver lá, que relação sua família tinha com outras famílias francesas e com de outras etnias.

A terceira parte foca-se no tema principal da entrevista. No nosso caso se perguntará sobre a memória social do grupo étnico e seus suportes. Por exemplo, que relação o entrevistado tem com o passado da colônia hoje, que costumes ainda guarda, o que tem ou faz em sua vida que acha que lembra sua história familiar e o passado dos franceses.

Por último, depois do fechamento da entrevista e da despedida, se faz anotações das observações e detalhes do encontro e do cotidiano do depoente que possam ser reveladores ou catalisadores de conhecimento.

Para analisar este material colhido na entrevista recorremos ao Professor Antônio de Almeida Santos que propõe um modelo organizado pelo próprio historiador ao reordenar as lembranças do entrevistado, identificando e agrupando recorrências (SANTOS, 2007, p.6).

Estas lembranças devem ser consideradas contextualizando o relato com os papéis sociais desempenhados pelo entrevistado em sua trajetória de vida.

Almeida Santos identifica os seguintes elementos de análise de testemunhos: tema, episódio, referência, motivo, trama e intenção. O tema é o problema de pesquisa oferecido pelo pesquisador. O episódio é o elemento guiado pelo roteiro de entrevista que marca uma unidade narrativa relacionada à vida do depoente. As referências são informações sobre pessoas, marcos temporais e espaciais envolvidos com um episódio e que permitem conhecer o contexto das lembranças. O motivo é o que identifica um ou outro episódio, é o tema particular das lembranças. A trama surge do encadeamento dos episódios e revela a forma do entrevistado organizar seu depoimento. A trama e a trajetória de vida do entrevistado podem denunciar a intenção que ele teve ao criar esta narrativa e não outra.

Por fim, Almeida Santos propõe um esquema de leitura de entrevistas. Segundo ele, primeiro se deve elaborar a trajetória de vida do entrevistado. Delimita-se o tema da narrativa, depois se demarcam os episódios, as referências e os motivos. Com isto se pode organizar e comparar o depoimento com outros depoimentos ou outras fontes de pesquisa. As próximas etapas são reorganizar o depoimento, determinar a trama construída pelo entrevistado e identificar a sua intenção com aquela narrativa.

As fontes orais são por isso formas de conhecer a subjetividade dos sujeitos que constrói e é construída pela memória. Essa oralidade é uma importante fonte para a construção da História do grupo étnico francês de Pelotas. Através do passado dito nas narrativas dos sujeitos e relativizado com o método de história oral pelo historiador é possível conhecer a trajetória histórica dos sujeitos. É a oralidade que permitirá o acesso às fontes visuais e materiais.

1.3. O uso da fotografia

A fotografia desde o seu aparecimento tem fascinado o homem. Durante sua história é possível acompanhar seu trajeto cada vez maior de popularização, chegando hoje, na era da fotografia digital quando verdadeiramente vivemos o tempo da imagem. Os paradigmas da ciência têm se modificado e alguns teóricos já migram da linguagem para a imagem, ou pelo menos já vêem a imagem como mais um importante tipo de linguagem e um código de expressão do homem.

Se no início de sua história a fotografia tinha como objetivo imortalizar o belo e os valores de um tempo; hoje, a fotografia tem variados temas graças às facilidades tecnológicas que provocam um aumento de cliques, retratando tudo o que envolve o homem e tornando-se mais um importante documento capaz de servir de interface com outros campos intelectuais e reconstruir a História.

Assim, neste capítulo refletimos sobre a maneira de analisar a fotografia feita do e para o grupo étnico francês em relação com a sua memória social, desde 1880 até os dias de hoje.

Ao iniciarmos nosso trabalho já podemos perceber que os descendentes das famílias possuem um acervo fotográfico que abrange algumas fotografias trazidas da França e fotografias feitas no Brasil ainda no século XIX, passando por vários processos fotográficos até os dias atuais. Os temas são dos mais variados, se no início retratavam os familiares, as crianças, os casais, depois passaram a fotografar também residências, reuniões familiares, objetos, passeios e eventos.

A explicação para isso é sem dúvida a popularização da fotografia pela diminuição dos custos e as melhorias tecnológicas em se fotografar. A fotografia conquista um espaço no imaginário social cada vez maior. Durante visitas aos descendentes, quase todos gostam de apresentar alguma fotografia. É numa roda familiar que observamos uma importância social dada à fotografia: ali, ela, sem dúvidas, serve para resgatar a memória e a condição humana dos indivíduos. De mão em mão, o ato de contemplar uma fotografia provoca um caminho de aproximação entre o personagem fotografado e aquele que o contempla. Com a fotografia o sujeito é inserido na história, num grupo familiar, cria-se a noção de pertencimento. Os dois mundos se fundem, passado e presente, buscam-se explicações, histórias, traços fisionômicos entre os parentes, é a fascinação da fotografia que atrai o homem.

O cenário é construído social, cultural e politicamente através das relações de memória (PAIVA, 2001, p.5). A Colônia Francesa é um espaço formado pelas trajetórias de vida dos seus habitantes, que sofreram e sofrem modificações com o tempo. A Colônia é um reflexo dinâmico do que são seus habitantes, ou seja, possui características próprias que são elementos que constituem e evidenciam a trajetória histórica da Colônia. A mudança dos homens leva a criação de outros símbolos que modificam o espaço social constituído. Estas mudanças e intervenções do homem no espaço ao longo do tempo levam o grupo a ter dificuldades em relacionar presente e

passado. Os laços entre eles vão se perdendo e com eles a história. Todavia, a fotografia, a escrita e a história oral com descendentes e moradores da Colônia, são formas de resguardar o ambiente, os costumes e usos tradicionais de sofrerem transformações bruscas que cortem os laços do homem com seu passado sem que ocorra antes a atualização natural.

Embora que neste trabalho, tenham sido poucas as fotografias apresentadas pelos entrevistados como suportes de memória, teorizar o uso da fotografia foi importante para percebermos a possibilidade do seu uso enquanto artefato e/ou suporte de memória.

Mas como os acervos de cada família francesa podem servir para analisar a história do grupo étnico? Como relacionar fotografia com esta memória social? Que papel os descendentes tem nesta relação fotografia e memória? Pode a fotografia ser utilizada como documento histórico capaz de ensinar sobre a história?

Fotografia, um suporte da memória

A fotografia foi estudada nos anos 1980 por Myriam Lins de Barros como uma construção das representações da vida familiar de classe média na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, uma análise das lembranças de indivíduos numa sociedade moderna. Myriam se baseia na escola sociológica francesa iniciada por Durkheim que vê o homem como um produto social, teoria aprofundada por Halbwachs com a problematização da memória coletiva (BARROS, 1989, p.29-30). A teoria de Halbwachs serve para nossa reflexão, pois para ele o grupo social onde o homem está inserido é fundamental na reconstrução de suas lembranças. Somente o homem lembra, mas lembrar é um fenômeno social.

Para ele, o ato de lembrar ocorre com a ajuda dos quadros sociais de memória como referências. O homem lembra seu passado, através de sua vivência, porque é um ser social. Sua experiência de vida, dada pelo meio em que atua, constrói uma memória individual relacionada com o que chama de memória coletiva. Essa memória individual varia conforme o enquadramento social em que o indivíduo está, podendo inclusive mudar quando se alteram os meios onde ele transita. Assim, Halbwachs conclui que o meio social onde o indivíduo está situado irá construir a noção de tempo e espaço deste ser. Para reconstruir seu passado, encontra as indicações necessárias no meio social em que atua, estes são os contextos sociais de memória.

Com esta teoria ele valoriza o aspecto da memória individual, mas perde-se em caracterizar o que é de fato, memória coletiva. Halbwachs consegue apenas dizer que memória coletiva não é a soma das memórias individuais, embora que uma memória individual seja um ponto de vista da memória coletiva. E que memória coletiva não é memória histórica, pois cada uma trabalha o passado de forma específica. A memória histórica está fora da consciência coletiva, ela divide e classifica períodos a partir de uma construção externa particular enquanto que a memória coletiva indica uma inserção, é o passado que continua vivo na consciência, é um tempo fluído que contém a existência do grupo (HALBWACHS, 2006, p.102).

Mas um detalhe importante é que Halbwachs vê ambas como categorizações, meios artificiais, exteriores ao indivíduo que fazem recortes, escolhas e construções de uma realidade. A diferença é que a memória coletiva é uma outra história, é a história vivida que guarda uma memória original de grupo, diferente, por exemplo, da história nacional; é o grupo que se classifica e constrói com elementos retirados do interior do próprio grupo. A memória coletiva é uma construção teórica, exterior aos pensamentos

individuais, que os engloba formando um tempo, um espaço e uma história coletivos. É na memória coletiva que os indivíduos se juntam e naquele momento deixa de ser indivíduo para ser um todo.

Talvez o mais interessante da teoria da memória coletiva de Halbwachs seja exatamente a relação entre grupo e memória, pois a existência de uma memória terá a duração da vida do grupo. A guarda da memória coletiva possibilita a formação de uma identidade social que pode ser transformada conforme as transformações sofridas pelo grupo durante sua trajetória histórica. A fotografia então é um importante suporte para a guarda desta memória, identidade e transformações históricas de um grupo.

Fotografia, um documento da História

Essas reflexões sobre a teoria de Halbwachs permitem que se possa pensar no uso da fotografia como documento histórico, já que ela guarda a memória coletiva, para entender a identidade e a História do grupo étnico francês durante todas as transformações que sofreu nos últimos 130 anos. Usar a fotografia como fonte de pesquisa é com certeza, pensá-la como documento histórico.

O uso da imagem por seu potencial cognitivo é bastante antigo. Com a História da Arte, no século XVIII, se passou a problematizar a imagem como um ícone capaz de trazer uma mensagem agregada. Mas foi a *Escola dos Annales* que deu à História a imagem como uma das novas fontes depois do alargamento do campo do conhecimento histórico (MENESES, 2003, p.12). Assim, a História começou a perceber a imagem não só como uma mera ilustração, mas como uma fonte em si.

A iconografia ensina que a leitura de uma imagem pode responder às questões históricas revelando aspectos técnicos (sobre a produção da imagem) e estéticos (sobre a elaboração da imagem com seus diversos elementos) de um contexto histórico (MACHADO JÚNIOR, 2005, p.3). A imagem, talvez mais do que outros documentos históricos, tem dois contextos: um denotativo que descreve o real, o concreto, o social e outro conotativo que carrega em si valores e significados, o imaginário, o cultural. Ao mesmo tempo em que descreve aspectos da realidade, uma fotografia é uma escolha, um produto que reflete uma representação, uma memória social de determinado grupo que a gerou e/ou utilizou. A fotografia, pois, sintetiza o real e o imaginário e deve ser observada dentro de uma relação bipolar, ou seja, deve-se levá-la em conta como objeto e como produto de uso cultural consumido por diferentes pessoas.

A análise histórica, com a fotografia como fonte, deve observar não só a realidade retratada, mas também as escolhas e os modelos que estavam no imaginário de quem a produziu ou utilizou. A fotografia é um suporte de memória que avalia o mundo real através de técnica e linguagem específicas que combinadas definem a cultura, o contexto histórico e a visão de mundo reconstruído pelo fotógrafo. A memória só atua fornecendo elementos do passado que são reinterpretados em função das necessidades no presente. A fotografia é um documento socialmente construído, pois tem informações objetivas e subjetivas do real que descortinam uma mensagem (sempre ideológica).

O historiador que trabalha com o documento visual deve estudar não só a história da técnica fotográfica e saber situar um exemplar no tempo e no espaço. Ele deve também narrar e descrever a imagem, levando em conta sua característica polissêmica (CARDARELLO, 1995, p.245), pois a fotografia é sempre um conjunto de signos e significados dados por aqueles que os emitem e os recebem (BELMIRO, 2000,

p.15). Esta mensagem transmitida pela fotografia é que ajuda a compreensão do passado. É justamente essa propriedade de polissemia da imagem que pode suscitar diferentes leituras dadas pela relação entre os elementos da emissão, recepção e interpretação. Cabe ao historiador dominar os códigos culturais do grupo para ler as diversas representações e atividades sociais que constituem a imagem (MIGUEL, 1993, p.121-122).

A fotografia é, portanto, uma fonte que revela o passado através da relação do leitor com ela própria. Para usar a fotografia como documento deve-se entender também como funciona a percepção da imagem, sua função de linguagem e suas propriedades cognitivas. Todo estímulo visual quando percebido é desestruturado e ganha significados no cérebro através da força da memória, que o reconstrói como nova imagem mental que produz efeitos, ações sociais e de poder (RIZOLLI, 2007, p.4). A fotografia apresenta atitudes sociais aprovadas em suas mensagens ou propõe relações sociais que podem ser estudadas em sua rede social exposta às narrativas e aos contextos individuais.

O documento histórico visual quase não tem significado em si mesmo, sua significação vem da relação entre o artefato fotográfico e seu enunciado, pois o sentido atribuído vem do leitor. A fotografia é uma materialidade que interage nos comportamentos individuais, seja na hora do ato fotográfico, seja na hora da imagem ser consumida (MACHADO JÚNIOR, 2005, p.2). E essa propriedade se perpetua no tempo e no espaço, a cada novo leitor, uma nova leitura. A palavra descreve e traduz a imagem, mas não revela a sua visualidade, ou seja, sua propriedade de representatividade. Se a imagem precisa do escrito para ser incorporada ao trabalho científico, essa transcrição verbal não dá conta do potencial da imagem. Embora a imagem não tenha relação com o verbal, é possível se fazer uma leitura de imagem. O que afirma sua função de linguagem, de transmissão de mensagem (SOUZA, 1997, p.3).

Hoje, é impossível imaginar a História sendo construída apenas com documentos escritos. Talvez o fato de se considerar o início da História com a invenção da escrita tenha afastado os historiadores da teorização de outros tipos de documentos. A forma de se escolher as fontes e o seu tratamento tem se diversificado e os novos documentos devem ser buscados por seu significado social e conteúdo cultural. Por sua limitação tecnológica, que reduzia seu valor de informação histórica, e pela História, que não a reconhecia como uma prova digna de um fato histórico vinculado a um indivíduo, a fotografia demorou a ser utilizada como documento. Graças à popularização da tecnologia digital, as fotos têm deixado de serem posadas e os temas variam cada vez mais, o que tem aumentado seu potencial de retratar a vida do homem e suas relações sociais. Tornando-se assim, um importante documento histórico, mesmo com a facilidade de manipulação digital da imagem que se torna um importante detalhe de análise, mas que não diminui sua relevância como documento histórico (MIGUEL, 1993, p.122).

Fotografia, um caso de família

Sendo a fotografia um documento histórico, concordamos com Ulpiano de Meneses que entende que os historiadores podem produzir conhecimento histórico novo a partir das fontes visuais e não apenas iluminá-las com informações históricas externas a elas.

Uma observação feita por Meneses para aqueles que trabalham com imagens na História Cultural é o cuidado em não privilegiar o tema e excluir a visualidade (MENESES, 2003, p.20). Sua crítica recai numa construção social daquilo que se vê, do tema fotografado, quando para ele o historiador deveria entender a construção visível das relações sociais que provocaram o tema fotografado. Antes de apresentarem temas ou conteúdos abstratos, as fotografias são artefatos que pertencem a determinadas pessoas com determinados propósitos. Daí a importância do estudo das fontes visuais, onde o historiador deve sair a campo para coletar fotografias e registrar o contexto significante de seu uso que está preso num tempo e espaço. Não se pode esquecer que a fotografia tem uma biografia, um trajeto de existência, que passa de dono em dono. Esta relação com seus donos promove o surgimento das pessoas sociais, pois com a fotografia surge uma rede de parentescos que situa os indivíduos no mundo e na história.

Se a fotografia é este documento histórico tão rico de historicidade, como analisar as práticas e relações sociais que produzem os valores que são socializados e manejados pelas condições de vida e coisas fotografadas? Como entender a visualidade inserida, projetada nestes quadros sociais através das coisas fotografadas e da própria fotografia em si?

Estudar a sociedade, através da sua dimensão visual, é perceber a visualidade no conjunto, com outras dimensões sociais, porque na teoria de Halbwachs, a história vivida é equiparada à categoria de memória coletiva. A visualidade, produzida pelas relações sociais, encontra seu significado na história vivida que é relativizada na memória coletiva, juntamente com os conceitos de tempo e espaço dados pela memória individual de quem reconstrói aqueles determinados valores visuais com base no compartilhamento dos contextos sociais da memória.

Segundo Barros, para usar a fotografia como documento histórico e produzir o conhecimento com esta fonte visual, o historiador precisa sair a campo e coletar as fotografias, registrando o seu contexto de uso na família (BARROS, 1989, p.35-360). A seguir, ela fala do papel dos avós (BARROS, 1989, p.33-34), que através das fotografias podem reconstruir a trajetória familiar por gerações. Os avós, através das fotos, recriam a vida de seus próprios avós e pais, transmitindo esses valores sociais de experiência de vida para os seus filhos e netos. Ao descrever a imagem dos seus próprios avós, os avós organizam o perfil de um estilo de vida, uma situação social, um bem simbólico e moral a ser transmitido.

As fotografias, assim como objetos e outros bens da cultura material, têm a função de criar laços de família, símbolos de união que num processo de socialização de valores atribuem papéis sociais aos indivíduos.

Fotografias, álbuns e outros artefatos são organizados e distribuídos por estes guardiões de memória sobre móveis, armários, dentro de caixas ou em exposição nas paredes, com o mesmo objetivo de narrar, a partir de sua percepção, a memória e a identidade da família ou grupo maior.

Mas de que forma o historiador pode reconstruir o passado pela mediação dos avós e outros guardiões de memória, a partir dos suportes das dimensões sensoriais da vida social? Como ler o texto não-verbal de uma imagem?

Fotografia, um discurso social

A capacidade informacional e de documento histórico que tem a fotografia vem da possibilidade de articular uma diversidade de elementos. Estes elementos podem estar na foto e virem do contexto estilístico da concepção da imagem, do contexto tecnológico da confecção do artefato (enquanto material fotográfico composto de imagem e suporte físico da imagem), ou ainda podem estar fora da foto e fazerem parte da rede intelectual de quem está ou esteve consumindo a imagem pelo tempo até o presente.

As várias leituras, possíveis de serem feitas de uma imagem, abordam diferentes dimensões do passado para serem ressignificadas e reconstruídas. Para se ter uma visão abrangente da fotografia, como fonte documental para o estudo da História, é preciso entendê-la como uma narrativa ou discurso das associações e articulações de elementos heterogêneos com o contexto discursivo dos sujeitos envolvidos na concepção, produção e consumo da imagem.

O estudo da fotografia é interdisciplinar porque a narrativa fotográfica deve ser comparada entre as diversas narrativas possíveis, sejam elas a literária, musical, teatral e até a historiográfica (MACHADO JÚNIOR, 2005, p.5). Assim, se poderá fortalecer os argumentos da fotografia e a produção de nova cognição sobre os temas objetivados. Somente desta forma o historiador pode aproveitar ao máximo esta fonte documental sem perder-se numa mera descrição superficial da imagem. Não há muita literatura sobre a aplicação de categorias para estudo do uso da fotografia como fonte para a reconstituição da História. Segundo Tânia Souza, a maioria dos trabalhos, ou reduzem a imagem a um signo lingüístico, ou a reduzem a traços específicos em uma descrição técnica, frontal e explícita, e não discutem seus usos sociais, nem a interpretação de sua materialidade, ou seja, seu contexto durante sua trajetória histórica (SOUZA, 1997, p.2).

Para trabalhar com a fotografia é preciso uma metodologia que leia esta linguagem que lhe é característica, pois todo documento deve ser avaliado cientificamente, seja ele documento verbal ou não-verbal. As fontes visuais são excelentes documentos para descrever coisas, mas os sentimentos e idéias não estão presos na imagem e precisam de tratamento adequado para serem extraídos.

Ulpiano de Meneses faz uma reflexão cronológica sobre os tratamentos da imagem antes de propor também um caminho. Segundo ele, no campo da arte, tem-se as idéias de Panofsky com uma matriz que agrupa a imagem com o espírito da época, onde a imagem espelha a visão daquela época. Porém, tal teoria não é de todo abrangente, pois as sociedades são complexas e possuem não uma, mas várias visões de mundo, sobretudo no mundo atual. Outra teoria que Ulpiano comenta é a semiótica. Segundo ele, o uso da semiótica pelo historiador é precioso não para dar respostas, mas para se articular perguntas, pois seu alcance diminui quando se sai dos domínios das imagens para os campos da cultura. Não se pode esquecer que para a História o mais importante não é a imagem enquanto signo, mas sim o signo enquanto fato que possui um caráter social (MENESES, 2003, p.20).

Os fundamentos da semiótica e os métodos da antropologia visual devem ser aproximados para auxiliarem na formação de um conjunto instrumental para estudo da cultura visual (MENESES, 2003, p.23).

Para a História considerar a dimensão visual na interpretação do social, Ulpiano Meneses propõe a organização de um quadro de referências, conceitos e instrumentos que compreenda três espaços de relativização: o visual, o visível e a visão (MENESES, 2003, p.31).

O visual é a rede de imagens-guia, ou seja, são aquelas imagens de referência, identitárias, com as quais um grupo interage num determinado momento. Ele é composto de um produto e um ambiente visual que tem significado e propriedades comunicativas.

O visível, e também o invisível, são as práticas representacionais da visibilidade ou invisibilidade, onde os elementos da vida social podem dar-se ou não a ver. É o poder e o controle do que olhar e do que não olhar.

A visão é a construção histórica resultante do diálogo entre o objeto e o olhar do observador. Ela depende do modo do olhar do observador e dos modos que a imagem pode ser olhada.

Para Ulpiano, estes três níveis de observação dariam condições de se ter uma história da visualidade. A visualidade nada mais é do que o sentido da imagem nesta triangulação entre visual, visível e visão. Segunda Tânia Souza, a imagem não produz a visualidade, não produz uma visão, mas torna-se visualidade quando ganha significado e interpretação na relação entre imagem e olhar, visual e visível (SOUZA, 1997, p.30). Isso reafirma que a imagem deve ser documento histórico quando a imagem relacionar-se com a cultura, a história e o contexto social dos sujeitos. Para estudar uma imagem, ela deve estar desvinculada do discurso verbal. Ela deve ser estudada como um discurso não-verbal produzido por todas as categorias de informação que constituem a visualidade.

A chamada História Visual só é construída a partir de documentos visuais que interpretem a cultura visual. Ela deve cumprir três passos: estar assegurada pela neutralidade na descrição do retratado e na objetividade das lentes que captam e registram o real; não deixar de lado a interpretação e a subjetividade do real, dadas pelas opções técnicas e estéticas dos sujeitos que criaram no passado ou olham no presente a mesma imagem; e entender que estas leituras de uma mesma imagem, que estão distantes no tempo ou no espaço, são diferentes devido à subjetividade dos códigos culturais dominantes em cada sujeito. Somente desta forma a História pode pretender uma leitura única possível do evento fotografado, de modo mais completo.

Marcos Rizolli diz que os contextos e condições dos sujeitos envolvidos na concepção da imagem, podem ser tão diversos como as formas de leitura dos sujeitos que a consomem (RIZOLLI, 2007, p.10).

A visão e o visível, da teoria de Ulpiano estão contidas nos padrões sociais de comportamento no trabalho de Ana Maria Essus. Estes padrões constituem o que chama de Código Social de expressão. A segunda dimensão de análise, para ela, é o Código Social de Conteúdo, que é a representação social que ajuda a construir a noção de espaço e tempo do homem. Se para Ulpiano o conjunto forma a visualidade, ou seja, o sentido da mensagem, para ela o conjunto dos dois códigos formam a representação do real. Esta mensagem está envolvida na manutenção da memória social (ESSUS, 1993, p.280).

Aline Lacerda apresenta uma outra metodologia para analisar a imagem, que conceitua como uma mensagem a ser transmitida, cuja análise ajuda a entender o passado. Para ela o código Social de conteúdo agrupa dois níveis: a imagem propriamente dita, que é mais estética, com sua descrição informativa do tema, da figuração e outros. E o objeto, que é a parte mais técnica, é a materialidade do suporte, onde se estuda a descrição física. O código Social de expressão é o que ele chama de

expressão, ou seja, como a imagem é mostrada, estando ela ligada com a linguagem usada na construção do objeto (LACERDA, 1993, p.47).

Os franceses do cenário

A partir do universo de imagens disponíveis os descendentes utilizam algumas formas de visualidade. As imagens são utilizadas de acordo com a necessidade do indivíduo. Ele apresenta aquilo que é mais significativo para o momento. A partir disso é que podemos fazer uma leitura denotativa da imagem e depois sua análise, decodificando e expondo sua conotação para entender a trajetória histórica da Colônia.

A fotografia torna-se assim, um discurso social capaz de articular memórias em torno de famílias e grupos presos por laços afetivos. A visualidade se dá pela junção dos códigos sociais de conteúdo e expressão. A partir destes operadores é possível ter acesso à memória histórica e social dos franceses.

1.4. A “materialidade” indica a identidade

Aqui, nosso objetivo é desenvolver uma reflexão teórica com base na revisão bibliográfica acerca do uso da materialidade, como artefatos carregados de suportes de memória social, na construção da identidade étnica e na compreensão da história do grupo étnico da Colônia.

Partindo da noção de “realidade” ou “cotidiano”, busca-se perceber os elementos da cultura material que como traços culturais atribuem etnicidade e definem a identidade cultural de um grupo. Com a ajuda da Arqueologia Histórica pensa-se as categorias de representação tão caras para a História Cultural como forma de reconstrução social do passado.

A memória social através da materialidade

Nos últimos 50 anos, a História passou por uma crise epistemológica em seus paradigmas que explicam a realidade. Criticou-se o reducionismo econômico do materialismo histórico, o evolucionismo do positivismo e até a aparente falta de referenciais teóricos e a tendência globalizante da *Escola dos Annales* que inauguraram a Nova História. Surge a virada da História que passa a valorizar a cultura como “uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica” (PESAVENTO, 2005, p.15). Para Barth, cultura é o conjunto de elementos acumulados nas relações sociais do indivíduo e que forma a base que lhe possibilita interpretar e agir no mundo (BARTH, 2003, p.230). Essa História Cultural quer resgatar os significados que os homens dão ao mundo, às coisas e às práticas. Essa renovação da História acaba por multiplicar os temas, os objetos e as fontes, para conhecer a vida do homem. A historiadora cultural Sandra Pesavento afirma que a história sai revitalizada desta crise de paradigmas (PESAVENTO, 2005, p.69). Um dos temas da História Cultural é o estudo das identidades enquanto representações sociais, e as fontes a serem usadas pela História terminam se multiplicando, tudo pode vir a tornar-se uma fonte histórica. Depende do problema a ser solucionado, do conhecimento a ser elaborado.

Estudar a história de um grupo étnico pelo tempo, não é estudar a história de uma cultura étnica, pois os elementos desta cultura podem mudar com o tempo. O que interessa é o fator social de pertencimento e não a diferença objetiva de cultura (BARTH, 2000, p.33). Dois sujeitos com mesmas idéias e valores podem ter possibilidades diferentes de vida que alteram seu padrão cultural, e ainda assim comungarem de mesma identidade. Os dois sujeitos não precisam compartilhar todos os códigos culturais, mas apenas os valores mais relevantes em suas interações sociais. Neste momento vamos nos deter ao suporte da materialidade.

Entendida como tudo o que é feito ou utilizado pelo homem, a cultura material foi deixada por muito tempo aos historiadores econômicos. O Historiador Braudel escreveu a obra “Civilização Material”, aproximou a cultura material dos historiadores e tentou demonstrar que é possível estudar com estas fontes não só a antiguidade, mas também a História mais contemporânea (FUNARI, 2005, p.92). Só na década de 1990 é

que um maior número de historiadores volta-se para este estudo e se aproximam dos arqueólogos. Eles escolhem principalmente temas relativos aos alimentos, à habitação e ao vestuário (BURKE, 2005, p.90).

Mas de que forma o historiador pode reconstruir o passado pela materialidade criada e compartilhada pelo grupo em sua vida social? Segundo Pedro Funari o uso das fontes arqueológicas pelos historiadores deve constar primeiro de buscar modelos teóricos para interpretar e ler os dados empíricos, como qualquer pesquisa histórica. As fontes devem integrar leituras metodológicas já realizadas. E segundo, aliar as fontes materiais com estudos de textos com informações já existentes sobre o objeto de pesquisa (FUNARI, 2005, p.94-97). As fontes arqueológicas têm uma importância cada vez mais valorizada por revelarem a multiplicidade de cotidianos existentes, relatando informações que nem sempre são acessadas em fontes escritas (FUNARI, 1998, p.12).

A História é uma possibilidade da realidade passada

Os indivíduos evocam suas lembranças através dos marcos sociais da memória. Enquanto grupo social, eles reconstroem seu passado continuamente. Essa reconstrução é um remanejo de lembranças de forma a colocar em acordo as variações presentes que possam vir a separar os indivíduos, ou a distanciar uns grupos de outros.

Para a reconstituição da História, é na realidade do grupo étnico francês que se encontra a cultura material. Para os sociólogos Berger e Luckmann, realidade é a qualidade que têm os fenômenos, independente de nossa volição. E o cotidiano é uma realidade predominante, interpretada e subjetivamente dotada de sentido pelos homens (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.35). O cotidiano é sempre objetivado, pois o homem está inserido num espaço e tempo organizado pelo “aqui” e o “agora” e constituído de objetos distribuídos ao redor do sujeito. Berger e Luckmann em sua construção de uma teoria sociológica do conhecimento dizem que o cotidiano é formado pelo espaço e pelo tempo. O espaço é sempre social, pois há sempre contato entre diferentes espaços e o tempo que dá historicidade as coisas e é ordenado pela consciência. A vida cotidiana terá sentido de realidade quando estiver dentro de sinais de uma estrutura espaço-temporal, por exemplo: o relógio, a agenda, o calendário, além de outras menos evidentes (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.46).

Além da realidade, outro aspecto do cotidiano é destacado pelos sociólogos acima referidos. A realidade da vida cotidiana é dividida com outras pessoas e assim se dá na interação social o encontro de subjetividade, sobretudo na situação face a face onde o outro está mais acessível e torna-se parte da nossa realidade. É nesta interação social que se estabelecem diversas tipificações que são muitas vezes estereótipos. A soma destas tipificações e padrões de interação que se estabelecem vão formar a estrutura social onde os homens se inserem (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.52).

Então, o cotidiano é a realidade subjetivamente interpretada dentro das tipificações surgidas na interação social entre sujeitos conhecidos, sejam eles, contemporâneos, predecessores ou sucessores. Por exemplo, um sujeito pode tipificar o “francês”, o “colono”, o “avô” ou o “neto”.

Também, pela expressividade humana, o cotidiano é objetivado por índices possíveis de serem acessados e transmitirem a subjetividade dos sujeitos, ou seja, o cotidiano tem objetivações que proclamam subjetividades reconhecidas ou não por todos (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.54). O sujeito pode produzir artefatos com diferentes subjetividades e significados que dependem de sua tipificação, por exemplo:

se na Colônia Francesa durante uma interação social um francês dá uma garrafão de vinho a um vizinho alemão, para o alemão aquele garrafão poderia carregar um significado de concorrência ou desprezo porque prefere cerveja; se a interação fosse desse francês com um citadino, aquele garrafão poderia trazer ao citadino a representação do trabalho do colono que cultivou parreiras e produziu vinho com seu trabalho; já se o francês desse o garrafão para seu neto, cada vez que o neto visse o garrafão lhe traria a mente outros significados mais afetivos e familiares. Sendo assim, numa relação multidisciplinar, conclui-se que o arqueólogo histórico reconstrói a subjetividade humana através das objetivações dos sujeitos. Mesmo se o homem que produziu aquele artefato já esteja morto, parte de sua subjetividade ainda está presa àquela objetivação através de sinais produzidos intencionalmente ou não pelo sujeito.

Estes sinais, que podem encontrar-se nas objetivações, se agrupam em sistemas de gestos, de discursos, de movimentos corporais ou de conjuntos de artefatos materiais (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.56). Para Berger e Luckmann o mais importante destes sistemas é o de sinais vocais, ou seja, a linguagem, pois é com a linguagem que as objetivações mais comuns da vida são trocadas entre um grupo. Ela é essencial para a compreensão do modo de vida dos sujeitos porque, se originando na situação face a face, a linguagem pode estar também na escrita. O que aumenta em muito sua condição de expressar temas que estejam em outras situações que não sejam a de face a face. Pela linguagem se expressam coisas que talvez não se tenha experimentado diretamente, que sejam fruto de experiências de outros e assim preservar e transmitir conhecimento a outras gerações de um grupo. A tradição oral objetiva significados que são reafirmados cada vez que é proferido este discurso, inclusive tornando mais real o fato para o próprio sujeito que fala. A soma destas objetivações lingüísticas forma um campo semântico.

Berger e Luckmann ainda falam que estes campos semânticos construídos pela linguagem podem objetivar, conservar e acumular a experiência biográfica ou histórica (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.62).

Essa acumulação forma um acervo social de conhecimento usado pelo sujeito na realidade de suas interações e transmitido por ele aos mais novos. Esse acervo social das objetivações acumuladas é que permite situar os sujeitos dentro do grupo social e define os limites das interações ali ocorridas. Para que ocorram essas interações de modo pleno, é preciso que os envolvidos compartilhem dos mesmos conhecimentos estruturados em setores de conveniências. Berger e Luckmann dizem que nas interações sociais é importante que os sujeitos conheçam as estruturas que têm importância para o outro com quem se fala (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.670). Dessa forma o acervo social estabelece uma hierarquia dos conhecimentos necessários para as interações. Por exemplo, se o descendente do francês irá vender sua produção na sociedade pelotense, é muito mais importante que ele saiba falar português do que continue a falar francês. Mas a língua francesa não é esquecida pelas primeiras gerações que continuam a falá-lo, por exemplo, entre marido e mulher (BETEMPS, 2003, p.65). O que ocorre é uma distribuição setorizada do conhecimento. Um determinado conhecimento pode ser compartilhado com alguns e não com outros.

Olhando para realidade, para o cotidiano, percebe-se que o trabalho do historiador alcança uma possibilidade da realidade, por mais fontes que sejam investigadas. Com a corrente de História Cultural, estas fontes têm cada vez mais se diversificado e mesmo assim, não se consegue reconstruir o passado tal qual se deu. Sempre será o resultado advindo do diálogo das fontes disponíveis, nunca a totalidade como queria a Nova História de Braudel ou mesmo o cientificismo dos positivistas. A

descoberta de uma nova fonte poderá ou não modificar a forma de ver os fatos e os significados envolvidos. Com isto a História não se torna de menor importância, pelo contrário, ganha novos ares para estudar as significações que os homens dão ao mundo que constroem.

Traços culturais atribuem etnicidade e definem identidade

A vida do homem é construída socialmente dentro do acervo de objetivações que proclamam as subjetividades surgidas nas interações sociais. Algumas destas objetivações tornam-se importantes quando são eleitas como fatores diacríticos de distinção social. As subjetividades aí contidas passam à categoria de traços culturais distintivos dos grupos que interagem. A seleção de alguns traços diacríticos em detrimento de outros depende das categorias disponíveis no grupo majoritário onde a minoria está inserida. Ao comparar estas categorias alguns traços são retirados do acervo cultural existente naquele momento, a escolha recai naqueles capazes de se oporem de forma mais significativa. O acervo cultural do grupo é um conjunto dinâmico de acumulação e significação, pois a cultura é sempre reinventada e produzida constantemente. Os traços acabam sendo selecionados em função da etnicidade, pois é ela que é usada para dar identidade e consciência étnica aos membros do grupo.

Um grupo étnico pode ter variações nas características culturais de seus membros. Alguns membros podem ter mais das características que identificam o grupo do que outros membros. Os membros não precisam necessariamente compartilhar todos os códigos culturais, o importante não é a homogeneidade da rotulagem étnica, mas os processos pelos quais os membros produzem e se atribuem características. Nos processos de identificação ocorrem os agrupamentos e abandonos de membros que se dão no momento em que as pessoas interagem socialmente e usam de categorias particulares para se expressarem, serem julgadas ou reconhecidas. Para Barth, o grupo étnico não é apenas uma categoria fundacional que define discursos e carrega material cultural, mais do que isso, o grupo étnico é um produto situacional que, através de circunstâncias intencionais, históricas, econômicas ou políticas, classificam as pessoas para a suas interações sociais (OLIVEIRA, 1976, p.3). Por ser o grupo étnico, essa categoria atributiva e identificadora, empregada pelos próprios indivíduos; mais importante do que conhecer os traços culturais e marcadores que o grupo étnico usa como base em seus processos étnicos, será conhecer a fronteira, os limites da etnicidade e os processos de identificação que organizam o meio social (BARTH, 2003, p.200).

Ao estudar a construção e a manutenção de um grupo, Barth aponta a necessidade do foco de pesquisa estar na fronteira, pois os grupos usam de identidades para categorizar a si e aos outros durante suas relações sociais. A etnicidade surge justamente no contato interétnico, na fronteira, para a organização social dos comportamentos, relações e valores entre as pessoas. A identidade étnica é um papel que permite ações dentro de um perfil social, semelhante ao sexo, profissão e posição social (BARTH, 2000, p.37). Será a etnicidade quem vai organizar as relações e trocas onde as pessoas se reconhecem ou se estranham, atribuindo-se identidades específicas.

Para Roberto de Oliveira a identidade é um fenômeno que relaciona duas dimensões: a individual e a coletiva, porque será na interação entre indivíduos que se atualiza constantemente o processo de identificação (OLIVEIRA, 1976, p.4). O processo de identificação é o conjunto de modalidades que leva um indivíduo a se categorizar em uma identidade. Por ser valorativa, a identidade surge em situações de

contraste social e pode ser escolhida com base em critérios de valores de sobrevivência social (OLIVEIRA, 1976, p.24).

Se o objetivo primeiro desta pesquisa é pensar a relação da memória social e seus suportes durante a trajetória histórica da Colônia Francesa, é importante perceber que a memória está imersa na coletividade. E que a subjetividade dos indivíduos é construída e depois objetivada na realidade através da cultura acumulada durante as interações sociais que forjam a etnicidade e definem a identidade. E estas por sua vez fecham um ciclo sendo fixadas na memória de todos os membros.

Barth indica que para entender esse processo identificativo é preciso observar a variação cultural da população plural e depois identificar os processos que tornam visíveis a descontinuidade cultural. Para conhecer a identidade é preciso conhecer as experiências sociais onde a identidade é formada. Assim, Barth sugere que a descontinuidade seja observada de maneira articulada em três níveis: o micro que é onde se dão as experiências pessoais, por exemplo, na família. O médio, onde se cria a coletividade, por exemplo, a vizinhança. E o macro, onde se dão os processos políticos governamentais, por exemplo, a distribuição de direitos e o controle de informações (BARTH, 2003, p.310). Com este método é possível estudar os processos de dicotomização que constroem as identidades étnicas a partir das experiências individuais até os contextos globais (BARTH, 2003, p.42).

Fontes arqueológicas auxiliam a reconstrução do passado

E como as fontes arqueológicas podem auxiliar na compreensão da etnicidade e identidade de um grupo étnico? O processo de identificação ocorre quando os fluxos de variação cultural e das interações sociais provocam rupturas e descontinuidades causando reconhecimento ou estranheza entre os sujeitos. A palavra descontinuidade é usada no sentido de que não há continuidade entre os tipos de identificação comportamental, ou seja, existem trechos sociais descontínuos em relação a identidade social. Então, a descontinuidade pode ser visível quando há uma convergência de determinados comportamentos, códigos culturais e valores que passam a ser compartilhados por alguns, ou quando se adotam sinais diacríticos visíveis ou simbólicos (BARTH, 2003, p.25). Na fronteira social, a cultura ganha nova função, torna-se visível e simplifica-se em traços significativos. Os traços da cultura material são estes sinais e comportamentos visíveis de descontinuidade.

Estudos arqueológicos têm demonstrado como a aproximação e o diálogo entre diferentes ciências sociais pode ser enriquecedor. Assim como os arqueólogos necessitam do estudo da documentação escrita, os historiadores necessitam da interpretação arqueológica para acessar informações que as fontes escritas não permitem acessar. Neste caso a arqueologia possibilita uma parcialidade maior em revelar evidências de realidades diversas (FUNARI, 1998, p.120). A superação dos limites entre as disciplinas sociais provoca diálogos interdisciplinares capazes de gerar conhecimento novo.

Nisto está o valor do ensinamento da Arqueologia em provocar aproximações de novas categorias de análise e construção da História. Porém, a Arqueologia Histórica, ao tratar das fontes materiais, se estrutura nas fontes escritas para pensar a etnicidade. Siân Jones critica esse movimento circular que parece querer apenas encaixar documento escrito e fontes materiais. Para ela, toda fonte histórica, seja escrita ou material, é subjetiva, está inserida num contexto e não bastam apenas os traços étnicos

da cultura material para comprovar as fontes escritas. A arqueóloga ainda esclarece alguns pontos frisando que o grupo étnico não é uma identidade homogênea, que não deve haver uma fixação de marcadores para grupos específicos, e que a escrita e a arqueologia estão interligadas e em igual nível de importância. Assim, não se deve usar a escrita para criar um quadro explicativo e as fontes materiais para esclarecer as ambigüidades (JONES, 2005, p.34).

Sua crítica a leva a dizer que geralmente nenhuma abordagem subjetiva das fontes históricas é feita. Toda fonte, inclusive as escritas, devem ser consideradas em seu contexto e investigado o seu papel ativo na construção da identidade cultural. A etnicidade é uma construção subjetiva de identidade que comporta diferentes culturas, assim é que as evidências devem ser estudadas ao pensar os processos de construção étnica. O arqueólogo Charles Orser Júnior, que introduziu o estudo dos conflitos sociais na Arqueologia Histórica, reforça a idéia de que etnicidade é uma autodefinição, uma subjetividade, ao contrário do termo raça que é objetivo e criado para fortalecer as relações de domínio no capitalismo (ORSER, 2005, p.68).

Assim, aprendemos de Siân Jones, que as fontes arqueológicas auxiliam a reconstrução do passado se analisadas como uma complexa fronteira étnica que emerge no contexto da interação social. Essa fronteira carrega não rígidas diferenças para fundamentar-se, mas sim aparentes coerências que na realidade do cotidiano se moldam continuamente conforme se alteram as práticas e as representações culturais em função dos contextos, principalmente o econômico que dita a sobrevivência dos indivíduos (JONES, 2005, p.360).

A memória está na base da construção do conhecimento sobre qualquer grupo social, pois o indivíduo só lembra quando suas necessidades atuais são aproximadas dos quadros sociais em que sua vida foi e está amparada. Construído por esta memória social, ela também o situa dentro da sociedade, em níveis micro, médio e macro que estabelecem vínculos entre os seres. Esta construção e reconstrução contínua de significados e valores conferem identidade, papel social e história ao indivíduo, assim como do grupo étnico ao qual se insere.

Para pensar a relação desta memória étnica com seus suportes, o historiador deve buscar conhecer a subjetividade dos indivíduos que é objetivada na realidade social. Essa objetivação se dá nas interações sociais da fronteira étnica e nos processos de identificação, através das variações culturais que se tornam visíveis na descontinuidade de comportamentos sociais, valores simbólicos e suportes de memória, como o da cultura material ou arqueológico.

A Arqueologia Histórica é capaz de revelar evidências materiais da realidade de todos os indivíduos e em seu diálogo interdisciplinar ajudar a perceber as diferentes condições de vida dos homens e a explicar o mundo onde se vive.

Para conhecer a trajetória histórica da Colônia Francesa e a identidade surgida ali, se devem buscar os suportes de memória criados e utilizados pelo grupo para este fim. A partir deste momento é possível começar a entender o passado e a escrever a história.

CAPÍTULO II

... A presença francesa...

> *A vida não se reduz aos papéis sociais que são desempenhados no dia-a-dia. Cada indivíduo é bem mais que isso: parte de uma vida mais longa, é um elo na cadeia de uma história que o contém, e lhe dá transcendência. –Myriam M. L. de Barros (1989)*

Após refletirmos sobre a memória e sua relação com os suportes orais, visuais e materiais, propomos pensar a família como uma categoria importante onde estes suportes de memória formam acervos culturais capazes de guardar e transmitir a etnicidade e a identidade social.

Neste capítulo temos por objetivo recorrer aos suportes escritos e através da bibliografia consultada conhecer o Império Colonial Francês, as razões da emigração na França e, sobretudo, aspectos da história da imigração e colonização francesa no Brasil, no Rio Grande do Sul e Pelotas.

Este capítulo nos permitirá conhecer o contexto em que se deu a instalação do grupo étnico e a trajetória histórica da Colônia Francesa de Santo Antônio no interior do município de Pelotas – RS.

2.1. A França cobiça o mundo

Colônia é um termo antigo que remonta à época da República Romana. Colônia era um grupo de cidadãos romanos destinados a povoar um território deserto ou conquistado aos seus primeiros ocupantes. Também chamavam por colônia o estabelecimento fundado por eles, constituído de uma área agrícola e um centro urbano, subordinada a Roma (PERVILLÉ, 1993, p.4). No século XVII, os europeus aplicaram este nome aos estabelecimentos fundados por eles em outros continentes. Colônia tinha então o sentido de local de povoamento ou de um lugar de instalação e exploração. Com a independência das colônias americanas a partir de 1776, estes novos estados passaram a receber europeus, agora como estrangeiros. Este ato de migração e instalação poderia ainda estar relacionado a uma colônia (PERVILLÉ, 1993, p.5)? Surge um novo sentido (PERVILLÉ, 1993, p.6), o de influência cultural ou econômica, exercido por um país a outro, sobretudo da ex-metrópole às ex-colônias. Esta idéia se reforça com o processo de descolonização.

É Marc Ferro quem vai sinalizar os caminhos para a evolução do conceito de colonização. Para Ferro, é preciso deixar esta visão eurocentrista de que os fenômenos de expansão territorial ou colonização tenham sido um fenômeno europeu (FERRO, 2002, p.12-13). As ex-colônias não podem continuar a ser anticolonialistas e as ex-metrópoles não devem ter a consciência pesada ao pensar suas ações. Colônia e metrópole fazem parte de uma mesma história, de um mesmo processo histórico. A colonização é um movimento mundial que não deve estar associado ao imperialismo dominador das metrópoles, as colônias não foram homogeneizadas pelos colonizadores. O colonizado atuou no processo sincrônico de colonização/descolonização que sempre existiu. Não há a colonização e depois a descolonização. Estes são aspectos que estiveram sempre presentes nas relações estabelecidas nas colônias. Esta é a teoria de Ferro ao estudar a natureza das nações, suas mentalidades e surgimento (FERRO, 2002, p.14-15).

Os portugueses são os primeiros a iniciarem uma expansão territorial, seguidos pelos espanhóis. A Igreja os apóia em tratados como o de Tordesilhas (1494) arbitrado pelo Papa Alexandre IV que dividiu o mundo conquistado em duas partes. Mais tarde a Holanda, a Inglaterra e em menor amplidão a França também dão início as suas expansões territoriais. A França tinha monarquia e nobreza fortes, desinteressadas pelo comércio marítimo. O país estava fora das rotas comerciais européias e a sociedade não apoiava este processo. Assim, os franceses nunca criaram uma política colonial propriamente dita. Suas ações são sempre visando bloquear os interesses comerciais dos outros países (FERRO, 2002, p.63). Assim, foram criadas Acadie (1604) e Quebec (1608), no Canadá; Saint-Louis e Louisiane (1682) e Nouvelle-Orleans (1718) nos atuais Estados Unidos; Guadeloupe e Martinique (1625) e Saint-Domingue (1665) nas Antilhas; Guyane Française (1626) na América do Sul. Além de outros territórios na África e Ásia (PERVILLÉ, 1993, p. 26).

A imigração francesa no mundo

Se a presença francesa no mundo tem se traduzido pelas colônias de exploração, já que seu império se constituiu praticamente na época do imperialismo na África e as tentativas de colônias de povoamento foram frustradas; a influência e o legado francês no mundo se deram através da cultura de sua civilização.

Em um continente de emigrantes, a França passa a ser um país europeu que atrai imigrantes. Ao contrário dos outros países, a França tem uma economia mais forte que os vizinhos, assim como uma baixa pressão demográfica (BLANC-CHALÉARD, 2001, p.10).

Francis Ronsin ao estudar a população francesa verifica que durante o século XIX existiu um grande aumento de migração interna. Segundo Ronsin, entre 1816 e 1820, 80% dos franceses ainda moravam em seus departamentos de nascimento. Enquanto que entre 1891 e 1895 apenas 65% deles ainda ali permaneciam. As estradas de ferro, as mudanças econômicas, as crises agrícolas e as questões de fronteira provocaram um aumento da mobilidade dos franceses (RONSIN, 1997, p. 31).

A população rural vai também diminuindo ao longo do século XIX até ser ultrapassada em 1931. Em 1846 a população rural era mais de 65% da população total, chegando a 55% por volta da década de 1890. A industrialização, o comércio marítimo e as grandes cidades provocam o aumento do êxodo rural (RONSIN, 1997, p. 32).

Mas a emigração nunca foi forte na França. Segundo Ronsin mais de 30 milhões deixaram a Europa entre 1841 e 1900, entre eles apenas 1% de franceses (RONSIN, 1997, p. 33).

Durante o século XVIII, a emigração francesa foi freqüente para a Espanha. No século XIX a emigração para a Espanha diminuiu ganhando força a emigração para outros países de fronteira como a Bélgica, Suíça e Alemanha ou países da América como a Argentina, Estados Unidos e Canadá (RONSIN, 1997, p. 34). Sem contar os franceses que foram para a Argélia e outras colônias francesas, o número de franceses no estrangeiro em 1861 era de 318 mil. Em 1901 esse número era de 495 mil. É Ronsin que ainda explica que a maioria destes emigrantes franceses adota a nacionalidade do país que o acolhe, se não na primeira geração, a partir da segunda (RONSIN, 1997, p.34).

Otero informa que o fluxo de migração levou 231.500 franceses a deixarem seu país entre os anos de 1851 e 1920 (OTERO, 1999, p.128). É um bom número, mas a historiografia francesa não tem interesse na emigração, quando muito na imigração pelos problemas sociais que tem trazido ao país, sobretudo nas últimas décadas.

O trabalho de Gustave Lagneau publicado em Paris em 1884 apresenta a tabela que transcrevemos abaixo, com os números de franceses que solicitaram passaporte para emigrar (LAGNEAU, 1884, p.20). Entre 1854 e 1881 foram emitidos nas Prefeituras de Departamento 217.378 passaportes para solteiros ou famílias que queriam emigrar. Cruzando estes dados tem-se que restam ainda 14.122 emigrantes para os períodos entre 1851-1853 e 1882-1920. Mas é aceitável que os primeiros anos da década de 1850 sigam com cifras consideráveis e que a partir do início do século XX os números da emigração sejam praticamente insignificantes.

É o que apresenta a tabela a seguir:

Ano	Passaportes	Emigração nos portos
1854	18.415	
1855	19.957	
1856	15.858	
1857	17.958	
1857	14.010	
1859	12.911	
1860	12.297	
1861	6.334	
1862	5.036	
1863	4.285	
1864	4.057	
1865	4.489	4.715
1866	4.531	5.752
1867	4.938	6.047
1868	5.274	6.406
1869	4.837	7.898
1870	4.845	4.600
1871	7.109	5.947
1872	9.581	15.829
1873	7.561	8.404
1874	7.080	7.163
1875	4.464	
1876	2.867	
1877	3.666	
1878	2.316	
1879	3.634	
1880	4.612	
1881	4.456	
Total	207.775	

Tabela 01: Número de emigração a partir de solicitações de passaporte nos departamentos e partida nos portos de Havre, Bordeaux, Marseille, Bayonne. Fonte: LAGNEAU, Gustave. L'Émigration de France. Paris: 1884. p.20

Nem todo o país participou do processo de emigração, foram de quatro zonas que partiram os emigrantes: a região dos Pirineus (de influência basca, foi a base da imigração anterior a 1880 para a América do Sul, inclusive Pelotas), a bacia do Garone e Ródano (*Garonne* e *Rhône*) na região dos Alpes, a região a bacia do Reno e Mosela (*Rhin* e *Moselle*) na região da Alsácia-Lorena e por último a bacia do Sena (Senne) na região Parisiense. Os Pirineus, a Provença e a Álsácia-Lorena são regiões periféricas e marcadas pelos problemas de fronteiras. A *région Parisienne*, assim como as cidades portuárias de *Marseille*, *Le Havre* e *Bordeaux* eram zonas que atraíam muitos migrantes internos e eram geralmente a última opção antes da emigração[4].

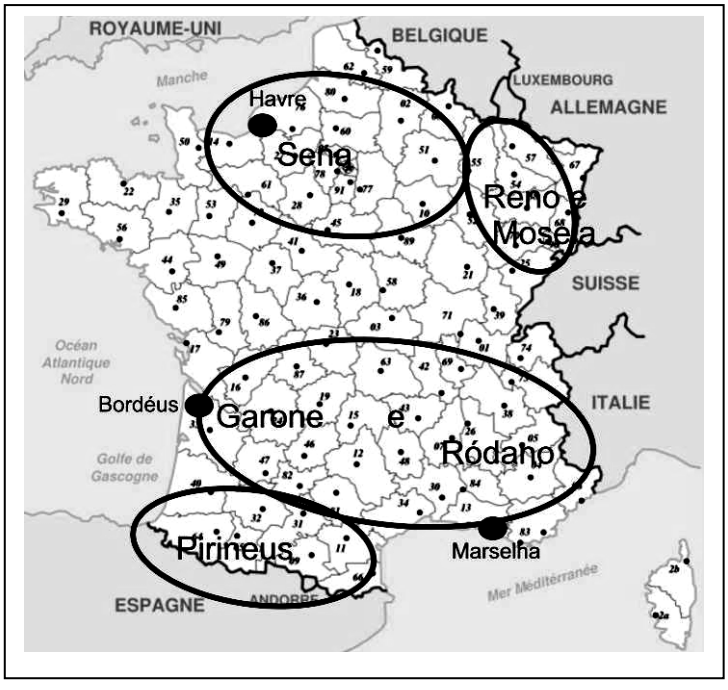


Figura 01: Mapa dos departamentos franceses com a localização das quatro zonas de imigração e os três portos marítimos.

Otero nos diz que destas zonas partiram correntes migratórias específicas. Dos departamentos das regiões mais germanizadas

[4] São eles: o de Marseille no departamento de Bouches du Rhône; Bordeux, no Gironde; Le Havre no Seine Maritime; e o de Bayonne nos Basses Pyrénées. OTERO, 1999, p.130.

e protestantes, partiu o principal fluxo para a América do Norte, enquanto que das regiões católicas e latinas a principal opção era a América do Sul (OTERO, 1999, p.133-134). A partir da década de 1880 a recessão faz ampliar as zonas de imigração devido ao agravamento das condições de vida. Porém, o número de imigrantes tende a diminuir mantendo o predomínio do sudoeste.

Antes de 1880 a imigração também era predominantemente masculina e jovem. Em torno de 65% no período de 1853-1860 e 67% entre 1860-1890. Depois disto houve uma leve diminuição da taxa de homens devido ao reagrupamento familiar. São esposas, filhas e irmãs que vinham encontrar os familiares que haviam emigrado antes[5]. Pelo mesmo motivo ocorreu também o envelhecimento do fluxo migratório. Esse reagrupamento demonstra que a imigração francesa teve inicialmente um caráter espontâneo, ou seja, não era uma imigração contratada, como ocorreu principalmente entre alemães e italianos. Os franceses também migravam em grupos familiares ou em grupos de *voisinage*[6].

A imigração francesa também teve caráter popular e não apenas de elite, como julgam alguns pesquisadores. Para Otero a corrente francesa é de imigração intermediária e o erro em considerá-la de elite está na imagem construída sobre a cultura francesa e na presença de vários exilados políticos (OTERO, 1999, p.142-145).

Mas porque os franceses emigravam? As causas da imigração francesa não são homogêneas.

A França era um dos países mais ricos e concorridos da Europa. A população de países vizinhos buscava trabalho e uma vida melhor na França. Por isso, desde muito cedo teve que enfrentar o forte crescimento vegetativo, enfrentar questões políticas e sociais além de resolver nas províncias o desequilíbrio da pequena propriedade rural (unidade de exploração predominante). Segundo Otero, estes problemas precoces permitiram livrar a França de usar a imigração como recurso de alívio social, como ocorreu com a Itália.

A França Rural ainda tinha os problemas do relevo acentuado, os invernos rigorosos e as formas arcaicas de economia. Isso levava muitos camponeses a buscarem trabalho temporário nas cidades. Sobretudo no país basco, o sistema de herança era desigual[7] o que também criava situações difíceis aos não-herdeiros (OTERO, 1999, p.130-133). A incorporação de tecnologia e capital com a Revolução Industrial mudou a estrutura econômica, provocou o aparecimento da concorrência de produtos importados, diminuiu a necessidade de mão-de-obra e tornou mais difícil o acesso à terra.

Outro fator que ajudou na configuração da imigração foi a questão política de redefinição de fronteiras. Além do problema basco, que ainda hoje persiste, entre 1859-1860 a França ganha *Nice* e *Savoie* na fronteira da Itália e com a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) teve que entregar a *Alsace* e *Lorraine* para a Alemanha (OTERO, 1999, p.136-138).

[5] A taxa de crianças foi estável em todo o período de 1865-1891, em torno de 8%. OTERO, 1999, p.129.
[6] Otero conceitua Voisinage como grupos de imigrantes vindos de uma mesma região ou povoado.
[7] Onde um dos filhos, não necessariamente o primogênito, herda a propriedade materna. OTERO, 1999, p.131.

O que também afetou os departamentos de emigração foi a crise agrícola[8]. As propagandas de imigração davam uma chance de mudança social e econômica, era a última opção encontrada pelos pequenos produtores empobrecidos. As crises da videira (1853-1858) e da filoxera (1870-1890), ocorridas principalmente no Sudoeste, prolongava uma situação de empobrecimento. Assim, os proprietários venderam seus pertences e emigraram para países onde o acesso a terra parecia ser possível.

Num artigo do jornal "*Les Alpes Républicaines*", de 19/01/1890 que circulou na capital do departamento dos *Hautes Alpes*. Paul Lacour fala da emigração dos *haut-alpins* para a América, sobretudo a América do Sul para onde segue a maioria. Ele comenta sobre a notícia dada por uma sociedade de beneficência a estrangeiros no Rio de Janeiro. Segundo esta sociedade a situação dos estrangeiros no Rio de Janeiro é sombria. A situação miserável de estrangeiros nunca foi tão grande como no ano em questão. Sem conseguir juntar dinheiro, muitos estrangeiros têm sofrido as piores privações de suas vidas, tendo mais dificuldades no Rio de Janeiro do que em suas terras de origem. Lacour diz ainda que esta situação é comum também na Argentina, Uruguai e Paraguai. Lacour termina o artigo perguntando-se porque os *haut-alpins* não se contentam com os dias tranqüilos que têm, sem necessidade, sem preocupações exageradas, dono de sua casinha e pedaço de terra. E conclui que não se esperava deles mais do que o bom senso prático e o patriotismo[9].

Um outro artigo do mesmo jornal é mais incisivo em 1891. Ele comenta que na Alemanha, foi proibida a imigração de alemães para o Brasil visto as dificuldades que estão passando e o grande número de emigrados. Muitos buscam os consulados no Brasil querendo ser repatriados, mas os agentes consulares não têm subsídios para fazer retornarem tantos miseráveis. A condição complica quando os imigrantes foram enganados pelos agentes de viagem e são recebidos em péssimas condições na nova pátria[10].

Mesmo criticada, a emigração francesa ocorreu e na América também se fez sentir.

[8] Especialmente os departamentos Bas-Rhin, Haute-Rhin, Basses Pyrénées, Hautes Pyrénées, Basses Alpes, Hautes Alpes, Savoie e Haute Savoie.

[9] Cf. Artigo "L'Émigration", publicado no jornal "Les Alpes Républicaines" de 19/01/1890. Cópia oferecida pelo pesquisador Michel Clément. O artigo em francês está transcrito nos anexos desta pesquisa.

[10] Cf. Artigo "L'émigration au Brésil et à la Plata", publicado no jornal "Les Alpes Républicaines" de 11/01/1891. Cópia oferecida pelo pesquisador Michel Clément. O artigo em francês está transcrito nos anexos desta pesquisa.

2.2. Le Brésil

A colonização com estrangeiros só foi permitida a partir de 1808 com a vinda a Família Real Portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos às nações amigas. O decreto de 25/11/1808 passou a permitir que fossem concedias sesmarias a estrangeiros (IOTTI, 2001, p.42), este é o primeiro ato para oficializar a imigração. Dom João VI incentivava a criação dos primeiros núcleos com colonos estrangeiros no Brasil e em 1818 cria a Inspetoria de Colonização Estrangeira (MACHADO, 1999, p.19). De 1822 a 1830, Dom Pedro I seguiu a política colonial de seu pai e implantou uma colonização voltada para a ocupação da terra e defesa das fronteiras. Por não ser do interesse dos grandes latifundiários do Império que viam na colonização um projeto que consome as finanças do governo, ela indiretamente está nas razões da queda de Dom Pedro em 1831. A Lei de 15/12/1830 que aprovou o orçamento do Império para 1831 suprimiu qualquer gasto com colonização estrangeira (IOTTI, 2001, p.89).

Com a criação da Regência, o Ato Adicional de 1834 divide a responsabilidade pela colonização entre o Governo Geral e as Províncias. Ocorre a descentralização das iniciativas. Neste período são promulgadas duas importantes leis: a de 11/10/1837 regulando os contratos de trabalho de colonos, sobretudo do estrangeiro (IOTTI, 2001, p.97), e a de 23/10/1832 que estabelece os parâmetros da naturalização e da presença de estrangeiros nas cidades (IOTTI, 2001, p.90).

Com a Lei de 28/10/1848, o Império concede terras devolutas às províncias com o objetivo de desenvolver a colonização (IOTTI, 2001, p.108). Devido o pouco recurso disponível para investir em colonização, as províncias se associam à iniciativa privada auxiliando aqueles que queiram promover por sua conta a colonização.

Mas é com a Lei de 19/09/1850, conhecida por Lei de Terras que as terras ganham o caráter de mercadoria (IOTTI, 2001, p.24), pois não poderiam ser mais doadas pelo governo, mas sim vendidas. O comércio de terras para a colonização torna-se lucrativo e as colônias particulares são criadas por toda parte.

Imigração francesa no Brasil

A presença de franceses no Brasil pode ser quantificada a partir dos registros guardados no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Entre 1777 e 1819 foram recuperados os registros de 38 franceses nas capitanias do Brasil. Entre 1808 e 1822, com a abertura dos portos e a permissão de entrada de estrangeiros o número de franceses subiu para 993. Os registros entre 1822 e 1830 indicam 1002 franceses e os dados do período entre 1831 e 1839 mostram que o número de franceses entrados no Brasil era de 6.165. Fazendo uma média anual dos dados obtidos nos períodos, temos que da abertura dos portos (1808) até a independência do Brasil (1822) se

registravam na polícia portuária em torno de 10 franceses por ano. Essa média aumenta para 770 franceses por ano durante a década de 1830.

Lagneau apresenta alguns números da imigração francesa no Brasil. Segundo ele, em 1861 havia 592 franceses e em 1872 esse número sobe para 6.108 (LAGNEAU, 1884, p.34; 40). Embora os números que Lagneau publica retratem apenas a situação no Consulado da Bahia, eles indicam que o número de entrada de franceses continuava a aumentar no Brasil. Mas é Herman Otero quem tem números para um período mais amplo. Otero informa que o Brasil recebeu 34.260 franceses no período entre 1820 e 1926 (OTERO, 1999, p.134). O que dá uma média de 323 franceses por ano. O número é medíocre, mas a informação publicada por Lígia Silva a partir de estatísticas referentes a presença de franceses no nordeste entre 1851 e 1914 nos propõe que a imigração francesa para o Brasil não foi prioritária neste grupo étnico e teve períodos de maior migração que outros.

Período	Entrada de franceses	Média anual do período
1777-1819 (1)	38	0,90
1808-1822 (1)	993	10,93
1823-1830 (1)	1.002	143,14
1831-1839 (1)	6.165	770,63
1851-1860 (2)	141	15,67
1861-1870 (2)	3.343	371,44
1871-1880 (2)	3.854	428,22
1881-1890 (2)	5.266	585,11
1891-1900 (2)	4.964	551,55
1901-1910 (2)	4.795	532,77
1911-1914 (2)	5.138	1712,66
Total	35.699	
1820-1926 (3)	34.260	

Tabela 02: Número da imigração francesa no Brasil. Na tabela: (1) = registros de entrada de franceses obtidos nas publicações do Arquivo Nacional. (2) = Dados apresentados por Lígia Osório Silva. (3) = Valor fornecido por Herman Otero.

Se somarmos os registros do Arquivo Nacional com os dados de Lígia, temos um valor muito próximo ao de Otero. Isso indica que os dados de Otero também são parciais, embora abranjam um período bastante longo de imigração. Os números da imigração francesa no Brasil ainda permanecem em aberto.

Embora não tenham sido muitas, algumas colônias agrícolas foram fundadas por franceses, mas na maior parte fracassaram. Carelli, além de citar alguns desses núcleos[11], aponta para as críticas que os franceses faziam ao atraso social e político do Brasil, principalmente em relação à escravidão, como motivos para o fracasso dessas colônias (CARELLI, 1994, p.121-129).

Bienvenus à l'Empire du Brésil!

[11] Mário Carelli cita as seguintes colônias com franceses: *a colônia de Sahi* (1840-1844) uma experiência fourierista em Santa Catarina, a *colônia de Dona Francisca* próximo à cidade de Blumenau, a *colônia de Dona Tereza* (1847-1858) em Ivahy e a *colônia de Superaguy* (1852) no Paraná. Ele ainda comenta a presença de 600 franceses na cidade de Curitiba entre os anos de 1872-1877. CARELLI, 1994, p.126.

O século 19 é o século da França no Brasil. Com a abertura dos portos do Brasil aos estrangeiros, muitos franceses imigraram fugindo das perseguições políticas da Revolução ou da Era Bonapartista. A influência destes franceses é percebida em instituições criadas por Dom João VI no Rio de Janeiro e até na revolução Pernambucana onde a população se revolta contra administração portuguesa. O Brasil era o país mais exótico da América e também o mais civilizado, sede da única monarquia americana, a dos Bourbon e Bragança.

Com o Segundo Império a cultura francesa aumenta sua influência no Brasil. Os laços do Império Brasileiro com a França são fortalecidos através do enlace entre a princesa herdeira do trono, Dona Isabel e o príncipe francês Gaston Louis de Orléans, o Conde d'Eu (TAVARES, 1979, p. 212).

Depois da proclamação da república, as idéias liberais de governo sem despotismo de reis e sem o envolvimento da fé se fixaram com o positivismo que veio da França. Gilberto Freyre nos explica as diferenças surgidas entre o positivismo francês e brasileiro (FREYRE, 1960, p.438).

Voltaire Schilling, em seu trabalho "França no Brasil", organiza uma cronologia aproximando a cultura dos dois países e apresenta a cultura francesa como um dos mais importantes padrões para a formação da cultura brasileira. Assim pudemos confirmar diversos pontos de contato entre as duas nações, dos quais salientamos alguns como a fundação da Universidade de São Paulo (USP) que teve a influência decisiva de intelectuais franceses como Roger Bastide, Fernand Braudel, Claude Levi-Strauss e Hauser que em 1934 implantaram aqui as diretrizes científicas das Ciências Humanas modernas (CARELLI, 1994, p. 242).

E em 1936, o arquiteto franco-suíço Le Corbusier influencia os projetos arquitetônicos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Lúcio Costa nasceu na França em 1902[12]. Com o nome de Le Corbusier, se esconde o nome de bastimo de Charles-Edouard Jeanneret-Gris, nascido em La Chaux-de-Fonds, na Suíça Francesa em 1887, e parente dos francos-suíços Edouard e Bertha Jeanneret-Gris que viveram em Pelotas. Ele relojoeiro e ela professora de francês[13].

Colônias francesas no Brasil

Embora Mário Carelli nos garanta que a contribuição ideológica e cultural da França para o Brasil foi maior do que a contribuição imigratória, algumas poucas colônias foram implantadas e deixaram sua contribuição para a formação do Brasil (CARELLI, 1994, p. 125).

A primeira província do Brasil a ter uma colônia com europeus que não fossem portugueses, foi a do Rio de Janeiro. A iniciativa foi de Dom João VI que contratou Sebastião Gachet para trazer famílias franco-suíças para criar a Colônia de **Nova Friburgo** entre 1818-1820[14]. Outras províncias receberam colonoas franceses: Colônia **Novo Rio** (atual município de Rio Novo do Sul – ES), Colônia Industrial do

[12] CARELLI, 1994, p. 249; DURAND, José Carlos. Le Corbusier no Brasil. Disponível no site <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_16/rbcs16_01.htm>
[13] Cf. pesquisa realizada por Érika Hauck e gentilmente cedida em dezembro de 2008.
[14] MACHADO, 1999, p.18. FAUTH, 2000, p.35, 61, 65, 69.

Saí (atual Vila da Glória, município de São Francisco do Sul – SC)[15], Colônia **Palmital** (atual município de Guaruva – SC)[16], Colônia **Belga** (hoje município de Ilhota – SC), Colônia **Teresa Cristina** (hoje município de Cândido de Abreu – PR)[17], colonização do Vale do **Mucury** com o objetivo de fazer a ligação do interior das Minas Gerais até o litoral da Bahia, seguindo pelo rio Mucuri[18], Colônia de **Superagui** com colonos franco-suíços (hoje município de Guaraqueçaba – PR)[19], Colônia de **Assungui** (atual município de Cerro Azul – PR), Colônia **Argelina** (hoje bairro de Portão, em Curitiba – PR), outras colônias próximas a Curitiba também receberam colonos franceses: **Santa Cândida, Orléans, Santo Inácio, Dom Pedro e Rivière** (hoje bairros de Curitiba). Também a Colônia **América**, depois chamada Nossa Senhora do Porto, próximo a Morretes – PR[20].

Com a vinda de imigrantes a França passa a influenciar mais a cultura brasileira. Gilberto Freyre chama a atenção para a presença e influência destes cidadãos franceses no uso de língua francesa como a língua predileta da literatura e da diplomacia internacional (FREYRE, 1960, p. 219). A língua francesa, entre a elite dominante no Brasil, fez com que esta cultura e civilização fossem irradiadas no Brasil.

[15] THIAGO, 1995, p.70-71.
[16] THIAGO, 1995, p.105; 107.
[17] CARELLI, 1994, p. 126.
[18] DUARTE, Regina. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, 2002, v. 22, n° 44, p. 283.
[19] CARELLI, 1994, p. 126.
[20] FAUTH, 2005, p.66.

2.3. Os franceses no Rio Grande do Sul

Aqui propomos um olhar através da história da imigração e colonização no sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente apresentamos alguns conceitos para entender a imigração e colonização no contexto gaúcho.

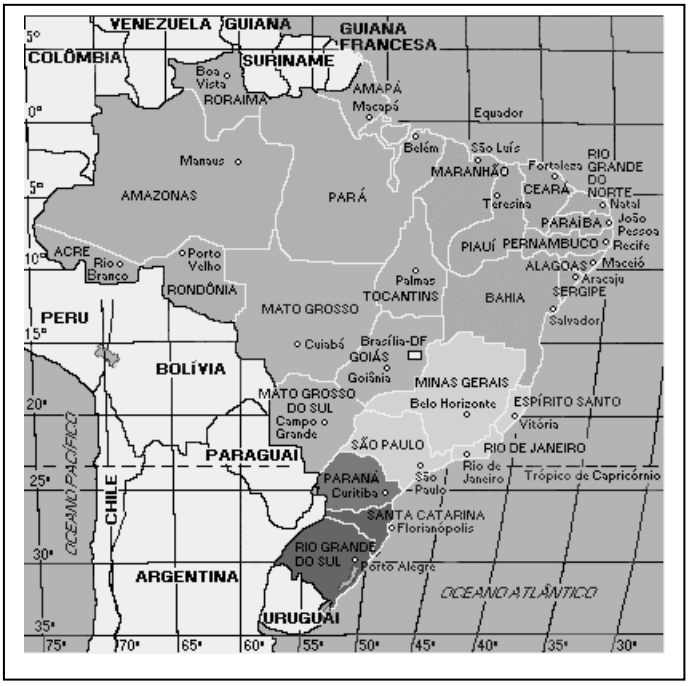


Figura 02: Mapa administrativo do Brasil com a localização do estado do Rio Grande do Sul, na região sul do país. Disponível em < http://www.coladaweb.com/mapas brasil.htm>.

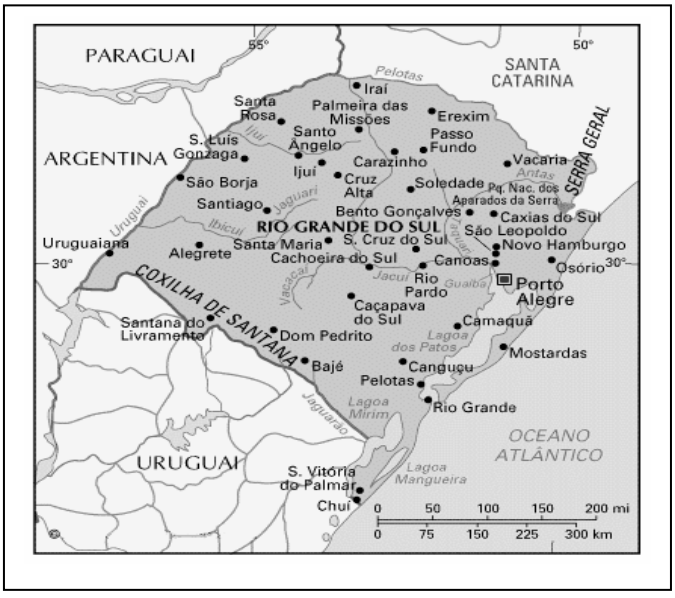


Figura 03: Mapa do estado do Rio Grande do Sul com a localização da capital Porto Alegre e dos principais municípios gaúchos. Na região sul do estado está Pelotas. Disponível em <http://www.pampasonline.com.br/ Terrasdosul/dadosgeograficos.htm>.

No Rio Grande do Sul é diferente...

Imigração é um fenômeno antigo e natural entre os homens. A necessidade de buscar novas paragens, novas formas de sobreviver fez com que muitas pessoas saíssem do local onde nasceram. Emigração é o movimento populacional de saída de uma população para outro país; e imigração o movimento populacional de entrada de estrangeiros em um país. Quando esse movimento se dá, dentro dos limites políticos de um país chama-se de migração é o caso, por exemplo, da vinda de casais açorianos para povoar as terras do sul do Brasil, época em que Brasil e Açores eram terras da Coroa Portuguesa.

Esses movimentos originaram dois processos, imigração e colonização, que muitas vezes estiveram entrelaçados. Em São Paulo, por exemplo, a imigração serviu para a substituição da mão-de-obra escrava pela dos brancos livres. Já no Rio Grande do Sul o objetivo foi outro. Houve uma preocupação com a formação de núcleos agrícolas capazes de prover de alimentos aos centros urbanos, garantir as fronteiras sulinas e aumentar a população de súditos do rei.

É a historiadora Vânia Herédia que nos esclarece a questão: *"A grande diferença entre as políticas do processo de imigração e de colonização era que do primeiro alterava o regime de trabalho e do segundo o regime de propriedade"* (HEREDIA, 2001).

Atrelada à política de imigração, o governo imperial adota um sistema para ocupar as terras do Rio Grande do Sul pretendendo "com a instalação do trabalho livre, do regime da pequena propriedade, da agricultura subsidiária e da mão de obra branca" para assegurar "a hegemonia nas regiões de fronteiras" (HEREDIA, 2001).

A colonização pode envolver tanto a migração (interna) como a imigração (externa) e está baseada na compra e venda de lotes rurais, de dimensões reduzidas, chamados de "colônias". Este mesmo nome também é dado para o conjunto destes lotes, bem como as áreas que os abrigam.

Rio Grande do Sul: duas paisagens naturais, dois contextos históricos

O Estado do Rio Grande do Sul foi assentado em duas partes geográficas distintas, cuja linha divisória coincide, mais ou menos, com o paralelo 30. Esta dicotomia, de ordem topográfica, foi determinante no processo de ocupação do solo, gerando configurações sociais, econômicas e culturais que ainda atuam na estrutura do Rio Grande do Sul.

Em finais do século XIX, o Rio Grande do Sul apresentava duas formas distintas de produção, que de acordo com Eugênio Lagemann (LAGEMANN, 1985, p.19), se caracterizavam por: *"A pecuária nas áreas dos campos nativos; e a agrícola, na região das matas, ao longo dos rios e encostas dos vales"*. De um lado a pecuária, a forma de produção mais antiga, resultante direta do sistema de defesa promovido pela Coroa Portuguesa que concedia grandes extensões de terra *"em troca de eventuais serviços na defesa contra as incursões castelhanas provindas da região do Prata"* (LAGEMANN, 1985, p.20). De outro, a economia colonial, articulada numa primeira fase pelo governo imperial, visando tanto à ocupação de

áreas não aproveitadas pela pecuária, como o abastecimento dos núcleos urbanos. Uma solução que necessitou da importação de agricultores europeus.

Esta nova forma de organização espacial que favorecia o fracionamento do solo acabou propiciando, como era desejado, *"o surgimento de inúmeros pólos culturais, cujos núcleos de aglutinação eram fundamentalmente a capela e a escola"* (TAMBARA, 1995, p.298). Núcleos estes que estabeleceram suas bases a partir da própria cultura trazida pelos agricultores europeus.

Estas duas formas de ocupação deram origem às sociedades, econômica e socialmente diferenciadas, vinculadas a sua topografia.

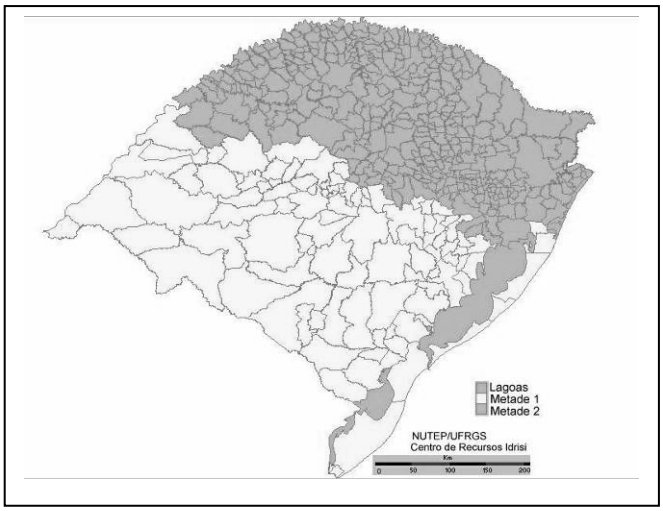


Figura 04: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul com as duas metades geográficas. Fonte: <http://nutep.adm.ufrgs.br/mapas/metades.jpg>.

O governo geral quer a posse da terra gaúcha

A História do Rio Grande do Sul foi pautada nos conflitos pela posse, ocupação das terras e demarcação da fronteira sul do Brasil. Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), as terras do atual Estado do Rio Grande do Sul pertenciam à Espanha, porém Portugal tinha a intenção de levar a fronteira até o Rio da Prata, onde fundou, em 1680, a Colônia do Sacramento. Para manter a posse desta Colônia, os portugueses estabelecem guarnições para barrar o avanço espanhol. Porém, isso não foi suficiente para impedir a invasão da vila de Rio Grande (1763) obrigando parte da população a se refugiar na região de Pelotas, por exemplo.

Em 1779, depois da Reconquista de Rio Grande em 1776, chega o português José Pinto Martins que sistematiza a fabricação de charque como uma atividade voltada para o mercado e não mais para consumo próprio como vinha ocorrendo. Esta primeira charqueada traz mais pessoas e muitas riquezas que fazem de Pelotas o pólo econômico gaúcho de boa parte do século XIX. A população é ampliada, na década de 1820, quando novos conflitos platinos causam a imigração de muitos estrangeiros para o sul do Brasil. Em 1832, acontece à instalação da Vila de São Francisco de Paula e, em 1835 se dá a elevação da Vila em Cidade, com o nome de Pelotas.

Nesta primeira fase, as ações do governo geral (inicialmente a Coroa Portuguesa e depois o Império do Brasil) são pela pose das terras meridionais.

Antes de 1822 o Brasil não recebia estrangeiro, apenas os súditos do rei português tinham permissão de vir ocupar e trabalhar nas terras. Os estrangeiros eram raros e a maioria era apenas de viajantes, de passagem. É com a abertura dos portos (1808) que a entrada de estrangeiros tornou-se significativa. Até então colonização era uma política de migração a cargo do Conselho Ultramarino, Ministério do Reino e governadores de Capitanias que, como instâncias públicas. intensificaram a vinda de açorianos para o sul do Brasil (1750).

Depois da Independência (1822), o imperador inicia uma política de imigração estrangeira. Sua intenção era de formar uma população branca livre e criar um exército brasileiro. No Rio Grande do Sul, a primeira ação resultou na fundação da Colônia de São Leopoldo (1824). De um lado a imigração oficial trouxe os povos germânicos, de outro, os conflitos no Rio da Prata provocaram a entrada espontânea de estrangeiros vindos dos atuais territórios de Uruguai e Argentina.

O governo provincial quer o desenvolvimento da terra gaúcha

Com a queda de Dom Pedro I, o governo geral suspende as políticas do imperador e repassa para as províncias a responsabilidade de promover a colonização em suas jurisdições através do Ato Adicional de 1834.

Porém, nessa época, se inicia no Rio Grande do Sul o conflito conhecido por Guerra dos Farrapos que se estende por 10 anos. É apenas com o fim da revolta que a província começa a formular uma política de colonização.

Em 1848 o Governo geral concede terras às províncias o que possibilita que a província gaúcha comece suas experiências colonizatórias, apoiadas também pela Lei Geral de Terras de 1850. Esta lei regulamenta a venda e a aquisição de terras aos colonos, extinguindo o acesso a terra por doação, como aconteceu com os alemães em São Leopoldo.

A Assembléia Provincial regulamenta a Lei de Terras com a Lei de 30/01/1854, assim o Rio Grande do Sul estabelece as diretrizes da colonização na província (MACHADO, 1999, p.26). A colonização trazia muitas despesas aos cofres públicos, assim o governo provincial tratou desde cedo de auxiliar a iniciativa privada colonizatória. No relatório do presidente José Antônio Pimenta Bueno, ao tratar do orçamento da província para 1851, fala que a colonização é um assunto de alto interesse tanto para a província e quanto ao Império[21]. Segundo Pimenta Bueno o papel do governo provincial deveria ser apenas o de preparar as terras para receber os imigrantes chegados espontaneamente. O governo não deveria realizar contratos para trazer estrangeiros. Como exemplo deste pensamento de ajudar a iniciativa privada e não ter influência direta na colonização, o presidente da província concede auxílios financeiros e humanos ao Coronel Tomás José de Campos em sua colônia de Monte Bonito, em Pelotas[22].

[21] Relatório Pimenta Bueno, de 01/10/1850, p.23. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

[22] Relatório Pimenta Bueno, de 01/10/1850, p.26-27. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

Mas o processo de colonização demandava uma organização pública e em 1848 o presidente Francisco José de Souza Soares de Andréa cria o cargo de Diretor de todas as colônias, sendo nomeado João Daniel Hillebrand[23].

Para o funcionamento da colonização outros cargos foram criados e alterados. O Regulamento de 07/07/1857 institui os cargos de Agentes Intérpretes da Colonização em Rio Grande e Porto Alegre[24]. E o Regulamento de 12/01/1859 cria o cargo de Inspetor Geral das Colônias, em cada colônia havia um Diretor. Porém a Lei de 10/01/1867 extingue o cargo de Inspetor e acumula suas funções as do intérprete. Neste momento, Carlos Koseritz assume o cargo de Inspetor e Agente Intérprete[25].

A imigração no Rio Grande do Sul

A primeira colônia do Rio Grande do Sul foi a de São Leopoldo (1824) que foi emancipada em 1854 tornando-se um importante município gaúcho. A partir desta data, a imigração aumenta no Rio Grande do Sul. Não se tem claro os números da imigração. Em 1864 se passa a ter mais sistematizado o registro de entrada de estrangeiros pelos Agentes Intérpretes de Rio Grande e Porto Alegre, mas ainda assim este registro é parcial.

Entre 1859 e 1875 foram totalizados 12.563 imigrantes, deste grupo, os franceses representam somente 5%, muito pouco se comparados aos 79% de alemães e austríacos[26].

Mas, a imigração para o Brasil sofre um grande revés com o lançamento de um regulamento do governo alemão que retira o apoio à imigração para o Brasil.

Com isso, a maior corrente estrangeira para o Brasil entra em declínio até receber novo alento com a corrente italiana. Neste intervalo, outras etnias foram trazidas, mas não ganharam a mesma relevância quantitativa.

---

[23] Relatório de Souza Soares de Andréa, de 04/03/1848, p.18-19. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

[24] Relatório de Koseritz, anexo ao de Homem de Mello, de 16/09/1867, p.12. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

[25] Relatório de Koseritz, anexo ao de Homem de Mello, de 16/09/1867, p.1. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

[26] Fala do presidente Azevedo Castro em 01/03/1876. Disponível em <http://www.crl.edu/content/brazil/gras.htm>.

Ano	Entrada no RGS
1864	336
1865	215
1866	205
1867	414
1868	1.199
1869	1.252
1870	471
1871	477
1872	1.354
1873	1.870
1874	892
1875	315
1876	3.959
1877	5.940
1878	286
1879	300
1880	219
Total	19.704

Tabela 03: Imigração estrangeira no Rio Grande do Sul. Fonte: por Machado, 1999, p.32 e 93. Com base em Ernesto Pellanda (1925) e Jean Roche (1969)

A imigração francesa no Rio Grande do Sul

Já vimos que uma das características da imigração francesa é a predileção por habitarem as cidades. Desta forma é possível encontrar grande número de franceses nos centros mais urbanizados da província.

Atualmente existe no Rio Grande do Sul um Consulado Honorário, mantido pelo Governo francês e sob jurisdição do Consulado Geral da França em São Paulo, este por sua vez ligado a Embaixada da França em Brasília.

O consulado assiste e representa os interesses da França e da comunidade francesa ainda existente na região. Durante o Século XIX foram criadas algumas Agências Consulares da França no Rio Grande do Sul, que com o passar do tempo foram sendo extintas. Não nos foi possível realizar um trabalho de pesquisa para recompor esta formação. Mas a partir dos registros arquivados no *Ministère des Affaires Étrangères*, em Paris pudemos conhecer alguns traços. O primeiro Consulado da França no Brasil foi instalado no Rio de Janeiro, logo após a abertura dos portos com Dom João VI em 1808. Existe arquivado em Paris parte dos despachos enviados pelos Cônsules no Brasil realizados a partir de 1814. O consulado de São Paulo possui correspondências consulares a partir de 1895. E das Agências Consulares no Rio Grande do Sul são conservados os registros de estado civil de 1854 a 1891.

Os primeiros registros da Agência Consular de Pelotas começam em 1886 e vão até 1892, embora certamente continuaram ainda no início do século XX, mas não foram encontrados nos *Archives Diplomatiques* em Paris. Da mesma forma encontramos parte dos registros para Rio Grande entre 1854 e 1884 e para Porto Alegre entre 1885 e 1891[27].

Porém, estes registros mostram apenas uma pequena parte dos franceses do Rio Grande do Sul, a maioria não fazia registrar seus casamentos, nascimento ou óbito de filhos. Talvez porque não pensavam em retornar para a França ou porque não quizessem que seus filhos tivessem alguma obrigação para com o governo francês, como o serviço militar nas guerras coloniais na África ou Ásia. Temos a presença de franceses em diversos municípios gaúchos: Alegrete, Bagé, Caçapava, Camaquã, Caxias do Sul, Guaporé, Itaqui, Jaguarão, Mariana Pimentel, Pelotas, Porto Alegre, Quarai, Rio

[27] Registros guardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Grande, Santa Maria, Santana do Livramento, Santo Ângelo, São Borja, São Francisco de Paula, São Gabriel, São Jerônimo, São Leopoldo, Taquari, Triunfo, Uruguaiana.

Muitos destes franceses viveram em áreas urbanas e desenvolveram atividades comerciais ou de serviço. Mas alguns outros, a maioria de agricultores, participaram de poucas tentativas de colonização como veremos a seguir.

As colônias francesas do Rio Grande do Sul

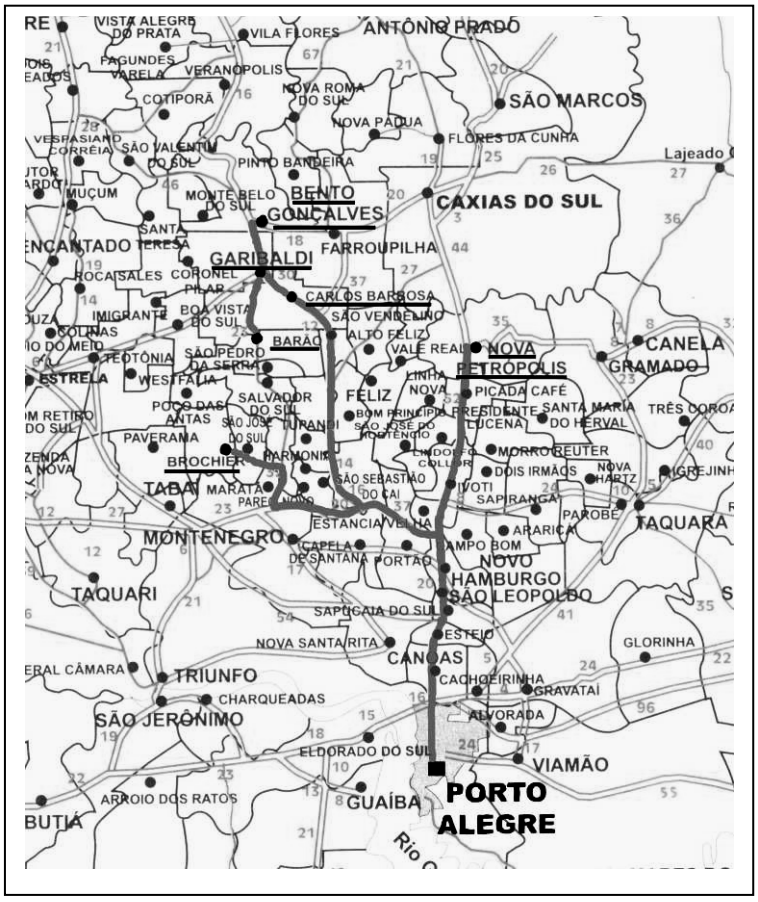


Figura 05: Mapa da zona serrana do estado do Rio Grande do Sul mostrando a ligação rodoviária das antigas colônias que receberam franceses com a Capital Porto Alegre.

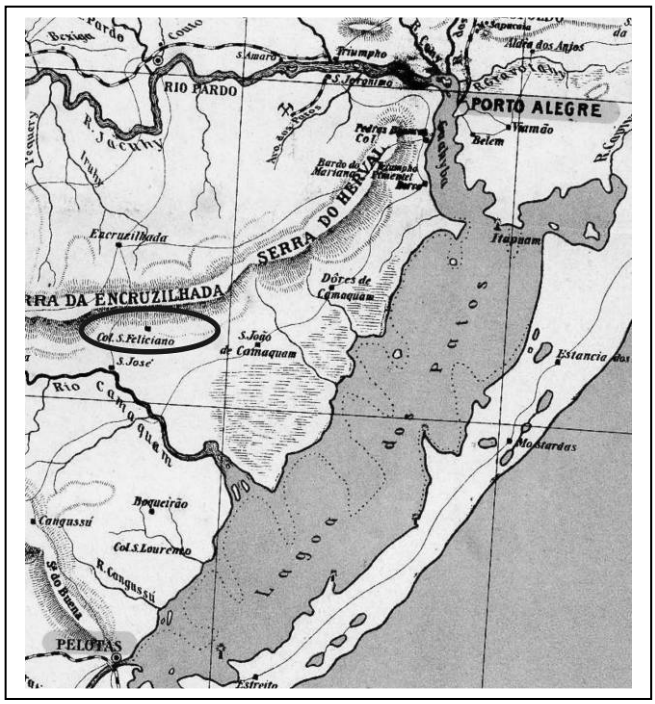
Uma pitoresca página da colonização no Rio Grande do Sul é a história da fundação do município gaúcho de **Brochier** resgatada na obra "Montenegro de Ontem e Hoje" organizada por Maria Eunice Kautzmann[28]. Os irmãos Jean Honoré Brochier e Auguste Brochier lotearam e venderam terras para colonos alemães recém chegados. Esse loteamento deu origem a uma cidade germânica no Rio Grande do Sul, a única fundada por franceses. O município foi criado em 11/04/1988 com o nome de "Brochier do Maratá", quando se emancipou de Montenegro. Porém em 1992 ocorre o fracionamento com a emancipação do município de Maratá e Brochier ganha o nome atual.

As colônias no Rio Grande do Sul receberam poucos franceses. Não era uma característica desta etnia a imigração para as zonas agrárias e rurais. Mas alguns mapas estatísticos das colônias do Rio Grande do Sul apresentam uns indivíduos: a Colônia de

[28] Com base em Kautzmann, Maria Eunice Muller. Montenegro de Ontem e de Hoje. Rotermund: São Leopoldo, 1979. pp. 109-111.

Nova Petrópolis, a colônia **Santa Maria da Soledade** (FAUTH, 2000, p. 97), as colônias de **Dona Isabel e Conde d'Eu**, respectivamente os atuais municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi (PERROD, 1999, p. 15), em **Carlos Barbosa** com os franco-suíços (FAUTH, 2000, p.138-140), o município de Barão com os distritos de de Francesa Alta e Francesa Baixa e a Colônia de **São Feliciano**, atual município de Dom Feliciano.

Porém, a presença de colonos franceses nestes lugares é hoje praticamente esquecida. E são os colonos suíços de fala francesa, que formaram um dos núcleos mais concisos da cultura francesa no Rio Grande do Sul. Ironicamente, no local onde um cônsul francês organizou uma colônia agrícola.



A colônia de São Feliciano, criada pela Lei n° 385 de 26/11/1857 em terras do município de Encruzilhada passou a acolher os colonos franceses chegados no Rio Grande do Sul a partir de 1872 (GRANDO, 1986, p.106).

Figura 06: Mapa da região entre a capital Porto Alegre e a cidade de Pelotas com a localização da Colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano. Fonte: Mapa de Stutzer & Hermsdorf, Santa Cruz do Sul, 1894.

Em 1877, questões administrativas[29] provocam a saída de muitos colonos franceses que seguem para Pelotas, um centro urbano com mais chances de garantir a sobrevivência. Em Pelotas eles participam da fundação do núcleo de Santo Antônio.

A seguir passemos aos franceses e suas ações no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

[29] Lei nº 1110 de 14/05/1877, artigo 1º, parágrafo 5º. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS.

2.4. Pelotas: uma cidade francesa?

O município de Pelotas foi pólo atrativo de estrangeiros. No século XIX, ali ocorreram iniciativas de colonização em meio a uma região onde o uso de terras era privilegiado para a pecuária extensiva. A riqueza charqueadora e a especulação comercial de colônias acabaram por configurar um perfil econômico, cultural e social bastante diferenciado de outros municípios da região sul.

Depois de ver como se deu a ocupação das terras no município de Pelotas e os processos de imigração e colonização ali ocorridos, vamos avaliar a presença francesa na cidade.

A influência cultural da França em Pelotas foi notável durante o século XIX. A França era o parâmetro paras todas as atividades sociais. Segundo Eliane Peres (PERES, 2002, p.33), isso se fazia perceber nas leituras, nos móveis, na decoração de interiores, na arquitetura e, sobretudo, nas idéias. A professora Beatriz Loner garante que quase não há sinais de vida social na associação francesa, não há quermesses, bailes ou outras festas. Porém, acrescenta: "*Talvez a explicação para este comportamento esteja no alto grau de aceitação e integração dos elementos franceses na cultura local*" (LONER, 2001, p.105). Mais adiante afirma:

> *Era a nacionalidade mais prestigiada pela elite local, impregnada pela cultura francesa, sendo a data de 14 de julho, feriado, a partir da promulgação da Constituinte Estadual e comemorado com desfiles, conferências ou bailes em associações, até pelo menos 1920. Essa particularidade devia acelerar e facilitar seu processo de integração, comprovado pelos vários casos de casamentos com nativos.* [30]

O imaginário social faz de Pelotas uma cidade ligada à França e sua civilização. No livro "Um castelo no pampa, pedra da memória", do escritor Luiz Antônio de Assis Brasil há uma passagem onde durante um sarau, a personagem Olímpio é questionada sobre como sua esposa austríaca irá se fazer entender entre os pelotenses. Este responde que o francês ainda é a língua oficial de Pelotas[31].

Outro escritor gaúcho é mais explítico. Segundo Mario Magalhães o escritor Jorge Salis Goulart comparou a torre do Mercado com a torre Eiffel de Paris, num romance que escreveu em 1925. Embora a torre inaugurada em 1913, pelo Intendente Cipriano Barcelos, fosse comprada da Alemanha, o imaginário pelotense logo fez a referência com Paris. Outros pontos eram colocados como motivo de orgulho de uma

[30] LONER, 2001, p.105-106. Um fato curioso narrado pela pesquisadora foi o que encontrou descrito no jornal local O Rebate, de 20/01/1919. Segundo explica Loner, a cultura pelotense estava tão impregnada da cultura francesa que em 1919, durante a exibição do filme "Bélgica" num cinema local, um operário alemão se recusou a levantar-se e retirar o chapéu no momento em que foi tocada a Marselhesa irritando aos espectadores que o agrediram e quase o espancaram!

[31] Cf.citação de Assis Brasil em 1994, p.18, feita em nota de rodapé na obra de PERES, 2002, p.144-145.

pretensa ligação entre Pelotas e Paris: os chafarizes vindos da França e até o fato de Pelotas ter o arroio Santa Bárbara enquanto que Paris tinha o rio Sena[32].

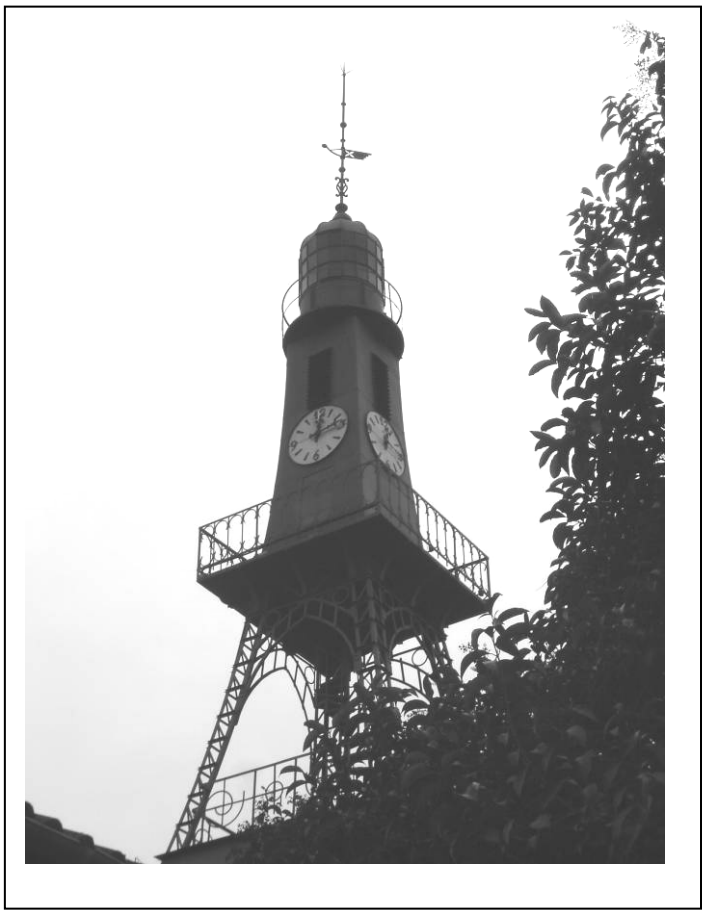


Figura 07: Foto da Torre do Mercado Público de Pelotas. Fonte: Acervo do autor, 2008.

Kledir Ramil, escritor e músico pelotense, escreveu a crônica "Um gaúcho em Paris" (RAMIL, 2003, p.43-46) contando suas estadas em Paris junto de seu irmão Kleiton Ramil. Verdade ou não, o escritor diz de uma tradição das famílias pelotenses de enviar seus filhos para estudar na França. E que a família Ramil, através de Kleiton seguiu a tradição. Teria ele realizado uma pós-graduação na Universidade de Paris VIII onde defendeu a tese cujo título seria: "*Conexão Paris-Pelotas: suspiros de uma civilização delicada, um diferencial de comportamento sociocultural dentro do universo bárbaro e primitivo do embrutecido homem do pampa gaúcho*".

Para Kledir, o irmão achou o elo perdido entre Paris e Pelotas: a receita do "Queque", embora este tenha origem inglesa. Queque é como se chama o bolo inglês em Pelotas e pretenciosamente Kledir diz que o verdadeiro bolinho doce só é encontrado nas confeitarias de Pelotas e de Paris. Atrás do bolinho tem outros temas que a população indica como de origem francesa: "os chafarizes, a arquitetura neoclássica, a tradição doceira e a frescura" (RAMIL, 2003, p.45).

Obviamente o cronista exagera do alto de seu poder criativo. Kleiton Ramil ficou em Paris entre 1991 e 1992 e realmente fez estudos na Universidade Paris VIII em Saint-Dennis (ao lado de Paris), mas não sobre a conexão Paris-Pelotas e sim cursou disciplinas de regência e composição musical. Porém, o que mais importa aqui é o quê

[32] Cf. Mario Osorio Magalhães disponível em http://www.diariopopular.com.br/04_05_03/mario_osorio_magalhaes.html

está por trás do texto de Kledir. Pois através dele já é possível entender quanto o imaginário do pelotense está carregado da influência francesa ainda nos dias de hoje.

Vamos encontrar nas páginas do jornal pelotense, o Diário Popular, alguns indícios da influência francesa ainda hoje presentes na comunidade.

Em 2006 o jornal informa da mostra intitulada "Pelotas, a Paris dos pampas". Trata-se de uma exposição do fotógrafo Neco Tavares sobre o patrimônio histórico de Pelotas[33].

O mesmo jornal noticía em 2003 a chegada da Citroën do Brasil, uma marca francesa de veículos que se instala em Pelotas. O delegado geral da concessionária no Brasil, o francês Jean Claude Pasquerrot já tinha visitado Pelotas antes[34]. Em setembro de 2007 é a vez de Christian Pouillaude, vice-presidente comercial da Renault do Brasil, visitar a concessionário Renosul que altera seu nome para Daisul[35]. Em 2008, o imaginário francês é coroado com a notícia veiculado no jornal. A Citroën do Brasil transforma Pelotas em cidade francesa para as filmagens de seu comercial televisivo. Segundo a notícia, a agência de publicidade paulista responsável pelo comercial teria escolhido Pelotas por considerar a cidade com características francesas além de ter um custo de produção razoável. O comercial mostra Pelotas como uma cidade francesa com lojas, flores e mesinhas nas calçadas[36].

Neste capítulo pretendemos conhecer o contexto em que se deu e em que base cultural chegou a imigração e se estabeleceu a colonização francesa.

A iniciativa privada quer mudar Pelotas

O jogo de contrastes geográficos, que definiu a ocupação do Rio Grande do Sul, serviu também para estruturar algumas áreas dentro do próprio estado. Em Pelotas se reproduziu em escala menor, as mesmas configurações espaciais do Rio Grande do Sul. Localizada na metade sul do Estado, Pelotas integra a região da Encosta do Sudeste e apresenta a mesma dicotomia topográfica do Rio Grande do Sul, compondo como descreve Anjos "duas grandes paisagens naturais: a serrana e a planície" (ANJOS, 2000, p.27).

Enquanto as terras planas foram ocupadas pelos pioneiros, "*portugueses, luso-brasileiros e brasileiros, a civilização que florescia em Pelotas no último quartel do século XIX*"[37], que se valendo de suas pastagens, desenvolveram atividades pastoris e da indústria do charque. As terras altas, não apropriadas para a produção extensiva se mantiveram praticamente ociosas, apesar de muitas áreas, possuírem demarcação e propriedade definidas.

Depois da pecuária, ocupar e dominar as terras planas, a apropriação da região serrana surgiu como conseqüência da economia da planície. Um resultado da transição econômica e social em que a terra adquiriu um novo status. Esta deixou "de representar um privilégio, para se tornar um equivalente de capital" (BARROS, 1992, p.42). Sobre

[33] Cf. Diário Popular, de Domingo, 04/07/2006, p.08.
[34] Cf. Diário Popular, de Sábado, 18/10/2003, p.09.
[35] Cf. Diário Popular, de Sexta-feira, 14/09/2007, p.11
[36] Cf. Diário Popular, de Quarta-feira, 16/07/2008, p.5. o resultado das filmagens pode ser conferido pelo site http://br.youtube.com/watch?v=ZAAX7D1WPzg
[37] Cf. Mário Magalhães ao prefaciar a obra de ANJOS, 2000, p.20.

essa nova postura, Ester Gutierrez aponta o quanto se tornou lucrativo o negócio imobiliário rural:

> *Era atraente vender os terrenos, às vezes ameaçados por quilombolas, substituindo a retirada da madeira e as pequenas lavouras movidas pela força de trabalho escrava, que cada vez mais diminuía, por atividades empresariais rentáveis. Desde 1854, esse tipo de especulação imobiliária rural estava amparado pela Lei Provincial nº 304. Os particulares ofereciam seus lotes por até 800% a mais do que os vendidos pelas iniciativas oficiais* (GUTIERREZ, 1999, p.282).

A colonização em Pelotas começou em 1848 com as diretrizes do governo provincial e com a iniciativa privada através da criação da Associação Auxiliadora da Colonização do Município de Pelotas.

Porém o marco da colonização foi a Colônia de São Lourenço, pois com o seu desenvolvimento, vários proprietários rurais, charqueadores e seus descendentes investiram na organização de colônias. O lucro com a especulação de terras provocou o surgimento de muitas colônias.

Na década de 1880 tem início o apogeu colonial, quando é fundada a primeira colônia com um claro interesse especulativo. A terra passa a se estabelecer como um cobiçado produto de mercado. A Colônia Santo Antônio foi criada no ano de 1880 por um comerciante da zona urbana que comprara terras na Serra dos Tapes com o propósito de comercializar lotes e obter lucro.

Nesta mesma década ocorrem as poucas iniciativas de colonização promovidas pelo poder público, entre elas a Colônia Municipal em 1882. A Colônia Municipal, conforme anuncia o seu nome, nasceu dos interesses articulados entre a Assembléia Provincial e a Câmara Municipal de Pelotas, cabendo a esta a responsabilidade pela execução e organização.

Dentro desta abertura, propiciada pelo fracionamento do solo e o desgaste do sistema escravocrata, no qual a cidade ainda dependia, deu-se o processo de colonização na zona sul. O aumento da ocupação do solo pode ser exemplificado com a evolução do número de núcleos coloniais que mostra a figura abaixo.

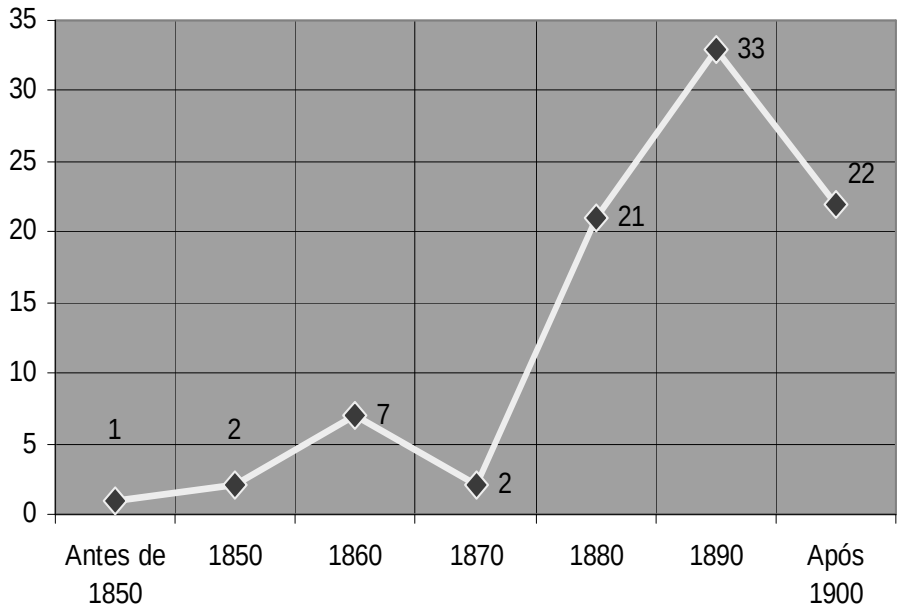


Figura 08: Gráfico com os números de núcleos agrícolas fundados em Pelotas contados por década.

A colonização em Pelotas

O processo de colonização foi essencial na formação do município pelotense, provocando inclusive a configuração da zona sul do estado gaúcho, pois algumas destas ex-colônias hoje são municípios da zona sul.

A colonização francesa em Pelotas se deu quando o processo colonizatório já estava em andamento. Quando os colonos franceses chegaram, encontraram uma estrutura de interesses capitalistas montada e em vias de atingir o seu auge. Foi durante a década de 1880 que a maioria das colônias da região de Pelotas foram fundadas.

A experiência colonizadora em Pelotas foi tão significativa que o imaginário dos habitantes ainda é marcado por essa experiência. Mesmo depois de tantos anos de emancipação das colônias agrícolas, a população urbana quando se desloca em direção à zona rural para usufruir de suas belezas naturais e culturais diz sem titubear: "vamos passear na colônia" ou "os colonos ainda prezam suas tradições". Hoje não existem mais colônias ou colonos, são agricultores, moradores em zona rural. Não existe mais a antiga relação entre proprietários de terra vendendo lotes a serem pagos em longo prazo e compradores mantendo a subordinação aos mesmos até a quitação de suas dívidas coloniais. As antigas colônias estão emancipadas e o uso e as transações de terras só dependem dos próprios proprietários, como em qualquer região do país.

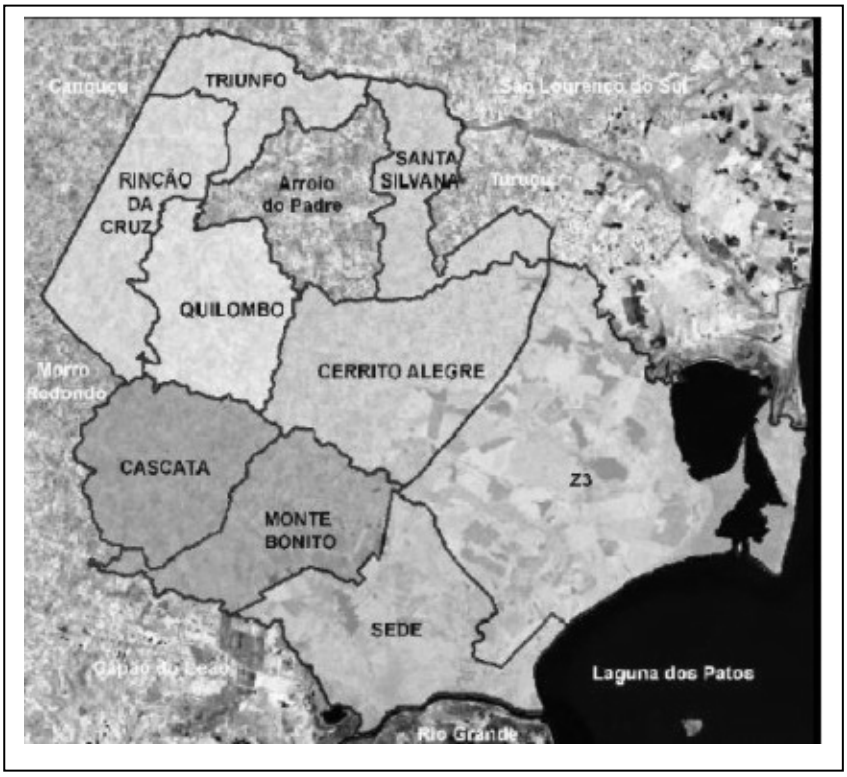


Figura 09: Mapa administrativo com a divisão distrital do município de Pelotas. Fonte: <http://www.pelotas.com.br>.

Atualmente, o município de Pelotas possui 1.608,8 km² de área e divide-se em nove regiões administrativas chamadas de distritos conforme se pode ver na figura 2. Os distritos são: 1) Sede; 2) Z3; 3) Cerrito Alegre; 4) Triunfo; 5) Cascata; 6) Santa Silvana; 7) Quilombo; 8) Rincão da Cruz; e 9) Monte Bonito. Em todos estes distritos, com exceção do distrito sede, onde esta a cidade, ocorreram criações de núcleos coloniais. Geralmente, os nomes de Distritos vêm das antigas e importantes colônias que se destacam no interior do município.

A imigração em Pelotas

Para compreendermos a riqueza étnica da região de Pelotas é importante conhecermos a imigração ali ocorrida. Desde a fundação da freguesia de São Francisco de Paula (1812) já são conhecidos estrangeiros na região. Mas, é com a instalação da Cidade de Pelotas e com o fim do conflito farroupilha (1845) que as riquezas e as modernidades trazidas pelo charque passam a atrair mais estrangeiros. A imigração é incentivada com a implantação da política de colonização.

As fontes da imigração em Pelotas são restritas. Existem alguns livros de naturalização na Bibliotheca Pública Pelotense, alguns livros de registro da presença de estrangeiros no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e alguns registros de entrada de estrangeiros no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, ambos em Porto Alegre. As fontes destas duas instituições de Porto Alegre foram inventariadas por Leila Fetter em seu trabalho "A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX" em 2002, cujos dados foram utilizados na confecção dos gráficos.

As fontes do Arquivo Público abrangem um período muito pequeno e cheio de lacunas como se vê na figura abaixo:

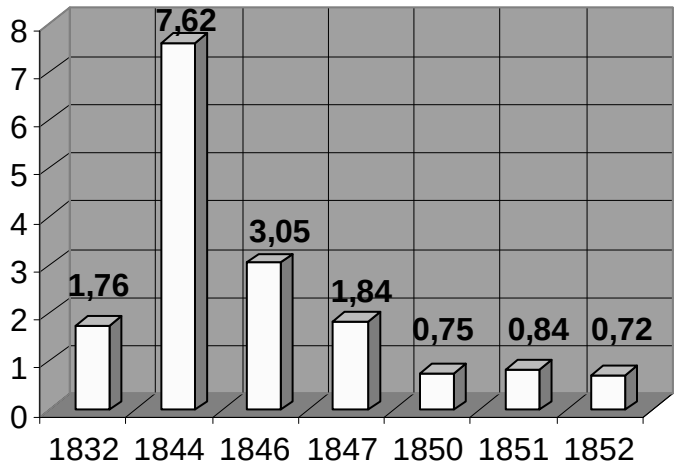


Figura 10: Gráfico com a média de imigrantes entrados por dia em cada ano de registro.

Através do gráfico se pode perceber que o ano de 1844, quando houve o maior número de registros de estrangeiros, coincide com o declínio dos ânimos belicosos e a população busca o fim da Guerra Farroupilha (1835-1845).

A entrada de imigrantes para a região está registrada nos códices do Arquivo Histórico e possuem uma continuidade maior. Infelizmente para o período entre 1873 e 1887, quando foi criada a maioria dos núcleos agrícolas em Pelotas e, possivelmente, o período de maior entrada de imigrantes, os registros não foram conservados.

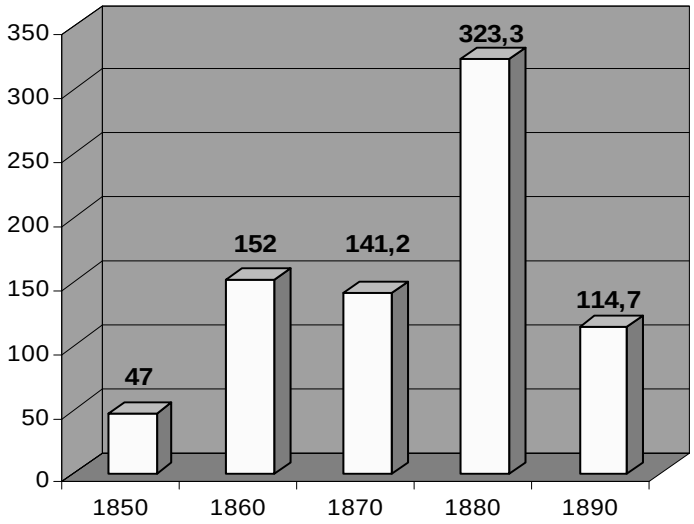


Figura 11: Gráfico com a média do número de imigrantes entrados em cada ano, por década.

É o que também confirma a média de imigrantes entrados por ano, agrupados por década. Pelo gráfico da figura 21 percebe-se que é justamente a década de 1880.

Quanto à etnicidade[38] podemos perceber que Pelotas e a região sul do estado refletem o que ocorreu no Rio Grande do Sul em maior escala. Entre 1857 e 1895, conforme os registros encontrados nos códices do Arquivo Histórico, o grupo de povos germânicos tem a primazia quantitativa em Pelotas, depois pelo grupo latino. Essa classificação de etnias foi também feita pela pesquisadora Leila Fetter. O grupo germânico é formado principalmente de prussianos (1.648). O grupo latino tem italianos (731), portugueses (671), espanhóis (217) e franceses (75). Quase sem relevância numérica são os outros grupos: 14 holandeses, 8 suíços, 7 belgas, 7 dinamarqueses, 6 suecos, 5 austríacos, 5 poloneses, 4 uruguaios, 2 húngaros, 2 norte-americanos, 1 chinês, 1 mexicano e 1 sem especificação de nacionalidade ou etnia.

A imigração francesa na cidade de Pelotas

A imigração e a colonização francesa foram de grande contribuição para o desenvolvimento de Pelotas. Na zona rural, com a fabricação de vinhos e compotas e na zona urbana com desempenho no comércio, educação e cultura. Através de traços culturais trazidos da França, este grupo étnico deixou uma herança cultural ainda muito presente.

Já nos primeiros anos da freguesia de São Francisco de Paula, criada em 1812 e núcleo originário de Pelotas, é possível encontrar franceses. Viajantes franceses passaram por Pelotas sem se fixarem. Foi possível conhecer a relação de 202 franceses que se apresentaram à Câmara Municipal de Pelotas nos anos de 1832, 1844 e 1846. Destes menos de 20% deixou descendência permanente em Pelotas.

Esta pequena fixação de franceses está de acordo com as características desta imigração. Os franceses vinham espontaneamente, ou seja, não imigravam para colonizar. A maioria eram homens solteiros, profissionais liberais, que buscavam habitar as vilas para exercerem sua profissão, conseguir dinheiro e voltar para a França.

[38] Cf. dissertação de FETTER, 2002.

Porém, Pelotas estava entre as cidades mais procuradas por eles. Pelotas era um dos maiores núcleos urbanos do sul do Brasil, uma cidade onde a cultura européia era marcante e as inovações técnicas e culturais eram bem aceitas. Com a Guerra dos Farrapos as correntes migratórias pararam, só retomando com a paz. O crescimento e a riqueza das charqueadas voltaram a atrair muitos imigrantes. Os franceses que chegavam neste momento eram na maioria de origem basca e bearnense (fronteira com a Espanha), vindos via Uruguai e Argentina em decorrência das guerras platinas. Depois a imigração se diversificou e vieram imigrantes de outros departamentos franceses. No departamento dos Hautes Alpes encontramos o primeiro registro de franceses solicitando passaporte para Pelotas (ou como escreveram "Pellota") no ano de 1853. Eram três agricultores com pouco mais de 20 anos que solicitavam permissão de viagem para se estabelecerem em Pelotas[39].

Destes franceses, poucos requereram naturalização brasileira, como podemos conferir no livro de Registro de Naturalização de Estrangeiros da Câmara de Pelotas, que hoje está no Museu da Biblioteca Pública Pelotense. E mesmo com a grande naturalização que ocorreu com a proclamação da República em 1889, muitos estrangeiros se fizeram registrar dizendo não aceitarem a naturalização, havendo um livro próprio para tal fim, também hoje encontrado no Museu da Biblioteca Pública.

Entre as famílias francesas de Pelotas, dois pelotenses morreram durante as lutas da Primeira Guerra Mundial: Auguste Carré, nascido em 29/12/1884 na Colônia Francesa de Santo Antônio e falecido na batalha em Spincourt, no departamento da Meuse em 02/08/1914 e Georges Audisson, nascido em 02/09/1874 e falecido por doença em Bar-le-Duc, também na Meuse, no dia 09/11/1916. A estes dois jovens pelotenses, descendentes de franceses, Pelotas ainda não fez juz a seus sacrifícios mortais[40].

Os viajantes

Em 05/09/1820 o viajante francês *Auguste de Saint-Hilaire* chega à casa de Gonçalves Chaves às margens do arroio Pelotas onde fica hospedado até o dia 12 quando retorna a cidade de Rio Grande. Saint-Hilaire viaja pelo Brasil durante 6 anos fazendo explorações e anotações do que via e ouvia. De sua passagem por Pelotas, o naturalista fala de dois franceses que ele encontrou: um professor e um cirurgião (SAINT-HILAIRE, 1997, p.78-87). O que comprova que a presença francesa em Pelotas é antiga.

Depois vieram outros. No ano de 1834, é a vez de outro naturalista francês passar por Pelotas. *Arsène Isabelle*. Em 1839, o francês *Nicolas Dreys*, viajante comercial, publica no RJ suas memórias sobre os dez anos que esteve no RS (1818-1828), sendo que nestes passou parte em Pelotas (MAGALHÃES, 2000, p.95, 97). O próximo viajante francês que passou por Pelotas foi *Gaston de Orléans*, Conde d'Eu, príncipe consorte por seu casamento com a herdeira do trono brasileiro, a princesa Isabel Cristina de Bragança. O Conde d'Eu esteve por nove dias em Pelotas, no ano de

[39] Cf. registro de solicitação de passaporte na prefeitura da cidade de Gap, capital do departamento de Hautes Alpes e hoje guardados no Arquivo Departamental dos Hautes Alpes, no Gap. São eles: Auguste Gay, de 23 anos, Auguste Reynaud, de 23 anos e François Rostan. Todos nascidos em Chateauroux, mesma cidade do Padre Jean Pierre Gay que se naturalizou brasileiro em Pelotas em 1847. Estaria o Padre Gay incentivando a vinda de franceses para Pelotas, embora que ele próprio já estivesse vivendo em São Borja nesta época?

[40] Cf. pesquisa realizada no site *mémoire des hommes*, do *Secrétariat Général pour l'Administration* disponível em http://www.memoiredeshommes.sga.defense.gouv.fr/spip.php?page=base_recherche&_Base=MPF1418&_Action=1

1865. E também deixou comentários sobre a potencialidade de colonização no município de Pelotas, pela beleza das produções das chácaras nas colinas ao seu redor da cidade (MAGALHÃES, 2000, p.141-142).

O último viajante francês que publicou importantes observações sobre Pelotas foi *Louis Couty*. Em 1880, ele foi contratado pelo Imperador para fazer estudos sobre o charque e a erva-mate no sul do Brasil. Ao analisar o charque de Pelotas, Couty percebe que o charque pelotense perde para o charque platino devido ao custo com a mão de obra escrava (COUTY, 2000, p.148). Para Couty, a saída para essa transformação social do trabalho é a colonização, a presença de estrangeiros vai alterar a população e seu modo de vida. Estas idéias provocam o fim da escravidão em Pelotas antes de 1888 e fortalecem a colonização (CARELLI, 1994, p. 137; 139; MARQUES, 1990, p.110).

O primeiro registro

Os primeiros registros que indicam a presença de franceses em Pelotas são das décadas de 1810, 1820 e 1830. Já em 1813, encontramos o primeiro casamento de um francês e o sexto casamento realizado em Pelotas. Trata-se de *Bernard Bidegain*, nascido no Bispado de *Bayonne*, no departamento dos Pireneus Atlânticos. Ele casou-se com a gaúcha Antônia Joaquina da Fonseca e não localizamos descendentes em Pelotas. Provavelmente tenham mudado de Pelotas.

Influência dos estrangeiros

Pelotas estava entre as cidades gaúchas mais procuradas pelos imigrantes franceses. Primeiro por ser um dos maiores núcleos urbanos da época e depois por ser uma cidade onde a cultura européia muito influenciava. Pelotas, se comparada a outras cidades da Província, demonstrava desenvolvimento e modernização. Já em 1827 o alemão Carl Seidler deixa registrado sua impressão sobre a influência dos estrangeiros ali. Ele diz:

> *Tanto aqui como no Rio Grande há muitos europeus que possuem importantes estabelecimentos e que certamente pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões. Todo estrangeiro que demorar aqui algum tempo, se não houver nada contra ele, pode facilmente ter relações com todas as famílias, mesmo que antes não conhecesse ninguém. Os próprios moradores procuram ensejo de serem agradáveis ao forasteiro, atraí-lo ao seu círculo na primeira ocasião* (MAGALHÃES, 2000, p.53).

Isso levou a uma modernização e desenvolvimento não vistos em outras cidades gaúchas. O século XIX viu a chegada de vários acréscimos: a iluminação a gás, as linhas de bonde, o serviço de águas e esgotos, o calçamento das ruas centrais e a desobstrução do canal de São Gonçalo. O historiador Mario Magalhães conta-nos que Pelotas se autodenominava 'Princesa do Sul', considerando-se diferente em meio à campanha e "(...) não era só para os pelotenses que Pelotas se afigurava a 'Princesa dos campos do Sul' (...) chamava a atenção da Província e para a Província" (MAGALHÃES, 1993, p.106).

Entre estas mudanças a influência francesa foi considerável. A contribuição da cultura francesa no século XIX estava nas casas de moda, nos salões de beleza, nos

saraus, na música, nas artes, na escultura, na arquitetura, nas confeitarias, nos espaços públicos, na fotografia, nos serviços terceirizados, na filantropia, na igreja, na educação com a vinda de professores da França e ainda, na fundação da primeira loja maçônica de Pelotas.

Seria exagero dizer que a influência francesa deixou marcas na sociedade pelotense? Penso que não. Essa influência se deu, não só pela presença de franceses, mas principalmente pela cultura que era aceita como padrão de civilização durante o século XIX e início do século XX.

O urbanismo herdado dos *boulevards* franceses do século XIX parece estar estampado na avenida Bento Gonçalves com a mesma função de quando foi aberta e chamada de Passeio Público.

A influência também está nos parques, como o da Baronesa que ainda mantém, a direita de quem entra, o antigo traçado do jardim francês; os jardins de antigas construções da área central e as praças com os chafarizes franceses e resquícios do primitivo ajardinamento.

Os antigos professores e colégios franceses parecem estar presentes nas atuais escolas e faculdades que fazem de Pelotas uma cidade universitária capaz de atrair muitos estudantes da região sul.

E a tradição doceira, que hoje se reivindica com mais força para Pelotas, sem falar da produção, olhemos apenas para o consumo dos doces. As confeitarias de Pelotas estariam ligadas a contribuição francesa do bem conviver, da necessidade do uso de espaços públicos que há muito tempo fazem de Pelotas uma cidade de convívio e circulação social. A Pelotas do século XIX, dos saraus, dos espetáculos teatrais, ainda hoje está presente nas confeitarias, nos calçadões e em ruas como a Quinze de Novembro que por gerações tornou-se o ícone onde as pessoas transitavam para verem e serem vistas.

O imaginário da cidade está tão impregnado da cultura francesa que durante anos se acreditou que era francesa a origem da caixa de água existente na praça Piratinino de Almeida, junto ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Este reservatório artisticamente construído em ferro, é um dos poucos existentes no Brasil e está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A informação de que o reservatório fora comprado de Glasgow, na Escócia foi perdida e substituída por uma origem francesa aceita por todos[41]. Assim como a caixa de água outra construção carregada de valores francófonos é a torre em ferro, do relógio do Mercado Público, trazida da Alemanha, mas que por vezes é utilizada em comparação com a Torre Eiffel de Paris, logicamente guardadas as proporções[42].

Há alguns meses, um anúncio publicado no Diário Popular, jornal de Pelotas, proclamava que a cidade foi considerada a mais francesa das cidades brasileiras e que por isso foi escolhida para ser cenário para gravação de um anúncio televisivo. As razões da escolha de Pelotas para o comercial da empresa de veículos envolvem outras

[41] XAVIER, Janiana Silva. Chafarizes e Caixa d'Água de Pelotas: Elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). Pelotas: Monografia de Especialialização em Patrimônio Cultural, ILA/UFPel, 2006, p.120, 126.

[42] MAGALHÃES, 2002, p.292, 298. Apresenta a comparação entre as duas torres feito no romance "A vertigem", escrito por Jorge Salis Goulart em 1925.

questões, talvez financeiras, logísticas ou de custos, porém o jornal denuncia o imaginário ainda existente[43].

Mas aqui ilustramos com a influência francesa na fruticultura, por estar diretamente ligada a origem do principal legado da Colônia Francesa de Pelotas.

As compotas de Gastal

Quando esteve em Pelotas em 1820, o naturalista Saint-Hilaire também deixa alguns indícios sobre a fruticultura na região. Ao visitar o pomar da propriedade de Gonçalves Chaves, viu diversas árvores frutíferas (SAINT-HILAIRE, 1987, p.80). Embora as frutas fossem escassas e só para consumo familiar, Saint-Hilaire menciona a grande ocorrência de uma fruta: o pêssego. Na fronteira com a Argentina, chega a dizer que o padre local a oferece aos pobres ao invés de pão (SAINT-HILAIRE, 1987, p.262). Após um banquete em Rio Grande, comenta terem servido um "buffet" de doces, porém não fala de doces de frutas, apenas do consumo destas "in natura". A seguir transcreve informações colhidas com Gonçalves Chaves, sobre importações de laranjas, açúcar refinado e bruto, doces e chocolates, além de marmelada (SAINT-HILAIRE, 1987, p.58, 91). As frutas frescas eram escassas na época, pois após 60 anos, elas ainda eram importadas de Montevidéu[44].

Foi com a Colonização estrangeira que se pretendeu mudar esse panorama. O loteamento de terras para estrangeiros objetivou aumentar o número de produtos agrícolas no mercado, visto que toda a produção econômica pelotense estava voltada para as charqueadas. Os colonos estrangeiros começaram a produzir frutas e outros produtos agrícolas tornando mais fácil encontrar essa matéria-prima para fazer doces. A fruticultura se implanta em Pelotas.

Figura 12: Foto de Amadeu Gustavo Gastal. Acervo de Louise Marguerite Gastal Castro.

Em 1867 o dentista francês Amadeu Gustavo Gastal voltou à França e de lá trouxe máquinas, instrumentos, mudas de plantas, sementes e receitas para licores, vinhos, conservas e compotas de frutas e legumes. Seu plano era investir na fruticultura e sua industrialização. Por seus trabalhos como agrimensor, ele conhecia muito bem as terras da região e comprou terras no local chamado Passo

[43] Cf. Diário Popular, de Quarta-feira, 16/07/2008, p.5.
[44] Cf. registros de importação de caixas de frutas frescas vindas de Montevidéu feita para a família Antunes Maciel. Estes documentos foram gentilmente cedidos pelo colecionador Mogar Pagana Xavier.

do Pilão, em 1874. Ali organizou a "*Bruyères*", um estabelecimento que recebeu muita dedicação do proprietário. Neste local, no ano de 1878, fez a primeira compota de pêssego de Pelotas. Esse ato foi o embrião de uma especialidade pelotense[45].

No Ano de 1880 foi criada a Colônia Francesa de Santo Antônio, em local próximo as terras do Gastal. A maioria daqueles franceses vinha da região da "*Provence*", local com tradição em fruticultura. Ali a cidade francesa de Apt é conhecida há séculos por seus doces cristalizados, compotas e conservas de frutas em calda. Com esta experiência ancestral, o clima propício e o êxito das compotas de Gastal, os franceses plantaram pessegueiros e substituíram as conservas provençais de peras e maçãs por conservas de pêssego em calda.

Este grupo de imigrantes tem características diferentes dos primeiros franceses, há um predomínio de agricultores; há um aumento do número de mulheres e crianças, ou seja, agora chegam famílias; são originários de diferentes regiões da França, possuem diferentes culturas, costumes e falam diferentes dialetos regionais franceses. E também este grupo já vivia no Brasil antes de chegarem a Pelotas (habitava a colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano-RS). Essa segunda leva, chegada a partir de 1879, mesmo com aspectos mais rurais (o que difere da primeira leva de franceses em Pelotas), não ficou isolada, pois mantinham atividades mercantis com a cidade. Nesta Colônia, sob o processo privado de colonização, os franceses buscaram alcançar o objetivo que os fez partir da França: a posse da terra e a esperança de uma vida melhor.

Os colonos de Santo Antônio buscavam um produto para mercado, tentaram primeiro a alfafa, depois o vinho e por fim dedicaram-se a fruticultura e a fabricação do que chamamos de compotas. Os franceses chamam "*compote*" todo tipo de doce de frutas cozidas diretamente com calda de açúcar. Se a fruta é cozida antes e depois acrescida de banhos sucessivos de calda chamam de "confiture", a exceção do doce de frutas cítricas a que chamam de "marmelade". Se a "*compote*", "*confiture*" ou "*marmelade*" for cozida até tornar-se sólida chamam de "*pâte de fruits*" e torna-se o doce em pasta que conhecemos por pessegada, goiabada ou marmelada.

Já o que conhecemos por compota, eles chamam apenas de "*fruits au sirop*", ou seja, frutas em calda, por exemplo, "*pêche au sirop*", ou seja, pêssego em calda.

Já as frutas cristalizadas chamam de "*fruits confits*", ou seja, frutos confeitados, pois nem sempre são cristalizados. A cristalização das frutas confeitadas, embora também já conhecida na França, tornou-se mais freqüente entre os franceses daqui. Pois devido ao clima úmido de nossa região, os frutos com o tempo melavam e quando cristalizados se conservam melhor. Assim surgiram os cristalizados pelotenses.

Quando os franceses em Santo Antônio começaram a criar suas fábricas artesanais a partir de 1899, a dedicação ao vinho foi quase exclusiva. Os doces de frutas eram apenas para consumo da casa e feitos pelas mulheres. Os homens produziam o vinho nas fábricas. Só com a derrocada da vinicultura na década de 1930 é que aos poucos a fruticultura ganha cada vez mais força e se expande para as outras colônias de Pelotas. A partir da década de 1950 os agricultores fecham suas fábricas e passam a ser apenas fornecedores de matéria-prima para as agroindústrias do Distrito Industrial.

[45] Os dados para a história das primeiras compotas foram conseguidos com a neta Louise Marguerite Gastal, a partir de um trabalho escrito por seu pai o dentista Paulo Edmond Gastal em 1965, depois revisto em 1974. Este texto foi parcialmente publicado por Walter Spalding no v. 1 de "Construtores do Rio Grande", p. 37 e seguintes.

Ao Amadeu Gastal e aos outros franceses agradecemos esta deliciosa contribuição econômica e cultural para o município.

Aqui queremos dizer que embora a região sul do estado do Rio Grande do Sul não seja reconhecida como zona de imigração e colonização, tal como é conhecida a região da serra gaúcha, pode-se perceber que estes processos foram tão importantes quanto. A imigração e a colonização moldaram o perfil da região sul, modificando o perfil social, econômico e, sobretudo, cultural e étnico da antiga região das charqueadas que de terra do charque existente no século XIX deu lugar à terra da fruticultura e do doce no século XX.

A imigração introduziu uma riqueza não apenas econômica com as plantações e fábricas de conservas, mas também introdutora de novos valores culturais. Os imigrantes ao deixarem a Europa se moveram pelo espaço geográfico e transladaram um sistema composto de ações práticas, de representações culturais, idioma e costumes. E na convivência neste novo espaço, criaram uma comunidade que, ao integrá-los, privilegiou a coexistência e o mútuo entendimento de diferentes etnias.

Se antes a modernidade atraiu muitos estrangeiros para Pelotas, hoje é o passado que se torna o atrativo da região. O patrimônio cultural e étnico tem muitas potencialidades que começam a ser percebidas, sobretudo na zona rural, ou no caso de Pelotas se deveria dizer: “zona colonial”.

2.5. A Colônia Francesa de Santo Antônio

Depois de revisitarmos a bibliografia sobre a presença francesa no espaço macro, é hora de olharmos o espaço micro. Aqui apresentamos a Colônia Francesa de Santo Antônio, no Distrito do Quilombo, interior do município de Pelotas-RS.

Após um breve histórico da Colônia Francesa[46] o texto leva a um passeio pelas duas picadas abertas pelos franceses na mata. Nosso objetivo aqui é aproximar o leitor do grupo étnico francês, sua cultura e história. Queremos familiarizá-lo com o grupo antes de chegarmos ao capítulo 3.

O município de Pelotas tem a única colônia agrícola com franceses no Rio Grande do Sul. A colônia de Santo Antônio é um exemplo desta colonização e imigração no Estado. Como vimos antes, a presença francesa se diluiu nos outros núcleos gaúchos.

João Antônio Pinheiro

Figura 13: Foto de João Antônio Pinheiro, fundador da Colônia Francesa de Santo Antônio. Fonte: Acervo de Lino Emílio Ribes.

A colonização francesa em Pelotas começou com o comerciante João Antônio Pinheiro (1837-1924). Capitalista, ele negociou com os franceses as terras que possuía na Serra dos Tapes e organizou o núcleo agrícola chamado pelos franceses de Santo Antônio, em homenagem ao santo protetor do organizador. Pinheiro havia comprado de Luís de Azevedo e Sousa, terras que faziam parte de antigas doações feitas a Francisco Gouveia da Silva em 1818. O objetivo de Pinheiro era obter lucro com a comercialização das terras que perfaziam inicialmente 2.500 hectares.

Antônio adiantou dinheiro aos colonos, lhes proporcionando ajuda para os primeiros tempos. Em Santo Antônio existiu uma escola, hoje desativada pela Prefeitura, com o nome da primeira esposa do fundador, chama-se Escola Joaquina Soares Pinheiro e foi construída depois da Festa do Cinqüentenário, em 1930, graças à união dos colonos, que doaram o terreno para isto. Em 1897, um ano depois da morte da

[46] Os dados históricos são obtidos da obra: BETEMPS, Leandro Ramos. *Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa* – Um estudo sobre os 120 anos da tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas – RS. Pelotas: Educat, 2003.

primeira esposa, consta do inventário[47] muitas casas e terrenos em Pelotas e Piratini, além da casa de moradia na Rua Marechal Deodoro e do Armazém contíguo a casa. Na Colônia Santo Antônio ainda era proprietário de uma casa e terreno com fundos para o arroio Andrade, no valor de um conto de réis. No inventário não consta nenhuma dívida colonial, o que indica que os franceses já tinham quitado o valor da compra dos lotes. A única menção existente é uma hipoteca em nome de Oscar Wahast, no valor de cinco contos ainda por vencer.

Figura 14: Foto dos festejos de inauguração da Escola Joaquina Soares Pinheiro, 1930. Acervo: Lino Emílio Ribes.

A fundação da Colônia (20/09/1880)

Os colonos franceses que viviam em São Feliciano passavam por muitas dificuldades e por não verem nenhuma perspectiva de mudança imediata buscaram se mudar para outras terras (GRANDO, 1990, p.67). Assim, em fins de 1879 chegaram a Pelotas, pois sabiam existir ali um solo de boa qualidade e um bom mercado consumidor para seus produtos (GRANDO, 1990, p.78).

A Colônia foi fundada em 25/09/1880 quando pela primeira vez foram desmatadas as terras para se fazerem lavouras. Os primeiros a chegarem foram o Gustave Ribes, Jean Martim, Marius Martim, Jean Capdeboscq, Oscar Wahast e Domenico Pastorello que a cavalo chegaram em 08/09/1880, vindos da Colônia de São Feliciano, hoje município de Dom Feliciano[48]. Os franceses logo começam a organizar

[47] Inventário de Joaquina Soares Pinheiro, inventariante João Antônio Pinheiro e filho. Ano 1897, n°172, maço 5, estante 140, caixa 106. Arquivo Público do RGS.
[48] Este depoimento escrito por Augusto Pastorello em 1929, foi cedido por Lino Emílio Ribes para ser utilizado neste trabalho sobre a Colônia Francesa de Pelotas.

suas lavouras, vinhedos e pomares. Como foram os primeiros moradores, a colônia ficou conhecida por Colônia Francesa.

Nos dois primeiros anos foi chegando a maioria das 50 famílias de franceses que vieram para Santo Antônio. Além das famílias de São Feliciano, outras famílias que já viviam em Pelotas foram mudando-se para lá e uma segunda picada foi aberta em paralelo a primeira. O Coronel Pinheiro satisfeito com o desenvolvimento que os colonos davam às suas terras fez compra de outros terrenos por volta de 1886 e vendeu os novos lotes para outras famílias interessadas, entre elas estavam alemães, italianos, espanhóis, belgas, suíços e brasileiros.

A Colônia Francesa

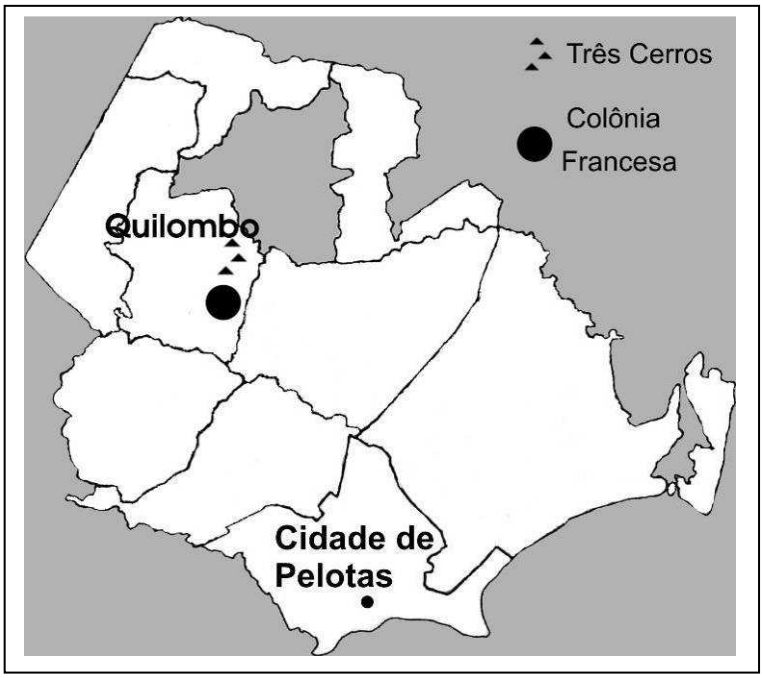


Figura 15: Mapa do município de Pelotas com a localização da cidade de Pelotas, do distrito do Quilombo, da Colônia Francesa e dos Três Cerros. Elaborado pelo autor.

A antiga Colônia Francesa de Santo Antônio está localizada entre os Três Cerros ao norte, seguindo para o sul a confluência dos arroios Quilombo e Andrade, até estes desaguarem no arroio Pelotas. Estas terras ficam no atual Distrito do Quilombo, o sétimo do município de Pelotas (ULLRICH, 1984, p.57-74).

Os 42 lotes iniciais de Santo Antônio tinham uma extensão de 36 a 40 hectares cada, e Pinheiro vendeu os por 800$000 réis, a serem pagos em ótimos prazos. No ano de 1886 já custavam por volta de 1.200$000 réis (GRANDO, 1990, p.74). Ullrich em 1898 informa que os preços variavam entre 5.000$000 e 15.000$000 réis. Os lotes eram desiguais, mas todos tinham acesso à água de cacimbas, poços ou arroios e as terras eram de boa qualidade e cultiváveis (GRANDO, 1990, p.81).

A Colônia foi dividida em duas linhas coloniais com base nas duas picadas abertas na mata: a do Andrade e a Francesa. Em 1897 a picada do Andrade continha 19 lares com 100 moradores aproximadamente. Lá moravam as famílias: Charnaud, Magallon, Conte, Ney, Gerard, Tourin, Colomby, Bichet, Lahut, Beauvalet, Betemps, Bertholon, Raffi, Laurent.

Ao norte desta picada estava localizada a fábrica de papel de dois italianos que iniciaram sua construção em 1890. O proprietário era Bartolomeu Bonnora e tinha uma

sociedade com Otávio Piccardo que era o técnico conhecedor das engrenagens[49]. Embora hoje em ruínas, a fábrica ainda mostra uma imponência na construção e denuncia a excelência na escolha do lugar junto ao arroio. A fábrica era movida pelo arroio Andrade e produziu papel, mas não foi duradoura. O desentendimento entre os donos levou a saída de Piccardo e a lenta falência da empresa. Em 1898 ela ainda produzia papel embrulho para a Tecelagem Rheingantz de Rio Grande[50].

Figura 16: Foto das ruínas da Fábrica de Papel. Fonte: Foto do autor, 2008.

A picada Francesa que foi a primeira a ser ocupada, contava com 22 lares e cerca de 150 moradores. Nesta picada moravam: Carret, Wahast, Martim, Escallier, Crochemore, Ribes, Gaumme, Capdeboscq, Arbes, Palavet, Pastorello, Fouchy, Jouglard, Jacquot, Longchamp.

Em 1898, Carl Otto Ullrich[51] escreveu um texto para ser divulgado na Alemanha com o objetivo de incentivar a vinda de novos imigrantes. Conforme este texto, a Colônia Santo Antônio possui 68 lotes com media de 36 e 38 hectares no valor de até 15 contos de réis, enquanto que a maior parte dos lotes nas outras colônias era valorizada em três vezes menos[52]. E já não havia mais terras para vender em Santo Antônio, todos os lotes estavam ocupados.

Nesta época existia na Colônia Santo Antônio um cemitério para os franceses, uma escola pública para meninos, uma fábrica de celulose movida à água, o moinho de Luiz Ribes[53], uma fábrica de tamancos e estabelecimentos comerciais.

[49] Bonnora e Piccardo faleceram, respectivamente, em 1907 e 1902, cf. pesquisa genealógica realizada no Arquivo da Diocesa Católica de Pelotas.

[50] Cf. ULRICH, publicado na História em Revista n° 5, do ICH/UFPel disponível em 16/12/2008 no site http://ich.ufpel.edu.br/ndh/pdf/Instrumento_de_Trabalho_Volume_05.pdf

[51] O alemão Carl Otto Ullrich casou na Colônia Santo Antonio em 1896 e ali viveu até sua morte em 1927.

[52] Cf. ULRICH, publicado na História em Revista n° 5, do ICH/UFPel disponível em 16/12/2008 no site http://ich.ufpel.edu.br/ndh/pdf/Instrumento_de_Trabalho_Volume_05.pdf

[53] Em 1921 o moinho, movido à água do arroio Andrade na divisa com a colônia Ramos, produziu 250.000kg de farinha de milho conforme Relatório Municipal de 1921. Esta propriedade tem o único sobrado construído pelos franceses.

Figura 17: Antigo portão para o Cemitério dos Franceses. Fonte: foto do autor, 1999.

As estradas eram boas e a produção estava voltada para o comércio e consistia em alfafa - vendida na zona urbana para alimentar os cavalos que puxavam charretes - , vinho, suínos vivos e piretro, usado como repelente de insetos. A fruticultura era apenas para autoconsumo, não era um produto comercial. Os homens fabricavam vinho para o mercado enquanto que as mulheres faziam compotas de frutas para o consumo da família.

Com os acréscimos de 1886, a colônia dividiu-se em 3 seções: 2 para franceses e 1 para alemães. Mas com o tempo esta divisão desapareceu e colonos de outras etnias foram mudando para o local.

As famílias da Colônia de Santo Antônio

Nos primeiros anos, as 50 famílias francesas conviveram naquele espaço: Arbes, Argout, Beauvalet, Bertholon, Bichet, Capdeboscq, Carret, Charnaud, Charrois, Chollet, Choreux, Claverie, Colomby, Conte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Frechou, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquôt, Jouglard, Lahude, Laurant, Leroy, Lesauvage, L'homme, Lonchamp, Luvier, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Tourin, Vacher, Vannuer, Wahast.

Depois chegaram alemães: Hannemann, Konrad, Mielke, Reinhardt, Mohnsan, Milach, Schiller, Schubert, Klug, Berg, Felbilac, Ulrich, Ehlert, Ketz, Erbitch, Gueiritch, Tessmann, Bernt e Lange. E uma família de moradores das Ilhas Canárias: os Postigos.

Também havia algumas famílias italianas: Duranda, Ferrari, Peverada, Cazari, Romano, Bachini, Larroque, Rosso e Betemps, Fuzeri, Pastorello. Algumas destas famílias italianas eram do Vale de Aosta ou do Piemonte, áreas de influência cultural francesa. Uma família belga: Lardot, de fala francesa. Entre os suíços havia os Zurschmitten, que vieram com os Ribes.

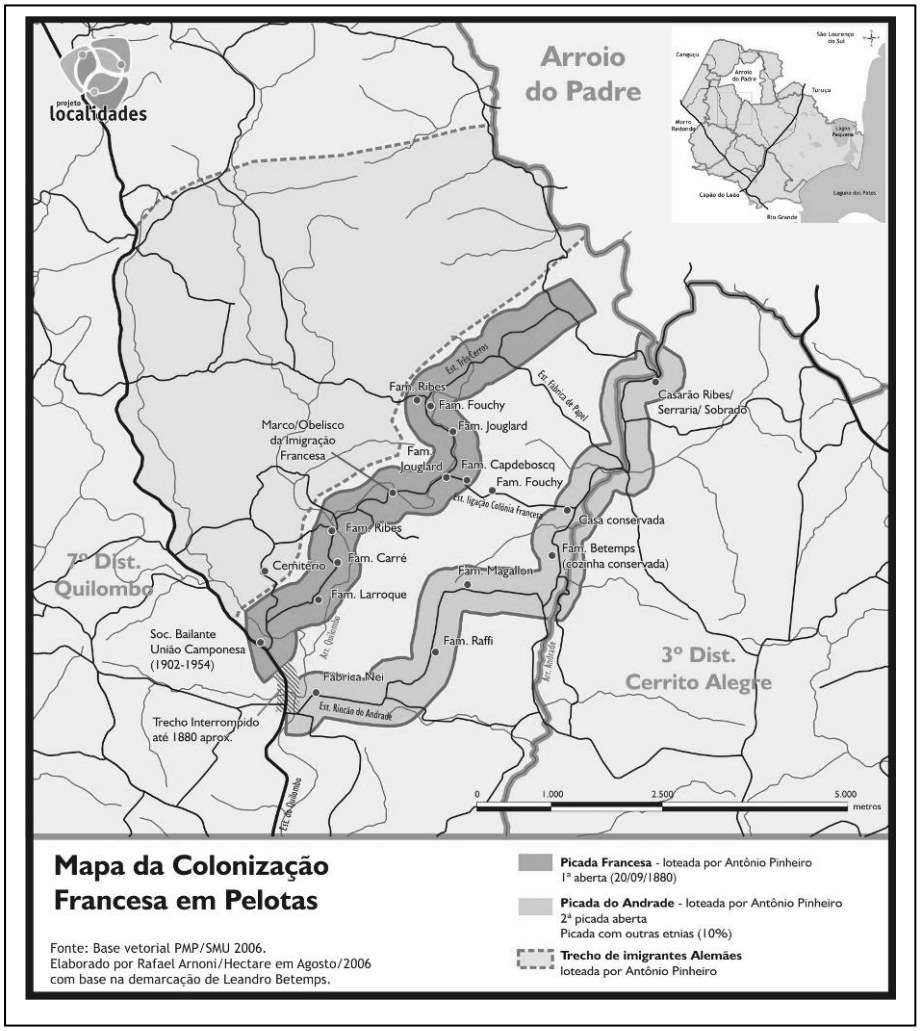


Figura 18: Mapa da colonização francesa em Pelotas. Fonte: Projeto Localidades/ Ong Hectare, 2006.

As moradas na Colônia

As construções na Colônia Santo Antônio eram inicialmente muito rústicas, numa clareira cercada de estacas para impedir que animais selvagens viessem destruir a roça. Eram ranchos de ripa de coqueiro, cobertos por palha santa-fé ou folhas de coqueiro. Cozinhavam numa panela suspensa aquecida em fogo de chão. As condições eram as mais precárias. Tinham poucas roupas, calçados e até a alimentação era a mais básica. E os testemunhos falam até em palmito de coqueiro cozido[54].

[54] Entrevistas com Ernestina Capdeboscq Jouglard (em 04/04/2000), Irma Betemps Tessmann (em 03/04/2000), Breno Jouglard (em 05/05/2000) e Lino Emílio Ribes (21/10/1997), no acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.

Figura 19: Antiga construção dos irmãos Bertholon. Fonte: Foto do autor, 1999.

No ano de 1887 tem início o Cemitério dos Franceses em terras de Pierre Escallier. O primeiro óbito foi o de Jean Jacques Jouglard, cujo corpo foi impedido de ser sepultado no cemitério antigo devido a uma cheia no arroio Quilombo. Desta forma pediram ao Escallier, uma permissão de ali criar outro cemitério. Este cemitério é utilizado pela comunidade até hoje.

As escolas

A educação tem sido uma preocupação dos imigrantes desde o início da Colônia. Ao contrário dos alemães, os franceses não tiveram a preocupação de manter o idioma, queriam que os filhos tivessem uma melhor integração com a população local. Queriam que os filhos fossem brasileiros, sobretudo a partir da campanha de nacionalização na década de 1930. Até a segunda geração todos falavam ou compreendiam a língua francesa, mas os netos só aprenderam algumas palavras ou apenas compreendiam o que os mais velhos diziam sem se preocuparem em utilizar o idioma familiar[55].

Foram criadas escolas particulares na colônia, e em 1930 a escola Joaquina Soares Pinheiro. Estas escolas foram desativadas com a criação da Escola Nestor Eliseu Crochemore, na Vila Nova, na década de 1980.

A igreja

Embora a maioria dos colonos franceses fosse católica, parece que não havia a mesma preocupação com a religião que havia entre os italianos, por exemplo. Ou os vizinhos alemães que constroem a Igreja Evangélica em 1898, junto da qual ficou a escola.

[55] Entrevista com Edite Beatriz Fouchy Jouglard (em 05/02/2000) e Nair Fouchy Machado (em 05/02/2000), no acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.

Se para os italianos a fé era mais importante que a razão, a secularização da religião na França parece ter influência nos franceses que vieram para Pelotas. A escola era mais importante que a igreja.

A dificuldade de encontrar um sacerdote fazia com que batizados e casamentos tivessem que aguardar para acontecerem. As pessoas se uniam, constituíam família e tinham os filhos, quando aparecia uma oportunidade realizavam os ofícios religiosos. Não raro foram encontrados registros de batismo ou casamento de vários irmãos na mesma data. Como exemplo pode-se citar o batizado de quatro filhos de Francisco Bichet e Augusta Colomby na Catedral de Pelotas em abril de 1885, nas idades entre 1 e 6 anos; ou o casamento de três irmãos da família Martim: Marius Martim e Rosa Chollet, Rosa Martim e Julio Chollet, e Leon Martim e Rosete Carret, todos registrados na Catedral de Pelotas em outubro de 1893. Dependia de uma ida à cidade, coisa rara naqueles tempos ou de que algum sacerdote de Canguçu ou Boa Vista passasse na região realizasse os ofícios, geralmente nas vendas de Cesário Vighi, no Cerrito Alegre, nos Bachini ou no Carlos Heidrich na colônia Francesa[56].

Foi por iniciativa de Daniel Capdeboscq que a intenção de construir uma capela começou por volta de 1940. Mas com sua morte em 1947, ninguém se prontificou a construir a Capela. Foi Nestor Crochemore quem resolve propor que a Capela seja construída na colônia Manuel Dias, vizinha a de Santo Antônio, a fim de criar o povoado de Vila Nova. Naquela localidade já havia um agrupamento maior de casas. A Capela deveria se chamar São Pedro, por invocação ao Santo protetor de Pedro Escallier Filho, antigo proprietário do terreno onde foi construída a capela e também padrinho de Afonso Crochemore que foi quem herdou o terreno[57]. Assim teve início a Igreja de São Pedro da Vila Nova. Em 13/05/1956 o reverendo Jacó Lorenzetti rezou a primeira Missa no local[58].

A economia

Marinês Grando caracteriza a colônia francesa como o lugar onde surgiu o pequeno capitalismo industrial em Pelotas. Assim ela diferencia os franceses dos alemães e italianos que ali viviam (GRANDO, 1990, p.107). A solidariedade garantiu que os franceses pudessem se organizar e se desenvolver economicamente. Eles desenvolveram a horticultura, a pomicultura e a criação de animais fornecendo produtos agrícolas ao mercado consumidor da cidade. Os franceses dentro deste processo tiveram posição pioneira e de destaque ao buscarem culturas para o mercado, aproveitaram o clima favorável à produção de frutas e a presença de um mercado sofisticado que vinha da sociedade abastada do charque.

[56] Entrevistas com Lino Emílio Ribes em 21/10/1997, 26/03/1999, 10/04/1999 e 06/02/2000, do acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.
[57] Entrevistas com Lino Emílio Ribes em 21/10/1997, 26/03/1999, 10/04/1999 e 06/02/2000, do acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.
[58] Entrevistas com Lino Emílio Ribes em 21/10/1997, 26/03/1999, 10/04/1999 e 06/02/2000, do acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.

Figura 20: Foto de parreiral da família Charnaud. Fonte: foto do autor, 2008.

Na primeira década após a fundação da colônia, os colonos ainda passaram algumas dificuldades, comiam o que achavam no mato, desde palmito dos coqueiros até frutas silvestres. Enquanto esperavam as primeiras colheitas de batata inglesa, milho e feijão para o próprio consumo, coletavam e comercializavam na cidade lenha e cascas de algumas árvores que eram usadas no tingimento de couro nos curtumes. Mas em seguida passaram a procurar um produto para o comércio, algo rentável e que não fosse apenas para subsistência. Esse foi o pioneirismo da colônia francesa, porque as outras colônias só plantavam produtos para o autoconsumo. Assim tentaram o fumo, o piretro e em menor quantidade a cana de açúcar, para depois se dedicarem ao cultivo da alfafa e da uva. Já na década de 1890 a alfafa tornava-se o primeiro produto a ser explorado comercialmente em toda a colônia. E a pecuária, sempre foi em menor escala do que as lavouras.

Figura 21: Foto de pessegueiros. Fonte: foto do autor, 2007.

Em 1900, o agrônomo francês Guillaume Theodore Minssen acompanha alunos do Liceu de Agronomia numa visita técnica na Colônia Francesa de Santo Antônio em

Pelotas. Esta visita descreve essa economia inicial e um relatório foi publicado na Revista Agrícola do Rio Grande do Sul. Entre as principais produções da colônia apresenta a alfafa, o vinho e o piretro. Fala também de muitos pomares[59].

A produção de alfafa garantiu que algumas famílias investissem em pomares de laranja, marmelo, pêras, maçãs, pêssego e uva, o que levou ao aparecimento de pequenas fábricas rurais[60], origem da agroindústria de Pelotas. A primeira foi fundada em 1900 e era de propriedade da família Pastorello. Existiram outras fábricas como a dos Capdeboscq, dos Martin, dos Ney e a dos Crochemore já em época mais recente.

A uva já era cultivada por alguns desde a fundação de Santo Antônio e em 1898, cada família tinha seu vinhedo para autoconsumo. O vinho era considerado bom por técnicos da Escola de Agronomia Eliseu Maciel que faziam visitas aos franceses (GRANDO, 1990, p.83-84). Entre 1913 e 1914, Alberto Coelho da Cunha esteve no interior do município de Pelotas entrevistando alguns colonos. Na colônia de Santo Antônio, encontrou cultivadores franceses de parreiras e de alfafa.

Na década de 20, houve um aumento da área utilizada na produção de batata e milho e, sobretudo, nos anos 30, houve uma expansão na produção de vinho e no cultivo de pêssego, os quais passam a ser a base econômica da colônia que chegou a ser conhecida como o centro produtor de vinho da região.

Figura 22: Flor do pessegueiro. Fonte: foto do autor, 1999.

Na década de 40 e 50, houve um grande comércio de frutas, legumes e hortaliças, porém a alfafa e a uva ainda tinham força econômica. No fim dos anos 50 a fabricação de vinho diminui. As fábricas artesanais passaram a vender o produto para

[59] Cf. registro da visita que ocorreu entre os dias 21 e 24 de março, feito em artigo da Revista Agrícola do Rio Grande do Sul. Ano III, 31/03/1900. p.151 a 154. Cópia cedida gentilmente por Darcy Trilho Otero em 2008.

[60] Estas fábricas artesanais tinham como principal objetivo conservar legumes e frutas.

empresas da cidade que rotulavam e colocavam no mercado. A pressão da fiscalização de órgãos oficiais, pedindo sua inserção nos padrões sanitários exigidos pelas Secretarias da Saúde e Agricultura, foi decisiva na decadência e falência das fábricas que não conseguiram acompanhar este processo. A partir da década de 60, a atividade vinícola não resiste à concorrência do vinho italiano vindo da serra gaúcha. Então, os pessegueiros passam a substituir as parreiras: é a última grande tentativa dos franceses para manterem-se no mercado. Nesta época os grandes produtores já tinham falecido, suas plantações e propriedades tinham sofrido divisões entre os herdeiros que não tiveram a mesma capacidade em levar adiante os negócios da família. A venda de propriedades e o forte êxodo rural agravaram o empobrecimento da colônia (SALAMONI, 1992, p.52).

A cultura do pêssego dominou as produções e se espalhou pelas outras colônias, o que não tinha acontecido com o cultivo da uva que ficou apenas na colônia Santo Antônio. Pelotas, a ‘Capital Nacional do Doce’, com certeza deve aos franceses um pouco dessa história. Se o doce caseiro veio pela imigração portuguesa, deve-se aos franceses a fabricação artesanal das compotas. A região constituiu-se na maior produtora de pêssego do Brasil e chegou a representar um grande complexo agroindustrial de doces e conservas vegetais do país (SALAMONI, 1992, p.42; 410).

Na década de 70, as fábricas rurais fecham, cedendo seu lugar para as agroindústrias de Pelotas que começaram a surgir ainda na década de 60. Os colonos passam a fornecer matéria-prima para as indústrias. A indústria se comprometia a orientar o plantio, financiar insumos e equipamentos, ficando com toda a safra. Assim há uma diversificação maior com o cultivo de tomate, aspargo, ervilha e morango sempre visando ao Parque Industrial que surgiu na época do “milagre econômico” entre 1967-1973 (SALAMONI, 1992, p.66-67).

O lazer e as práticas associativas

Figura 23: Foto dos sócios da União Camponesa. Fonte: Acervo do autor.

Os franceses tiveram uma boa integração com a sociedade brasileira. Seja pela cultura francesa ser bem aceita na cidade, seja porque tinham o interesse de estarem ligados com a cidade, para vender seus produtos ou para consumir das civilidades existentes na zona urbana.

Isto levou à formação da "Sociedade Bailante da União Camponeza", fundada por 11 imigrantes franceses com o apoio de 4 italianos, 7 alemães e também 6 brasileiros, todos moradores nas imediações da Colônia Francesa. Eles não criaram uma associação típica, como as que surgiam entre os alemães e italianos em Pelotas.

O francês Jules Albert Longchamp motivou a um grupo de chefes de família da Colônia Santo Antônio a criar em 1902 a Sociedade Bailante, cujo regulamento foi aprovado em 27/04/1902. Jules foi o primeiro presidente até 1915. Quando assume Daniel Capdeboscq ficando no cargo até 1944.

Figura 24: Foto de Daniel Capdeboscq. Fonte: Acervo de Erna Mielke Grupeli.

A alimentação

A culinária é um traço característico da cultura francesa. Porém a elaboração e o requinte dos pratos típicos não encontraram terreno fértil entre os franceses da colônia Santo Antônio. As famílias apenas conservam alguns hábitos que puderam ser adaptados à nova realidade, por exemplo, de comerem muita verdura e pão nas refeições, regadas ao vinho ou a *piquette*[61]. A *soupe* também é um prato fundamental à mesa das famílias[62].

[61] A *piquette* ou piqueta é uma bebida alcólica que as famílias produziam a partir da borra retirada durante a trasfega do vinho. É de qualidade medíocre e bastante picante ou ácido. Cf. REY, Alain. Le Robert Micro: Dictionnaire de la langue française, Paris: Dicorobert, 1998, p.992.

[62] Entrevista com Rosali Crochemore Paap em 09/02/2000, do acervo pessoal de Leandro Ramos Betemps.

Reproduzo aqui um depoimento escrito por Augusto Pastorello contanto sobre um episódio ocorrido no início da colônia[63]. No primeiro parágrafo ele escreveu sobre a vinda das famílias e a construção da casa:

> *Em 1880 nos mudamos da Colônia de S.Feliciano para a recém loteada Colônia de Santo Antônio, neste município de Pelotas; éramos 5 ou 6 famílias de franceses e italianos, no nosso lote como nos de outros, só havia uma clareira derrubada na floresta virgem, com uma casinha de pau a pique, a nossa ainda não rebocada de taipa; para chegar ahí, só picadas abertas a facão.*

No segundo parágrafo, Pastorello fala como as famílias se uniam para fazer o trabalho de abrir a estrada, em benefício de todos:

> *Combinaram estes pioneiros, abrir uma estrada carroçavel até ao arroio Quilombo, junto à estrada real; meu pae e todos os outros homens capazes, estavam activos nesse trabalho, derrubando árvores e arrancando tocos, quando os cães – que os acompanharam deram signal de caça, acudiram, e não foi difícil, armados de foices e facões, matarem 3 dos 4 ou 5 bichos que enfrentavam os cães abrigados em uma pequena furna; pouco depois chegávamos, minha mãe e outras senhoras trazendo o café, e todos discutiram que caça era aquela de pelagem escura, para uns era Cuati, para outros Garaxais, por fim repartiram, tocando um bicho para cada duas famílias.*

A seguir termina por falar da confirmação do alimento exótico:

> *Na volta, tendo um dos bichos às costas, as senhoras faziam planos como tirar-lhe a pelle ou aferventá-los como aos porcos; minha mãe resolveu tirar-lhe a pelle; e ao jantar comemos uma parte da carne com batatas, tendo meu pae dito que era tão bom como carneiro.*
>
> *Mezes depois, recebemos a visita de um brasileiro morador no rincão, a quem mamãe mostrou a pelle, este a reconheceu como de mão-pelada, e disse, é como comer carne de cachorro.*

A carne suína é a base protéica, faziam muitos embutidos, patês e utilizavam banha e bacon. Alguns faziam a *caillette*[64], mistura de patê de miúdos e couve enrolada em tecido intestinal e assada.

Também faziam o *goinfre*[65], uma espécie de cozido de farinha de milho, anteriormente torrada e frita com bacon.

---

[63] Depoimento escrito por Augusto Pastorello, quando morador na Rua Marechal Deodoro, n° 922 em Pelotas. É uma cópia datilografada, uma conservada na Biblioteca Pública Pelotense e outra com a família Ribes, talvez tenha sido datilografada por Lino Emílio Ribes.

[64] Caillette é um compartimento do aparelho digestivo dos ruminantes, esse tecido é aberto e usado para enrolar o patê antes de assar. Cf. REY, Alain. Le Robert Micro: Dictionnaire de la langue française, Paris: Dicorobert, 1998, p.170.

[65] *Goinfre*, pronunciado /góf/, tem várias formas de ser preparado, mas quase sempre com bacon. Chama-se *Goinfre* ao alimento ou aquele que o come. É uma forma de comer em excesso ou com voracidade como um glutão. *Goinfrer* é comer como um *goinfre* e *goinfrerie* é a maneira de comer de um *goinfre*. Cf. REY, Alain. Le Robert Micro: Dictionnaire de la langue française, Paris: Dicorobert, 1998, p.615.

Figura 25: Foto da preparação do *goinfre*. Fonte: foto do autor, 2007.

A sobremesa também não era muito requintada. Arroz com leite, sopa de leite, pudim de leite e cremes acompanhavam as frutas *in natura* ou em compota. Os doces de frutas mais comuns eram os de pêssego, figo, goiaba, batata, marmelo e laranja. A prática de conservas de frutas sempre esteve presente na alimentação dos franceses. Todos tinham pomares e aí surgiram as compotas, doces de pasta, passas e cristalizados. Desde o início, parte do excedente da produção era beneficiado, como uma forma de terem o produto para o consumo durante a entressafra.

Na França, o consumo de conservas de frutas é bastante comum, assim como em diversos países europeus. Porém as compotas e frutos cristalizados no sul da França são bem reconhecidos. A cidade de *Apt*, no departamento de *Vaucluse*, na região da Provença, é tida como a capital dos doces cristalizados. Essa tradição vem da Idade Média quando consumir frutos cristalizados era privilégio dos nobres. Lá os cristalizados eram apenas glaceados, mas em Pelotas pelo calor e umidade a técnica preferida foi a de revestir o fruto com açúcar cristalizado. Nos *Hautes Alpes*, as compotas são feitas de maçã e pêras, em Pelotas o pêssego se prestou melhor. O conhecimento dos colonos deu ao município o incentivo do consumo de frutas, mas também ao apresentar novas formas de consumí-las. A contribuição francesa e a contribuição dos pomeranos com as geléias, originaram uma tradição cultural de doceiros rurais de Pelotas. Estes, junto com os doces de origem portuguesa a base de ovos, levaram a região ser conhecida como grande produtora de frutas e doces.

A interação social

A população em Santo Antônio que inicialmente tinha as mesmas condições sociais, logo passou por um processo de diferenciação interna, com o surgimento de uma pequena burguesia já na segunda geração dos fundadores. Essa diferenciação se deu graças ao acúmulo de riqueza adquirida com a exploração comercial do vinho. Isso fez com que alguns agricultores mercantilizados se tornassem uma minoria abastada, detentores das vinícolas. Porém este acúmulo não foi utilizado na apropriação de tecnologia, mas tão somente de novas terras. Assim não puderam acompanhar as exigências sanitárias nas décadas seguintes. A compra de novas terras implicava em

mais gente para trabalhá-las. Os franceses reproduziram na colônia, o tipo de capitalismo agrário que conheciam na França, onde muitos trabalhavam sob o sistema de parcerias.

O forte apego familiar também foi uma característica entre os colonos. As gerações continuaram morando em frações do lote original. Mas as famílias eram numerosas e os lotes não muito grandes, cedo o crescimento populacional e o fracionamento das terras provocaram um êxodo rural, aumentando o proletariado urbano.

A partir da década de 60 o perfil do agricultor foi modificado e modernizado. O colono começa a ter o mesmo nível de escolaridade da população urbana, torna-se um consumidor de bens industriais[66] como o rádio, a televisão, a geladeira, o automóvel, o telefone, além de adquirir idéias, hábitos e valores mais urbanizados (SALAMONI, 1992, p.420-422). Essas mudanças não significam enriquecimento da colônia, mas ao contrário sua dependência da cidade.

Nessas condições, a trajetória histórica da colônia francesa imprimiu traços culturais que providenciaram a continuidade cultural do grupo étnico ou a ruptura e reordenação de sua identidade étnica. Pela interação social, o grupo da Colônia francesa compartilha um sentimento de origem e a história comum que o diferencia de outros grupos. Estes traços são subjetivamente apropriados pelos indivíduos, que coletivamente se autodefinem. A colônia francesa ainda hoje forma um grupo étnico que usa simbolicamente aspectos de sua cultura para manter-se diferente de seus vizinhos. Mesmo morando no mesmo contexto social de famílias de outras origens, os franceses percebem-se unidos por laços que os diferenciam.

Os traços culturais e o legado dos franceses

Os franceses legaram para Pelotas as primeiras indústrias alimentícias que trouxeram a fama de Capital do Doce. O turismo ainda incipiente poderá auxiliar na divulgação da história das famílias francesas e desta parte da história de Pelotas. O vinho, os doces e as conservas artesanais, o obelisco e as ruínas da fábrica de papel são bens culturais que fazem parte do patrimônio cultural de todo pelotense, seja ele descendente de francês ou não.

Agora que o leitor já conhece mais da história dos franceses de Pelotas, propomos conhecermos alguns descendentes de famílias de origem francesa. Através de entrevistas com estas pessoas, tentaremos conhecer os suportes de memória utilizados por elas e perceber os valores culturais e tradicionais da colonização francesa. Ao mesmo tempo em que divulgamos o potencial turístico da zona rural de Pelotas, seja por suas belezas naturais como por suas referências histórico-culturais, também conhecemos parte do passado do município de Pelotas e como se fortalecem os laços étnicos do grupo descendente das famílias francesas.

[66] A energia elétrica, segundo anotações de Lino Ribes, somente alcançou a Vila Nova e o Bachini em 1970 e aos poucos foi sendo ramificada pela colônia.

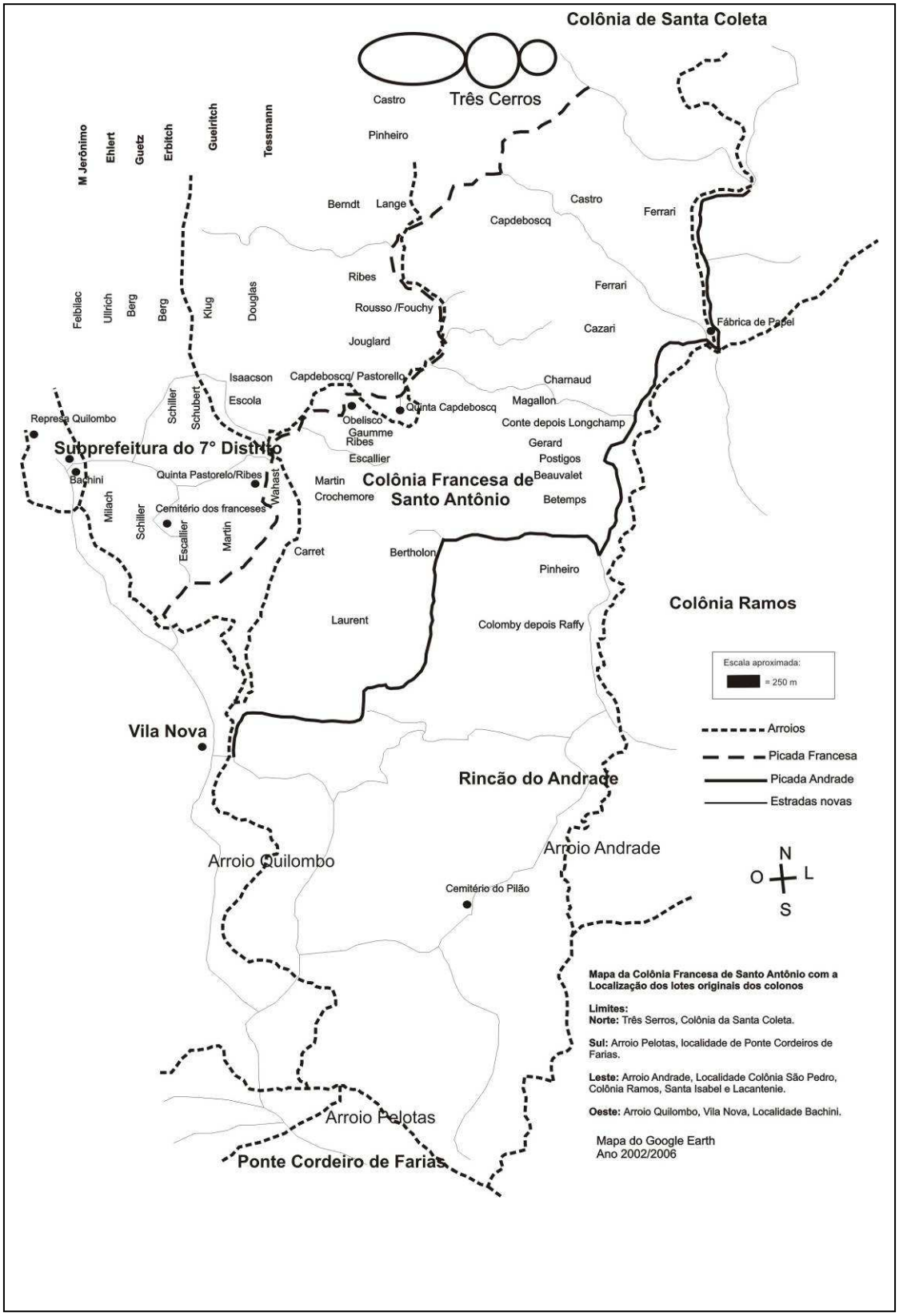


Figura 26: Mapa da Colônia Francesa com localização de estradas, arroios elotes originais das famílias. Fonte: Preparado pelo autor com base no Google Earth, 2006.

CAPÍTULO III

... Os descendentes lembram...

"Nem tudo assim se esvai, meu caro Alfredo,
Qual de block no rude calendário:
A folhinha é da vida o relicário
E dela guardo o códice em segredo.

Se dia a dia se desfolha a medo
Uma página do velho breviário,
Se a folha rola ao pó do imaginário,
Causando apreensões naquele enredo;

Repara que não [finda] totalmente,
Porque o talão resiste à transitória,
D'última folha que caiu tremente!

Tudo tem neste mundo a sua história,
Pois que gasto o anuário do vivente,
Inda resta o talão resta a memória!"
Lobo da Costa (2003, p.325-326)[67]

[67] Poema "Na Página de uma Folhinha Block (Resposta a Alfredo Ferreira Rodrigues)", escrito por Francisco Lobo da Costa em 1° de janeiro de 1888, em Pelotas. Publicado em SAPPER, Ângela Treptow (org); ZANOTELLI, Jandir João. *Lobo da Costa: obra completa – Sesquicentenário*. Pelotas: Educat, 2003. p.325-326.

No capítulo anterior conhecemos o contexto francês, brasileiro, gaúcho e pelotense em que se deu a imigração e a colonização francesa na zona rural de Pelotas. Também pudemos conhecer a história do grupo étnico francês que criou a colônia Santo Antônio em 1880, sua fundação, trajetória econômica, cultural e social.

Como nosso objetivo é perceber como o grupo reconstrói essa história através de diversos suportes de memória, é importante que o corpo documental seja melhor construído e delimitado.

Assim, aqui vamos iniciar a apresentar o catálogo dos suportes de memória social do grupo étnico. Para isso, realizamos 12 entrevistas com diversas gerações de descendentes que estarão fichadas neste capítulo após uma pequena apresentação da família depoente.

As entrevistas sob a forma textualizada[68] poderão ser lidas nos anexos. Depois da entrevista fichada estará o quadro analítico do depoimento, feito também com base na pesquisa de campo com cada geração, de cada família entrevistada.

Todas as entrevistas foram feitas a partir de um questionário que também está apresentado nos anexos. O tema das entrevistas é como os depoentes contam a sua relação com a história de sua família francesa. As tramas desses depoimentos estão baseadas na própria experiência de vida que o depoente tem com a Colônia Francesa de Pelotas. No quadro analítico apresentaremos os episódios que os depoentes fazem uso e as referências a estes episódios, seja sobre pessoas, marcos temporais ou espaciais que permitem conhecer as lembranças. Estes episódios e referências são as categorias recorrentes e agrupadas em relação aos acervos individuais, depois dentro dos acervos no interior de uma mesma família e ainda entre as famílias no seu conjunto étnico.

O catálogo final tem por base os suportes de memória citados particularmente por cada entrevistado. Isso demonstra que a pesquisa não é etnicamente conclusiva, pois cada indivíduo terá o seu acervo pessoal onde busca os elementos para significar e contar a sua própria história. Porém, nem se entrevistássemos todos os descendentes teríamos uma conclusão, pois as pessoas atualizam sua memória continuamente e se hoje escolhem alguns pontos para montar seu discurso étnico, amanhã poderão utilizar outros elementos. Isso não invalida a pesquisa, pelo contrário, os artefatos de memória que os entrevistados informam são documentos históricos e nos direcionam para a realidade do grupo étnico francês. É assim que eles hoje contam suas histórias e constroem suas identidades.

Vimos no primeiro capítulo que a história cultural entende que o homem cria representações para contar sua história e partilhar sua identidade que é socialmente construída pela memória coletiva dos indivíduos. Esse é nosso ponto de partida para investigar os depoimentos dados nas entrevistas.

---

[68] Para a apresentação dos depoimentos preferimos a forma de textualização, onde se organiza a história de vida do entrevistado, depurando o texto para que fique de fácil leitura e entendimento. Cf. DINAMARCO, Patrícia da Silva Mueller. Trabalhadores da CSN: lembranças e relatos da primeira geração. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2004. disponível no site <http://www.socultura.com/images/img/Trabalhadores%20da%20CSN.doc>. Na página 13, a autora explica o que é a textualização: "A textualização é a eliminação da fala de quem pergunta. Não é uma falsa humildade se retirar do texto, nem uma tentativa mágica de querer mostrar que ali só há uma pessoa: é arrumar o texto para a leitura. É deixar o entrevistado falar sozinho, incluir na resposta a pergunta, é o entrevistado narrando a própria vida sem o "estimulador", o entrevistador, é a história contada por quem a viveu, na primeira pessoa."

A entrevista é o instrumento usado para termos acesso ao conjunto de suportes utilizados pelos descendentes para forjar sua identidade pessoal e étnica. Através da vida os descendentes vão criando seu acervo pessoal com diferentes artefatos de memória que são por vezes requisitados para dizerem de si mesmos.

Para tentarmos alcançar situações diferentes de vida, partimos do interesse de entrevistar uma família que sempre viveu na colônia Santo Antônio, outra que tenha vivido na colônia e tenha migrado para a cidade e outra que tenha saído de Pelotas. Assim partimos para a escolha destas famílias. Na Colônia Francesa escolhemos descendentes da família Magallon. Na cidade preferimos os Longchamp e fora do município de Pelotas a escolha recaiu sobre os Wahast.

Estas três famílias não participaram da pesquisa realizada em 2000 e isso pôde trazer novos elementos ou confirmar os antigos, o que foi importante para nosso trabalho sempre voltado ao grupo todo das 50 famílias fundadoras.

3.1. Na Colônia Francesa: os Magallon

Nossa escolha pela família Magallon se deu porque descendem de um fundador da colônia Santo Antônio que embora tenha tido vários filhos e descendentes, poucos ainda assinam este sobrenome. É uma forma de perpetuar e homenagear todas as famílias fundadoras mesmo aquelas que correm o risco de extinguir-se.

Os Magallon habitam se não a mesma propriedade do fundador, pelo menos vivem num raio de distancia quase insignificante. Isso nos permitiu tentar encontrar um sentimento étnico e familiar o mais fixado e forte do uso da memória. Pelo menos assim esperamos no momento da opção pelos Magallon.

A História dos Magallon

O significado do nome Magallon[69] é tido como proveniente da chamada língua d'oc, ou occitano, que se falava no sul da França. Seu significado deve ser buscado em "Magalh, Magaï, Magaü", com raiz no grego Makellos, que no francês moderno significa "houe", em português por nossa livre tradução seria uma tipo de picareta ou um instrumento de metal com lâmina larga, usado para revolver a terra e esburacar o solo duro. O Magallon seria o sujeito da picareta, da enxada, um agricultor, por vezes desajeitado, teimoso, apegado às suas coisas. Este sobrenome é mais freqüente no departamento de Hautes Alpes, mas aparece nas regiões vizinhas, no sul da França. Têm variantes como Magalon, Magallon e Magallone. No trabalho[70] do francês Jacques Magallon, continuado por sua esposa Simone Magallon, traz consideráveis informações sobre a origem da família. Segundo os pesquisadores, desde 1444, a família já era de reconhecido prestígio na cidade de Gap, capital dos Hautes Alpes, na França, sendo encarregada de cargos comunitários.

François Augustin Magallon nasceu às 3 horas da manhã do dia 19/08/1836 na localidade de Les Sagnières, na periferia da cidade de Gap, no departamento de Hautes Alpes, no sul da França. Seu registro de nascimento foi feito três dias depois sendo declarante seu pai, o agricultor Auguste Ferdinand Amedée Magallon que foi capataz da Fazenda Escola de Bermon. Auguste estava acompanhado das testemunhas Jean Jacques Duserre, agricultor e Jean Jacques Espié, sapateiro. Seu pai tinha 33 anos quando casou com Suzanne Blanc de 38 anos, no dia 04/09/1833, na cidade de Gap. Não localizamos outros filhos além de Augustin, provavelmente Augustin fosse filho único de um casal já um pouco maduro. A mãe lhe faltou em 07/01/1870 e ele decide partir para a América. No ano de 1874 parece que já vivia na Colônia de São Feliciano, no Rio Grande do Sul, sul do Brasil.

---

[69] Cf. dicionário de nomes de famílias francesas, por Jean Tosti disponível no site <http://jeantosti.com/noms/m1.htm>.

[70] Para o estudo das origens da família Magallon, muito auxiliaram os pesquisadores franceses Simone Magallon, secretária da Association Généalogiques des Hautes Alpes; Yvette Maudhuit, Jean Paul Metailler, todos membros de fóruns de genealogia na França.

No ano de 1876, aos 39 anos, ele se casa na capela de São Feliciano, com Marie Françoise Colomby, que contava 22 anos. Ela era nascida em 18/02/1854 em Montoire de Bretagne, no departamento de Loire-Atlantique, na região do Loire, na França, filha de André Jean François Colomby e Marie Angèle Thobie, chegados ao Brasil em 1873.

Augustin e Françoise tiveram uma filha que faleceu ainda criança e foi enterrada junto ao corpo do avô materno perto das parreiras em São Feliciano. Em 1877 nasceu a filha, Cecília Emabelie e em 1878 nasce a filha Maria Agostinha. No ano de 1879 o pai de Augustin morre na França enquanto que no Brasil nasce o filho Augusto, chamado de "Gustô". A família vem para Pelotas e passa a residir na Colônia Santo Antônio onde Augustin compra as terras. Já em Pelotas nascem as filhas Maria Luiza em 1883, Leontina em 1886 e Maria Nancy em 1887. O nascimento de Nancy complica a saúde da esposa que acaba falecendo em 1888.

Augustin, aos 52 anos, fica viúvo com os filhos entre 11 e 2 anos. Em 1894 a filha mais velha casa-se com o francês Jules L'homme e vai viver na cidade de Pelotas. Em 1896 é a vez de Agostinha que casa-se com José Halfen. Em 1898 ele morre aos 62 anos, deixando ainda três filhos solteiros. Augusto casa-se em 1902 com Sophia Letizia Conte e depois é a vez de Leontina que casa-se com o italiano Lorenzo Delponte e vai viver na cidade de Pelotas. A última a casar-se foi Maria Luiza que em 1909 casa-se com João Betemps. Apenas Augusto e Maria Luiza ficam vivendo na Colônia Francesa.

Augusto e Sophia tiveram oito filhos: João Augusto em 1903, Maria Isabel em 1904, Theóphilo em 1908, as gêmeas Rosalina e Celestina em 1910, Antonieta em 1918, Luiza em 1920 e Eduardo em 1923. No ano de 1925 eles perdem duas filhas: Antonieta aos sete anos incompletos e Rosalina aos quinze anos incompletos.

As filhas casaram e tiveram descendentes: Maria Isabel casou com João Raffy Neto, Celestina Sophia com Otílio Tonini e Luiza com Octácio Ferrari Borges.

Os filhos também casaram: João Augusto casou com Rosa Tonini e não deixaram descendentes. Theóphilo casou com Emma Raffy que faleceu de complicações pelo nascimento de seu único filho Leomar falecido com 6 meses. De um segundo casamento com Ernestina Longchamp, teve outro filho: Adalberto, que não possui filhos.

O único dos filhos de Gustô que casou e deixa descendência foi Eduardo Magallon, casado com Áurea Ferrari Borges, pais de Santa Terezinha e Adão, ambos casados e com filhos. Adão por sua vez casou com Arlete Lautenschlaeger e são pais de Uendel com 26 anos e Iuri com 7 anos.

De todos os filhos de Gustô, o único que está vivo é a filha Luiza. Lúcida, dona Luiza ainda sabe contar um pouco do que foi a vida de seus pais e avós. Ela casou em 1943 e ficou morando próximo aos pais. Ali nasceram seus filhos Albino, Augusto, Otílio e Eva entre os anos de 1944 e 1950. Augusto faleceu aos três anos e com exceção de Eva, os outros dois ainda vivem com suas famílias na mesma localidade.

Esta condição foi decisiva para convidar essa família para participar da presente pesquisa, que com boa vontade aceitaram de pronto em conversar conosco. No dia 12 de dezembro de 2008 entrevistamos dona **Luiza Magallon, com 88 anos, seu filho Albino, de 64 anos, seu neto Denis Marcelo, de 33 anos e seu bisneto Deivid Marcelo com 10 anos**. Todos moradores na Colônia Santo Antônio, na antiga estrada que costeia o arroio do Andrade.

Figura 27: Foto de Luiza Magallon Borges. Fonte: foto do autor, 2008.

Como já dissemos, Dona Luiza, ou Luizinha, como é chamada para diferenciá-la de sua tia Luiza, casou-se com Octávio Ferrari Borges, falecido em 1995 aos 80 anos incompletos, natural do lugar, descendente de italianos pelo lado materno e de luso-brasileiros pelo lado paterno. O filho Albino casou com Cremilda Zitzke, descendente de alemães que vivia na localidade próxima, chamada de Laquentinie. No mesmo lugar onde nasceu o filho Denis Marcelo que casou com Ana Alice Soares de Oliveira, nascida em Pelotas e descendente de luso-brasileiros. Nenhum dos descendentes casou-se com descendentes de famílias francesas, não havendo nisso qualquer predileção ou imposição étnica.

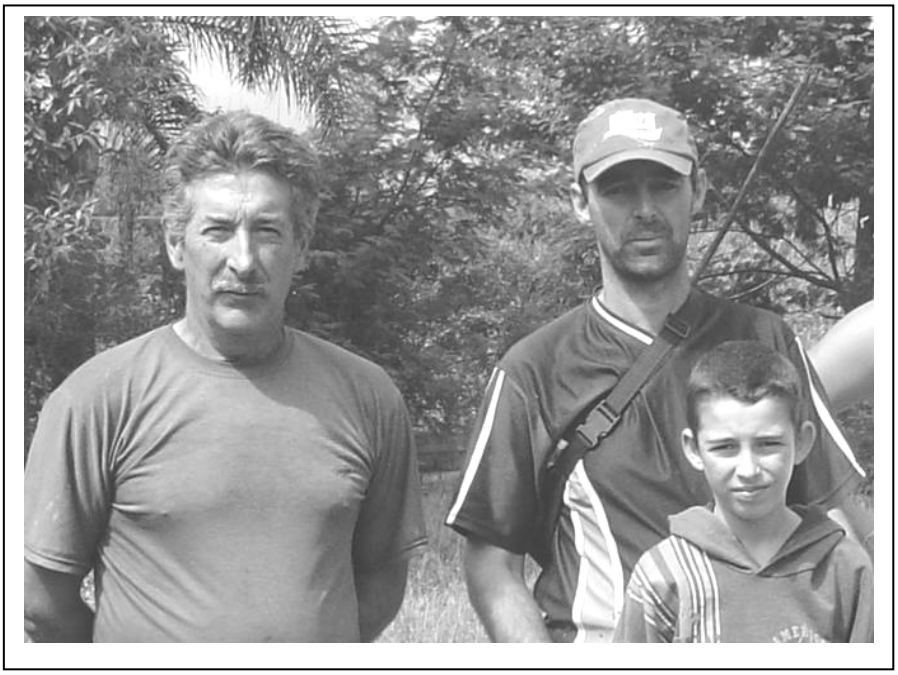


Figura 28: Foto de Albino, Denis e Deivid Borges. Fonte: foto do autor, 2008.

Depois desta apresentação histórica da família, passamos a apresentar a ficha técnica das entrevistas que se encontram sob forma textualizada nos anexos, seguida de um quadro analítico dos episódios e referências narrados pelos depoentes.

Depoimento de Luiza Magallon Borges (1ª geração)

"A colônia está bonita, agora está cheia de pêssegos para colher."

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 48 minutos

Participação: filho Albino Borges

Resumo: casa antiga, os pais, alimentação, vinda da França, arroio, tias, brinquedo, escravo, bailes, Camponesa, fábrica de papel, café, colheita de uva, facilidades da colônia hoje, hábitos da família, hábitos franceses, dinheiro, morte do avô, cemitério/finados, vizinhos, escola, idioma.

Quadro analítico do depoimento de Luiza Magallon Borges

Vinda da França: vieram para mudar, na França era ruim ou não queriam mais ficar lá.

Chegada: vieram a cavalo com selim de veludo, com a mudança debaixo do braço, pobres. Ali não tinha luz era preciso se recolher cedo, nem cama era de estacas, colchão de palha de milho, roupa das crianças era de saco amarrado.

Arroio: os avós quiseram ficar na beira do arroio Andrade.

Casa antiga: era um ranchinho feito de coqueiro tinha frestas que permitia ver dentro de casa.

Pais: vieram para Santo Antônio, passaram trabalho.

Alimentação: faziam pão na pedra quente, fogão era um pau atravessado em estacas, com uma corrente e um gancho por onde penduravam a panela sobre o fogo, ouvia falar de goinfre, mas não conhece, criaram porcos, plantavam milho, feijão, batata.

Parreira/vinho: depois dos primeiros tempos plantaram parreira e começaram a fazer vinho.

Pessegueiro/ compota: no início tinham poucos pés, não faziam compota em casa.

Outros familiares antigos: lembra das tias paternas (Luiza, Bebé), a irmã de caridade filha do Halfen, a tia Conte dos Romanos, Vitalina pediu retrato da irmã de caridade porque era sua madrinha, ela tem outros retratos bonitos dos Halfen. Fala que o Adalberto é seu parente de sangue.

Passeio: tia convida para passeio e churrasco na cidade, mas não pode passar porque arroio estava cheio, quando criança não visitava porque não tinha roupa, não ia a cidade, tinha um vestido só de passeio.

Cemitério/finados: tias paternas faziam buquês do cinamomo para levar ao cemitério, em Finados sempre iam no cemitério, seguidamente iam ao cemitério.

Figura 29: Foto dos antigos cinamomos plantado pelos franceses. Foto do autor, 2008.

Brinquedo: brincava na volta de casa, fazia brinquedo com sabugo de milho e latinha de peixe.

Obelisco: lembra da inauguração do marco da colonização, pois ali era sua escola.

Escola: A escola era onde está o obelisco, ia para a escola pelo meio das capoeiras, junto com Zilda Betemps, Irma Betemps, Ireno Betemps, Agostinho Charnaud, Knop, todos filhos de vizinhos. Fala no professor Osvaldo, o louco.

Terra/propriedade: cita terras do pai na estrada que vai para Oracy Charnaud.

Bailes: Não ia nos bailes da Camponesa porque lá era um luxo e eles não tinham roupa adequada, assim preferia ir nos bailes do salão da antiga fábrica de papel.

Café: fazia e levava café para os que estavam na lavoura

Colheita de uva: era uma festa, bonito e com coisas boas, como comidas, vinho, leitão assado, salada de batata, patê e outros salgados de porco. Ia na colheita na casa dos Fouchy.

Vizinhos: atalhavam pelos Raffi e Larroque para ir no Cemitério, eram compadres dos Larroque, os filhos brincavam com os filhos da Nonora (Leonor) Charnaud Betemps com os Cazari, com os Longchamp. Celina Longchamp era uma boa vizinha que cuidava de seus filhos enquanto ela trabalhava ou quando precisavam de ajuda como no momento que um dos filhos se machucou com um bicho cabeludo. Família Aldrighi era perto da fábrica de papel. Fala os sobrenomes Betemps como

Betem, Charnaud como Charnó, Longchamp como Lanchão e a própria família Magallon é chamada de Magalão. No Fouchy ia colher uvas.

Filhos: os filhos caçavam preá, melavam camatin, andavam de bicicleta de pau com os filhos da Nonora.

Idioma: tem o costume de usar a expressão “mais grande” que poderia ser um resquício da expressão “plus grand” ou maior. Ela conheceu franceses antigos que falavam francês e ela aprendeu, depois não quiseram mais que ela ficasse perto porque estava aprendendo a falar francês. Comenta que atualmente disseram que nas escolas iam ensinar francês.

Escravo: avô tinha um trabalhador escravo, para capinar na beira do arroio, dava comida para ele. Mas mataram e ele teve que enterrar para os corvos e cães não comerem.

Colônia hoje: não tem parreira, mas tem facilidades, tem padeiro, vendedor de frutas e de criações, tem luz. A colônia agora está coberta de pêssego para ser colhido.

Características dos Magallon: ela se acha parecida com os Magallon, tem o jeito de caminhar do pai.

Hábitos da família: lembra que os pais trabalhavam muito e ela também.

Hábitos franceses: gosta de alho e cebola e acha que isso é herança francesa.

Dinheiro: Quando o dinheiro era pouco o pai ia com um serrote para o mato e cortava goiabeiras para vender como lenha e trocar por alimento na venda dos Storch, no Cerrito Alegre. Assim trazia açúcar, café e bolachão.

Morte do avô: morreu com mordida de cobra, a noite quando estava sozinho, porque já era viúvo.

Economia: netos trabalham no fumo.

Saúde: reclama da visão que é turva, se alegra da boa memória que tem. Não cansou da conversa e ficou contente com a visita dos parentes.

Depoimento de Albino Magallon Borges (2ª geração)

"Se eles mandam botar um copo de vinho. Esse aí tu não pergunta quem é, porque é francês."

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 50 minutos

Participação: nenhuma outra participação

Resumo: Propriedades, início na colônia, vinho, parreira, pêssego, doces, fábricas, escola, alimentação, família Conte, lazer, prática da visita, adaptação difícil, idioma, hábitos franceses e brasileiros, Angelina Colomby, padrinho Augusto, característica de Magallon, ser francês, museu.

Quadro analítico do depoimento de Albino Borges

Familiares: lembra do avô "Gustô" Magallon, dos irmãos de sua mãe, mas considera francês o bisavô João Conte e não comenta nada sobre isso em relação ao bisavô Magallon. Fala do tio "Tiofil" que morava ali e foi motorista do Fonseca Júnior. Fala do filho deste chamado Adalberto, fala do tio Eduardo que morava numa outra casa e com quem os avós faleceram.

Família Conte: fala sobre o velho Conte que queria ser enterrado em suas terras e não para o cemitério e que eles também são os primeiros moradores da Costa do Andrade.

Propriedades: usa de foto para contar sobre as propriedades e antigas casas da família.

Figura 30: Foto das antigas telhas francesas em estilo *ecaille*. Fonte: foto do autor, 2008.

Vinda da França: vieram por falta de espaço lá, aqui sofreram e sofreram por terem deixado lá sua família. Não ficou nada de coisas que tenham trazido da França.

Início na colônia: Diz que vieram de Camaquã procurando onde estavam os franceses, e optaram pela beira do arroio Andrade. Fala que o velho Magallon fez um ranchinho de coqueiro, barro e pau-a-pique antes de fazer a casa de pedra onde a família morou, inclusive sua mãe que então já nasceu na Colônia Francesa. Fala de uma terceira casa que tinha um forno de pedra hoje também já destruída. O avô deixou um filho em cada propriedade.

Adaptação difícil: fala das dificuldades da vida na Colônia, falta de condições, estrutura, roupa, dinheiro, ferramentas, ali não tinham nada. Tiveram que buscar vertentes de água potável. Tiveram que caçar, colocar toucinho em vara ao vento. De lazer era só jogo do osso. Para ir a Pelotas tinham que esperar o arroio baixar no Retiro. Não tinha escola para aprender português, o que deve ter sido horrível. Depois veio o progresso aos poucos. Ele ainda se criou sem chinelos nos pés, só tamancos.

Colônia hoje: depois veio tecnologia, luz, telefone, ônibus, microônibus para as crianças irem para escola, lazer como futebol e motos. Tem ponte, estrada, estrutura, tem tudo em casa. Os franceses vieram com vontade de vencer e venceram, concretizaram o sonho da Colônia Francesa. Ele se sente nascido em berço de ouro, porque já pegou o tempo de trabalhar com máquina, tratores, plantadeiras, ceifadeiras. Conseguiu comprar terra através do seu trabalho.

Vinho/parreira: a parreira era o principal produto dos Magallon no princípio. E vinho também.

Pêssego: a grande produção de pêssego em Pelotas apareceu com a variedade Aldrighi, porém hoje com tanta tecnologia nas lavouras e chácaras não há indústria para beneficiar a fruta em Pelotas. Os Magallon produziram pêssego e vendia a fruta para as fábricas francesa da colônia, mas o forte eram as parreiras.

Doces: a mãe fazia compota em casa para o consumo e também faziam figo e pêssego cristalizado.

Fábricas: Se a colônia teve a fábrica dos Capdeboscq, Pastorello, Ribes e outros de que ainda se podem ver as ruínas, todos tiveram dificuldades em se manterem a aquela colônia de antigamente infelizmente findou.

Escola: No início não havia escola, depois os pais fizeram uma escola e se aprendia pouco. Na sua época já tinha uma escola melhor, mas ainda tinha que ir a pé.

Alimentação: a primeira coisa foi a plantação para a alimentação básica. Assim plantaram feijão e milho, conseguiram a farinha e foram se alimentando. Não conheceu o goinfre, mas sabe o que é. A alimentação era na base do toucinho, lingüiça, presunto e carne de porco.

Lazer: Ia nos bailes da Camponesa, no salão Raffi, no da fábrica de papel. Na Fábrica de papel também se apresentava o humorista Aci Portela. Jogavam osso e bocha. Tinha cancha de bocha no Aldrighi, Tonini, Ribes, Longchamp, Knopp, Raffi. Era só o que mais jogavam. Mas hoje é raro a bocha na colônia, a mocidade quer ser grêmio, inter, ninguém quer ser da bocha.

Prática da visita: se relacionavam bem, eram amigos e se visitavam, faziam procissão, construíram a Igreja da Vila Nova, iam a carreiras de cavalo, jogos de futebol, jogavam vispo, tomavam café, descascavam milho para se comunicarem. Porém hoje não se visitam mais, agora é só entre pai e filhos. Agradeço a visita dos parentes.

Idioma: o nome da família é dito Magalão (Magallon). Se a vó Sophia Conte era italiana, chama atenção de que era ela quem mais falava em francês. Os franceses antigos que ele conheceu tinham sotaques, o que era motivo de brincadeira entre as crianças.

Hábitos franceses: cultivaram o uso do alho e do vinho. Também comenta sobre as benzeduras feitas por Vitorino Ney.

Hábitos brasileiros: não pegaram hábitos brasileiros como chimarrão.

Vizinhos: fala que a casa onde viveu Irineu Betemps era próxima a antiga casa dos Magallon. Fala de Angelina Colomby casada com José Ney que foram os primeiros donos da propriedade onde mora, e que ali ainda existem e ele mantém os alicerces em pedra desta casa. Fala na venda do tio Otílio Tonini.

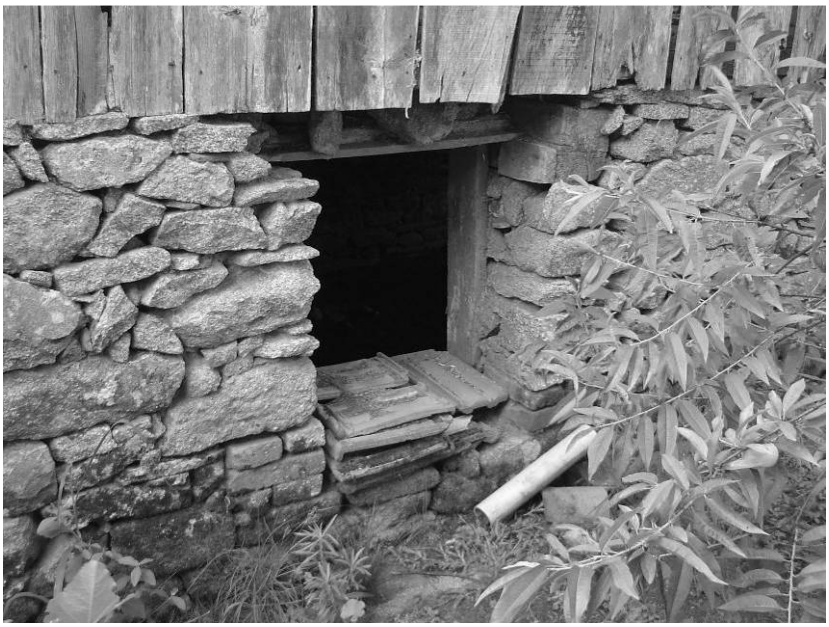


Figura 31: Foto dos alicerces da antiga casa de Angelina Colomby Ney. Fonte: foto do autor, 2008.

Padrinho Augusto: conta a história de seu padrinho que carregou um barril de vinho com mais de 100 quilos nas costas por quase um quilômetro. Conta também a história do negro que trabalhava com seu avô Magallon e foi morto dentro do casa dele.

Característica de Magallon: eram conhecidos pela força, os pulsos grossos, a altura baixa e o excesso de pêlos pelo corpo, com exceção da cabeça onde são calvos. Um de seus tios era conhecido por Magallão louco.

Ser francês: a videira é o grande símbolo do francês, se num estabelecimento chega um e pede para servirem um copo de vinho, esse é francês. Segundo ele os franceses se adaptaram, mas não ficaram brasileiros. Ele não considera ter hábitos franceses porque não gosta de benzedura, fumar ou beber. E diz para ter cuidado com francês, porque o francês ele é bom, mas de repente ele te pega.

Museu: a importância do museu é mostrar para o povo brasileiro que está tão carente, cheio de violência, morte, roubo, que os franceses não vieram para cá para isso, eles vieram para trabalhar e respeitar essa pátria. O museu será para divulgar o exemplo que nos deixaram. Vamos honrar os Magallon e respeitar a grande França e o Brasil.

Depoimento de Denis Marcelo Borges (3ª geração)

"Eles sempre nos levavam e mostravam onde estava cada um."

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 1 hora e 10 minutos

Participação: nenhuma outra participação

Resumo: Bisavô Gustô, Laquentinie, escola, lavouras, morango, soja, parreira, vinho e o irmão Márcio, terra, máquinas agrícolas, brincadeiras, família, arroio, avós, vinda da França, início na colônia, dificuldades de adaptação, ser francês, hábitos brasileiros, lazer, outras famílias, cemitério/finados, Tiofil, seguranças, Eduardo, linguajar, doces, Colônia hoje, mercado exigente, ônibus, fotografia, característica de Magallon, atitudes do filho, alho, casa do forno, ambulantes, cebola, museu e a história.

Quadro analítico do depoimento de Denis Borges

Bisavô Gustô: Sabe sobre o Gustô, mas não sabe quem veio da França.

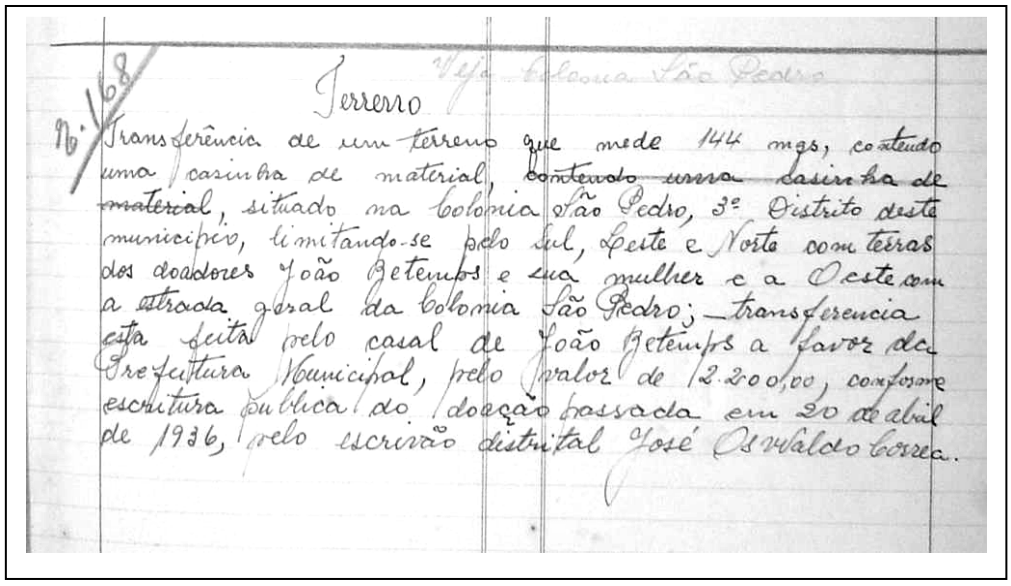
Avó Luiza: depois que o vô morreu e ela ficou sozinha, ele teve de ficar na casa dela à noite e ela nas conversas contava as histórias da família. Ele gosta quando ela mostra fotos antigas e dizia quem são nas fotos, se são parentes ou ancestrais de vizinhos e conhecidos.

Laquentinie: nasceu na localidade de Laquentinie, do outro lado do arroio e depois veio para a Colônia Santo Antônio, onde mora até hoje.

Parreira/vinho: tinham ainda algumas parreiras e faziam vinho, alguns ambulantes vinham pedir vinho. Mas o irmão Márcio gostava das parreiras e bebia suco de vinho. O pai com medo de que aquilo se tornasse vício, terminou com as parreiras.

Terra: eram donos de terras. O avô que era Ferrari, não era dali e o pai brinca que a avó é que tinha a terra de dote. O pai tinha terras e arrendava outras para plantar soja. Compraram terras dos Romano.

Brincadeiras: ficava na casa da avó com os irmãos e primos, enquanto os pais trabalhavam na soja e brincavam num braço seco de arroio, cavavam armadilhas na areia e a avó caía. A avó ia buscá-los com uma varinha por dentro do arroio até perto da represa, perto do Sílvio Betemps e dos Constantino. A avó era ressabiada com aquelas brincadeiras no arroio, pois diziam que ela tinha perdido um filho de congestão.



Terreno

Nº 168

Transferência de um terreno que mede 144 mgs, contendo uma casinha de material, ~~contendo uma casinha de material~~, situado na Colonia São Pedro, 3º Distrito deste municipio, limitando-se pelo Sul, Leste e Norte com terras dos doadores João Betemps e sua mulher e a Oeste com a estrada geral da Colonia São Pedro; — transferencia esta feita pelo casal de João Betemps a favor da Prefeitura Municipal, pelo valor de 12.200,00, conforme escritura publica de doação passada em 20 de abril de 1936, pelo escrivão distrital José Oswaldo Correa.

Figura 32: Foto do registro de doação das terras para a Prefeitura Municipal construir o Colégio Augusto Simões Lopes. Fonte: Foto do autor feita do livro de Cadastro de bens municipais de 1957, do acervo da Prefeitura Municipal de Pelotas.

Escola: era do outro lado do arroio depois das duas pontezinhas, no fim da linha do ônibus. Ali era o Colégio Augusto Simões Lopes, onde estudou com os irmãos. Para ir para a escola passava por dentro da propriedade de Nilza Longchamp e Lorival Cazari. A professora era Vanda casada com Osmar Cazari. Acha que a família da professora era gente do lugar, talvez seja Wickboldt.

Lavouras/colheitas: quando saía da escola ia para a lavoura colher morangos, mas a principal produção era de soja. A colheita de morango começava às 6 da manhã e já tinham colhido muito quando às 6 e meia passava o ônibus para a cidade.

Vinda da França: não sabe a história de como vieram, mas acredita que tenham vindo de barco, enfrentaram muitas dificuldades. Aqui diz que a vó conta que fizeram uma casinha, não tinham roupas, não tinham nada para trabalhar.

Motivo da vinda da França: vieram porque na França era frio, ou tinha pouco espaço, eram pobres e achavam que aqui era melhor, então vieram arriscar.

Início na colônia: muito difícil, a família tinha a casa do forno e cacimba que hoje está em ruínas. Plantavam feijão e ervilha e como sempre cuidaram de chácara talvez tivessem pessegueiro. A avó fala que foi muito difícil a vida, sem dinheiro, mas depois que se tem filho, tem que se virar. Dormiam em colchão de palha, conservavam a carne de porco na banha, luz era de candeeiro que pintava tudo de fumaça com querosene. Quando criança ele sentava numas latas para comer feijão e carne de porco.

Adaptação: Acredita que foi difícil, pela diferença de clima, aqui é calor.

Alimentação: a a vó faz ovo estralado, ao invés de ovo frito. Ela gosta de alho e chega a comer puro. Lembra de fazerem doce de pêra, figo e pêssego, lembra de fazerem compota e cristalizado.

Ser francês: gostar de doce é uma característica de francês e de pomerano, mas ele não gosta de comer doce no pão com café. A esposa diz que ele nunca desanima, que sempre vê o lado bom de tudo, ele acha que isso é como na história do bom brasileiro que não desiste nunca, mas não sabe se é o brasileiro que é bom ou se o brasileiro que tem uma origem estrangeira, como os franceses. Não sabe se os franceses são lutadores na França de hoje. Os que vieram para cá, conseguiram seu espaço. Ele tem orgulho de ser brasileiro, que tem família e de sangue de estrangeiro, de francês.

Hábitos brasileiros: como os filhos aprendem com os pais, a família não tem hábitos brasileiros como o chimarrão, o cigarro e o carnaval.

Hábitos franceses: sabe mais coisas do lado materno, pois enquanto o pai saía para trabalhar, os filhos ficavam com a mãe que é de origem pomerana. Acha que gostar de agricultura é sua herança francesa, tem interesse em começar a trabalhar com parreiras.

Lazer: lembra das festas da igreja, dos jogos de futebol, dos jogos de bocha que reuniam muitos vizinhos.

Outras famílias/vizinhos: os Romano, os Lanchão (Longchamp), Cazari, Ribes. Ele diz ter facilidade de se relacionar com as pessoas e que conversa com outros descendentes de franceses sobre vinho e outros assuntos da colônia, mesmo antigos.

Cemitério/finados: para ele o cemitério é a ligação mais forte entre os descendentes de franceses hoje e aproxima a todos. Diz que sempre levavam as crianças

no cemitério e mostravam os túmulos de parentes e amigos e ensinava onde estavam todos.

Seguranças: o tio Tiofil fazia artesanato em arames e a avó sempre traz no peito umas seguranças, pensa que isto é um hábito da família, porque sempre trabalharam no campo e podiam precisar para prender uma gola ou retirar um espinho.

Idioma: o aprendizado da língua portuguesa foi difícil ainda mais que cada zona tem seu linguajar. Mas nota que com o filho a linguagem vem evoluindo. Lembra da avó dizer uma palavra em francês: cochons/porcos. Diz que a avó tem umas palavras diferentes: prosear no sentido de conversar e quitute, no sentido de ser um agrado. Era o que ela dizia quando seu irmão Eduardo lhe visitava e dava balas para ela.

História do avô: Conta que um sujeito era considerado louco na Colônia e certa vez veio a casa de seu avô que estava escolhendo cebolas e do nada desferiu-lhe um golpe de faca nas costas, por pouco tirando a vida do avô que só foi salvo pelo casacão grosso que vestia e pela ajuda do filho Albino que de posse de um porrete afastou o sujeito. Não sabe quem foi o sujeito, mas imagina que poderia ser o Libório Wickbold ou algum Longchamp, que tinham fama de bravos e esquentados e que tinha um deles que corria atrás dos outros com um garfo.

Colônia hoje: se antigamente era de enxada, hoje se tem máquinas agrícolas para lavrar a terra. Tem roçadeira, ceifadeira. Acredita que a colônia está melhor estruturada hoje. Ele trabalha com leitaria, antes plantava fumo, mas está mudando aos poucos para os hortifrutis.

Mercado exigente: mas se agricultura tem melhores condições de se realizar, o mercado ficou exigente e é preciso usar agrotóxicos.

Característica de Magallon: ele acha e escuta outros falarem que os Magallon são esquentados, meio estourados, emburrados e de gênio forte. Fala também que ele é obstinado e nunca desiste. Fala ainda das atitudes do filho, que gosta de animais desde criança de colo e que quando o via trabalhar com a foice inventava um brinquedo querendo trabalhar também. Mais que uma simples influência, ele vê nisso uma característica dos Magallon, que dizem serem loucos por trabalho.

Museu: acha que o museu será importante para deixar registrada a história para que todos possam saber das coisas. Já viu reportagens da RBS TV sobre a colonização francesa, que mostrou vários lugares da Colônia.

Depoimento de Deivid Marcelo Borges (4ª geração)

"Uma vez eu joguei o jogo de bocha, eu sei um pouco."

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 13 minutos

Participação: pai Denis Marcelo Borges

Resumo: escola, bicicleta, casa do avô, cemitério, bocha.

Quadro analítico do depoimento de Deivid Marcelo Borges

Casa do avô: vai seguido na casa do avô Albino e conversa com ele e pouco com a bisavó Luiza. Às vezes, diz que o avô fala de como era quando ele era criança. E já viu a foto da bicicleta de pau que o avô tinha. Acha que o vô plantava fumo.

Cemitério: já foi uma vez quando era bem pequeno.

Bocha: Na venda da Nilza Longchamp, perto do fim da linha do ônibus, havia uma cancha de bocha e ali ele jogou uma vez. Ele diz saber um pouco deste jogo.

3.2. Na cidade: os Longchamp

A família Longchamp ou Lonchamp, ou ainda Lonchampt como era grafado no século 18, veio para o Brasil depois de 1873 saindo pelo porto da cidade de Marselha, no departamento de Bouches-du-Rhône, na região de Provence-Alpes-Côte-d'Azur, no sul da França. O Significado[71] do nome de família vem de um topônimo cujo significado é campo extenso em longitude, literalmente campo longo. A família que porta esse nome deveria habitar um local chamado Longchamp ou era originária de uma localidade com este nome. O Sobrenome é freqüente no leste da França e possui variações como Longchamp, Lonchamp ou Lonchampt.

A história dos Longchamp

Vieram o pai Claude Luciain Lonchamp, sua esposa Véronique Jeanne Françoise Deffeuillié e os filhos: Louis Thiébaud, Aristides Louis Jules, Jules Albert, Marie Louise e mais um filho que deve ser Jacques Antoine ou Joseph Aimé.

Mas a história da família começa distante de Marselha. A família[72] se constituiu na comuna de Saint-Thiébaud, no departamento de Jura, na região de Franche-Comté, próximo à fronteira com a Suíça. Os agricultores Claude e Véronique casaram-se em 1851, ele com 23 e ela com 21 anos. E em Saint-Thiébaud tiveram 10 filhos: uma filha nascida em 1852 e falecida por volta de 1866, Josephine que viveu de 1854 a 1860, Sophie Clémentine falecida com poucos dias em 1856, Louis Thiébaud, nascido em 1857, Aristide Louis Jules, nascido em 1859, Jules Albert nascido em 1861, Jacques Antoine nascido em 1863, Marie Josephine Marcelline que nasceu sem vida em 1865, Joseph Aimé nascido em 1866 e Marie Louise nascida em 1868.

A vida não devia ser fácil para estes agricultores e eles decidem migrar a procura de um lugar onde a vida pudesse ser melhor. O destino os levou para a cidade de Marselha, um grande centro urbano, onde as chances talvez aparecessem. Ali conseguiu empregos temporários como diarista fazendo pequenos trabalhos. Em 1870, moravam na rua de Turennes, número 6, onde nasceu seu último filho que ganhou o nome de Aristides Jules. Mas a vida continuava difícil. O filho morre antes de completar um ano. Algum tempo depois eles resolvem embarcar e vir para a América.

Ainda no início da década de 1870 chegaram ao Brasil. Não passaram pela Colônia de São Feliciano como a maioria dos outros franceses que vieram para Pelotas. Contam na família que estiveram numa colônia no Paraná e dali vieram para Rio Grande e Pelotas. Por volta de 1886, Luciano Longchamp morava com dois filhos solteiros perto da Colônia de Monte Bonito e com outros moradores assinam uma petição contra um proprietário que fechou a estrada que passava em suas terras, impedindo a passagem da população que seguia para Pelotas. Antes disso, Luciano comprou três lotes de terras na Colônia Municipal.

[71] Cf. dicionário de Jean Tosti disponível no site <http://jeantosti.com/noms/l11.htm>.
[72] Para as origens da família vários pesquisadores franceses prestaram ajuda entre eles Jean Pierre Tocquer em Marselha e Monique Glantzmann no departamento de Jura.

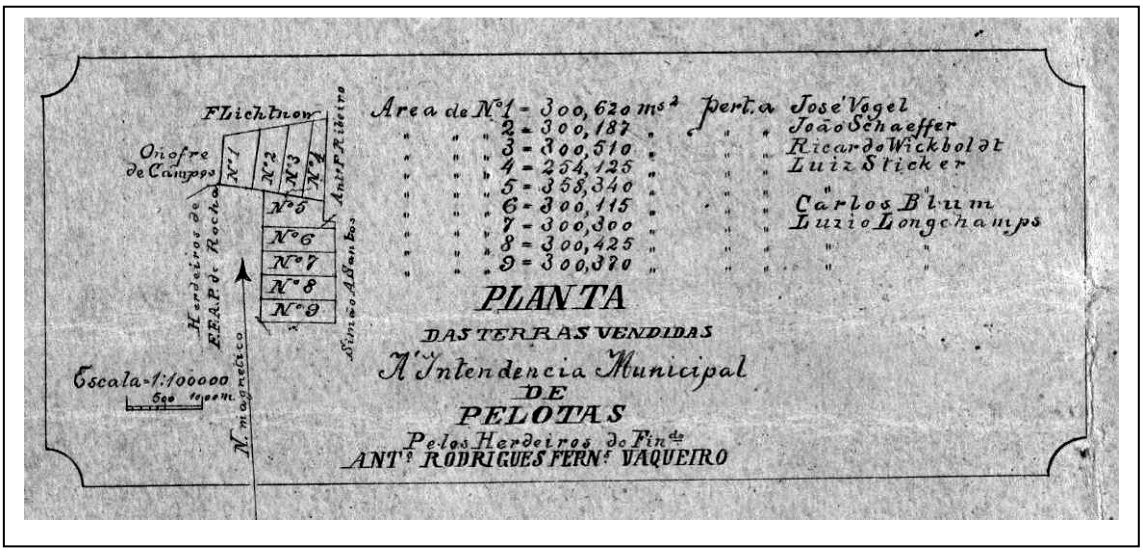


Figura 33: Planta de terras vendidas para a Colônia Municipal, onde conta três lotes para “Lucio Longchamps”. Fonte: acervo digital de Margareth Acosta Vieira.

Do destino do casal imigrante nada se sabe, a família conta que Verônica teria morrido pelas dificuldades encontradas ainda no Paraná, o que teria sido um dos motivos da vinda para Pelotas. Luciano morreu em Pelotas, mas não encontramos nenhum registro disso.

Do destino dos filhos do casal, também se tem dificuldades por saber o que realmente aconteceu a alguns. Como vimos a maioria dos filhos morreu ainda criança, na França. Imagina-se que para o Brasil só teriam vindo os filhos: Thiebaud Louis (1857), Aristides Louis Jules (1859 - 1931), Jules Albert (1861-1923), Jacques Antoine (1863), Joseph Aimée (1866), Marie Louise (1868).

Destes sabe-se que Marie Louise casou-se com o uruguaio e descendente de franceses Martin Larré com quem teve ao menos uma filha em Pelotas: Alice (1887), no ano que ficou viúva do Larré. Aristides Louis Jules casou-se com uma negra ou índia, fato que a família não viu com bons olhos. Sendo obrigado a largar da mulher, Aristides preferiu abandonar a família, mudando-se para próximo do Capão do Leão onde teria trabalhado na estrada de ferro francesa. Consta ter tido com Maria da Conceição Correa pelo menos dois filhos: Aleixe e Florival.

Sabe-se que os outros irmãos ficaram solteiros, um teria falecido afogado e outro engasgado ou com problemas digestivos.

Mas aqui nos interesse o filho Jules Albert, nascido em 01/08/1861 em Saint-Thiebaud, departamento francês de Jura, na fronteira com a Suíça. Ele comprou terras na recém fundada Colônia de Santo Antônio e ali casou em 1884 com a francesa Angele Clemence Delphinie Fouchy, nascida em 10/06/1865 na vila de Pont-sur-Vanne, no departamento de Yonne, na região da Borgonha na França, filha de Simeon Pierre Fouchy e Marie Antoinete Madeleine Thomas. O casal teve quatro filhos: Albertina Eugênia (1885), Alfredo (1887), Clotildes (1889) e Leontina Marcelina (1891). Devido a complicações no parto, oito dias após o nascimento de Leontina, morre Angele aos 25 anos. Já viúva, Marie Antoinete cuida dos netos, mas Jules casa-se com a concunhada,

Marie Ortense Ribes que por sua vez era viúva de Isidaure Fouchy, falecido em 1888. O segundo casamento se deu em 1905. Marie Ortense nascera também na França, no dia 29/10/1866 em Felines-sur-Rimandoule, no departamento da Drôme, na região dos Alpes franceses, filha de Gustave Paul Auguste Antoine Ribe e de Eugenie Reboul. O "s" que os descendentes de Ribes hoje usam, foi ganho no Brasil.

A segunda esposa trouxe dois filhos já adolescentes: Alfredo (1886) e Ernesto Isidoro (1888). E no novo lar tiveram mais três filhos: Maria Hortência (1906), Otília Leonor (1907) e Júlio Alberto (1909). Curiosamente os primos Longchamp e Fouchy foram morar na mesma casa, agora como irmãos. A condição não era motivo de discórdia ou desavença e as provas são de que conviveram muito bem, sobretudo depois que nasceram os filhos do novo casal que foram verdadeiramente meio irmãos e primos uns dos outros. Era uma grande família.

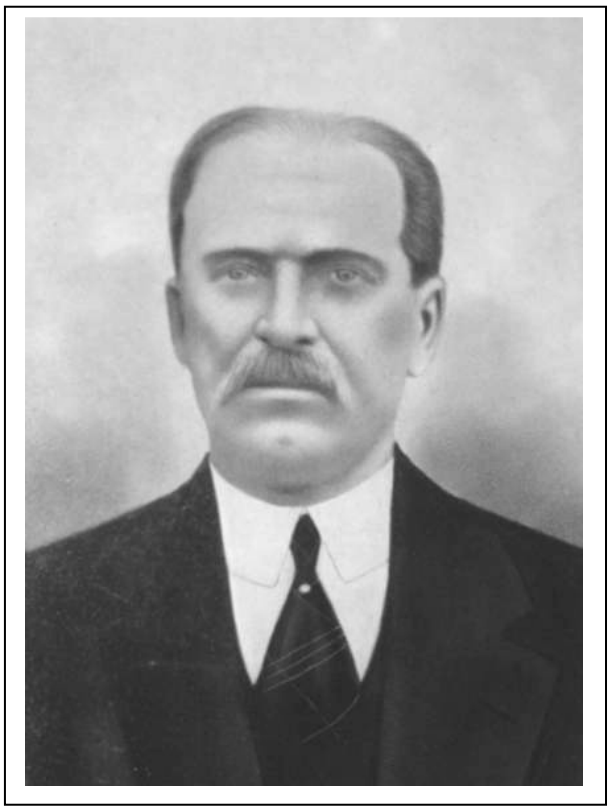


Figura 34: Foto de Jules Albert Lonchamp. Foto do acervo de Oracy Luiz Charnaud.

Jules Albert foi o idealizador da Sociedade Bailante União Camponesa fundada em 1902, sendo também seu efetivo primeiro presidente. Foi também dos primeiros franceses da Colônia a organizar uma festa entre eles para comemorar o 14 de Julho. Menos de dez dias antes de morrer, ainda promoveu a festa nacional francesa com o auxílio de um professor que levou seus alunos para apresentações. Ele faleceu em 23/07/1923 e Marie Ortense Ribes faleceu em 27/11/1930. Estão todos enterrados no mesmo túmulo, no cemitério da Colônia Fancesa.

O destino dos filhos foi continuarem a viver na Colônia Santo Antônio, trabalharem na lavoura, nas parreiras e beber vinho: Albertina casou com Daniel Capdeboscq, um dos mais importantes industrialistas da região colonial de Pelotas; Clotildes casou com Emílio Carré, um grande proprietário de terras na Colônia Francesa; Leontina casou com Luís Romeu Charnaud, cujos descendentes ainda

mantêm a produção vinícola. Maria Hortência casou com Hermes Schwönke e eram proprietários na Colônia Ramos; Otília Leonor casou com Juventil Jansen e faleceu do parto de seu filho, que lhe seguiu ao túmulo; Júlio Alberto casou com Júlia Olímpia Gerber, veio para a cidade onde exerceu a marcenaria e carpintaria, não deixou descendência. Júlio era chamado para tocar acordeon em bailes e festas dos franceses. Também foi presidente da União Camponesa, assim como seu pai.

O único filho que deixou herdeiros do sobrenome Longchamp foi o Alfredo nascido em 14 ou 24/02/1887 e falecido em 24/01/1970. Ele casou-se com Angelina Peverada, filha do italino Giovanni Peverada e da filha de alemães Maria Guilhermina Filipina Schmidt. Alfredo e Angelina tiveram quatro filhos, sendo que a filha Nair faleceu ainda criança. Os outros deixaram descendentes: Ernestina, casada primeiro com João Pedro Nunes e depois com Theóphilo Magallon, deixou filhos dos dois casamentos. Nilza casou com Orival Cazari e deixam descendentes. E Arthur Longchamp nascido em 23/01/1914 e falecido em 19/07/2000. Todos os que ainda hoje assinam com este sobrenome descendem dele.

Figura 35: Foto do casal Alfredo Lonchamp e Angelina Peverada. Fonte: acervo da Celina Fouchy Longchamp.

Arthur casou em 1942 com Celina Hernandez Fouchy, nascida em 30/03/1924, filha de Izidoro Ernesto Fouchy e da uruguaia Emília Hernandez, filha de espanhóis vindos das Ilhas Canárias. Arthur e Celina são filhos de primos, ambos descendentes de Fouchy e que tinham vivido na mesma casa devido ao casamento dos pais com os tios. O outro irmão de Izidoro Ernesto, o Alfredo, casou com a irmã de Emília Hernandez, a Maria. Assim dois irmãos Fouchy casaram com duas irmãs Hernandez. Nestas primeiras gerações no Brasil, as famílias buscavam casar dentro do grupo étnico ou dentro daquele grupo de relações já existente.

Arthur e Celina tiveram quatro filhos: José Ercy, Nilo, Maria Nilza e Leda. Todos casados e com descendentes. Os nossos depoentes são justamente deste ramo do

Arthur Longchamp. **Entrevistamos a esposa Celina Fouchy, de 84 anos, a filha Maria Nilza Longchamp, de 61 anos, a neta Valquíria Guido, de 39 anos e a bisneta Gabriela Carvalho, de 13 anos.**

A escolha pelos Longchamp neste trabalho de pesquisa se deu por que há, na família, um ramo que pode representar a família que depois de viver na Colônia Santo Antônio migrou para a zona urbana. Mãe e filha nasceram na Colônia Francesa e ali viveram por um bom tempo. A filha casou-se com Francisco Guido e foi morar nas terras do sogro no Cerrito Alegre, uma outra área rural. Após 2 ou 3 anos, logo após o nascimento da neta, vieram para a cidade. Assim a neta e a bisneta de Arthur Longchamp já têm um grau menor do contato com a zona rural. Assim, este ramo familiar que tem quatro gerações, com diferentes graus de conhecimento do passado que a família teve na Colônia Santo Antônio, pode ser interessante para a pesquisa e mostrar situações diferenciadas para os entrevistados que hoje vivem todos na mesma casa, no Bairro Três Vendas. Este bairro da cidade acolheu muitos migrantes da zona rural de Pelotas durante as décadas do êxodo rural. Isto também apresenta um dado importante para a pesquisa, já que é significativo para a história da integração do grupo étnico com a sociedade mais ampla.

Depoimento de Celina Fouchy Longchamp

(1ª geração)

"E eu pensava: puxa esse podador não pode morrer".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 53 minutos

Participação: nenhuma participação

Resumo: Ponte do Retiro, casamento Longchamp e Ribes, vinho, lavoura, compotas, avô Longchamp, parreira, pessegueiro, finados, cemitério, obelisco, escola, carreiras de cavalo, bailes da Camponesa, idioma, fábricas, alimentação, importância da colônia, sogro, Vila Santa Terezinha, cancha de bocha, trabalho, sobrenome, pai.

Figura 36: Foto de Celina Fouchy Longchamp. Foto do autor, 2008.

Quadro analítico do depoimento de Celina Fouchy

Ponte do Retiro: os avós paternos viveram no Retiro, na localidade de Santa Fé, próximo ao arroio Pelotas. A passagem entre as duas margens não era onde está hoje a ponte do Retiro, mas em lugar mais no interior. Ali eles tiveram problemas nas plantações, pois o lugar alagava. Quando ela passava com o pai pela ponte atual do Retiro, ela comentava com ele que ali é mais bonito que onde moravam os avós.

Casamento Longchamp e Ribes: Celina casou-se com um Longchamp. Seu casamento foi uma renovação dos laços entre as famílias. Mesmo quando ela diz que eram vizinhos e foram naturalmente namorando até casar, percebemos que o casamento repete uma fórmula, como eram realizados os casamentos antigamente. Dois irmãos Fouchy casam-se, um com Longchamp, outro com Ribes. Depois os irmãos morrem e os concunhados se casam estreitando os laços familiares. E ela e o marido repetem com um novo casamento entre Fouchy, Ribes e Longchamp.

Parreira/vinho e lavouras: Tinham parreira e sempre faziam vinho com trabalho. O vinho era o produto principal para a venda. Mas tinham plantações de batata e milho para moinho fazer farinha. O vinho nunca faltava nas refeições.

Compotas: faziam compotas só para consumo da casa. Tinha de pêssego, mas o mais comum era fazerem de figo. O pêssego era vendido em fruta para as fábricas francesas.

Avô Longchamp: era um bom podador de pêssego e parreira e ela pensava que ele não deveria morrer nunca.

A vida na colônia: era de muito sacrifício, tempestades de chuva e pedra por vezes destruíam os pessegueiros ou parreiras e assim o trabalho do ano todo. O colono sempre passou trabalho. Ela culpa o terreno por estas dificuldades, diz que era um campo baixo e próximo do arroio.

Visitas na cidade: vinham para a cidade e ficavam na casa dos tios, e diziam que a cidade era boa, hoje dizem que é na colônia que é bom.

Pessegueiro: o trabalho com a parreira sempre foi difícil, somente com o pessegueiro produziam bem.

Cemitério/finados: sempre teve o costume de ir ao cemitério da Colônia Francesa, sobretudo em finados. Lá estão quase todos os parentes. Está muito lindo agora o cemitério, tem capelinha para velórios, antes não tinha nem água para fazer cal pra pintar os túmulos.

Escola: ela estudou por uns quatro anos na escola onde está a pedra da colonização, o professor era Osvaldo Gomes, mas ficou doente e custou a vir outro. Este professor era muito organizado e fazia festas para as crianças, com brincadeiras valendo presentes. Nunca teve na colônia festas tão boas.

Lazer: os franceses faziam festa de tudo, era carreira de cavalo, os bailes da Camponesa eram maravilhosos, ela acha que naquele tempo é que a diversão era séria e boa, mas pensa que hoje os novos vão dizer que hoje é que é bom. Os bailes tinham café e o craval quando as moças podiam tirar os rapazes para dançar e assim já se sabia quem elas preferiam namorar.

Etnias: nas festas da Camponesa não iam só franceses, ali todos eram bem recebidos, alemães e italianos.

Idioma: os alemães falavam em alemão a qualquer momento entre eles, deixando os outros sem entender nada. Já os franceses se davam este luxo de falar entre

eles, mas quando havia outras pessoas que não entendiam, eles não falavam em respeito. O pai falava francês, mas não ensinou, o tio Pedro Jouglard ensinava aos filhos que já sabiam um pouco. Já o sogro Longchamp nunca falou nada, nem sei se sabia. Por isso ela acha que foi rápida a aprendizagem da língua portuguesa, a necessidade obrigou o fim do francês.

Fábricas: ela trabalhou na fábrica dos Ribes. Era a melhor fábrica, ali eram bons para os empregados, o que eles tinham para eles comerem, também colocavam para os empregados comerem. Eram muito justos com todos. Os Ribes ensinavam a trabalhar nas máquinas e o serviço era bom. O serviço que ela mais gostava era de enlatar, tinha muita prática nisto e seu trabalho ficava bom, sem reclamações do Valdemar Ribes, que era quem cuidava de fiscalizar se as latas ficavam estufadas e amassadas.

Figura 37: Rótulo da Quinta Pastorelo, de Emílio Ribes. Fonte: Acervo do autor.

Alimentação: a alimentação era básica, mas de muita energia para o trabalho: comiam batata doce, arroz, feijão, massa, carne, patê de porco, *goinfre*, sopa de feijão, polenta, frango com vinho.

Importância da colônia: segundo ela pode haver carestia, mas na colônia sempre há galinha, porco, plantações e a pessoa nunca passa fome. Na colônia é melhor de se viver.

Vinda para cidade: ela não queria vir para a cidade, foi o sogro quem quis. O marido vem trabalhar recompondo armas de fogo, que já fazia na colônia. Depois colocaram duas canchas de bocha e vendiam pastel frito. Por indicação de um primo do marido, vieram para a Vila de Santa Terezinha, nas Três Vendas. Foram dos primeiros moradores, ainda era tudo campo e logo ficou cheio de casas e muito gente vinda da colônia.

Vizinhos: Oracy Charnaud, viticultor.

Trabalho: ela sempre trabalhou muito na colônia, fazia pão, comida e cuidava da casa, das criações e pequenas plantações. Também cuidava dos filhos e das crianças dos vizinhos que levava para lá para ajudá-los.

Sobrenome: Diziam que os Fouchy eram grandes lá na França, porque tinham terra e dinheiro. Pela criação dada pelo pai sempre aprendeu a respeitar o nome e sobrenome. E isso ela manteve porque os pais eram bons para ela.

Morte do pai: derrubando árvores, acontece um acidente que leva o pai à morte. Contaram com a ajuda de Emílio Ribes que levou o pai de carro até a cidade e o deixou no Sanatório Veloso, nas Três Vendas. Também Arthur Bachini deu garantia financeira para o tratamento no hospital.

Museu: acha que o museu vai ter a história da vida das pessoas, e isso será um prazer para eles, pois aquelas histórias podem servir para alguém, senão, servirá ao menos para uma tarde de passeio.

Depoimento de Maria Nilza Longchamp Guido (2ª geração)

"Hoje que eu acho que mudou muito, porque na época que a gente morava lá, não existia aposentadoria do colono."

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 30 minutos

Participação: mãe Celina Fouchy

Resumo: Avô, família, baile da Camponesa, finados, visita na colônia, bicicleta de pau, Escola no Andrade, outros sobrenomes, parreira, doces, cidade, Sanatório Veloso, futebol, facilidades da colônia hoje, sobrenome, estilo de vida na colônia, franceses na TV, museu.

Figura 38: Foto de Maria Nilza Fouchy Longchamp Guido. Foto do autor, 2008.

Quadro analítico do depoimento de Maria Nilza Longchamp Guido

Vinda para a cidade: ela morava na casa do pai e avô na Colônia, até a idade de 19 anos quando casou e foi viver no Cerrito Alegre com a família do marido. Mas as condições não eram as melhores e o marido decidiu vir para a cidade trabalhar na construção civil. Até então quase nunca vinha à cidade, era só para comprar algo ou consultar ao médico no sanatório Velloso.

Lazer: festas era só de aniversário, ou almoço de parentes em casa. Os jogos de futebol eram o que mobilizava a juventude, e vinha gente de longe para ver os jogos. Bailes eram na esquina da Vila Nova e na Camponesa. A madrinha Edite levava nos bailes da Camponesa que segundo ela teriam acabado talvez porque os velhos se acomodaram e os novos já não queriam mais aqueles tipos de baile, a jovem guarda veio para mudar isso.

Fotografia: apresenta uma foto do irmão e dois vizinhos brincando com bicicleta de pau em 1955. E comenta que os vizinhos eram como irmãos porque as crianças lá se criavam juntas.

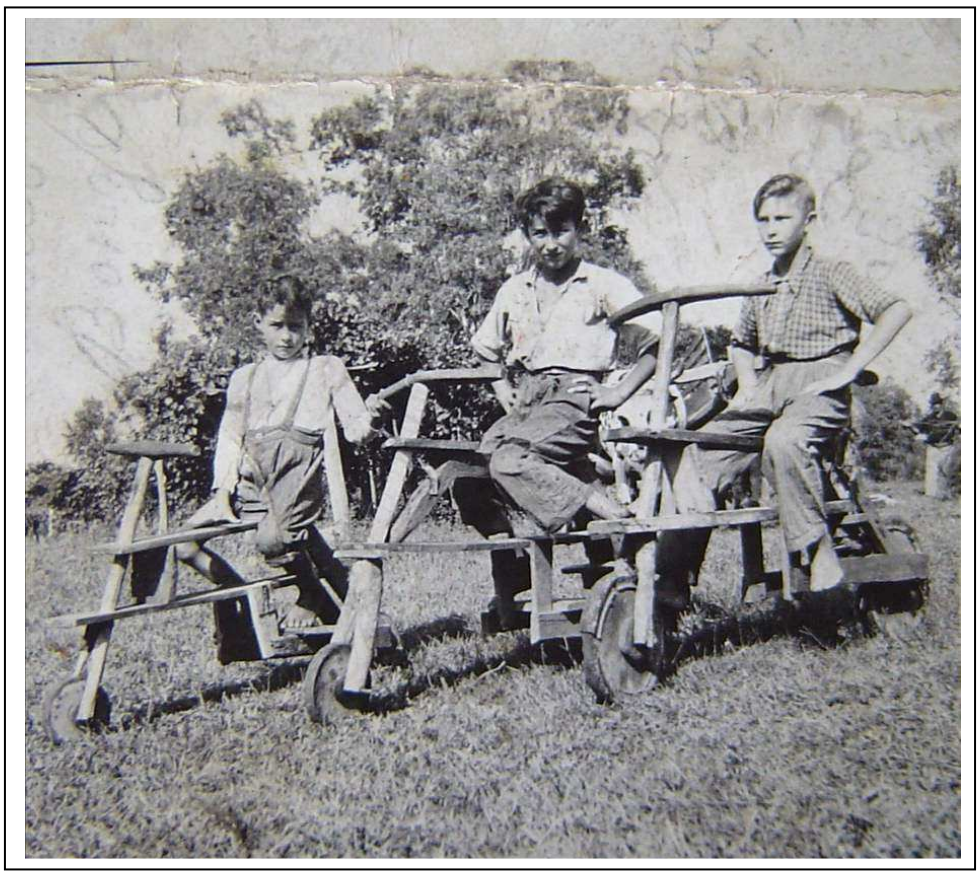


Figura 39: Foto de Otílio Borges, Albino Borges e Erci Longchamp em suas bicicletas de pau. Fonte: Acervos de Albino Borges e Celina Longchamp.

Cemitério/finados: ao menos uma vez ao ano costumam ir ao "cemitério da Francesa" e no do Cerrito Alegre. Nestes momentos costuma fazer alguma visita na colônia.

Escola: era no Andrade, Augusto Simões Lopes, tinha que atravessar o arroio pelas terras dos Cazari. E não precisava fazer a volta pela estrada que passa na antiga fábrica de papel. Tiveram vários professores: Mozarina, Júlio e Antônio que ensinava sem eles sentirem que aprendiam, só contando piadas. Tinham vários colegas de classe: Zé Betemps, os Ferreira, os Romano, os Cazari.

Plantações: ela diz que os pais plantavam em sociedade e que o avô trabalhava compondo armas. O trabalho com a parreira era difícil por causa de temporal que fazia com que perdessem tudo.

Característica dos Longchamp: o avô era teimoso e queria continuar com o trabalho com as parreiras, mas até que não deu mais e os pais vieram com ele para a cidade. O avô era muito bom, mas bastante bravo. Segundo ela defendia a família. Ficava vermelho quando estava atacado, essa característica, ela vê nos descendentes da família. Ainda comenta que quando alguém toca na ferida sobre a família, ela reage,

pois mesmo que seja meio errado, quer conservar aquilo que é da família. Ela diz que os Longchamp se parecem nos olhos e tem uma entonação na voz que diferenciam. O avô tinha um jeito forte e áspero de falar, era “pique-curto”, se ele se incomodava, não esperava já saia arrancando. Essa é uma característica dos Longchamp que via no avô, na tia e também nela própria.

Sobre a história da família: o avô nunca contava nada, nem sabia se foi ele quem tinha vindo da França.

Outros sobrenomes: Cita as famílias Fouchy, Charnaud, Betemps, ali tinha várias.

Doces: se fazia pessegada, geléia de uva e outros doces.

Colônia de antigamente: Imagina que antigamente a colônia era um lugar onde não tinha para onde ir, tinha que andar a cavalo, e essa colônia não era muito diferente da colônia que ela conheceu.

Colônia de hoje: Hoje há facilidades na Colônia, tem aposentadoria para o agricultor, tem água, tem luz, tudo isso não tinha antigamente. Ela diz que quando se aposentar gostaria de comprar um pedacinho de terra na colônia e voltar a viver lá. Na colônia se pode ter uma ajuda na mesa com as plantações e se tem a tranqüilidade da zona rural e as mesmas facilidades da cidade.

Adaptação: imagina que foi difícil a adaptação.

Idioma: aprender uma nova língua deve ter sido difícil, lamenta que os alemães mantiveram o costume da língua, mas que os franceses não se preocuparam em manter o idioma.

Ser francês: mesmo sendo brasileira ela diz que se orgulha de ser francesa também. Ela se orgulha pelo sobrenome e também se orgulharia de poder falar francês. Como não conhece a França, não pode afirmar que se orgulha de ser francesa, mas se orgulha de ser Longchamp. É um sobrenome diferente.

Hábitos franceses: não se dá conta se a família ainda mantém algum hábito dos franceses.

Hábitos de família: não saberia dizer, mas com certeza diz que é aquele estilo de vida em que foi criada na colônia. Aquilo não muda, é um jeito de família.

Museu: acha importante o museu porque será como uma lembrança que as pessoas vão chegar e saber que aquelas famílias vieram da França e começaram o Brasil. Essas coisas a emocionam, porque é parte da sua própria história. Diz que acha importante e fica feliz quando sai na televisão, alguma reportagem sobre a colônia francesa, então ficará feliz com o museu.

Depoimento de Valquíria Longchamp Guido (3ª geração)

"Quando a gente vai no cemitério e fico olhando para a foto dele, lembro disso: a gente sentado embaixo de uma árvore e ele cantando a musiquinha para mim".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 20 minutos

Participação como ouvinte: avó Celina Fouchy, mãe Nilza Longchamp.

Resumo: bisavô, música, uva, vinho, finados, bocha, casa de pedra, outros sobrenomes, bailes da camponesa, visita na colônia, Vila Santa Terezinha, estilo de vida, avô, perfume, pele, sobrenome, museu.

Figura 40: Foto de Valquíria Longchamp Guido. Foto do autor, 2008.

Quadro analítico do depoimento de Valquíria Guido

Cidade: Ela nasceu no Cerrito Alegre e veio para a cidade ainda bebê, suas primeiras lembranças já são da cidade. Ela acredita que a família veio para a cidade em busca um outro trabalho porque não queriam mais a agricultura. E escolheram a Santa Terezinha porque era um lugar mais próximo da colônia e ali já existiam outras famílias da Colônia, como os Fouchy. O pai veio para trabalhar de pedreiro e a mãe em fábrica, como a avó tinha trabalhado.

Bisavô Alfredo: Quando vê a foto no túmulo de seu bisavô, no cemitério da Francesa, lembra deles sentados sob uma árvore, onde ele cantava uma música infantil para ela.

Cemitério/finados: Em finados ela diz que desde criança costuma ir com a família na Colônia.

Visitas na Colônia: Era costume visitarem a tia Edite. Ela diz que gosta de ir para a colônia até hoje, mas quando era criança, ir para colônia era uma alegria, pois jogava bola no campo, tomava banho de arroio, e a tia Edite cozinha muito bem.

Parreira/vinho: eles trabalhavam na colônia com a cultura da uva e produziam vinho. Era o principal produto.

Bocha: era o esporte predileto dos Longchamp.

Figura 41: Foto de Alfredo Lonchamp ensinando garotos a jogar bocha. Fonte: acervo de Celina Fouchy Longchamp.

Casa de pedra: uma vez ela esteve na casa do bisavô.

Doces: não lembra de comentarem que faziam doces, apenas que tinham pessegueiros e vendiam frutas.

Outros sobrenomes: Betemps, Jouglard, não lembra de outros, mas diz que a vó fala muito de vários.

Lazer: Ela comenta que avó conta dos bailes da Camponesa.

Colônia antigamente: imagina que antigamente era mais campo, que as roupas eram bem fechadas como nos filmes.

Colônia hoje: não vê grandes diferenças entre a colônia e a cidade, lá eles têm tudo o que tem aqui, televisão, internet. Ela lembra que o que não gostava na colônia era a 'casinha' pois em vários lugares não tinha sanitário. Ela percebe que jovens vêm para a cidade estudar e que voltam para a colônia para aplicar novas técnicas e facilidades. E isso vai dar uma nova cara para a colônia, mais moderna.

Origem na França: ela não sabe a origem da família na França, mas que já trabalhavam com vinho e uva na França e aqui continuaram. E imagina que vieram porque aqui tinham mais condições de vida.

Adaptação: imagina que deve ter sido difícil porque são outros costumes.

Idioma: Segundo ela não ficou nada do idioma, diferente dos alemães que mantiveram uma tradição. Mas na família, duas primas estudaram francês na escola. Para Artur quando uma música não era boa dizia em seu linguajar que aquilo era um "tuêti".

Hábito francês: não sabe identificar se tem algum hábito francês, mas como ela se reconhece como Longchamp, então acredita que por seu jeito de ser deve ter algo de francês. Ela acha que o gosto pelo vinho a liga com a colônia e o passado da família. O

avô dizia que quem não toma vinho seco é porque não tem sabor para vinho e ela não toma vinho suave apenas seco.

Característica dos Longchamp: o avô era determinado e detalhista e ela acha que herdou isso. Acha o avô inteligente e habilidoso pelo seu trabalho em conserto de armas. E comenta que seu avô jogava tudo no chão quando não conseguia realizar a compostura na arma. Para ela o bisavô era mais bravo que o avô e que o gênio forte vem se diluindo. Mas esse gênio, ao mesmo tempo em que era forte e bravo, era gentil e amoroso. Para ela os Longchamp possuem outros traços característicos como a pele e os olhos claros.

A morte do avô/herança: ela diz que foi um momento difícil, pois ele gostava muito de suas filhas e pediu que as tirasse de perto dele no final. E que elas cobram muito por ela não ter permitido que elas fossem ao velório e enterro. Para ela a filha Gabriela puxou a cor da pele dos Longchamp, assim como suas filhas e o primo René tem um dom para a música, coisa que o avô também tinha e gostava.

Ser francês: Da França ela se sente atraída pela beleza, e acha que o gosto pelo uso de perfume seja algo que a ligue com a França. Gosta da França e gosta de dizer que seu sobrenome é francês, tem orgulho de ser Longchamp embora não busque conhecer muito do passado da família.

Museu: ela comenta que o trabalho do museu é fantástico, pois há uma valorização das famílias através de seus avós e parentes mais velhos, pois se está recuperando a memória da família.

Depoimento de Gabriela Guido Carvalho (4ª geração)

*"Eu sei que a 'bisa' fala que colhia **uva**, não sei se faziam vinho".*

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Figura 42: Foto de Gabriela Guido Carvalho. Foto do autor, 2008.

Duração: 22 minutos

Participação: bisavó Celina Fouchy, avó Maria Nilza Longchamp

Resumo: Sobrenome, pele, cemitério, finados, visita a parentes, uva, outros sobrenomes, estilo de vida, vinda para a cidade, França.

Quadro analítico do depoimento de Gabriela Carvalho

Sobrenome: não usa o sobrenome Longchamp, mas gostaria de ter, pois acha bonito, diferente e todos na família têm.

Característica de Longchamp: para ela o fato de ter uma pele branca remete aos ancestrais franceses. E pelo fato de ficar vermelha quando está envergonhada, assim como o primo. A bisavó lhe disse que o bisavô gostava de tomar café e ela gosta muito. Acha que isso é um hábito que lhe faz lembrar da família.

Bisavó Celina: Ela comenta que gosta de história e a bisavó conta várias por sinal.

Colônia Francesa: considera que a única parte da colônia de Pelotas que conhece é esta onde a família vivia, mas não lembra da casa. Ali faz visitas a parentes como a tia Edite. Lá o ar é diferente. Ela acha que depois que casar continuará indo no cemitério da Colônia Francesa.

Cemitério/finados: às vezes que vai para a colônia é geralmente em finados, quando vai aos cemitérios do Cerrito Alegre e da francesa, e dessa forma passa pelo local onde a família vivia. No cemitério ela gosta de olhar as fotos dos túmulos e ler os nomes e datas.

Agricultura: acha que os bisavós trabalhavam na agricultura ou na criação de vacas. Lembra da bisavó dizer que colhia muita uva, mas não sabe se fazia vinho.

Outros sobrenomes: lembra da bisavó falar nas famílias Crochemore, Schwönke, Magallon.

Figura 43: Rótulo antigo das compotas dos Crochemore. Fonte: acervo do autor.

Colônia antigamente: Imagina que antigamente era diferente, que era mais habitado do que é hoje, que a vida era melhor no sentido de serem pessoas mais ajuizadas e mais respeitosas. Lá se tinha uma vida simples, sem televisão.

Colônia hoje: ela praticamente não conhece a colônia hoje, mas diz que imagina se a família ainda vivesse lá ainda permaneceriam a viver com aquele estilo de vida, mas se agora fossem voltar a viver na colônia que iriam estranhar e então a colônia seria diferente para a família.

Vinda para a cidade: acredita que a família veio para a cidade em 1969, porque a mãe tinha só três meses. Para ela o motivo foi o êxodo rural quando todos acreditavam que na cidade teriam melhores condições de sobrevivência. Porque na colônia não há escritórios ou outros empregos que não sejam em fábrica ou na agricultura.

Adaptação: acha que a adaptação não foi assim tão difícil porque o Rio Grande do Sul é um estado que tem mais frio do que em outros estados e isso ajudou. Para ela o aprendizado da língua portuguesa também não foi complicado, pois são todas línguas latinas.

Hábitos franceses: não sabe se ir no cemitério no dia de finados, é uma herança francesa, mas é um costume que vem da mãe, da vó e da bisavó. É um costume da família.

França: Gosta da França, dos monumentos, acha que é um país desenvolvido e bonito. Gosta da língua e do sotaque puxando o "r". E sabe que tem um bairro ou avenida que tem o nome de Fouchy, a família da bisavó. Também sabe o significado do nome Longchamp porque a prima estudou um pouco de francês na escola e a professora lhe contou.

Museu: ela diz que gosta de história e acha importante recuperar a história das famílias francesas.

3.3. Em Morro Redondo: os Wahast

A terceira situação utilizada de parâmetro na escolha de família a ser entrevistada era a da família que teve sua origem no mesmo grupo de franceses que fundou a Colônia Francesa de Pelotas, mas que ainda nas primeiras gerações saiu desta colônia buscando outras atividades ou lugares para morar. Assim, escolha não poderia ser de outra forma e teria que cair sobre uma das famílias francesas que participaram do desdobramento ocorrido ainda nas primeiras décadas de vida da Colônia Santo Antônio. Esse desdobramento da Colônia Francesa de Pelotas ocorreu quando um grupo de famílias, lideradas pela família Wahast busca expandir o cultivo do piretro, na localidade de Sanga Funda, município de Canguçu, quase na divisa com Morro Redondo que na época ainda era distrito de Pelotas. Era como uma nova Colônia, os franceses foram para Canguçu.

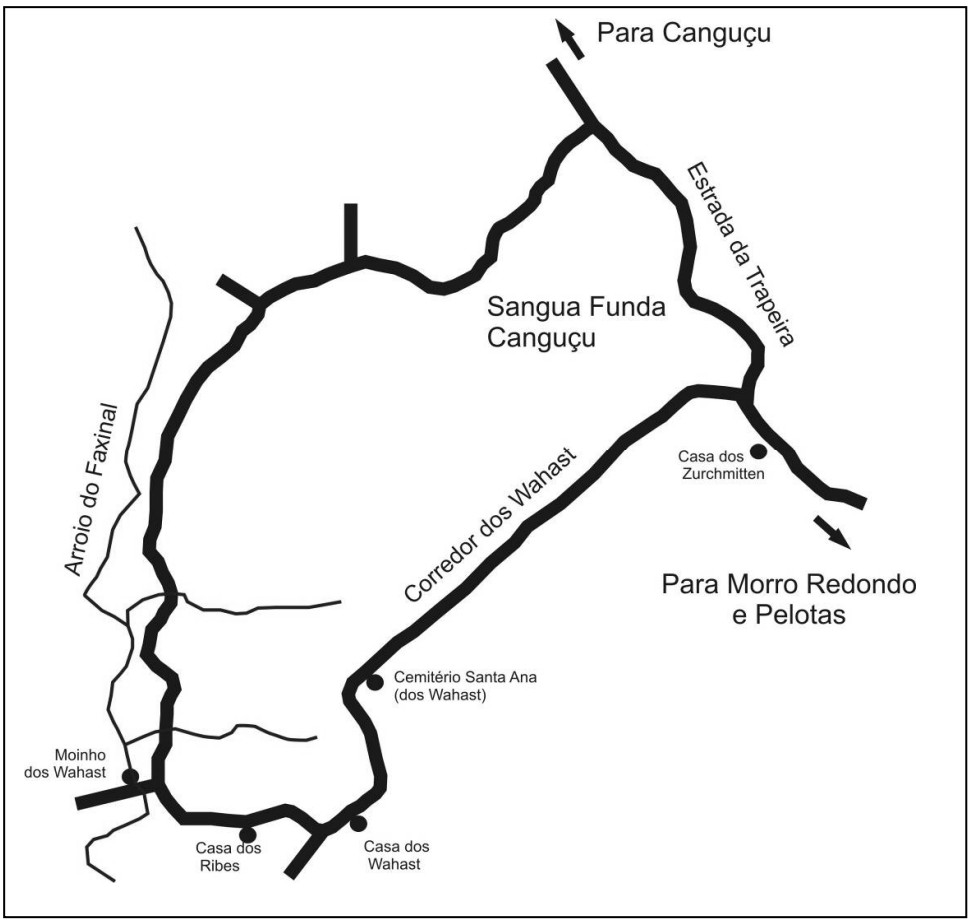


Figura 44: Mapa da localidade de Sanga Funda, no município de Canguçu na divisa com o município de Morro Redondo, com a localização das primitivas propriedades dos franceses. Fonte: mapa feito pelo autor com base no Google Earth, 2008.

A história dos Wahast

Oscar Marius Wahast, nasceu na França por volta do ano de 1830, onde casou com Sylvie Octavie Augustine Lesage. família que aparece no departamento de Seine Maritime, onde se encontro o porto de Le Havre, por onde consta terem emigrado. Nessa região existe também a família Vaas ou Vaast, cujo nome vem de Saint-Vaast ou Saint-Vedast que no francês moderno é Saint Gaston, um bispo de Arras e depois de Cambrai, falecido no ano de 540 ainda no tempo dos gauleses. Segundo a lenda foi este santo quem teria introduzido o Rei Clóvis no cristianismo em 496. Seu culto era popular na região de Flandres, dando nome até para um povoado. No idioma falado na região da Picardia, França e na região da Valônia, hoje em território da Bélgica, Saint-Vaast recebe o nome de Saint-Waast, ou Wahast. Isso indica que a origem da família é na fronteira entre a Picardia francesa ou na Valônia belga. Nossas buscas levaram a descoberta de um casamento entre um Waast e uma Lesage antes de 1843 no departamento de Aisne, na Picardia francesa. Talvez fossem parentes do casal que veio para o Brasil. Mas infelizmente nem com a ajuda de pesquisadores franceses foi possível encontrar a origem dos Wahast de Pelotas.

Pesquisadores franceses[73] encontraram o nascimento de um Oscar Marius Wahast, nascido em 24/03/1835 na cidade do Havre. Exatamente o mesmo nome do imigrante e nascido na mesma época. Porém não podemos confirmar que seja ele, pois não temos o nome dos pais do Wahast que veio para o Brasil. O Wahast do Havre é filho de mãe parisiense e pai com origem em Joigny-sur-Meuse, no departamento de Ardennes, na região de fronteira da Picardia com a Valônia. O que vem reforçar uma origem belga da família. Outro fato curioso é que os irmãos Wahast do Havre andavam embarcados, o que indicaria uma vontade de emigrar.

Figura 45: Pintura de Oscar Marius Wahast. Fonte: acervo de Lili Wahast.

[73] Para tentar encontrar a origem dos Wahast contamos com a incondicional ajuda dos pesquisadores Fabrice Cavelier, membro do GGHSM, Chantal Baray-Dondeyne, cordenadora do Francegenweb-76 e Nadine Lecoquierre administradora do Groupement Généalogique du Havre et Seine Maritime, todos participantes de grupos de discussão genealógica na França.

O que se tem confirmado é que Oscar Wahast e Sylvie Lesage casaram e tiveram ao menos quatro filhos na França, antes de emigrarem para o Brasil. Amelie, nasceu por volta de 1863, casou em Pelotas com Pierre Martin onde tiveram pelo menos oito filhos até 1902, depois disso foram para Sanga Funda, seguindo para Hulha Negra próximo de Bagé.

Emile, nascido por volta de 1867 e Blanche, nascida por volta de 1871, morreram sem deixarem descendentes. Ele morreu em situação trágica e ela morreu de sarampo em 1891 na Colônia Francesa, quando era noiva de François Charles Charnaud. Oscar Marius, o filho mais velho, nascido por volta de 1861 foi o único que deixou descendentes, perpetuando o sobrenome. Oscar casou-se em 1893 com Louise Leontine Ribes, nascida por volta de 1870 na França; não encontramos seu nascimento, mas a maioria de seus irmãos nasceu em Felines-sur-Rimandoule, no departamento da Drôme, nos Alpes, filha de Gustave Paul Auguste Antoine Ribe e Eugenie Reboul.

Figura 46: Foto de Louise Leontine Ribes. Fonte: acervo de Lili Wahast.

A família conta que os Wahast vieram junto com os Ribes. Se assim for chegaram ao Brasil em 1874, indo para a colônia de São Feliciano, atual município de Dom Feliciano, no Rio Grande do Sul. Sabe-se que compraram terras na Colônia Francesa, sendo vizinhos dos Martin, onde construíram uma casa de pedra.

O patriarca morre entre 1896 e 1898 ainda na Colônia Francesa em Pelotas ou logo que chegaram em Sanga Funda. Em dificuldades financeiras, Oscar que chefiava a família, junto com a esposa Louise Ribes, a mãe Sylvie e o irmão Emile, resolveram propor para Domenico Pastorello um negócio. A família provavelmente tinha hipotecado suas terras para o Pastorello que era um italiano, que tinha casado e vivido na França antes de resolver partir para o Brasil pelo porto do Havre em 1876. Ele esteve

em São Feliciano e veio com os franceses para fundar uma colônia em Pelotas. Em 1892, resolveu seguir para a cidade onde montou um comércio. Mas, por volta de 1898, resolve voltar para a Colônia Francesa e, como os Wahast deviam dinheiro para ele, resolveram fazer negócio. O acordo entre eles era dos Wahast entregarem a propriedade na Colônia Francesa para o Pastorello que por sua vez pagava a diferença entre a dívida e o valor da propriedade dos Wahast. Dessa forma, os Wahast seguiriam para outra colônia onde iriam se dedicar à produção de piretro. Os Wahast já produziam piretro na Colônia Francesa, e o Pastorello ainda seguiu com esta produção ali.

Assim partiram os Wahast da Santo Antônio, nos últimos anos do século 19, em direção à localidade de Sanga Funda, no município de Canguçu. Ali, mais dificuldades os esperavam para ser enfrentadas com coragem.

Figura 47: Casarão dos Wahast erguido em 1922 na Sanga Funda. Fonte: foto do autor, 2008.

Oscar e os irmãos tinham estudado técnicas de enfermagem e medicina, provavelmente ainda na França. E aqui, além de trabalharem na lavoura de piretro, também se dedicavam a pequenos trabalhos na área da saúde. Alguns descendentes contam que Oscar vinha de Canguçu para trabalhar alguns dias na Santa Casa de Misericórdia em Pelotas. Com a saúde frágil, Oscar morre em 1913, aos 51 anos na cidade de Pelotas, deixando a viúva com sete filhos: Josefina com 18 anos, Luís Mário com 16, Georgeta com 11, Alfredo Júlio com 6, Ema Leontina com 4 e Dirceu com um ano e seis meses. O casal ainda teve um filho Oscar Emílio, nascido em 1898, em Pelotas, e que deve ter falecido ainda criança, pois não se conhece nenhum traço de seu destino. Georgeta foi a primeira a nascer na Sanga Funda, no ano de 1901.

No fim da década de 1910 a família sofreu um grande trauma. Quem nos conta sobre o fato é Onofre Ferreira dos Santos, filho de Georgeta Wahast. Segundo ele, Emile e sua mãe Sylvie estavam sozinhos no rancho de barro, coberto de palha e distante uns 150 metros da estrada. E naquela noite apareceu uma visita de última hora que eles deram pouso e um prato de comida. No outro dia de manhã, ainda estavam na

pia, os três pratos da janta, como prova da maldade. Mas o assassino parece ter tido depois ajuda de outros. Com um machado, provavelmente das vítimas, desferiu um talho de cima a baixo nas costas de Sylvie para entrar no quarto de dormir e pegar o dinheiro. Emile, de posse de um porrete, anda lutou muito com o assaltante. No outro dia, o porrete tinha muitas marcas da tentativa de defesa contra as batidas do machado. Porém, não conseguiu sobreviver e teve o pescoço cortado.

De manhã, um empregado de Luiza Ribes foi até lá e no caminho viu muitos papéis rasgados até o rancho. Logo chamou Luiza e se depararam com o horror. Ela chamou as autoridades e pediu ajuda ao cônsul francês. As autoridades de Canguçu e Pelotas organizaram um esquema que levou à prisão e morte da quadrilha, chefiada por Norico ou Filico Rosa.

Figura 48: Placa colocada pela Secretaria de Turismo, da Prefeitura de Canguçu com o nome das estradas, no caso indica o “corredor dos Wahast”. Fonte: foto do autor, 2008.

Acompanhando os Wahast, foram outras famílias francesas para Canguçu: Pierre Martin, Alcides Ribes, Adolfo Ribes e José Zurchmitten casado com Marie Lucie Ribes. Alcides Louis Ribes, Adolfo Ribes e Marie Lucie Ribes eram irmãos de Louise Leontine Ribes, esposa de Oscar Wahast. Estes quatro irmãos Ribes para lá se mudaram com suas famílias e deixaram descendentes.

Aqui neste trabalho nos interessa apenas os ramos de Alfredo Júlio Wahast e de Ernesto Leonço Ribes, dos quais descendem os depoentes por esta família que vive fora de Pelotas.

Alfredo Júlio Wahast nasceu em 04/09/1906 e ficou morando na casa paterna onde faleceu em 21/10/1992. Casou-se com Olga Jaeckel, de origem germânica, tendo os filhos: Lili, Leda, Oscar Alfredo, Lenir, Leonídia e Olmar, todos nascidos na Sanga Funda.

Olmar casou com Leinira Prestes Ribes, natural da Sanga Funda e filha de Ernesto Leonço Ribes e Adelaide Prestes. Este casal teve os filhos Eugênio e Izabel na Sanga Funda, e hoje vivem na cidade de Morro Redondo.

Ernesto Leonço Ribes, nasceu na Sanga Funda, no dia 02/09/1915, onde faleceu em 27/07/1985, era filho de Alcides Louis Ribes, nascido em Felines-sur-Rimandoule, na Drôme, em 25/03/1861 e falecido na Sanga Funda próximo do ano de 1915; e de sua

segunda esposa Severina Maria de Ávila, natural de Canguçu. Alcides era casado em primeiras núpcias com Emília Maria Henriette Lange, filha de alemães. Alcides teve filhos dos dois casamentos.

As entrevistas foram feitas com Eugênio Wahast, com 24 anos e seus pais Olmar Jaeckel Wahast com 66 anos e Leinira Prestes Ribes com 59 anos, ambos descendentes das famílias francesas que partiram da Colônia Francesa para a Sanga Funda. **E a irmã mais velha de Olmar, Lili Wahast, com 78 anos,** solteira que ainda vive na casa onde sempre viveu com os pais e avós. Sendo, portanto, a melhor opção para substituir a geração dos avós, equivalente à primeira geração.

Também tivemos a oportunidade de entrevistar: **Cláudio Ribes Barcelos, com 52 anos** e neto de Adolfo Ribes, e **os irmãos Darci e Onofre Ferreira dos Santos, respectivamente com 77 e 81 anos**, filhos de Georgeta Wahast.

Depoimento de Lili Jaeckel Wahast (1ª geração)

"Está tudo atirado também lá, a parreira estava no meio da capoeira".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Morro Redondo, localidade de Sanga Funda

Data: 11 de dezembro de 2008

Duração: 45 minutos

Participação: nenhuma outra participação

Figura 49: Foto de Lili Wahast. Fonte: foto do autor, 2008.

Resumo: avô Wahast, avó Ribes, piretro, venda/estabelecimento, parreira, vinho, pêssego, doces, Família Ribes, outras famílias, cemitérios, visitas na colônia de Pelotas, televisão, livro sobre os franceses, camionete, vida difícil, libra, medalha, idioma, pai, características dos Wahast, ser francês, empregados, Joaquim Oliveira.

Quadro analítico do depoimento de Lili Wahast

Avô Wahast: era médico ou farmacêutico e morreu em Pelotas, ela tem foto dele. Ela não o conheceu.

Avó Ribes: ela diz que a vó era parente do Emílio Ribes de Pelotas. Ela conheceu a avó, todos diziam que era uma velha muito boa. Ela não permitia as noras lavarem roupas, pagava uma empregada para isso, ela cozinhava e deixava para as noras a organização da cozinha após o almoço, enquanto ia sestear. Fazia omelete em frigideira.

Piretro: a família plantava milho e piretro. O piretro era para fazer pó de mosquito que vendiam em latas de 5 quilos compradas do Anacleto Firpo de Pelotas. Na Embrapa devem ter muda do piretro. Colhiam a flor num bocó, depois colocavam no sol para secarem em cima de um cimento, depois levavam para a estufa e por fim moíam. Eles tinham dois moinhos hidráulicos, um para farinha e outro para o piretro. Vendiam para a Farmácia Khautz de Pelotas e para o Atacado Joaquim Oliveira como inseticida. Para fazer o inseticida colocava o pó ou a flor amassada numa efusão com querosene e cânfora, depois aspergia através de uma máquina de flit. A produção era muito grande, saíam muitos caminhões e tinham muitos empregados neste serviço. A produção durou até a invenção do inseticida por volta da década de 1950.

Figura 50: Lili Wahast no balcão da venda, 2009. Fonte: acervo de Eugênio Wahast.

Parreira/ vinho: para substituir o piretro o pai dela plantou parreiras e tentou a produção de vinho. Mas o trabalho com a parreira era muito difícil, trabalhoso e inseguro, pois nem sempre conseguiam produzir. Tinham 21 mil pés de parreira e chegaram a produzir 21 pipas de vinho. Vendiam em garrafão, depois passaram para garrafas rotuladas. Mas acabaram desistindo da parreira e passaram para o pessegueiro. Faziam vinho suave e seco e também de laranja.

Venda/estabelecimento: Mas foi a venda a grande fonte de renda da família, que já existia no tempo da avó Ribes. O pai fechou a venda para se dedicar a parreira, mas não deu certo e a venda voltou. Na venda jogavam carta, jogavam bocha.

Lazer: além da bocha, iam jogar carta na casa dos vizinhos, no sábado ou domingo.

Idade: ela frisa várias vezes a diferença de idade entre ela e o irmão Olmar, dizendo que um é o mais velho e o outro mais novo.

Visitas: recebe visita da tia Elza, viúva de Dirceu Wahast, a Elza morou naquela casa por muitos anos.

Alimentação: faziam patê de porco e a *caillette*.

Trabalho: ela conta que foi criada trabalhando, desde pequena lavava roupa no arroio, nem tinha forças para lavar. Às vezes o tio ajudava, e depois a mãe fez uns tapapós para os filhos de uma negra ir para a escola, e esta mulher lavava roupa para a família. Foi aí que ela aprendeu a lavar roupa, pois a mulher deixava no sol a roupa suja, e depois esfregava pouco na hora de lavar. Usavam duas ou três toalhas de saco branco por semana.

Pessegueiro: Desistindo da parreira, resolveram passar para o pessegueiro. Tinham 1,200 pés de pessegueiro. De primeiro, o pêssego deu muito dinheiro, enquanto vendiam para a Almeida, de Rio Grande, pois pagavam por todo tipo de pêssego. Depois o mercado passou a exigir apenas o pêssego tipo extra e tudo ficou difícil. Apenas vendiam a fruta, não faziam compota. Tinham muitos empregados, primeiro para o piretro, depois para a parreira e por fim para o pêssego.

Doces: a compota era apenas para consumo da casa, e se fazia todo tipo de doce. O cristalizado não faziam. Faziam apenas o pêssego seco que era passado na calda e seco no sol.

Figura 51: Prato com pêssego seco com caroço. Fonte: foto do autor, 2009.

Cidade: o pai costumava vir muito à cidade, pois tinha a venda e vinha buscar mantimentos. Ele tinha um caminhãozinho e venha vender pó de mosquito no Joaquim Oliveira e ali já comprava mantimentos para a venda.

Vinda da França: conta que os avós vieram solteiros da França, mas as famílias vieram juntas no mesmo barco. A viagem foi horrível, e o vento jogou o barco para trás fazendo eles passarem até fome. Não sabe como era a vida deles lá na França, mas para ela, eles vieram para ficarem ricos. Aqui eles arrumaram dinheiro, porque compraram muitas terras, mas rico eles não ficaram. Só passaram trabalho. Assim vieram para um outro lugar antes e acharam ruim, vieram então para Pelotas, e por fim para Sanga Funda.

Cemitério: Ela conta que a irmã Leda foi na Colônia Francesa procurar no cemitério o túmulo da avó do marido dela. Não acharam, e então fizeram uma visita para o Lino Ribes que os recebeu com alegria pelos primos terem lembrado dele.

Família Ribes: Também recebiam visitas das famílias de Emílio, Lino e Romilda Ribes. Tem fotos dessas visitas, vinham de caminhão com os parentes, faziam churrasco e passavam o dia.

Visitas na colônia de Pelotas: Ela diz que nunca foi na Colônia Francesa em Pelotas, mas que os pais e os irmãos passeavam para lá depois que compraram carro. Iam visitar ou em alguma festa de casamento. Compraram uma camionete internacional, e depois a rural, ali passeavam e carregavam fruta. Antigamente eles iam na colônia Francesa a cavalo.

Figura 52: Camionete Rural comprada pelos Wahast. Fonte: foto do autor, 2008.

Televisão: ela conta que conhece a Colônia Francesa apenas de ter visto numa reportagem pela televisão. Onde apareceu a casa do Lino, ali ela viu que estava tudo terminado e que a parreira estava no meio das capoeiras.

Adaptação: acha que os franceses tiveram dificuldade em se adaptarem, achavam que iam ficar rico, mas não ficaram. O pai deixou para ela mostrar aos parentes uma libra para conhecerem. E ela tem uma medalha de 1901 que ganharam pela produção de piretro. Havia um diploma, mas uma goteira estragou porque a mãe tinha 5 filhos para criar, sempre com dificuldades.

Idioma: acha que aprender o português não foi difícil, porque não lembra de terem dificuldade para falarem. A tia Georgeta falava francês.

Sanga Funda: não sabe quando vieram para lá, mas em 1901 já estavam ali e o pai nasceu em 1906. Quando chegaram era tudo mato, sem estrada, faziam por trilha de carroça. Para ela ir a escola no Morro Redondo tinha que ir pelo meio do mato. Foi no tempo que o pai foi vereador que as estradas melhoraram. Ali chamam de Travessão dos Wahast, mas eles não eram donos de todas as terras. O Cemitério também chamam de Wahast, mas na verdade é Santa Ana, por causa de uma moça da família Wenkestern.

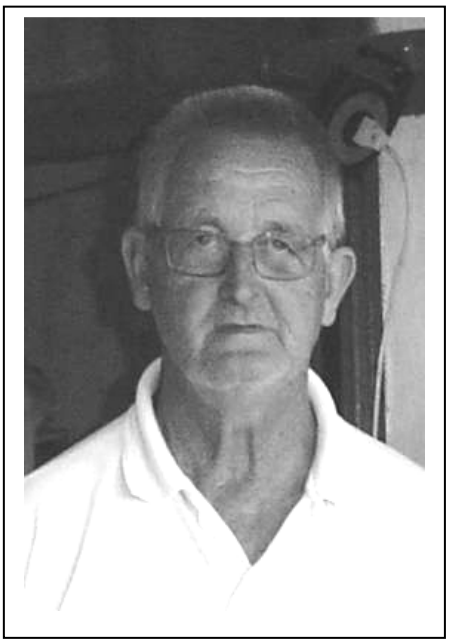
Pai: o pai foi vereador por 4 anos em Canguçu, depois não quis saber mais de política. E depois o pai doou o cemitério para a prefeitura. Achava o pai inteligente, habilidoso, fazia trabalho de carpinteiro e aprendeu a fazer vinho com os parentes Ribes. Quem deu o galho de parreira foi o Emílio.

Outras famílias na Sanga Funda: Carré, Ribes e Zurchmitten, estes últimos eram parentes dos Ribes também. Lá na Colônia Francesa ficaram os Jouglard, os Crochemore e os Martin.

Características dos Wahast: ela acha que puxou mais pelos Wahast, acha que eles são todos altos e magros, e diz que o Cleme Wahast é o mais parecido com Wahast.

Ser francês: isso não lhe tem importância, ela gosta dos parentes e se dá com todos. E se mantém sempre trabalhando, pois é o que lembrava de seu pai fazer.

Livro sobre os franceses: Fala da descoberta do livro sobre a família e que deram de presente para ela e os irmãos.



Depoimento de Olmar Jaeckel Wahast

(1ª geração)

"Acho que não foi difícil para eles se adaptarem no Brasil, porque eles vieram em grupo de família".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps.

Local: Morro Redondo, sede.

Data: 25 de outubro e 11 de dezembro de 2008.

Duração total: 1 hora e 20 minutos

Participação: nenhuma outra participação.

Figura 53: Foto de Olmar Wahast. Foto do autor, 2008.

Resumo: Terras, alfafa, família Ribes de Pelotas, Colônia Francesa, local de origem da família, assassinato dos Wahast, piretro, avô, plantas medicinais, Joaquim

Oliveira, Khautz, cemitério, pai, localidade Sanga Funda, casa dos Wahast, visitas de famílias, avó Ribes, alimentação, lazer, outras famílias, ser francês, características de Wahast, idioma, museu.

Quadro analítico do depoimento de Olmar Wahast

Avô Wahast: Segundo ele o pai sempre contava que o pai dele veio da França, formado em "médico de flora". Conta que possuía um microforno onde preparavam comprimidos a partir de ervas medicinais e carvão. Ele não chegou a conhecer o avô, pois o pai ainda era criança. O avô faleceu em Pelotas e está sepultado no cemitério do Fragata. A pedra do túmulo foi mudada, mas era igual ao do túmulo da avó que está no cemitério na Sanga Funda. O avô teria alguma perturbação mental que os descendentes diziam como sendo problemas adquiridos na viagem para o Brasil. Ele então ia sentar embaixo de uma laranjeira, um lugar alto onde avistava longe e perdia-se nos pensamentos.

Plantas francesas: Da França o avô teria trazido algumas plantas. O piretro, a salvia ou Salva que é uma planta medicinal que o avô receitava para espasmos e cólicas. E a flor roxa que davam para os porcos. Conta que uma Ribes, tia da esposa quando criança tomou um golpe de ar e foi salvo com o chá da salvia.

Figura 54: Planta medicinal chamada de Sálvia ou Cidreira de Arbusto, cujo nome científico é Lipia alba (Mill). Fonte: foto do autor feito na Sanga Funda, 2008.

Avó Ribes: ele acha que a vó trabalhou numa fábrica de chocolate na França.

Local de origem da família: ele não sabe, mas se lembra de dizerem que tinha água, um rio ou mar, e depois que saíram dali, houve uma ressaca muito grande que virou em maremoto e a casa deles ficou toda embaixo da água. Só restou uma amoreira na margem. Eles então trouxeram uma amoreira e a avó Ribes plantou dois pés no cemitério.

Sanga Funda: não sabe porque vieram para Sanga Funda, mas ele acha que foi para explorar o piretro. Porque este foi o começo deles ali. Ali é uma localidade, não é uma colônia e faz parte do município de Canguçu. No serro próximo ao Neumann há um marco de limite.

Outras famílias: lembra de outras famílias antigas na Sanga Funda, os Wahast, Ribes, Carré e Zurchmitten. Na Colônia Francesa sabe que tinha as famílias Crochemore, da fábrica e os Jouglard, que vendem tratores em Pelotas. Estes compraram chácara nos Melões.

Terras/propriedade: o avô então comprou terras que iam da Sanga Funda até os Melões, chamado erroneamente, pois o correto seria mulões, pois naquele serro se juntavam muitas mulas selvagens. O pai era criança quando ia espiar estes animais. A casa deles foi feita em 1922, antes, nos fundos havia uma casa velha de tijolos e cantoneira de madeira.

Alfafa: o pai também conta que tinha uma lavoura de alfafa, ali vários plantavam e enfardavam alfafa, mas havia um grupo de veados que vinham comer a alfafa e destruíam a roça de noite.

Vinho/parreira: na casa há um tanque onde faziam vinho e ao lado se anotava cada safra de uva, ervilha e trigo. Ele comenta que no tempo da avó já deviam plantar uvas, pois o pai dizia que as parreiras já eram velhas. Mas foi no tempo do pai dele que o vinho tornou-se uma produção forte. Ele lembra de ter 12 mil pés de parreira.

Pessegueiro: Depois quando ele tinha 6 anos (1948), o pai começou a plantar pessegueiros no meio de outras culturas como batata, e milho e chegou a ter 270 pés de pessegueiros.

Doces/compota: não faziam compota para vender, só para consumo de casa, sobretudo depois que apareceu o vidro com tampa. Não faziam cristalizados, só lembra de fazerem passas de pêssego seco. Quem fazia compota eram tios do lado materno, de origem alemã.

Assassinato dos Wahast: conta ainda que seu pai falava de uns velhinhos Wahast que assassinaram. A família nunca mudou dali e os primeiros ficaram morando num rancho de barro e coberto de capim. O motivo da morte seria porque achavam que eles tinham dinheiro, que eram ricos, que tinham coisas escondidas que tinham vindo da França. Porém eles só tinham era conhecimento em remédios, agricultura e outras coisas. Uma pessoa pernoitou com eles, jantou porque acharam três pratos na pia e assaltou eles. O velho lutou muito com um porrete, mas os dois foram mortos com um machado. O assassino era de um grupo de extermínio que andava por aquela zona assaltando e matando gente. Eles foram presos numa praia, para o lado do Laranjal ou Barro Duro e diz ainda que o dentista Rodolfo de Morro Redondo foi ver os corpos e contava para ele ainda menino que enterraram os corpos na areia e quando iam ver já estava aparecendo partes dos corpos. Os cachorros tinham desenterrado. Os velhinhos estão enterrados no cemitério, atrás do túmulo de sua avó, num gradil que marca três lugares. Sabe que ali estava toda a família.

Colônia Francesa/Ribes: O pai lhe contava muita coisa sobre a família. Inclusive falava de parentes na "Colônia Ribes". O Emílio Ribes era um parente com quem tinham contato, ele diz que este sabia da história do assassinato dos Wahast. Segundo ele na Colônia Francesa não se cultivavam piretro, apenas na Sanga Funda foram produzi-lo. Ele conhece a Colônia Francesa, foi ao monumento (obelisco) local aonde chegaram os imigrantes, numa pracinha e ao cemitério dos descendentes das

famílias. E sabe que a família esteve ali antes de irem para Sanga funda. Às vezes em que foi na colônia foram para comprar graspa, vasilhame, barril de vinho ou numa festa do colono que ocorreu no Bachini, quando o pai foi dirigindo uma camionete internacional 1946. Segundo ele, depois o pai foi o primeiro a comprar um caminhão Volks, modelo A, com chapa (placa). Lembra que certa vez visitou a usina com queda de água que pertencia a um Martin, acima dos Ribes. Hoje a Colônia Francesa esta fracassada, espalhada.

Figura 55: Flor azul cuja raiz é utilizada como ração suína pelos Wahast. Fonte: foto do autor feita na Sanga Funda, 2008.

Piretro: esta foi a primeira e a principal fonte de renda da família por muitos anos. Compravam dos vizinhos, produziam o pó e exportavam para vários lugares. Mas os principais compradores eram a Farmácia Khautz e o atacadista Joaquim Oliveira. Tinham um moinho de pedra, movido a força hidráulica, fizeram um açude. O piretro tinha uma toxidade tão forte que quando lavavam no arroio os sacos, uma espécie de avental de juntar a flor, os peixes podiam ser pescados com a mão. Colhiam a flor, secavam, moíam e vendiam em embalagens de 5 quilos rotulada, ainda tem o rótulo. Se colocava 1 quilo de flor ou o pó numa efusão de 8 litros de água, 1 de querosene e uma rama de eucalipto por oito dias. O líquido era borrifado através de uma máquina que matava ou afastava os insetos. A família levou para exposição em Porto Alegre e ganharam prêmios, ainda existe uma medalha de 1901, mas o diploma que ficava num quadro estragou. A produção de piretro terminou com o aparecimento dos inseticidas. O fracasso começou quando a família emprestou a embalagem registrada para uma família enlatar e poder vender, porém eles adulteraram o produto e foram pegos numa carga de exportação. Isso dificultou a retomada do comércio que ocorreu apenas depois do pai ter escrito cartas explicando o ocorrido ao importador.

Visitas de famílias: Os Ribes vinham visitar os Wahast na Sanga Funda, onde faziam churrasco, jogavam bocha, o Emílio cantava em francês. Para essas reuniões

também vinham outros fabricantes de vinho e famílias conhecidas como os Portantiolo e os Funari.

Alimentação: a base era a carne suína, guardada na banha, faziam caillette e patê, mas não sabe se isso é francês ou alemão. Comiam arroz, batata e aves como ganso, pato e peru.

Figura 56: *Caillette*. Disponível em < http://pechedegourmand.canalblog.com/>.

Adaptação: Ele acredita que a adaptação deles não foi difícil porque vieram em grupo de famílias, tinham o apoio uns dos outros.

Hábitos brasileiros: acha que não se abrasileiraram, pois o pai costumava comprar sementes que vinham de fora. E ele próprio usava sementes de ervilha que a empresa Minuano fornecia para os agricultores.

Ser francês: Considera que vem da criação, dos costumes familiares o fato de que os estrangeiros, seja ele francês ou alemão, sempre gosta de ter uma horta. O francês gosta de ter parreiral e fazer vinho ou suco de uva. Mas é preciso saber cuidar desta plantação, então considera que esse conhecimento identifica um estrangeiro, um francês porque vem de pai para filho. Comenta que às vezes vê algum filme sobre a França, ou na televisão, mas que não tem muita referência porque é um país desenvolvido que não se preocupa em divulgar sua cultura. Ele gosta de ser descendente de francês porque acha que a pessoa que tem alguma ascendência estrangeira é sempre procurada para ajudar em algo e cita que isso sempre ocorreu com a família, desde os velhinhos que foram mortos, sua avó e também seu pai.

Cemitério: chamam de cemitério dos Wahast, mas não é, pois o nome é dado ao santo do primeiro sepultamento e foi uma moça de nome Ana, por isso é Cemitério Santa Ana. O túmulo da moça está no centro do cemitério. Mas o pai comprou terras que incluíam o cemitério, assim foi ele quem fez a doação do cemitério para a prefeitura

de Canguçu. Nessa época o pai era vereador suplente. Havia uma foto onde o pai aparecia ao lado do prefeito da época.

Figura 57: Gradil que marca três sepulturas dos velhos Wahast, está atrás dos túmulos de Luiza Ribes Wahast e Alfredo Wahast, no Cemitério de Santa Ana, no Corredor dos Wahast, em Canguçu. Fonte: foto do autor, 2008.

Identificação de Família: Ele diz que as pessoas são geralmente reconhecidas por suas famílias, eles mesmo eram conhecidos porque distribuíam farinha e vinho. Assim quando sabiam que ele era Wahast, já sabiam quem era da família dele e que ele era daquele lugar.

Características de Wahast: ele sempre via o pai cuidar de chácara e acha que esta é uma tradição da família Wahast, algo que passa de pai para filho. Fazer vinho também porque ninguém ensinou, era um conhecimento passado de pai para filho. Eles até tinham 'termômetros' (glucômetros e densímetros) para calcular o percentual alcoólico e a dosagem de açúcar, mas faziam pelo conhecimento tradicional. Fisicamente acha que puxou mais para o lado dos Wahast, assim como a irmã Leda, já o irmão Oscar ele acha que ele puxou mais pelo lado alemão.

Lili: na fala ele considera a irmã como referência para a história da família. Pois em diversos momentos da entrevista comenta que ela "deve saber contar mais coisas". Acha que a Lili é parecida com a avó Ribes.

Idioma: lembra que sua avó cantava em francês e que falava três línguas: francês, italiano e português.

Museu: acha que o trabalho de pesquisa e organização de um museu é bastante difícil e que não existem muitas pessoas interessadas em desenvolver este trabalho. Mas acha que o trabalho sobre os franceses é importante e que será muito divulgado. Haverá famílias de outras etnias que vão querer fazer, mas que não é um trabalho fácil.

Depoimento de Leinira Prestes Ribes

(1ª geração)

"O pai ia visitar no fim do ano, ele dizia que tinha que visitar e pegava o cavalo e ia lá".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps.

Local: Morro Redondo, sede.

Data: 25 de outubro e 11 de dezembro de 2008.

Duração: 36 minutos.

Participação: nenhuma outra participação.

Figura 58: Foto de Leinira Ribes Wahast. Foto do autor, 2008.

Resumo: Avô francês, avó Lilica, lavouras, criações, local de origem, parentes, casamento, Colônia Francesa, Televisão, visitas de parentes, Lino Ribes, parreira, vinho, frutas, doces, alimentação, outras famílias, Sanga Funda, adaptação difícil, hábitos franceses, características de Ribes e Wahast, ser francês.

Quadro analítico do depoimento de Leinira Ribes

Figura 59: Foto da colheita do piretro, no centro está Alcides Ribes. Fonte: acervo de Edinaldo Ribes.

Avô francês: Comenta de Alcides Ribes, o avô que veio da França e morava na Sanga Funda. O Avô morreu cedo e deixou a esposa grávida do pai dela.

Avó: A avó chamava pelo apelido de Lilica, o fim de sua vida foi cuidada pela nora, mãe de Leinira, em cima de uma cama. Ela conta que a avó trabalhou colhendo piretro para os Wahast, fala de uma foto que mostra isso e está com os irmãos.

Lavouras: a família de seu pai trabalhava em plantações e criação de galinha.

Local de origem: O local de origem na França ela não sabe, mas diz que um parente chamado Cláudio Ribes Barcelos tem uma pista através de uma historia de que o local tinha ocorrido uma enchente no rio. Ele tem também um documento dos Ribes. O pai não contava nada.

Casamento: ela casou com um descendente de francês, Olmar Wahast, que era um vizinho, conhecido, mas foi depois que ter saído da Sanga Funda para trabalhar e retornado que resolveu namorar e casar. Para ela o fato dele ser de família conhecida ou ser descendentes de francês não pesou em nada.

Visitas de parentes: ela não lembra das visitas, mas sim de seu pai contar que a família de Emílio Ribes vinha para churrascos e que o Emílio cantava em francês. Era visita de parente, eles não tinham nenhuma troca de experiência, produtos ou negócios. O pai ia a cavalo visitar os parentes em Pelotas todo fim de ano. O irmão Ariano foi há pouco tempo e visitou Lino Ribes. Ela comenta que seu irmão não conhecia o lugar, mas foi se informando e tinha uma foto antiga e assim reconheceu a casa. O que mais chamou a atenção de Ariano foi que a família Ribes gosta de ler, e que o Lino tem um grande acervo de livros e escreve um diário. Ela lamenta não ter feito um diário quando trabalhou na escola.

Outras famílias: Na colônia ela sabe que tem a família Jouglard e na Sanga Funda conheceu só as famílias Wahast, Ribes, Carré e Zurchmitten.

Figura 60: Foto do Obelisco da Colônia Francesa de Pelotas sendo observado durante a visita do francês Yves Merien à Pelotas. Fonte: foto do autor, 2005.

Colônia Francesa: ela não conhece a colônia em Pelotas, mas viu reportagem sobre os franceses pela televisão, onde apareceu o monumento (obelisco). Ela imagina que na colônia as casas eram grandes com alicerces de pedra, paredes grossas, dobradas, com varandas e barril. Mas pelo que o irmão falou, é tudo diferente, é menor. O que chamou a atenção do irmão foi ter cacimba com água boa nas casas.

Sanga Funda: Não sabe quando vieram para Sanga Funda, mas o pai já nascera ali e ele tinha irmãos mais velhos, segundo ela, foi ainda no século 19. Ali só os Wahast produziam piretro e vinho. Diz ainda que lembra do ranchinho tapado de capim onde moravam os velhinhos que mataram da família Wahast. Para ela a vinda para Sanga Funda foi em busca de terras de boa qualidade porque queriam fazer vinho. Porque contavam que o avô Alcides Ribes morreu quando estava roçando uma lavoura para montar um parreiral.

Frutas: tinham chácara em casa, mas não para comércio. Vendia-se algum figo verde e se fazia doce de figo na panela. Também fazia compota de figo. Lembra do pai contar que ele pedia para as irmãs mais velhas, Elizia e outra, para fazerem passa de pêssego seco quando ele era criança.

Alimentação: faziam patê, "mursilha" (morcela), *caillette*. Em casa a base da alimentação eram legumes, mas comiam misturas. Arroz com batata, por exemplo.

Colônia Arthur Lange: Ela conta que sua irmã Neiva foi passear em casa de Ribes nesta colônia e que lá serviram alcachofra e disseram que aquilo era comida francesa.

Adaptação difícil: acha que a adaptação deles foi fácil porque não tinham mais nenhum sotaque.

Idioma: os franceses antigos que conheceu não tinham sotaque. Diz que tem que cuidar um costume que tinha, que também via o pai dizer, que é o de falar “ainsi” ao invés de assim. Ela diz que os Wahast também costumam dizer “eu di” alguma coisa, quando era para dizer “eu dei” alguma coisa.

Hábitos franceses: francês gosta de vinho. Ela acha que é francês o seu costume de cuidar de horta. Segundo ela os franceses que vieram para Sanga Funda trouxeram mudas de chás e ela gosta de plantar e tomar chá, então para ela esse fato a liga com os franceses, porque eles deviam tomar chá na França.Dos franceses acha que herdou a agricultura e o gosto de ler e se atualizar.

Hábitos brasileiros: acha que pegaram os costumes nacionais, pois diziam que gostavam dali e que não queriam voltar para a França. Ela gosta de cuidar de jardins e diz que isso herdou da avó Prestes, diz que se lembra até das flores que a avó tinha no jardim.

Características de Ribes: tem o pé mais achatado, são mais magros e altos iguais a seu pai ao contrário dos Prestes que tem uma tendência a serem mais gordos. Por isso ela se acha mais Ribes, parecida com seu pai e tios Ribes. O pai valorizava o estudo, e ela acha que isso é uma característica dos Ribes: ler e estudar.

Características de Wahast: tem o pé mais acavalado

Ser francês: ela diz que tem pouca referência da França hoje, mas diz ter orgulho de ser descendente de imigrante francês e de ser Ribes.

Depoimento de Eugênio Ribes Wahast (2ª geração)

"Eu acho que eu também, quando tiver a minha casa vou plantar um pé de parreira".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps.

Local: Morro Redondo, sede.

Data: 11 de dezembro de 2008.

Duração: 44 minutos.

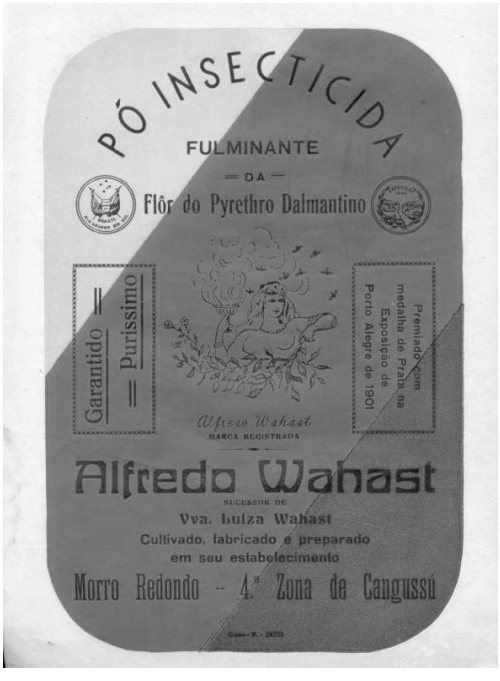
Participação: nenhuma outra participação.

Resumo: Sanga Funda, avós Wahast, venda/estabelecimento, lazer, família unida, pai, viagem ruim, Colônia Francesa, Lino Ribes, visitas de parentes, piretro, parreira, vinho, garrafas, pêssego, doce, cozinhar, internet, livro dos franceses, essência dos hábitos franceses continuam, idioma, fotografia, características Wahast e Ribes, estereótipos franceses, ser francês, sobrenome, museu.

Figura 61: Foto de Eugênio Ribes Wahast. Fonte: acervo de Eugênio Wahast.

Quadro analítico do depoimento de Eugênio Wahast

Sanga Funda: morou na Sanga Funda, perto da casa antiga dos Wahast até os 18 anos. Acha que os ancestrais vieram para Sanga Funda porque buscavam uma outra fonte de trabalho ou porque as terras eram mais baratas para comprar. Porque não iriam querer se separar da Colônia Francesa, depois que eles saíram de Pelotas viveram sempre juntos, não se dividiram.



Avós Ribes: não conheceu os avós maternos.

Avós Wahast: diz que teve mais contato com os avós paternos, que ia na casa deles diariamente. O avô gostava de trabalhar na marcenaria. Tinham leitaria, quando ele nasceu já não faziam mais vinho, ele só conhece o tanque e as garrafas que restaram. Antes faziam piretro. Tinham porcos, enquanto as casas da volta tinham 2 ou 3 por casa, os avós tinham uns 20 porcos em dois chiqueiros. Tinham vacas. E principalmente a venda.

Figura 62: Rótulo do pó de piretro produzido por Alfredo Wahast. Fonte: acervo do autor.

Venda/estabelecimento: lembra que ajudava na venda nos avós, porque já estudava e sabia fazer conta. A Venda era um ponto de encontro, movimentado, as pessoas iam para beber, comprar, jogar bocha, jogar cartas (Sol). Os Carré são os que mais gostam do jogo do osso.

Família unida: para ele o mais importante é que naquela época de sua infância a família era unida. Os tios vinham de Pelotas, faziam almoço, churrasco, preparavam uma grande mesa para todos, e hoje isso não acontece mais, a família se dispersou.

Parreira/vinho: cultivaram parreira e produziram vinho. Até hoje eles sempre tem uma parreira é uma tradição.

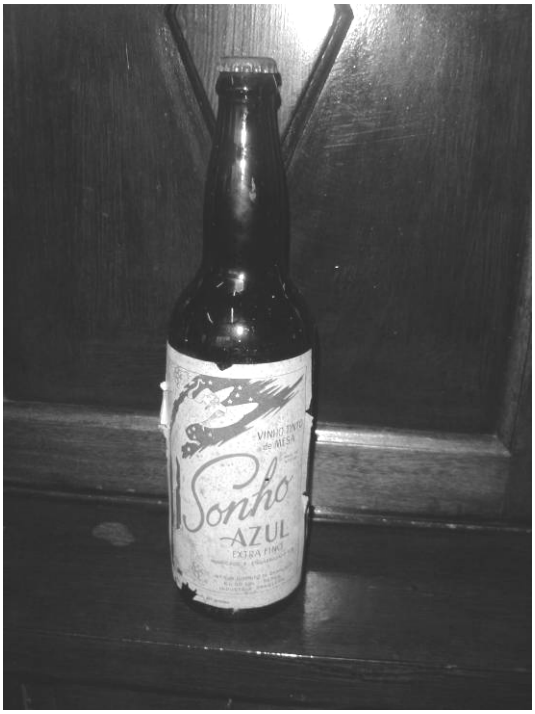


Figura 63: Garrafa rotulada e ainda fechada com vinho produzido por Alfredo Wahast com o nome de vinho "Sonho Azul". Fonte: acervo de Olmar Wahast.

Vinda da França: não soube dizer qual era o ancestral francês e não citou os Ribes, apenas tentou identificar qual seria o Wahast francês. Também não sabe dizer o local de origem da família. Sobre a viagem diz que foi de barco e que foi uma viagem ruim. Os avós não eram de contar essas histórias da família. Só soube da morte dos ancestrais Wahast depois que começaram as pesquisas sobre as famílias francesas. Ele conta que quando ele era criança as histórias que ele gostava eram de fantasma ou de onde tinha dinheiro enterrado. Lembra também de que a casa dos avós Ribes e Wahast não era a original, em ambas teve uma casa antes, pois quando era pequeno diziam de uma "outra casa". A dos Wahast é de 1922.

Colônia Francesa: não conhece a Colônia Francesa de Pelotas. Quando busca saber sobre a família, é sempre a figura de Lino Ribes que aparece. Por isso acha que ele tinha destaque na comunidade.

Visitas de parentes: Sabe que a tia Elza vem de Pelotas fazer visita para a tia Lili, mas não sabe se ela é da Colônia Francesa ou não.

Colônia antigamente: acha que devia ser como era a Sanga Funda antes dos avós morrerem, quando a família se juntava bastante, era unida, faziam festas, eram hospitaleiros e gostavam de receber visitas. Devia ter produção de vinho e criação de porco porque quando matavam porcos repartiam a carne com os vizinhos, pois não tinha geladeira.

Colônia hoje: atualmente não fazem repartem mais carne com os vizinhos, ele acha que muitos costumes das famílias já se perderam, mas que ainda existe uma essência que une a todos. Essa essência está ali inerte, no sangue, mas se tivesse um encontro entre as famílias isso iria voltar, esse sentimento de gostar de se unir, de se reconhecerem.

Pessegueiro: sabe que plantavam pessegueiro no lugar onde antes tinham parreiras. Não ajudava a colher pêssego, mas gostava de acompanhar o pai para levar a fruta para as fábricas. Lembra da fábrica de Albino Neumann em Morro Redondo que sempre lhe dava algo de presente.

Doce: lembra que a avó gostava de fazer doce e fazia os melhores doces. Ela fazia doces de tacho e ele às vezes ajudava a mexer o doce. Fazia doce de abóbora, figo, pêssego e principalmente de goiaba. Também faziam pêssego seco em passa.

Figura 64: Antigo tacho e pá de fazer doce em pasta. Fonte: Acervo de Lili Wahast.

Cozinhar: o ato de cozinhar é lembrado como um hábito da família, onde até mesmo ele aprendeu a fazer doce.

Alimentação: lembra que faziam pão folhado na pedra, mas não sabe dizer se isso é francês ou não, mas diz que no Rincão dos Melões é mais freqüente fazerem.

Internet: o que ajudou a conhecer muitos Ribes e Wahast foi a internet, através do Orkut que tem a “comunidade das famílias descendentes de franceses de Pelotas”, pois ali centraliza muitos franceses destas famílias.

Idioma: acha que o uso do idioma francês desapareceu porque não houve um incentivo, porque os alemães ainda mantêm o uso de seu idioma ancestral. Assim se tivesse um curso de francês para os descendentes, muitos iam se interessar porque as pessoas gostam de voltar um pouco às origens. O que acontece é que os mais velhos não fazem questão de expor a história da família. Ele diz ainda que acha que não foi difícil aprender o português porque os franceses viviam juntos e devem ter continuado a falar francês entre eles por um bom tempo, até aprenderem de vez o português.

Fotografia: tirar fotos é um costume que ele tem e gosta porque pode guardar e lembrar dos momentos em família.

Hábitos franceses: a família sempre tem parreira, é uma tradição, ele diz que quando ele tiver a casa dele também terá uma parreira.

Características dos Wahast: segundo ele Wahast é teimoso, assim como ele é. Diz que os Wahast tem a unha do pé diferente, que cresce para cima e não para frente. E isso ele saiu igual ao pai e ao avô.

Características dos Ribes: acha que a família gosta de viver junta porque depois que vieram para Sanga Funda não se separaram. Gostam de se reunir. Diz que de 4 Ribes, 3 usam óculos, que a miopia é uma característica que ele herdou. Ele acha que herdou coisas dos Wahast dos Ribes, que é misturado. Os Ribes tem tendência a serem calvos ou ter entradas na testa. E espera não ter essa característica.

Estereótipos franceses: o que sabe da França são os estereótipos mais comuns: de que francês não gosta de tomar banho, que eles gostam de perfume porque não gostam de tomar banho, que gostam de futebol e que gostam de cozinhar.

Ser francês: seu avô dizia que a família tinha vindo da França, mas ele não ligava para aquilo. Dizia ainda que gostava da França, mas foi aos poucos que essa admiração foi crescendo. Hoje ele diz ter orgulho de ser descendente de franceses, mas que não é maior do que o orgulho de ser gaúcho. O que hoje o liga com a Colônia Francesa e a história da família é o gosto pelo vinho e pela parreira, acha que isso é herança da França.

Sobrenome: diz que foi fácil aprender a escrever o Ribes, e com o Wahast se atrapalhava um pouco com o “h”, mas que o pai sempre teve o costume de soletrar o nome e assim aprendeu logo.

Museu: acha importante se fazer o museu dos franceses, o que já deveria ter sido feito a mais tempo, mas que não deram importância. Comenta que falou com colegas sobre o museu, o livro e a pesquisa sobre os franceses e vários mostraram interesse e queriam que isso se fizesse com as etnias deles. Ele valoriza porque esses trabalhos falam da história e os costumes das famílias e de uma região.

CAPÍTULO IV

...Eles contam sua história.

" Gente

As gentes daquela terra
Nasceram com um brilho
Que é encontrado em outras
Mas com certa raridade.

Se reconhece nelas
Capacidade singular
De sentirem-se em casa
Na metrópole ou na favela.

Com desenvoltura
Adentram salas do saber
Ou no barro pisam
Pro chimarrão, perto do fogão.

Falam rebuscado se necessário,
Influenciam decisões,
Mas derretem o coração
Ao entenderem a mais simples gente.

Não subestimem jamais
O colono da roça
Ou o migrante favelado
Na frente daquela gente.

Será como atingi-la
Diretamente na sua história,
Escrita diferente,
Por força, talvez, de um dos pais
Que recusou-se a migrar
Para o asfalto,
Mas propiciou desafios
A seus rebentos,
Que foram pra além-roça
Mas conservam pra sempre
Aquele brilho especial
De ter consigo
Os dois mundos no coração."

– Clesis Crochemore (2003, p.79-80)

Neste capítulo temos por objetivo fazer o cruzamento dos temas destacados no corpo empírico do trabalho, apresentado no capítulo anterior com a teoria, apresentada no primeiro capítulo. E assim formar um catálogo étnico dos acervos culturais das famílias e por fim ter uma idéia do conjunto étnico.

Na primeira parte do presente capítulo, identificaremos quais os suportes de memória criados pelos descendentes das famílias francesas fundadoras da Colônia Santo Antônio e aludidos pelos participantes em seus depoimentos. O que permitirá também fazermos aproximações entre as gerações, dentro da família analisada e ainda uma projeção para o conjunto étnico. Ainda se fará uma análise conjetural de como estes indivíduos escolheram estes diferentes tipos de suportes indicados nos depoimentos e formaram seus acervos culturais.

Na segunda parte nossa preocupação recai no binômio memória e história. Queremos perceber a forma como os suportes são utilizados por eles para evocar a memória e os relacionar com a história pessoal, familiar ou étnica. É o momento em que os suportes se relacionam com a história das famílias, com a origem francesa, o passado na colônia Francesa. É aqui onde os descendentes mostram como utilizam os acervos culturais para evocar sua memória social.

E na última parte do capítulo, pretendemos lançar luz ao pensamento do grupo étnico que estabelece estes suportes de memória, agrupados em acervos culturais étnicos e pessoais, com a intenção de explicar os espaços, as permanências e rupturas históricas, a identidade étnica e as relações entre as famílias. Queremos compreender o significado social que o suporte traz para o grupo enquanto promove a identidade étnica e a interação social.

Desta forma, através da gestão dos acervos culturais do grupo étnico da Colônia Francesa de Santo Antônio buscamos perceber a memória social, a história e a etnia através da gestão e contribuição dos acervos culturais da Colônia Francesa de Pelotas.

4.1. Os seus suportes de memória

Aqui apresentamos os suportes de memória que os participantes individualmente utilizam em seus depoimentos.

A análise feita destes acervos culturais étnicos pretende indicar como os suportes criados pelos indivíduos são capazes de manter a memória social, contar a história destas famílias e construir a identidade étnica. Vamos observar o que acontece entre as gerações de uma mesma família e depois comparar as diferenças entre as famílias que representam graus diferentes de interação com a colônia de Santo Antônio, núcleo geográfico do grupo étnico. E por fim, projetar os resultados deste estudo histórico para o conjunto étnico.

Família Magallon

Luiza Magallon (1ª geração)

Neste depoimento a maioria dos suportes está ligada à materialidade. São objetos, atitudes e condições referentes ao cotidiano e a realidade material.

Suportes: A França, o cavalo com selim de veludo, o arroio, o pão na pedra quente, o **fogão** de gancho, a cama de estaca, o rancho de coqueiro, o prato de goinfre, a figura do padeiro, do vendedor de frutas e de criações, a luz elétrica, a parreira e o vinho, o pessegueiro, a presença de **parentes** através de fotos ou visitas, a língua francesa, o passeio na cidade, o obelisco, a escola, a estrada, as ruínas da Fábrica de Papel, o café, o cemitério, o cinamomo, sobrenomes e pessoas de outras famílias, palavras do linguajar, o jeito de caminhar, o trabalho, o ato de comer alho e cebola, a falta de **dinheiro**, a **velhice** e a viuvez.

Albino Borges (2ª geração)

A maioria dos suportes estão ligados à materialidade, mas há alguns que estão no nível da oralidade, como a força física e a dedicação ao trabalho.

Suportes: As **terras** e propriedades, o arroio, a foto da casa, o tamanco, as cacimbas, o toucinho na vara, o **apego** à família, as **máquinas** agrícolas, o ônibus, a tecnologia, a luz, o telefone, as motocicletas, a parreira, o copo de vinho, o pêssego, a compota e os cristalizados de figo e pêssego, as **ruínas** dos Capdeboscq e Ribes, a carne de porco, o toucinho, a lingüiça, as ruínas da Fábrica de Papel, a cancha de bocha, as carreiras de cavalo, o jogo do vispo, o ato de descascar milho, o café e a **visita** aos vizinhos, a pronúncia do nome Magalão, o uso do alho e de benzeduras, os **alicerces** de antiga casa de pedra, a força física, as características físicas dos familiares, a dedicação ao trabalho.

Denis Marcelo Borges (3ª geração)

Os suportes utilizados por Denis circulam menos na materialidade, como as máquinas agrícolas ou os objetos antigos; e mais no campo da oralidade e da visualidade, como o gosto pela agricultura ou o trabalho, a valorização do cemitério, a figura da avó, as características da família e as reportagens televisivas sobre a colônia.

Suportes: A figura da **avó**, o arroio, o barco, o colchão de palha, o **candeeiro** à querosene, a carne de porco na banha, o ovo estralado, a persistência em não desanimar, o **gosto** pela agricultura, o alho, os doces de pêra, figo e pêssego, as compotas e os cristalizados, o forno de pedra e a cacimba de **tapera**, o ônibus, a escola, a parreira, o vinho, o jogo de bocha, de futebol e as festas da igreja, as outras famílias e vizinhos, o **cemitério** e o dia de finados, as seguranças, o linguajar da avó, a faca, o casacão grosso, a cebola, as terras e propriedades, a enxada, as **máquinas** agrícolas, o **gênio** forte, esquentado, emburrado e obstinado dos familiares, o **gosto** pelo trabalho e pela agricultura, as atitudes do filho, a **televisão**.

Deivid Marcelo de Oliveira Borges (4ª geração)

Com apenas 10 anos, Deivid ainda aprende a se reconhecer como sujeito social para construir a sua identidade. Seus suportes são todos retirados das conversas com o avô e muito ligados à materialidade.

Suportes: A foto da bicicleta de pau, o fumo, a casa do avô, a cancha de bocha na venda de Nilza Longchamp no fim da linha do ônibus.

A Família Magallon representa nesta pesquisa a família francesa que permaneceu na Colônia desde a fundação. Por isso, se imagina que a aproximação dos descendentes com o cenário da história da família pudesse ter um grau maior de influência na identidade étnica francesa.

Luiza Magallon, a primeira geração, é filha de brasileiros e neta de franceses, seus pais e avós vieram de São Feliciano para Pelotas onde buscavam trabalhar e fazer a vida. O filho e o neto de Luiza compartilham com ela uma valorização da mudança ocorrida na colônia. Hoje não mais se passa pelos trabalhos e dificuldades que os pais e avós de Luiza passaram. A colônia mudou para melhor, dizem os três.

Os três lamentam a perda de alguns costumes ou valores. Luiza fala que não há mais parreira na colônia, o que representa o fim da época de seus pais e avós que tanto se dedicaram a esta cultura. Para Albino, o que deve ser salientado é o fim dos momentos entre amigos, entre familiares. Ele diz que as pessoas não mais se procuram. O fim dos torneios de bocha, para ele, foi o fim de uma colônia que ele conheceu. Como não podia deixar de ser, o neto Denis tem o dinamismo da juventude. Ele não lamenta a perda da colônia antiga, mas sim a perda da qualidade de vida que a agricultura sem agrotóxicos proporcionava antigamente. Porém, admite em sua fala que gostaria de plantar parreiras. Parece-nos que inconscientemente, quer voltar a um ideal que a avó ainda tem.

Se para Luiza, a origem francesa era algo quase irrelevante, porque se confundia com a própria família, e a lembrança de seus pais está vinculada ao trabalho. Para o neto Denis, essa representação de origem francesa é mais importante, pois pode significar novos caninhos e oportunidades, seja economicamente, seja culturalmente. Ser francês está vinculado à persistência e determinação em alcançar seu espaço. Ele diz: "Magallon é louco para o trabalho" e ser brasileiro é ser descendente de estrangeiro, é trabalhar

como trabalharam os ancestrais franceses, é também valorizar a origem através da figura da avó com suas histórias e valores ou da importância do cemitério da Francesa onde repousam seus parentes.

A continuidade dos valores de família parece estar na valorização da presença de parentes, seja através de fotos, seja na valorização das visitas ou na hospitalidade e facilidade em receber as pessoas. As três gerações com seus suportes e formas diferentes demonstraram essa característica.

A relação entre as famílias vizinhas se dá em três fases também: na primeira as idas ao cemitério por Luiza era uma forma de visitar os vizinhos e amigos. Para Albino, os torneios de bocha e os bailes do Raffi, Vila Nova, Fábrica de Papel ou Bachini. E para Denis, os campeonatos de futebol.

Se os costumes mudaram e a maneira de formular a história familiar, para os Magallon ainda permanece o sentido de família. E a importância da família parece estar refletida na importância da figura do avô para a construção da identidade étnica do bisneto Deivid.

Família Longchamp

Celina Fouchy Longchamp (1ª geração)

Os suportes utilizados por Celina estão na ordem da materialidade ou se relacionam com ela. Remetem a ações ou objetos do cotidiano da colônia que hoje não pertencem mais as condições de sua vida.

Suportes: A ponte do **Retiro**, o casamento Longchamp-Ribes, a parreira, o vinho, o pêssego, a compota, a família Ribes, o **goinfre**, o frango com vinho, o patê, o avô Longchamp, a colônia, as **armas** de fogo, a cancha de **bocha**, a Vila Santa Terezinha, o ato de **fazer** pão, de cuidar da casa, dos filhos, das plantações, o Sanatório Veloso, as Terras, a propriedade e o arroio, os tios Fouchy, o **cemitério**, o dia de finados, o Obelisco, a Escola, as carreira de cavalo, os **bailes** da camponesa.

Maria Nilza Longchamp (2ª geração)

Os suportes de memória utilizados por Maria Nilza são na maioria de oralidade ou visualidade, praticamente não há materialidade. Eles se remetem a condições, benefícios ou estão no nível da representação oral.

Suportes: O Sanatório Veloso, os jogos de futebol, a Tia Edite, o cemitério, o dia de finados, a **fotografia** da bicicleta de pau, a s ruínas da fábrica de Papel, o arroio, a terra dos Cazari, a parreira e as armas de fogo, a **teimosia**, a bondade, a bravura, a cor vermelha quando atacado, os olhos característicos, a entonação áspera e forte de falar, o ato de andar a cavalo e a falta de **lazer**, a **aposentadoria** do agricultor, os benefícios e as facilidades da cidade, a conversa entre alemães, o sobrenome, o **estilo** de vida que teve na colônia, a televisão.

Valquíria Guido (3ª geração)

A maioria dos suportes apresentados por Valquíria está no nível da oralidade e estão ligados à família.

Suportes: A Vila Santa Terezinha, a **foto** no túmulo do bisavô, o **cemitério**, o dia de finados, a visita na Tia **Edite**, a parreira, o vinho, a **determinação**, o detalhismo, o gênio forte, a bravura, a gentileza, a pele e os olhos claros, o sobrenome e o gosto por perfumes, a valorização da **avó**, a cancha de bocha, a casa de pedra, outros sobrenomes, a União Camponesa, os filmes antigos com roupas bem fechadas, a 'casinha', a colônia hoje, a conversa entre alemães, as **primas**, o linguajar do avô, a música.

Gabriela Carvalho (4ª geração)

A maioria dos suportes incluídos no depoimento de Gabriela é baseada na oralidade.

Suportes: O **sobrenome**, a pele clara, o rubor, o costume de tomar café, a **bisavó** Celina, a visita na Tia Edite, o **cemitério**, o dia de finados, a agricultura, a uva, outros sobrenomes, a vida simples, o respeito e o juízo, o emprego, os monumentos e a língua com sotaque puxando o 'r', as primas que estudaram francês, o significado do sobrenome.

Saídos da Colônia Francesa em 1969, duas gerações viveram por algum tempo na colônia antes de viverem em Pelotas e duas gerações viveram inteiramente apenas na cidade, indo esporadicamente para a colônia. Esta situação é representada neste trabalho pela família Longchamp.

Celina viveu praticamente toda sua vida na Colônia Francesa, o que lhe marcou este tempo foram as dificuldades da agricultura. Esta dificuldade também esteve presente na vida de Maria Nilza e foi um dos motivos de sua vinda para a cidade, ainda antes da mãe. Valquíria e Gabriela não vivenciaram estas dificuldades. Para Valquíria o contato com a colônia ainda passa pela alegria das brincadeiras de infância na casa da tia Edite, o que já não ocorre com Gabriela que diz ir para a colônia quase sempre em função do dia de finados. Ambas não desejam viver na colônia, embora tenham demonstrado o gosto pelo ar puro e que a colônia está se modernizando. O que já não ocorre com as duas primeiras gerações que já dizem ser na colônia muito melhor e que gostariam de voltar a viver lá.

Já a relação com a França é mais forte na terceira e quarta gerações. Valquíria valoriza a família como categoria que lhe garante a origem, como por exemplo, o gosto de beber vinho seco que o avô lhe ensinou. Gabriela valoriza o sobrenome como categoria que garante a origem francesa. A família é conseqüência da rede formada pelo sobrenome. Para as duas primeiras gerações, não há interesse específico em valorizar a origem francesa. O que importa é a família, que na primeira geração ainda se confunda mais com a própria noção de ser francês.

O Cemitério é o lugar em que todas as depoentes elegem como suporte capaz de concentrar as referências da Colônia Francesa, da família e da própria etnia.

Família Wahast

Lili Wahast (1ª geração)

Os suportes de memória neste depoimento oscilam principalmente entre a materialidade e a oralidade. Podemos encontrar objetos, mas também conceitos e idéias.

Suportes: A família **Ribes**, o omelete na frigideira, a tia Elza, a **medalha** da exposição de 1901, o vinho, a parreira, o pessegueiro, a **venda**, a **velhice**, o pêssego seco, a **caillete** e o patê, o ato de **lavar** roupa no arroio e outros trabalhos, as toalhas de saco branco, o Joaquim Oliveira, a fome, a riqueza, a libra, o barco, a camionete Rural, o **cemitério** da Francesa, a televisão, a tia **Georgeta**, as terras e as **estradas**, o cemitério Santa Ana, as outras famílias francesas, a estatura alta e a estrutura corporal magra, o livro dos franceses, a marcenaria.

Olmar Wahast (1ª geração)

Os suportes de memória referidos por Olmar se equilibram entre a materialidade e a oralidade e sua localização está dentro e fora do ambiente doméstico.

Suportes: A sálvia e os chás de **plantas** medicinais, a flor azul, o piretro, a Farmácia Khautz e o Joaquim Oliveira, o moinho hidráulico de pedra, a **medalha** da exposição de 1901, o chocolate, a amoreira, o arroio ou o mar, as outras famílias francesas, a **casa** dos Wahast de 1922, o cemitério Santa Ana, a foto de vereadores com prefeito de Canguçu, o tanque de vinho, as parreiras, o pessegueiro, o ranchinho de barro e capim dos velhinhos Wahast, o dentista Rodolfo, o **gradil** atrás do túmulo da avó no cemitério, os parentes da família Emílio **Ribes**, o cantar e o falar em francês, o obelisco, o **cemitério** da Francesa, os vasilhames, o barril de vinho, a graspa, a festa do colono no Bachini, a usina do Martin/Ribes, a camionete internacional 1946, a **caillette**, o patê, a carne suína na banha, a família unida, as sementes estrangeiras, o gosto por horta e pela chácara, o conhecimento para plantar e fazer vinho, o auxílio aos outros, a parreira e o vinho, a venda de farinha, vinho e pó de mosquito, os glucômetros e densímetros, a irmã Lili.

Leinira Ribes (1ª geração)

Leinira é descendente da família Ribes que veio para Sanga Funda, e esposa de Olmar Wahast, seu primo de terceiro grau pelo código civil ou de segundo grau pelo código canônico. Os suportes apresentados foram a partir de sua casa paterna, os Ribes, mas acabou por introduzir inevitavelmente suportes referentes aos Wahast, ao menos em comparação. Seus suportes são abstratos e estão quase todos no nível da oralidade.

Suportes: A **foto** da avó grávida trabalhando na plantação de piretro, o pai, a agricultura, a lavoura, o parente Cláudio Ribes Barcelos, a família Emílio **Ribes**, o irmão Ariano Ribes, o **Lino** Ribes, as outras famílias francesas, o piretro, o vinho, o ranchinho dos velhos Wahast, a parreira, o gosto por cuidar da **horta** e tomar chá, o gosto pela leitura e pelo estudo, o pé achatado, o pé acavalado, a estatura alta e estrutura corporal magra, o pêssego seco, o patê, a morcela, a **caillette**, os legumes e mistura de comida, a alcachofra, o linguajar, a televisão, as casas de pedra, o barril e as varandas.

Eugênio Wahast (2ª geração)

Eugênio carrega dois sobrenomes significativos da colonização francesa em Pelotas e Canguçu: Ribes, pela mãe e Wahast, pelo pai. Seus suportes dividem-se entre

a materialidade e a oralidade. Mas segundo ele são dos suportes visuais a sua preferência para manter a memória.

Suportes: O trabalho, as terras baratas, a mesa grande da cozinha, o churrasco, o almoço da **família**, o gosto por receber visitas, a hospitalidade, a união, a **casa** dos Wahast de 1922, a leitaria, os chiqueiros de porcos, o gosto por fotografia, a marcenaria, o **rótulo** de Piretro, as **garrafas** de vinho, a **venda**, a teimosia, a unha do pé diferente, o gosto por reunir-se, o uso de óculos, a miopia, a calvície, o jogo do osso, a parreira, o vinho, a fabricação de vinho e a matança de **porcos**, as fábricas de doces e compotas, os doces e a passa de pêssego seco, o gosto por cozinhar, o pão na pedra, a **internet**, o barco, a conversa entre alemães, **Lino** Ribes, a tia Elza, o avô, o **livro** dos franceses.

Embora a mudança das famílias francesas para Canguçu, tenha um caráter quase de uma nova colonização, essa ruptura não foi tão significativa, pois houve uma continuidade em relação às atividades econômicas. Se em Santo Antônio a seqüência de produtos para o mercado foi a plantação de alfafa, uva e pêssego, na Sanga Funda a seqüência foi de piretro, uva, pêssego. A preocupação ainda era ter um produto para mercado. Repetiu-se no outro município o que tinham feito em Pelotas.

Entre as gerações, Lili é a verdadeira guardiã da memória da família, seja por seu discurso, seja pelo discurso dos parentes. Todos fazem referência a ela neste sentido e ela própria se dá esta responsabilidade. Manter a venda em funcionamento é a forma de manter viva a memória dos ancestrais. Seu discurso privilegia a família, da mesma forma que Olmar e Leinira. Isto também ocorre com Eugênio, mas ele aprofunda essa importância e valorização da família para uma origem francesa. Para Olmar e Leinira a categoria “ser francês” é parte de ser Wahast e/ou Ribes. Para Lili essa diferenciação família/origem é ainda menos clara, parece que no depoimento de Lili, o fato de ser de origem francesa não indica uma separação, seria algo indissociável. Ser francês é ser Wahast e isto é tão natural que não tem significado algum.

Em todas as gerações existe uma preocupação em explicar os espaços Sanga Funda, Colônia Francesa e urbano.

A ligação com a Colônia Francesa de Pelotas é fato real e está na ligação com a família de Emílio Ribes. Apenas com Eugênio isso não fica claro, para ele a ligação com a Colônia Francesa está mais no plano da integração social enquanto etnicidade, acima da questão familiar. Indício disto é a valorização que ele dá ao fato da figura de Lino Ribes ser destaque na comunidade étnica. Ele valoriza Lino para além dele ser Ribes e sim pela significação que tinha aos descendentes de franceses.

No geral, os depoimentos querem garantir a questão da integração social entre Canguçu e Pelotas. Seja pela ligação com a família Ribes, seja pela significação que ganha a vocação comunitária e auxílio mútuo que é dada aos descendentes de franceses na Sanga Funda. É Eugênio quem mais fortemente verbaliza esse sentimento de pertencimento e comprometimento étnico, numa integração social, extrafamiliar.

Considerações entre as famílias

As três famílias representam situações históricas diferentes pelas quais passaram as famílias fundadoras da Colônia Santo Antônio. Por algum destes destinos, todas passaram, senão igual, ao menos aproximado.

Assim entendemos que embora os suportes e os resultados encontrados sejam apenas referentes às pessoas entrevistadas, eles podem ser comparados e pensados no conjunto.

Embora mais próximos do núcleo geográfico do grupo étnico, os Magallon não estão tão influenciados pela idéia étnica da origem francesa. A origem francesa parece ser mais valorizada entre os Longchamp e os Wahast. É possível que a distância geográfica tenha a mais tempo requisitado que os descendentes recriassem a noção de etnicidade a partir da origem francesa.

Generalizando, a origem francesa não tem relevância entre as primeiras gerações. Ali a origem francesa se confunde com a própria família. Ser francês é ser Longchamp, ou ser Wahast, ou ser Fouchy ou Longchamp. Nas gerações seguintes começa a ocorrer uma diferenciação entre ser de tal família ou ser de origem francesa até ficar mais claro nas gerações mais novas que há uma completa diferenciação. Isto parece ter uma explicação história na construção deste sentimento. Nas primeiras gerações, os pais franceses quase não valorizavam o ser francês, a vida na França, com raras exceções devia ser esquecida, no Brasil não haverá dificuldades, apenas sucesso. Mas com os casamentos pluriétnicos a partir da terceira geração, é mais fácil para o indivíduo perceber qual é sua herança francesa ou de outra etnia, e pode a partir daí construir uma nova identidade. Se esta herança lhe é agradável ele passa a reconhecer-se como francês, além de ser desta ou daquela família. É o início da idéia de etnicidade. Os descendentes reconhecem alguns traços culturais nos outros que são identificados com ele mesmo. É um sobrenome diferente que ele acha interessante e percebe outros sobrenomes em comparação. É a ida ao cemitério ou o próprio dia de finados que ganha um significado além das obrigações religiosas. Essa particularidade parece ter se modificado entre os descendentes de forma que o ato de ir ao cemitério é ainda hoje um meio de rever amigos e parentes, é uma visita aos parentes vivos ou mortos. É um estreitamento de laços de amizade entre as famílias. Nesta pesquisa percebemos que o Cemitério da Colônia Francesa é o principal suporte de memória dos descendentes. Mesmo para aqueles que vivem em Morro Redondo e Canguçu, o cemitério é uma referência à identidade étnica.

A valorização da colônia em relação à modernização e ao desenvolvimento ocorre ao contrário. Ela é mais forte entre os Magallon, é menor entre os Longchamp e entre os Wahast a colônia é considerada como abandonada, estagnada ou empobrecida. Para eles a colônia está em meio a capoeiras. Essa idéia surge porque não possuem contato com a colônia e comparam com a falta de modernidade e juventude trabalhando nas terras da Sanga Funda. É possível que no imaginário dos Wahast a Colônia Francesa significava fábricas de vinho e compota, e isso não existe mais. É óbvio que por estarem dentro da Colônia os Magallon muito provavelmente não diriam nada diferente, mesmo que tenham dito das ruínas das fábricas de Capdeboscq, Ribes e Pastorello. Porém, é a opinião dos Longchamp que irá dar os parâmetros, de que a colônia apenas fechou um ciclo, mas está tentando iniciar outro ciclo econômico pelo dinamismo de jovens como Denis e outros que levam da cidade a tecnologia para modernizar e aproveitar melhor a colônia.

A mudança é aceita pelas três famílias. Porém a forma de entenderem isto é diferente. Para os Magallon a perda dos valores de antigamente, entre elas a prática das visitas, que também é reclamada entre os Wahast, é fato passível das mudanças do tempo atual. Isto está incluído no mundo mais amplo. “Ninguém mais quer jogar bocha, agora os jovens querem ser Grêmio ou Inter” é o que diz Albino. Para os Wahast, esta condição não está perdida totalmente. No dizer de Eugênio “é a essência de todos, está

ali dentro esperando um incentivo". Para os Longchamp, esse sentimento nostálgico ele é traduzido pelo retorno à colônia. Maria Nilza diz que "gostaria de morar num sítio depois de se aposentar". Como está deslocada para a cidade, não percebe que a colônia realmente mudou. É possível que Eugênio esteja certo e que ainda esteja na essência dos descendentes a possibilidade de reestruturar esse sentimento numa associação entre os franceses ou mesmo no Museu étnico.

Um dos fatos que mais nos interessou foi que todos os descendentes de franceses que entrevistamos sabiam da ligação daquelas famílias como as famílias francesas da Colônia Santo Antônio. A presença dos franceses em Sanga Funda se deu quase como uma nova colonização, um desdobramento do grupo original. E o sentimento de ligação com a colônia Francesa de Pelotas era tanto que seus descendentes tiveram a preocupação em manter esse laço. Além dos entrevistados Lili, Olmar, Leinira e Eugênio, também conversamos com Onofre Ferreira dos Santos, morador no centro de Pelotas e seu irmão Darci Ferreira dos Santos, morador na zona urbana de Morro Redondo, também Cláudio Ribes Barcelos, morador na zona rural de Canguçu. Todos sabiam com detalhes da ligação de suas famílias com a Colônia Francesa de Pelotas. Porém, o contrário não se manteve, de todas as entrevistas que fizemos para esta pesquisa e para a pesquisa de 2000, o único depoente que sabia e fez referências às famílias francesas de Sanga Funda foi Lino Emílio Ribes.

Em todas as famílias, encontramos aquele sujeito que no capítulo teórico chamamos de guardião da memória. Os guardiões das famílias são os da primeira geração, Celina para os Longchamp e Luiza para os Magallon. Para os Wahast, a escolha recaiu sobre Lili, que embora seja da mesma geração que seu irmão, também entrevistado, parece que o fato de ser solteira, ter sempre vivido na casa dos pais e avós e ter valorizado a sua primogenitura fez com que ela se responsabilizasse como a guardiã da memória familiar. O título é reconhecido pelo irmão, pela cunhada e pelo sobrinho.

Gostaríamos de chamar atenção também para a presença de expoentes do grupo étnico. Em todas as famílias, Lino Emílio Ribes e Emílio Ribes são considerados com uma aura diferente, quase heróica entre as famílias. Entre os Wahast são lembrados como os fabricantes de vinho e parentes que vinham visitá-los. Para os Magallon, os amigos que tinham fábrica de compota e vinho para quem vendiam frutas. E para os Longchamp, a família justa e boa que contratou Celina para trabalhar na fábrica e tratava a todos como iguais, sem distinção de etnia ou padrão social.

Outros expoentes são citados por uma ou outra família: entre eles Jules Albert Longchamp, o fundador da Sociedade bailante União Camponesa; Domingos Pastorello, o primeiro fabricante de compota em Santo Antônio; Daniel Capdeboscq, o industrialista e antigo subprefeito distrital; Nestor Elizeu Crochemore, dono da fábrica de doces na Vila Nova; Ricardo Bachini Jouglard, proprietário de loja de máquinas agrícolas; Vítor Francisco Ney, líder religioso que benzia na colônia e no bairro das Três Vendas em Pelotas.

A presença destes expoentes mostra que ocorre um processo de heroificação. Esse tipo de processo pressupõe uma organização, mesmo que incipiente de um grupo, podendo ser um grupo étnico. Nesse ponto confirmamos que existem estas relações sociais capazes de promoverem a heroificação a partir do imaginário social e da história cultural do grupo. A heroificação não acontece por acaso, ela é uma construção ou

reconstrução social que através da reinterpretação de fatos históricos e personagens sociais formula uma explicação do momento histórico[74].

Projeções para o conjunto étnico

Embora não possamos considerar estes resultados como significativos a todo o grupo étnico, eles são bastante representativos e podemos projetá-los para o grupo étnico a partir destes descendentes e destas famílias que participaram deste trabalho de pesquisa.

Os momentos de rupturas que o grupo étnico passou em sua trajetória histórica, fizeram com que o imaginário social se adequasse às novas necessidades. A memória é sempre atualizada e ela foi recriando novas formas de se manter, de contar sua história e construir a identidade étnica. Para fazer essa atualização constante, o indivíduo que é social, forma, gere e modifica suportes para sua memória social.

Assim, a partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, podemos perceber que o grupo passou por três fases: uma primeira fase de adaptação, uma segunda fase de fortalecimento étnico e uma terceira fase de manutenção desta identidade. A cada uma destas fases tivemos diferentes gerações de descendentes que foram criando novos suportes de memória.

Logo que chegaram ao Brasil, ou depois disto, na Colônia Francesa em Pelotas, o grupo passou por uma fase de adaptação cultural, econômica e social. Essa adaptação foi muito provavelmente difícil, pelo menos é o que a maioria dos entrevistados percebe ou imagina. O atenuante desta fase foi a vida em grupo, que possibilitou que ainda falassem em francês por algum tempo, enquanto se habituassem com a língua portuguesa e a cultura brasileira. Desta fase vêm suportes como o Obelisco ou os bailes da Sociedade Bailante União Camponesa. Não há indivíduos considerados como expoentes, nesta fase ainda estão todos em condições muito parecidas. Mas alguns já possuem alguma relevância comunitária, como é o caso de Jules Albert Longchamp. O imaginário está ligado aos valores republicanos da França que aqui encontram o civismo e o amor ao Brasil, sua nova pátria.

É na segunda fase que ocorrem as diferenciações sociais, alguns descendentes tornam-se proprietários, enquanto que outros se tornam empregados. Nesta fase ocorre o auge econômico. As primeiras gerações que auxiliaram neste trabalho nasceram neste momento. Para eles os donos de fábricas eram exemplos de sucesso, a nacionalização do ensino ocorrida em 1939 valoriza o que é nacional[75]. Os suportes agora mudam, são aqueles que envolvem as fábricas, as parreiras, o vinho, o piretro, o pó de mosquito, os pessegueiros, as compotas e os sujeitos que tiveram sucesso e destaque nestas atividades: Pastorello, Ribes, Capdeboscq, Wahast, Crochemore e Jouglard.

Mas, a decadência econômica, o êxodo rural, o advento dos bens de consumo, os indícios da urbanização nas zonas rurais, fecham as fábricas em Santo Antônio e Sanga Funda. Os suportes de memória são alterados porque é alterado o imaginário social que precisa se adequar às novas necessidades. Os descendentes das famílias francesas saem

[74] Cf. trabalho monográfico apresentado para pelo mestrando sob o título "A heroificação e o imaginário social na construção da identidade do grupo étnico francês da Colônia Santo Antônio em Pelotas-Rs". Pelotas: Monografia de Especialização em Formação Social, Política e Cultural do Rio Grande do Sul, UCPel, 2002.p.39-41.
[75] SEYFERT, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Ed. UnB, 1990, p.53.

da Colônia em busca de novas condições, como por exemplo, os Longchamp, na área urbana de Pelotas, ou os Wahast, na localidade de Sanga Funda, em Canguçu.

Nesta terceira fase, os casamentos saem do espaço étnico, os descendentes ingressam em diferentes espaços culturais e ganham novos papéis sociais. Eles circulam em diferentes ambientes e experimentam valores diversos. A necessidade de se repensar sua identidade, contar a sua história, precisou ser revista. O que liga um avô a seu neto? O que liga um descendente da zona urbana com um descendente da zona rural? Ou então um descendente em Pelotas e outro de Morro Redondo ou Canguçu? Temos descendentes que freqüentam CTG - Centro de Tradição Gaúcha, outros preferem as escolas de samba, enquanto que outros oscilam entre estes e outros tantos espaços sociais. O que aproximaria descendentes distantes no tempo e no espaço?

Aqui surge um outro tipo de expoente étnico, aquele que, formado na fronteira étnica, transita entre diferentes espaços. Entre eles temos: Ildemar Capdeboscq Bonat, professor e diretor da antiga Escola Técnica Federal de Pelotas; Ildefonso Fouchy, líder comunitário; Vítor Francisco Ney, líder religioso e o próprio Lino Emílio Ribes, que se destacava na comunidade étnica e até mesmo no meio intelectual e acadêmico, por sua memória testada em diversos trabalhos científicos. Todos são pessoas com destaque cultural ou social. Os suportes de memória são aqueles mais abstratos que fazem referência a elementos de integração social: fotos antigas que estampam ancestrais de vizinhos e pessoas conhecidas, sobrenomes das famílias reconhecidas por terem uma mesma origem histórica, relações de parentesco ou de gratidão por pessoas conhecidas, o cemitério ou a data de finados, ou até mesmo outros suportes ainda mais abstratos que muitas vezes só têm significado para aquele que o escolhe e utiliza para evocar determinada lembrança.

A importância do suporte de memória está no significado que lhe deu o indivíduo que o escolheu. Seja um objeto sem utilidade, aparentemente deixado sobre uma estante, ou uma fotografia presa à parede, ou mesmo um ditado, uma história narrada a partir de uma motivação atual, todos estes artefatos culturais estão carregados de simbolismo. E, esta carga é capaz de emocionar o indivíduo que o guarda e põe naquilo o sentimento que têm de mais valioso para a sua vida, a sua própria condição de estar no mundo.

4.2. A sua memória e a sua história

A memória e a história estão por trás dos suportes utilizados pelos depoentes. Os acervos são organizados com artefatos retirados de dentro do cotidiano dos participantes. Sendo bens culturais, estes elementos tornam-se carregados de historicidade e referenciais de memória e, portanto, são capazes de evocar memórias.

Por isso, os suportes de memória são utilizados não só para evocar a memória, mas também para referenciar o indivíduo que usa daquele suporte para se ligar com a história de sua família e de si mesmo.

No depoimento de Luiza Magallon vemos que ela se atém mais em contar como foi a chegada da família na Colônia Francesa, sobretudo das poucas condições e as dificuldades que tiveram. Os suportes evocam principalmente a história da família, os primeiros tempos na colônia e as dificuldades que tiveram. Evoca também sua história de vida quando ela se vê envolvida no sacrifício de não ter mais de um vestido, de nunca ir à cidade e de ter uma vida de muito trabalho. Entre estes suportes ela cita o motivo da viagem da **França**, lembra que seus ancestrais vieram de lá porque a vida era ruim e quiseram mudar de vida. Lembra do **cavalo com selim de veludo** para dizer da vinda de Dom Feliciano para Pelotas. O **arroio** é uma figura que lhe faz lembrar dos avós que quiseram ficar morando ali na beira do arroio. Lembra dos franceses antigos que falavam o idioma francês e lembra como ela aprendia e que por isso eles pararam de falar francês na sua frente para que ela não aprendesse mais. Fala que atualmente comentaram que iam ensinar francês na escola da colônia.

Ela lembra do trabalho cotidiano e das dificuldades que ela teve na colônia: o **pão feito na pedra quente**, **fogão de gancho**, **cama de estaca**, **rancho de coqueiro**, o **goinfre**, as privações nos primeiros tempos, a pobreza que imperou no início da colonização. O **café** a faz lembrar que levava café das 9 para a família que trabalhava na lavoura. E compara que hoje o **padeiro, vendedor de frutas e criações**, a **energia elétrica** são suportes de memória para lhe dizer o quanto a colônia hoje é boa para se viver. Muitos daqueles antigos trabalhos e dificuldades têm outras alternativas.

A **parreira** e o **vinho** a lembram que trabalharam com isso depois da chegada, depois dos primeiros tempos. Lembra da beleza da festa, da amizade e da boa comida que havia na colheita de uva na casa dos Fouchy. O sinal da mudança da colônia hoje, é a inexistência de parreira na colônia. Também a existência de **pessegueiros** lembra a beleza e a produtividade da colônia antigamente. São resquícios desta outra época.

Os suportes mencionados pelo filho Albino já se referem às mudanças que acompanhou na colônia. A perda de costumes como o **jogo da bocha** e as **visitas entre vizinhos** e amigos, mas a modernização da colônia com o uso de máquinas agrícolas e outros bens de consumo chegados com a urbanização da ruralidade. Ele chega a dizer que considera ter "nascido em berço de ouro", pois cresceu usufruindo destes benefícios.

Ele já se utiliza de suportes como o **tamanco, cacimbas, toucinho na vara** para lembrar da adaptação difícil. Fala do **apego à família** para explicar a vinda e o

sofrimento de ter deixado a família na França. Fala do trabalho na **parreira e do copo de vinho** como principal produto dos Magallon e que lhes identificam também um descendente de francês. Que a família também produzia **pêssego** para as fábricas rurais que deram a Pelotas um período áureo que as **ruínas das fábricas** dos Capdeboscq e Ribes ainda hoje atestam.

E compara com as **máquinas agrícolas, ônibus, tecnologia, luz, telefone, motos** que mostram que a colônia está boa para se viver, que o sonho deles em fazer a Colônia Francesa foi realizado pelas famílias.

Fala ainda com saudade de um tempo que não existe mais e lembra do bom relacionamento entre os franceses antigos. Fala da **cancha de bocha, carreiras de cavalo, jogo do vispo, do se juntar para descascar milho, tomar café e das conversas ao se visitar os vizinhos**. Eram estes modos de lazer, antigos entretenimentos na colônia, mas que hoje se reduziu ao futebol.

O discurso da terceira geração também está vinculado às dificuldades de antigamente e às facilidades de hoje, mas se preocupa com a caracterização de sua família enquanto pioneiros da colonização. A **figura da avó Luiza** aparece como suporte de memória e ícone capaz de ligá-lo com a história da família, pois é a avó que mostra fotos antigas e conta histórias. O **arroio** é usado para situar onde está a escola, onde é o local em que nasceu, era o lugar onde brincava quando ficava com os primos na casa da avó. Mas também o faz lembrar da avó que perdeu um filho no arroio por congestão. Assim como o **linguajar da avó** que diz “ovo estralado”, ou ao gosto dela por alho. Lembra da avó falar cochons/porcos em francês. E identifica como palavras antigas só usadas pela avó: prosear/conversar e quitute/agrado. Estas palavras lembram a relação da avó com o irmão que lhe levava balas.Para ele estas coisas criam o perfil do ser francês.

Ele também lembra do **colchão de palha, candeeiro de querosene, carne de porco na banha** que remetem à pobreza, ao motivo da vinda da família da França, e às dificuldades dos primeiros tempos na colônia, sem dinheiro, sem casa, sem nenhuma condição.

A condição de ser francês torna-se mais visível. Nisto está o gosto pela **agricultura**, essa é sua herança francesa. A persistência em não desanimar no trabalho, ser bom brasileiro é ser brasileiro de origem estrangeira, aquele que lutou e conquistou seu espaço e não apenas recebeu tudo de forma fácil.

Para Denis, o **cemitério e a data de finados** é a ligação mais forte com a Colônia Francesa e os franceses. Quando criança, sempre lhe ensinaram e mostraram os túmulos e onde estavam todos os parentes mortos.

Para a quarta geração, os suportes de memória utilizados são usados para referirem a figura dos avós, como se fossem a base do que são suas referências familiares. Ainda está em formação a noção de história e a memória passa mais pela metamemória de Joel Candau, conforme comentamos no capítulo um. O menino utiliza-se mais da memória dos outros, do que sua própria memória. Ele fala da **foto da bicicleta de pau, do fumo e da casa do avô** para lembrar das histórias que o avô conta de quando era criança. E a partir daí, também constrói uma relação com elas, como por exemplo, fala da **cancha de bocha na venda** de Nilza Longchamp, no fim da linha do ônibus. Ele diz então que ele também sabe jogar um pouco de bocha.

Família Longchamp

A matriarca dos Longchamp, Celina Fouchy, evoca a vida de trabalho e sacrifício que teve na Colônia Francesa para relacionar suas memórias com sua história. As comidas que ela fazia como o frango e vinho ou a obrigação de cuidar dos filhos. Mas também evoca a vida de sacrifícios que seus ancestrais tiveram, como o caso dos avôs que habitavam próximo a antiga ponte do Retiro. Também evoca a relação com as outras famílias através do cemitério da Colônia Francesa, das carreiras de cavalo ou os bailes da União Camponesa.

Hoje, a **Ponte do Retiro** é um lugar bom e bonito, diferente da ponte antiga onde moravam os avós. Lembra que lá eles passavam muito trabalho com alagamentos. A ligação com os avós também é feita com **seu próprio casamento**, que repete uma ligação existente em casamentos anteriores entre parentes.

Lembra no que trabalhavam na Colônia, da **parreira e do pêssego**. Mas, sobretudo, das **compotas da família Ribes**. Lembra de quando ela trabalhava na **fábrica dos Ribes**, do seu serviço de enlatar compota de pêssego e do quanto os Ribes eram bons, respeitosos e tratavam a todos de forma igual.

Ao mesmo tempo em que lembra das dificuldades na colônia, através do ***goinfre*, do frango com vinho e do patê**, como a alimentação básica dos antigos franceses; ela também assegura que era uma vantagem morar na **colônia**, pois sempre se podia ter comida, mesmo em época de carestia, era só trabalhar.

Armas de fogo, cancha de bocha e Vila Santa Terezinha, são suportes que referenciam a história da família, de quando veio para a cidade à contra gosto e o marido foi trabalhar na compostura de armas e na exploração de cancha de bocha.

Já a fala de sua filha, Maria Nilza está pautada entre a urbanidade e o saudosismo de um tempo que não existe mais, o seu tempo de juventude. Ela circula entre os benefícios de se viver na cidade como ter lugares aonde ir, ter os benefícios dos médicos com facilidade e inclusive a aposentadoria que ainda não alcançou. Mas de outro lado contrapõe que hoje estas facilidades também existem na colônia e que lá ainda poderia ter a tranqüilidade e a facilidade de poder produzir seu próprio alimento na horta.

Fala das dificuldades na colônia, que era um trabalho difícil cuidar das **parreiras** que a família tinha que compor **armas de fogo** para auxiliar na renda. A **falta de lazer** e a necessidade de **andar a cavalo**, lembram da colônia antiga, que não seria diferente da que ela conheceu. A **aposentadoria do agricultor, benefícios e facilidades da cidade** a fazem lembrar que hoje na **colônia** também existem e lhe dão o desejo de se aposentar, comprar um sítio e ir morar na colônia onde é mais tranqüilo. A história se modifica e o **estilo de vida** que teve na colônia, que a fazem lembrar do passado, da família e de sua história, são fortalecidos e a fazem querer revivê-los. O fortalecimento dessa história são a lembrança da relação próxima com os vizinhos e amigos, expressada por **fotografias antigas** e da lembrança dos amigos e parentes. Hoje, a **televisão**, com reportagens sobre os franceses, a deixa emocionada porque sente que aquilo é parte da sua própria história.

A terceira geração da família cria outras relações com a história. Valquíria chama a atenção para os familiares, sua ligação dentro de uma rede familiar parece ter um peso considerável em sua fala. A tia, o bisavô, o avô, as filhas, as primas, todos são pontos de referência. Mas é a figura da avó, a peça chave do depoimento, pois é a avó que faz as pontes com o passado através da ida ao cemitério e das histórias que ela conta

ou com a colônia através da ida a tia Edite. A avó é indicada como responsável pela guarda da memória e por isso digna de ser aproveitada para prestar informações no projeto do museu dos franceses.

Assim, ela conecta a memória com a história lembrando de suportes como a **foto no túmulo do bisavô** para lembrar deles juntos sob uma árvore enquanto ele cantava para ela. O **cemitério e o dia de /finados** são o momento de ir à colônia e ao costume de família. A fabricação e o **gosto por vinho** a fazem lembrar que a família trabalhava principalmente com a uva e o vinho. E imagina que já trabalhavam com isto na França, fazendo com que seja uma forte ligação com suas origens. O gosto que tem por vinho seco a liga também com o avô que dizia que "quem bebe vinho suave, não tem sabor" e acha que isto a liga com a história da família na Colônia, quando eles faziam vinho. Também o sobrenome e o **gosto por perfumes** lembram de sua ligação com a França.

A valorização da **figura da avó** é essencial para a manutenção da memória e da história da família, pois é ela quem conta histórias dos bailes da União Camponesa e outras tantas.

Gabriela, que é a quarta geração dos Longchamp entrevistados pauta seu depoimento na sua relação com a França e com sua história e origem francesa a partir do **sobrenome**. Segundo diz, ela gosta do sobrenome porque é diferente e toda sua família tem. Suportes como a **pele clara**, do **costume de ruborecer**, do gosto por **tomar café**, estão relacionados com o nome de família, seu significado e origem.

As histórias contadas pela **bisavó Celina**, as **visitas à Tia Edite** e ao **cemitério no dia de finados** são utilizados para criar sua história familiar.

Família Wahast

Lili Wahast, que sempre viveu na casa dos pais, hoje reencarna os aspectos da primeira geração da família. Ela é a irmã mais velha de Olmar, que poderíamos considerar de segunda geração. Os suportes mencionados por Lili referem-se à vida que se concentrou entorno a casa dos Wahast. Ela está ligada aos ancestrais. Ali, estão todos os aspectos que a família conduz. A casa é o ícone da família, sua origem francesa ali representada com a **medalha do piretro**, a **parreira, o tanque de vinho, os restos do moinho de pedra**. Podemos perceber que os suportes evocam a própria história de vida que está fortemente ligada à história da família e num segundo plano com a etnicidade, pois era ali que a família recebia a visita dos primos Ribes que moravam na Colônia Francesa em Pelotas. É através do **livro** "Vinhos e Doces", das reportagens na **televisão** e na valorização do próprio cemitério na Colônia Francesa que a ligação étnica se mantém.

Como vemos são muitos os suportes que se relacionam com a história da família e inclusive do próprio grupo étnico francês que se reuniu em Pelotas. A família Wahast representada por este ramo que se radicou em Canguçu, parece ter a ligação histórica maior do que as famílias que ficaram em Pelotas. Lili lembra-se que a avó paterna era Ribes e parente dos **Ribes da Colônia Francesa** de Pelotas. Ela reforça que recebiam visitas do Emílio, Lino e Romilda Ribes que vinham de caminhão trazendo os parentes da Francesa para fazer churrasco e passar o dia. Foi o Emílio que também deu o primeiro galho de parreira ao pai. As relações históricas são reforçadas para que ocorra a ligação étnica.

A ligação com a França também é reforçada com comidas como a ***caillete*** e **patê**, que são costumes da avó Ribes e dos costumes das famílias francesas.

O **trabalho** também é suporte de memória usado para contar a história. O ato de lavar roupa no arroio e outros trabalhos lembram que desde criança a mãe lhe deu a obrigação de lavar roupa e ajudar no trabalho de casa. Lembra que ela sempre trabalhou muito. O trabalho lhe faz lembrar do pai que sempre o via trabalhando.

O irmão mais novo é Olmar Wahast, que consideramos como sendo de segunda geração. Ele apresenta suportes de memória que evocam a memória de família, sua memória de vida e praticamente não tem um destaque em sua fala. É a memória étnica e, sobretudo a memória familiar que dão a tônica ao depoimento. Seus temas e episódios referem-se ao avô conhecedor de flora, à saga da família para explorar o piretro, a uva e o pêssego, aos ancestrais assassinados, ao cemitério e ao obelisco na Colônia Francesa, às visitas dos Ribes e ao cantar em francês de Emílio.

Fala de **plantas** que o avô teria trazido da França, entre elas do **piretro** que foi o principal produto para mercado desenvolvido pela família. A partir disto ele tece a história da família, desde a vinda da França com as plantas e conhecimentos, a escolha das terras em Canguçu, o **trabalho**, a família, o **assassinato** dos ancestrais, a produção e cultivo de piretro, a venda para a Farmácia **Khautz** e para o atacadista **Joaquim Oliveira**.

A relação com outras **famílias francesas** na localidade de Sanga Funda, a atuação dos familiares na comunidade e até mesmo a relação com os franceses em Pelotas.

A esposa de Olmar, Leinira Ribes, também descendentes de famílias francesas que saiu de Pelotas no início da colonização, e por isso considerada também de segunda geração, presta seu depoimento. Os suportes mencionados por Leinira se referem mais a sua própria história de vida e menos a etnicidade, mesmo que esta tenha uma significação considerável no depoimento. As referências à história da família paterna são as principais. Também as referências quanto à relação com a **família Ribes de Pelotas** é forte e tem a amplitude de corresponder a uma identidade étnica. Sua fala busca a explicação do espaço rural, seja na Sanga Funda ou em Pelotas. Sua preocupação está nas continuidades históricas e não nas rupturas ocorridas. Ela refere-se ao **gosto pela horta, pelos chás, pela leitura e pelo estudo**. Todos estes "gostos" denotam uma continuidade do espaço rural no urbano, da tradição francesa no Brasil, das características dos Ribes entre os descendentes.

Já o filho, Eugênio, elenca os suportes que se referem a sua história de vida, em comparação com a história familiar e étnica. A história da Colônia Francesa se faz mais presente. Ele evoca a un**ião familiar, a matança e divisão de carne de porco, sua presença na venda e auxílio aos avós**. Enquanto que os suportes para a memória familiar estão na materialidade, a relação com a Colônia Francesa confunde-se com a relação étnica com a França, estão representadas no nível do abstrato. A **figura de Lino Ribes**, a **comunidade virtual** dos descendentes de franceses na internet e o **livro** "Vinhos e Doces" são utilizados para essa representação étnica.

4.3. Etnia: a expressão da integração social

A memória e a história que estão arraigadas nos suportes de memória são construções sociais, por isso além de serem forjadas na interação social, estas construções sociais são também ali consumidas.

Família Magallon

A fala de Luiza, a primeira geração entrevistada nesta família, mostra que a colônia está bem melhor do que no seu tempo de juventude embora ela diga que a colônia tenha perdido alguns valores de antigamente que eram representados pelo trabalho da família nas parreiras, pela alegria da colheita de uva nos Fouchy e a presença amiga de parentes.

A referência à França ou aos franceses não é clara no discurso dela, ser francês se confunde com a própria noção de ser Magallon. Porém, podemos evidenciar em pequenos indícios como gostar de comer alho nas refeições, no ensino de francês nas escolas que ela também aprendia quando era criança. Ser francês para esta geração é ter vindo da França.

A relação com a cidade é quase nula, sua vida é pautada na vida na colônia. O arroio é um suporte que explica o espaço, pois foi na beira do arroio que os avós escolheram para morar. E é a cheia do arroio que a impede de aceitar o convite da tia para passear na cidade.

As estradas, as propriedades das terras, as idas ao cemitério, a escola e as colheitas de uva ajudam a explicar a relação entre as famílias e vizinhos. Para ir ao cemitério andava por entre as propriedades de vizinhos onde era convidada para tomar café. As colheitas de uva agregavam os vizinhos enquanto que era na escola que os filhos dos vizinhos se conheciam e se relacionavam.

Os suportes também explicam as situações de rupturas e permanências. Ela diz que na colônia não existe mais parreira, mas ainda se pode ver os belos pessegueiros carregados e prontos para a colheita. Também fala que muitos daqueles antigos trabalhos e dificuldades da colônia agora já têm outras alternativas tornando a vida mais fácil, com ter padeiros, quitandeiros e vendedores de criação.

A relação que ela tinha com os antigos franceses, que falavam em francês na frente dela, tem uma continuidade quando seu discurso sustenta que falam que atualmente, ensinavam francês nas escolas da colônia.

A ruptura ocorre na mudança de hábitos da colônia, mas também que lembra dos pais trabalharem, porém ela já não pode trabalhar por causa de sua visão. Seu discurso remete aos problemas da velhice e a solidão da viuvez. Mas agora já com um sentido de permanência, ou de retorno a vida que teve seu avô Magallon, que era viúvo igual a ela e morreu por mordida de cobra, enquanto dormia sozinho à noite.

Sua alegria está nas fotos e visitas dos parentes que são as formas de falar e manter os laços de sangue da família.

O testemunho de Albino Borges tem como tônica, a realização do sonho daqueles franceses que saíram pobres da França, tiveram a frustração da experiência em São Feliciano, mas com dificuldades conseguiram seu espaço e a realização do sonho da Colônia Francesa.

Na colônia a família conseguiu comprar terras resolvendo a questão da falta de espaço que tinham na França. O bisavô italiano Conte é considerado francês porque também foi um dos primeiros moradores no lugar.

Chamar a família pela pronúncia francesa: Magalão ao invés de Magallon e também usar o alho como suporte desta etnia é uma forma de autodefinir. Mesmo recusando ser francês porque acredita que os franceses são afeitos às benzeduras.

A proximidade do arroio, os alicerces antigos da casa de Angelina Colomby denunciam a presença daqueles franceses. Naquelas terras nasceu sua mãe e a família vive ainda junto como que para dizer que o apego à família é para compensar o sofrimento de ter deixado familiares na França.

A ruptura do vinho e da compota com a decadência das fábricas dos Capdeboscq e Ribes, ainda assim permitiu a entrada de máquinas agrícolas, ônibus, tecnologia, luz elétrica, telefone e outros bens de consumo que garantiram que o sonho dos franceses foi realizado na Colônia Francesa.

Se a relação entre as famílias mudou, porque não se visitam mais, não há torneios de bocha, bailes ou carreiras de cavalo, permanece coesa a idéia sobre a família. A força física das histórias do padrinho Augusto ainda permanece na dedicação ao trabalho, como uma característica da família Magallon.

Já a intenção do discurso de Denis parece estar ligada a afirmação de uma origem, uma valorização do trabalho na agricultura e sua vinculação à herança francesa.

O suporte explica o espaço quando o próprio arroio é usado para situar memórias, desde o seu nascimento "do outro lado do arroio" como as brincadeiras com os primos na casa da avó. Também explicam a relação da colônia com a cidade, quando o ônibus é usado como referência e suporte para falar da colheita na plantação de morangos.

A relação com as outras famílias é sentida quando fala da escola, onde estudou com os irmãos e conheceu os filhos de vizinhos. Para isso precisava atravessar propriedades de outras famílias e tinha a presença da professora que era de família local. Os jogos de futebol, e antes os de bocha, também são utilizados para explicar as relações entre as famílias. Mas o suporte mais forte a ser usado para relação entre as gerações de franceses é o cemitério. Ele argumenta que o pai sempre o levava e mostrava os túmulos de parentes e amigos.

A idéia de ruptura surge ao falar da agricultura e das dificuldades que antigamente se tinha na colônia, e algumas ele ainda presenciou como o uso do candeeiro a querosene; e a modernidade que chega com as máquinas agrícolas e outras facilidades trazidas por um mercado consumidor mais exigente. A sua fala é a de um jovem em idade ativa, que visa um futuro, como também idealizavam os primeiros franceses. É na geração de Denis que está a renovação da Colônia Francesa.

Através das atitudes do filho, Denis argumenta e parece mostrar que há continuidade nos discursos e na história da Colônia e do grupo étnico quando cita o ditado familiar de que: "Magallon é louco para o trabalho".

A valorização da origem francesa e da vinculação a um grupo étnico é clara quando utiliza tantos suportes que lembram a figura da avó francesa que usa seguranças presas às roupas, mostra fotos antigas e conta histórias de parentes e antigos amigos, utiliza palavras do francês ou de uso antigo, além de costumes que ele considera herança francesa como uso do alho nas refeições. A televisão é o instrumento que promove a renovação deste sentimento ao veicular reportagens sobre a colonização francesa, mostrando lugares da Colônia Santo Antônio.

Se gostar de doce é uma característica da etnia francesa que ele renega, o gosto pela agricultura, o interesse pelas parreiras ele valoriza. Em seu discurso a sua persistência em não desanimar vem de ser um bom brasileiro ou talvez seja mais, de ser um brasileiro de origem estrangeira.

Marcelo, em sua fala, demonstra a importância dos avós enquanto formadores da memória social. Seu interesse parece ter sido falar de sua relação com as coisas que pensa estarem ligadas aos seus avós.

Pela pouca idade, ele não expõe de maneira clara seu entendimento e reconhecimento da França enquanto um país que tem ligação com uma parcela da família. Também não é objetiva a relação cidade/colônia ou entre as famílias.

Suas referências do mundo social ainda estão muito restritas ao ambiente doméstico, quando muito a escola e a casa do avô.

Fala de forma mais aberta na ruptura de que não gostaria de ter a bicicleta de pau que o avô tinha, mas ainda assim prefere ter uma bicicleta para brincar.

Alguma nuance de continuidade e referência à família surge quando ele afirma já ter jogado bocha na antiga venda de Nilza Longchamp, no fim da linha do ônibus e, portanto, diz que sabe jogar um pouco.

Estes pequenos indícios demonstram que a construção da identidade étnica do depoente passará, sem dúvidas pelas referências balizadas pelos avós.

Família Longchamp

O depoimento de Celina está vinculado com o trabalho e com a principal preocupação dos seres humanos, a sobrevivência.

Seus suportes de memória ensinam que a vida na colônia não era fácil e este foi o motivo da vinda da família para a cidade. Na cidade, optaram pela Vila Santa Terezinha, indicação de parentes e onde várias famílias conhecidas da colônia escolhiam para viver durante o período de êxodo rural. Porém, essa mudança não promoveu a ruptura desejada, as dificuldades continuavam eles apenas deixaram a agricultura, pois mantiveram a cancha de bocha e a compostura de armas de fogo como renda. Em seu discurso, Celina diz que agora a colônia é melhor que a cidade, numa forma de valorizar sua origem.

A relação com a França não é forte, o mais importante é a família, o avô podador, o sogro, a avó Ribes. Ser francês é ser daquela família, ser seus ancestrais. Ela não abstrai a origem francesa, basta indicar os avós e dizer que vieram da França. Não é preocupação em detalhar ou comprovar a origem com outras informações.

O Cemitério é o lugar onde os parentes estão quase todos e os bailes da camponesa era o local onde os franceses se encontravam e celebravam seu interesse de serem brasileiros, pois ali os franceses não falavam em francês.

Já o significado do depoimento de Maria Nilza pode ser buscado naquilo que ela mesma explicitou como "o estilo de vida que teve na colônia". Parece que mais importante que os benefícios urbanos que valoriza, é a família que importa, seja por sua teimosia ou por sua bondade.

Se a vida urbana, as obrigações familiares rompem com a vida simples da sua mocidade. Para dar continuidade a este estilo de vida da colônia, ela se utiliza de fotografias antigas onde a companhia dos filhos de vizinhos é tida como amizade fraterna. Ela diz: "éramos como irmãos".

A relação com a França também é quase nula, o que importa é a família, antes de serem franceses são Longchamp, é o sobrenome que carrega toda a representação. Por isso que quando vê uma reportagem sobre os franceses na televisão ela se emociona, porque diz de sua família. Por isso, a ligação se dá pelo cemitério, o dia de finados é a ligação com a Colônia e com o passado da família.

O depoimento de Valquíria também demonstra que tem trabalhado a questão de ser francesa. A origem francesa é reconhecida e ajuda na construção de sua identidade. Ao analisar o depoimento de Valquíria, entendemos que seu discurso está voltado à valorização da família e da origem francesa. Ela tem suportes como o vinho e o perfume para referenciar a sua relação com a França e os franceses. Tem suportes para afirmar a importância da família, cujo significado é reforçar a origem na Colônia Francesa e na França. Mesmo quando fala do bairro onde mora ela diz que é acolher e na época que os pais vieram tinha uma proximidade com a colônia.

A relação com outras famílias se dá através da rede de parentesco e das histórias contadas pela avó que referenciam outros sobrenomes.

Gabriela enfatiza com seu discurso, o tema do sobrenome que identifica o sujeito e o insere na categoria família. A rede que se forma a partir da identificação familiar é clara. Longchamp liga-se com a França, com a língua francesa que lhe dá significado, a colônia onde a família se organizou, características de família que lhe garantem a origem familiar, o cemitério é o que lhe aproxima da comunidade onde o grupo está inserido. O significado do depoimento recai na valorização da sua origem francesa.

A explicação do espaço da colônia é feita a partir do cemitério que responsabiliza a família de ir à colônia. Ela é categórica na diferença entre a cidade e a colônia ao dizer que se a família tivesse sempre morado lá não haveria diferença de significado, porém se saíssem hoje da cidade para ir à colônia sentiriam muita diferença. Como ela não conhece a colônia, seu imaginário prepara esta representação.

Família Wahast

O discurso de Lili Wahast está pautado na memória de seus ancestrais, o que lhe importa é a família. Sua fala pode ser representada com a venda. Este estabelecimento comercial, que remonta à época de sua avó, é o suporte que materializa toda a historicidade e a memória da família. A origem francesa não tem importância ou se confunde com a valorização da própria família. Existe continuidade na história e na relação étnica quando ela mantém em seu discurso a ligação com os Ribes de Pelotas. E sua intenção é firmar a identidade étnica ao relatar e mostrar fotografias que façam a ligação com o grupo francês em Pelotas que antes de tudo é considerado parente.

Outro significado que traz e que reforça o interesse em permanecer com a venda é a informação de que sempre trabalhou e é assim que lembra de seus pais. O fato da mãe mandar que ela vá ainda criança para lavar roupa no arroio ilustra esse interesse em valorizar o ato de trabalhar.

Mas é quando diz que nunca foi na Colônia de Pelotas e só conheceu a casa do primo Lino Ribes pela televisão numa tentativa de aproximação étnica, ela deixa transparecer outro aspecto importante que revela sua atual condição de velhice. Seu discurso faz uma comparação ainda de continuidade entre o abandono das parreiras dos Ribes e seu desaparecimento em meio a capoeiras com a condição em que está o que foi a fábrica de piretro e vinho dos Wahast em canguçu.

Já o principal motivo condutor do depoimento de Olmar Wahast é a valorização da origem francesa da família, o que é justificado quando ele diz de seu orgulho em ter alguma ascendência estrangeira porque os imigrantes trouxeram um conhecimento que no Brasil não tinha e por isso sempre foram procurados para ajudar as pessoas. Seu interesse e emprenho em auxiliar no trabalho é notório e claro no discurso. Ele vê nisso a razão da sua própria etnicidade.

Para ele o avô trouxe três plantas da França que foram úteis para a família e a comunidade: o piretro fonte de renda para muitas famílias de Sanga Funda; a sálvia planta medicinal que auxiliou muitas pessoas e até animais; e a flor azul que foi utilizada como ração de suínos.

O pai também contribuiu com a comunidade quando foi vereador, doou o cemitério para a municipalidade.

Até mesmo os velhinhos Wahast que foram assassinados eram procurados para dar conselhos o que também provocou a morte deles por acharem que eles tinham riqueza, mas o depoente afirma sua riqueza eram os seus conhecimentos.

Para terminar ele coloca num mesmo plano a irmã Lili e a avó Luiza, ambas detentoras de conhecimentos e capazes de ajudar aos outros. É neste discurso que ele se insere ao prestar ajuda na pesquisa.

Leinira Ribes, esposa de Olmar Wahast, faz seu depoimento indicando que sua intenção principal é a noção de unidade entre os Ribes, seja no âmbito familiar ou no âmbito étnico. Prova disto é a boa relação que tem com irmãos, tios e até mesmo com vizinhos que são também descendentes de Ribes e consideram parentes. A hospitalidade parece ser uma característica da família Ribes, pois a própria irmã faz visita em casa de

Ribes em Turuçu (Colônia Arthur lange). E, possuem com Cláudio Ribes Barcelos uma relação de parentesco. Além dos contatos entre os Ribes de Pelotas e Canguçu.

O fio condutor de sua fala é a figura do pai que leva o discurso para a origem da família em Sanga Funda, para a relação com os Ribes de Pelotas através das visitas que o pai fazia aos parentes, seja nos costumes e suportes que utiliza para a construção de sua identidade.

A tônica do depoimento de Eugênio está na relação e integração social. Ele diz que a melhor época era quando a família se reunia. Da mesma forma, a relação entre as famílias é uma preocupação em seu discurso. Para ele algumas famílias francesas podem ter perdido vários elementos de identificação com a França, com a colônia ou mesmo com a própria família, mas ainda teriam estes laços em sua essência. Antes chamar os vizinhos para matar porco era um meio de ter sempre carne fresca sem precisar de refrigerador, porque a cada mês era a vez de um vizinho matar o porco e repartir a carne. Esse subterfúgio era também uma forma de aproximar as pessoas que não tem mais razão de ser atualmente. Parece que ele indica que a culpa disto estaria nas próprias atitudes dos mais velhos que não teriam a preocupação de incentivar e valorizar a família aos mais jovens. Para ele, os velhos não gostam de expor o que foi a sua vida e o passado da família, mas os jovens gostam e seriam capazes de valorizar um pouco mais as suas origens. A essência do reconhecimento étnico ainda existe, mesmo que apagada entre os descendentes.

Ele indica claramente essa necessidade de manter a integração familiar e social quando fala do gosto por fotografar. Para ele é a melhor maneira de manter ao alcance o maior número de cenas para lembrar e guardar os momentos em família.

CONCLUSÕES

Vale

Descrever a nossa vila
Pela geografia...
Pode-se dizer
Que é um vale
Cercado de morros
Por todos os lados.

Se forasteiro for
Saia de perto
Em dias de temporal,
Pois lhe parecerá
Que raios assustadores
Caem todos por ali.

Mas não fuja de vez,
Retorne para aprender
Que de graça
Não se vive em paraíso.
Volte e se permita
Conhecer esse vale.

Não é de pronto
Que se gosta do lugar.
O apelo vem vindo
E cresce com a maturidade
Quando se encontram
A paz de dentro e a de fora.

Ao entardecer, com as sombras
Tomando conta de cada canto,
Vem o momento de nostalgia,
Em que beleza e saudade
Tocam aos que olham
Pro morro do cemitério.

Os últimos raios de sol
Por entre o Cerro da Vigia
Refletem-se nos vidros e pedras
Dos túmulos lá no alto
Da colônia francesa
Onde estão os que se foram.

A dureza e a beleza
Daquela visão, entristecem...
Mas dão certeza aos moradores
Que o seu lugar é ali, perto
De onde estão os seus mortos.
Que há o dever de viver
Também por eles.

Clesis Crochemore, in *Era uma vez lá fora*.
Pelotas: Armazém Literário, 2003, p.9-10.

Agora já sei quem somos

A Colônia Francesa de Santo Antônio representa um grupo étnico existente no município de Pelotas e cercanias. Este grupo está situado dentro da sociedade e essa posição é dada por uma memória social, historicamente construída. O indivíduo se utiliza de sua atividade cerebral para construir suportes de memória e assim evocar um passado e construir uma identidade. Para isso ele aproxima suas necessidades de contextos sociais, como a família.

A subjetividade inerente às pesquisas sociais é objetivada na realidade social e foi atrás deste cotidiano dos descendentes que fomos buscar.

Várias memórias

Para exemplificar os suportes de memória do grupo étnico formado pelos descendentes das 50 famílias francesas fundadoras da Colônia Francesa, escolhemos três famílias situadas em diferentes trajetórias históricas: uma que continuou vivendo dentro da Colônia francesa, outra que tenha migrado para a cidade e outra que tenha saído do município. Assim convidamos os Magallon, os Longchamp e os Wahast, respectivamente.

A etnicidade pode então ser percebida como organizadora das necessidades vividas pelo imigrante, ou no caso, hoje, os seus descendentes. A subjetividade dos indivíduos para escolher a sua forma de contar sua história e vincular-se com a história da família, da Colônia Francesa e mesmo da França, pode ser analisada. Se há variações nos suportes e traços culturais, a fronteira étnica que os distingue ainda permanece.

Não se pode dizer em que momento futuro a etnicidade francesa em Pelotas irá desaparecer. Porque existe uma modificação com o tempo, mas não é ele o fator principal capaz de extinguir a etnicidade. A etnicidade é desenvolvida e modificada pelas gerações através de representações. Ao concluir-se este trabalho, percebemos que o grupo está completamente inserido na sociedade pelotense. Suas necessidades são as mesmas de qualquer outro grupo. Os descendentes circulam em diversos ambientes sociais e podem passar despercebidos de sua origem até que sua identidade vem à tona.

Uma história

O grupo étnico francês sofreu, através do percurso histórico, vários reveses e sempre soube achar uma forma de melhorar de vida. No início recolhiam cascas de árvores para vender nas fábricas de tingimento de tecido e couros de Pelotas, depois plantaram alfafa para consumo dos cavalos que puxavam os carros da cidade no início do século XX. Logo escolheram um traço cultural trazido da França e deram início à vinicultura, que devido à concorrência com a serra gaúcha e a falta de apoio do governo, levou à substituição progressiva dos parreirais pelos pessegueiros. A fruticultura, com as compotas e doces de massa e em calda, foi um dos mais fortes legados dos franceses

no setor econômico de Pelotas, só perdido com a quebra das agroindústrias na década de 1980/1990. Agora, as famílias francesas começam a antever uma nova oportunidade econômica para Pelotas: o turismo rural. Mas muita ajuda e orientação eles ainda necessitam, seja vinda pelas autoridades locais ou pelas Universidades e o meio intelectual em geral.

Impacto Social

Toda pesquisa social tem o dever de dar um retorno, pelo menos aos envolvidos. Esperamos que ela funcione como um elemento de resgate de estima ou como catalisador para uma renovação, sobretudo para uma manutenção deste patrimônio.

Além dos resultados pessoais e acadêmicos esperados com a pesquisa, talvez o mais significativo seja o impacto social que poderá ter. Com este trabalho esperamos que sejam valorizadas as diferenças culturais étnicas e que isto auxilie no desenvolvimento da comunidade e do espaço onde o grupo está inserido, para que encontrem outras opções de captação de recursos na preservação do sítio histórico e sua própria manutenção dos que restam na zona rural.

Uma identidade

Dentro deste espírito de integração social, foi que me interessei por desenvolver esta pesquisa, para aproveitar o conhecimento histórico aqui produzido. Observar a história de um grupo étnico de uma cidade é relembrar uma parcela de sua evolução, por isso entendo que é bem vinda e de muita relevância para a história do grupo nosso auxílio no projeto de musealização. Um fomento ao desenvolvimento dessa comunidade espalhada pelos bairros, distritos rurais ou até em outros municípios da região sul do estado gaúcho, poderá ser o catálogo dos suportes de memória utilizados pelo grupo, estes suportes se referem a bens culturais e ao patrimônio histórico, mas, sobretudo à própria vida dos descendentes das famílias francesas.

Espera-se que a pesquisa possa servir para pensar novos caminhos de uma comunidade, seja o da criação de uma associação cultural ou do museu étnico. O projeto “Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa” conta com a participação de instituições e poder público, além da comunidade e da academia. E esta pesquisa é mais um instrumento à disposição do grupo. Nossa intenção, portanto, é de que esta pesquisa multidisciplinar possa ser útil para a organização e gestão do acervo do museu.

“Enfim, agora já sei quem somos”.

Ao ouvir esta frase durante as visitas e conversas para marcar as entrevistas com os descendentes das famílias francesas, foi o que desejamos ouvir ao terminarmos e apresentarmos este trabalho. Queremos que os descendentes reconheçam que os suportes de memória são importantes para que se possa evocar nosso passado, contar a nossa história e construir a nossa identidade. Porém, mais importante que os suportes são os sentimentos que nos une com as pessoas. Não importa se este sentimento é familiar ou étnico, mas sim que ele é sempre social. E é nesta rede social que os descendentes das famílias francesas, escolhem e gerem seus suportes para representar aquilo que têm de mais valor: a vida.

Referências utilizadas

Bibliografia

ALCALÁ, Guido R.; CAPDEVILA, Luc. Une Colonie Française au Paraguay: La Nouvelle-Bordeaux. Paris : L'Harmattan, 2005. 128p.

ALGRANTI, Leila Mezan. A Alimentação, Saúde e Sociabilidade: a arte de conservar e confeitar os Frutos (Séculos XV-XVIII). Revista História Questões & Debates, Curitiba: Editora UFPR, 2005. N° 42, p.33-52.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304p.

ANDRADE, Thiago de Oliveira. Memória e história institucional: O processo de constituição da Escola Superior de Agricultura de Lavras (1892-1938). Lavras: UFLA, 2006. Dissertação.

ANJOS, Marcos Hallal dos. Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Coleção História e Etnias de Pelotas, v.1, Edufpel, 2000.

ARQUIVO NACIONAL. Registro de Estrangeiros 1808-1822. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Ministério da Justiça e Negócios Interiores. 1960, v. 46.

ARRIADA, Eduardo. Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário, 1994. 176p.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricouer e o lugar da interpretação. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 17, n° 33, pp.293-305, 1997.

BARROS, José d'Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de investigação. *In*: *Revista de História e Estudos Culturais*. V.2, ano 2, n°4, Out/Nov/Dez de 2005. Disponível em www.revistafenix.pro.br. Acessado em 21.04.2007.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989, p.29-42.

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Trad.de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p.25-67.

BARTH, Fredrik. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: Hans Vermeulen e Cora Govers (orgs.). Antropologia da etnicidade. Lisboa: Edições Fim de Século, 2003.

BECKER, Klaus. A imigração no sul do Estado de 1844-1852. In: ENCICLOPÉDIA RIOGRANDENSE. Canoas: La Salle, 1956. v. 5. p. 322-371.

BELANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie. (orgs.). A América Francesa: introdução à cultura quebequense. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 1999. 406p.

BELMIRO, Célia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. Educação & Sociedade, ano XXI, n° 72, ago/2000, p.11-31.

BENTO, Cláudio Moreira. Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul (1635-1870). Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1976. 308p.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 23ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003 (1985). 248p.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BETEMPS, Leandro R. (org); JACCOTTET, Alda M. de M. Povoadores de Pelotas-RS: Freguesia de São Francisco de Paula (1812-1825). Pelotas: EdUFPel, 2006. 203p.

BETEMPS, Leandro Ramos. Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: um estudo sobre os 120 anos de Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS. Pelotas: EdUCat, 2003. Coleção História e Etnias de Pelotas. V.6. 205p.

BEUX, Armindo. Franceses no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação, 1976. 207p.

BLANC-CHALÉARD, Marie-Claude. Histoire de l'immigration. Paris : Éditions La Découverte, 1998. Coleção Repères. 121p.

BLAZQUEZ, Adrian. L'émigration basco-béarnaise aux Amériques au XIXe siècle. Pau, France : Editions Gascogne, 2000. 450p.

BORGES, Vavy Pacheco. Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940): os desafios da biografia. Disponível em http://sitemason.vanderbilt.edu/files/ivE2t2/Borges%20Vavy%20Pacheco.pdf> em 26-06-2007.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de velhos. 13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 484p.

BOUCHE, Denise. Histoire de la Colonisation Française – Flux e reflux (1815-1962). Tomo 2. Domont, France : Fayard, 1991. 607p

BRANDÃO, Carlos R (Org.). As Faces da Memória. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, s.d. 115p. (Coleção Seminários, 2).

BRASIL. Arquivo Nacional. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p. Publicações Técnicas nº 51.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. 6ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990. 145p.

BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989. Trad. Nilo Odálio. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991. 154p. (Tradução de:The French Historical Revolution: The Annales School 1929-1989).

BURKE, Peter. História e teoria social. Trad.de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 275p.

BURKE, Peter. O que é história cultural?. Trad.de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.191p.

CANDAU, Joel. Antropologia de la memória. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002. 120 p.

CANDAU, Joël. *Memoria e identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

CARDARELLO, Andrea. Leite, Miriam Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n° 2, jul-set/1995, p.243-247.

CARELLI, Mario. Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994. 272p. (Tradução de: Cultures croisées – Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil).

CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François. (orgs.). Histoire de France. Paris: Éditions du Seuil, 2000. 489p.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da Memória. Revista Espaço Acadêmico. N° 56. Janeiro/2006. disponível em <www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm> em 25-06-2007.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. In: Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 9, n° 19, p.283-302, julho de 2003.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. A imagem como testemunho da história: a memória do Conservatório de Música na coleção de fotografias em preto-e-branco (1918-1969). In: Isabel Porto Nogueira. (Org.). História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPEL. Porto Alegre: 2005. p.42-69.

CEZAR, Temístocles. Sob o firmamento da história: o "mito" do texto como representação objetiva do passado. In: FELIX, L.; ELMIR, C. Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, p. 163-177.

CHEVALLIER, Ceres. Vida e obra de José Isella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Livraria Mundial, 2002.

COELHO, Ricardo Corrêa. Os Franceses. São Paulo: Contexto, 2007. 346p.

CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Trad.de Maria Manuela Rocha. 2ª ed. Oeiras, Portugal: Editora Celta, 1999. 119p.

COSTA, Gilmara Benevides. A reconstrução social da memória e da história: um estudo etnográfico sobre Pedro Velho – RN. Mneme Revista de humanidades. V.5, n.12, out/nov.2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme> em 25-06-2007.

COUTY, Louis. A erva mate e o charque. Pelotas: Seiva, 2ª ed., 2000.

CROCHEMORE, Clesis. Era uma vez lá fora: poemas. Pelotas: Armazém Literário, 2003. 80p.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad.de Viviane Ribeiro. 2ª ed. Bauru: EdUSC, 2002. 256p.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. 2ª ed. Brasiliense, 1987.

DACANAL, J. H. (Org) et al. RS: imigração & colonização. 3. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. 280p. (Série Documenta, 4).

DALLA VECCHIA, Agostinho M. Os filhos da escravidão: memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul. Pelotas: EdUFPel, 1994. 326p.

DEMIER, Francis. La France du XIXe siècle (1814-1914). Paris: Éditions du Seuil, 2000. 602p.

DUBY, Georges; WALLON, Armand. (orgs.). Histoire de la France rurale – Apogée et crise de la civilization paysanne (1789-1914). Tomo 3. Paris: Éditions du Seuil, 1997. 560p.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. "Olho da História": Análise da imagem fotográfica na construção de uma memória sobre o conflito de canudos. In: Acervo, Rio de Janeiro, v.6, n°1-2, p.145-154, jan/dez 1993. p.25-40.

FAUSTO, Bóris (Org). Fazer a América. São Paulo: EdUSP, 1999. 584p.

FAUTH, Adonis Valdir. A Imigração Suíço-Valesana no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Associação Valesana do Brasil, Garten Sul, 2000, volume 1, 316p.

FAUTH, Adonis Valdir. A Imigração Suíço-Valesana no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Associação Valesana do Brasil, Garten Sul, 2005, volume 2, 304p.

FÉLIX, Loiva Otero. A fabricação do carisma: a construção mítico-heróica na memória republicana gaúcha. In: FELIX, Loiva, ELMIR, Cláudio (Orgs). Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, p. 141-160.

FÉLIX, Loiva Otero. História e memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EdiUPF, 1998. 104p.

FERRO, Marc. História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX. Trad.de Rosa Freire d'Águiar. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (1996). 463p.

FETTER, Leila Maria Wulff. A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX. Pelotas: UCPel, 2002. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Social.

FETTER, Leila Maria Wulff. A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Pelotas: UCPEL, 2002.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2ª ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-IPHAN, 2005. 296p.

FONSECA, Maria Odila. Informação e direitos humanos: acesso às informações arquivísticas. Revista Ciência da Informação, v. 28,n. 2, Brasília, IBICT, 1999.

FRAGOSO, Augusto Tasso. Os Franceses no Rio de Janeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1965. 201p.

FRANÇOIS, Etienne. Os "tesouros" da Stasi ou a miragem dos arquivos. In: BOUTIER, Jean, JULIA, Domingues (orgs). Passados recompostos: cantos e canteiros da história. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998.

FREITAS, Carmelita Brito de. (Org). Memória: anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Ed. UCG, 1998. 186p. (Série Seminários, v.3).

FREYRE, Gilberto. Um engenheiro francês no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1960.

FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). Cultura Material e Arqueologia Histórica. Coleção Idéias. Campinas, SP: Unicamp, 1998. p.8-34.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p.81-110.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. Coleção Passo a passo, v. 66. 72p.

GARCIA, Maria Manuela Alves. A Didática no Ensino Superior. Campinas: Papirus, 1994. p.9-33.

GASTAL, Paulo. Amadeo Gustavo Gastal: uma existência fecunda e prodigiosa. Pelotas, s.n., 1965.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. Terra e Homens: colônias e colonos no Brasil. Caxias do Sul: EdUCS, 2004. 271p.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. Estudos Geográficos, Rio Claro, 2(1): pp. 29-42, junho/2004.

GRANDO, Marinês Zandavalli. A colonização européia não portuguesa no município de Pelotas. Ensaios FEE, Porto Alegre, ano 5, n. 2, p. 47-55, 1984.

GRANDO, Marinês Zandavalli. Narração do processo de formação de uma colônia agrícola no Rio Grande do Sul, no século XIX - A colônia São Feliciano (1861-1880). Ensaios FEE, Porto Alegre, ano 7, n. 2, p. 101-132, 1986.

GRANDO, Marinês Zandavalli. Pequena agricultura em crise: o caso da "Colônia Francesa" no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, Coleção Teses, n°. 14, 1990. 209p.

GRIJÓ, Luiz A. De Aquiles a Péricles: do herói da epopéia ao grande homem da história. In: FELIX, L.; ELMIR, C. Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, p. 53-74.

GRONDEUX, Jérôme. Histoire des idées politiques em France au XIXe siècle. Paris: Éditions La Découverte, 1998. Coleção Repères. 123p.

GUAZZI, Dirceu Moreira. Utilização do QFD como uma ferramenta de melhoria contínua do grau de satisfação de clientes internos: Uma aplicação em cooperativas agropecuárias. Tese de doutorado em Engenharia de Produção. Florianópolis, UFSC, 1999. Disponível em http://www.eps.ufsc.br/teses99/guazzi.

GUTTLER, Antonio Carlos. A colonização do Saí (1842-1844): esperança de falansterianos, expectativas de um governo. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História, UFSC, 1994. 182p.

HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Edição eletrónica realizada a partir de Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Félix Alcan, 1925. Collection Les Travaux de l'Année sociologique. Disponível em <http://www.uquebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html> em 25-06-2007.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad.de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad.de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102p.

HASTENTEUFEL, Zeno. Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Acadêmica, 1987.

HEREDIA, Vânia. A imigração européia no século passado: o Programa de Colonização no Rio Grande do Sul. Revista Eletrônica Scripta Nova. Universidade de Barcelona, Epanha. N°94 (10), 01-08-2001. Disponível em http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm acessado em 15-03-2007.

HOBSBAWN, E. (Org.), RANGER, T. (Org.). A invenção das tradições. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316p. Coleção Pensamento Crítico, v.55. (Tradução de: The invention of tradition).

IOTTI, Luiza Horn, org. Imigração e colonização: Legislação de 1747 a 1915. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul; Caxias do Sul: Educs, 2001.

ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834. Trad. Dante Laytano. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JAISSON, Marie. Temps et espace chez Maurice Halbwachs (1925-1945). Revue d'Histoire des sciences humaines, 1999/1, N° 1, p.163-178.

JONES, Siân. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na Arqueologia Histórica. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. SP: Annablume, Fapesp; 2005. p.27-43.

KAUTZMANN, Maria Eunice Muller. *Montenegro de Ontem e de Hoje*. Rotermund: São Leopoldo, 1979.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: Em Direção a Uma Pedagogia Pós-Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Alienígenas em Sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p.104-131.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Viagem na Améwrica Meridional descendo o rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, 2000. Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros.

LACERDA, Aline Lopes de. Os Sentidos da Imagem: fotografias em arquivos pessoais. In: Acervo, Rio de Janeiro, v.6, n°1-2, p.145-154, jan/dez 1993. p.41-54.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos. São Luís, MA: EdUFMa, 2000. 79p.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. História dos camponeses franceses: da Peste Negra à Revolução. Trad.de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 2 v. 418p.

LAGEMANN, Eugenio. O Banco Pelotense & o Sistema Financeiro Regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LAGNEAU, Gustave. L'Émigration de France. Paris: 1884. Disponível no site google books.

LANDO, Aldair; BARROS, Eliane. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). RS: imigração & colonização Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

LIAUZU, Claude. (org.). Dictionnaire de la colonisation française. Paris: Larousse, 2007. 646p.

LONNER, Beatriz Ana. Construção de Classe: Operários de Pelotas e Rio grande (1888-1930). Pelotas: Ed.UFPel, 2001.

LOPES NETO, João Simões. História de Pelotas. Mario Osório Magalhães (Org.). Pelotas: Armazém Literário, 1994. 120p.

LOPEZ, Adriana. Franceses e Tupinambás na terra do Brasil. São Paulo: Editora Senac-SP, 2001. 170p.

LORENZONI, Júlio. Memória histórica (1) 1927. In: COSTA, Rovílio et al. As colônias italianas de Dona Isabel e Conde d'Eu. Porto Alegre: EST, 1999.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. Fotografias e Códigos Culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922). 2005: Disponível em <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/CL%C1UDIO%20DE%20S%C1%20MACHADO%20J%DANIOR.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2007.

MACHADO, Igor. Sahlins na sociedade contemporânea: a análise de histórias familiares.

MACHADO, Paulo Pinheiro. A Política de Colonização do Império. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. 140p. (Síntese rio-grandense, 24-25).

MACIEL, Maria E. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FELIX, L.; ELMIR, C. Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, p. 75-87.

MAESTRI FILHO, Mário José. Quilombos e quilombolas em terras gaúchas. Porto Alegre. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel 1883-1983. Pelotas: EDUFPel, 1983.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. 2ª. Ed. Pelotas: EdUFPel/Mundial, 1993. 312p.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Pelotas agrícola e pastoril: História da Associação rural. Pelotas: Armazém Literário, 1998.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Pelotas Século XIX. Pelotas: Ed. Livraria Mundial, 1994.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Pelotas: Toda Prosa (1809-1871). Pelotas: Armazém Literário, 2000. vol.1.

MAGALHÃES, Mario Osorio. Pelotas: Toda prosa (1874-1925). Pelotas: Armazém Literário, 2002, v.2.

MANCERON, Gilles. Marianne et les colonies: une introduction à l'histoire coloniale de la France. Paris: La Découverte, 2003. 318p.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. Evolução das Charqueadas rio-grandenses. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 2ª ed. Rev.ampl. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 86p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, v. 23, n° 45. p.11-36. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002>. Acesso em 25 de julho de 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma "História Visual". In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia ; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.).O imaginário e o poético nas ciências Sociais. Bauru: Edusc, 2005. 33-56p.

MICHELET, Jules. Imagens da França. Trad.de Ilka Ster Cohen. Bauru, SP: Edusc, 2000. 136p.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A Fotografia como Documento: uma instigação à leitura. In: Acervo, Rio de Janeiro, v.6, n°1-2, p.145-154, jan/dez 1993. p.121-132.

MOREIRA, Ângelo Pires. Pelotas na Tarca do Tempo. Pelotas: s.n. 1988. v.1. 109p.

MOREIRA, Ângelo Pires. Pelotas na Tarca do Tempo. Pelotas: s.n. 1989. v.2. 258p.

MOREIRA, Ângelo Pires. Pelotas na Tarca do Tempo. Pelotas: s.n. 1990. v.3. 418p.

NASCIMENTO, Heloísa A. do. Nossa cidade era assim. Pelotas: EdUFPel, 1999. 194p. v.3.

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção do. Nossa cidade era assim. Pelotas: Livraria Mundial, 1989. 350p. V.1.

NASCIMENTO, Heloísa Assumpção do. Nossa cidade era assim. Pelotas: Livraria Mundial, 1994. 208p. v.2.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória e História: desafios da pesquisa interdisciplinar na produção do documento oral. Disponível em www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/ME02.htm acessado em 21.04.2007.

OLIVEIRA, Márcia Ribeiro. A Memória Fotográfica de São Paulo em Processo de Informatização. In: Acervo, Rio de Janeiro, v.6, n°1-2, p.145-154, jan/dez 1993. p.145-154.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Memória Fotográfica do Conservatório de Música 1918-1969. Disponível em <http://www.ufpel.tche.br/conservatorio/admin/artigos/arquivos/ArtigoAugusta4.pdf>. Acesso em 26 de julho de 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, p.1-31.

ORSER Jr., Charles. O desafio da raça para a Arqueologia Histórica Americana. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. SP: Annablume, Fapesp; 2005. p.59-75.

OSÓRIO, Fernando Luís. A Cidade de Pelotas. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1962. 237p. (Coleção Província).

OTERO, Darcy Trilho. Franceses em Pelotas. In: Revista do IHGPel, Pelotas, Ano 2000, n°5.

OTERO, Darcy Trillho; HADLER, Elmar Carlos (organizadores). Actas: a classe rural resgatando as raízes da sua história. Pelotas: Textos, 2008.

OTERO, Hernán. A imigração francesa na Argentina: Uma História aberta. In: FAUSTO, Bóris (Org.). Fazer a América. São Paulo: EdUSP, 1999. p. 127-152.

PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e prática. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

PAIVA, André de Oliveira. O Bairro Saco dos Limões: um estudo fotográfico da memória visual urbana. Florianópolis, 2001: Disponível em <http://www.andrepaiva.com.br/v02/exposicoes/monografia.htm>. Acesso em: 25 de julho de 2007.

PEIXOTO, Luciana da Silva. Memória da imigração italiana em Pelotas, RS - Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas. Pelotas: Monografia em História, UFPel, 2003. 68p.

PERES, Eliane Teresinha. Templo de Luz: Os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense 1875-1925. Pelotas: Seiva Publicações, 2002. Série História da Educação em Pelotas, n° 2.

PERROD, Enrico. As colônias brasileiras Conde d'Eu e Dona Isabel, 1883. In: COSTA, Rovílio et al. As colônias italianas Dona Isabel e Conde d'Eu. Porto Alegre: EST, 1999.

PERVILLÉ, Guy. De l'Empire français à la décolonisation. Paris: Hachette, 1993. 255p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 142p. (Série Revisão, 1).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PESTANO, Luiza Gallo. A Colônia Francesa em Pelotas – Colônia Santo Antônio. Licenciatura em Estudos Sociais. Pelotas: UCPel, 1982.

PIETROWICZ, Salomé. Origem e desenvolvimento do Ensino em Dom Feliciano. São Leopoldo: UNISINOS, 1978. (Dissertação, Mestrado em Pedagogia).

PIMENTEL, Fortunato. Aspectos gerais de Encruzilhada do Sul; Edição comemorativa de seu centenário (1849-1949). Encruzilhada do Sul: ed. Prefeitura de Encruzilhada do Sul, 1949.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Revista Projeto História, São Paulo, nº 10, dez/1993.

PORTO, Aurélio. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996 (1934).

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad.de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. 250p. (Tradução de: Théories de l'ethnicité. Suivi de Les groupes ethiniques et leurs frontières).

POZENATO, José Clemente (org). Processos culturais na região de colonização italiana do rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1990. 136p.

PROVENÇAL, Lucien. A França Equinocial: os franceses no Maranhão. In: MARIZ, Vasco, org. Brasil-França: Relações históricas no período colonial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.

RAMIL, Kledir. Um gaúcho em Paris. In: Tipo assim, crônicas. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

REIS, José Carlos. Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo, SP: Editora Ática, 1994. 165p. Série Fundamentos, v.106.

RIZOLLI, Marcos. Cultura Visual: Por uma instrução do olhar. Disponível em <http://www.unifacs.br/anpap/autores/60.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2007.

RONSIN, Francis. La population de la France de 1789 à nos jours. Paris: Seuil, 1997.

ROSA, Mário. Geografia de Pelotas. Porto Alegre: EdUFPel, 1985. 333p.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem ao Rio Grande do Sul. Trad. Adroaldo M. da Costa. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987. 496p.

SALAMONI, Giancarla. Produção familiar integrada ao CAI brasileiro – A produção de pêssego no município de Pelotas-Rs. Pelotas: UFPel, 1992. Dissertação de Mestrado em Geografia, UNESP, 1992.

SANTOS, Antônio César de Almeida. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e História. Disponível em <http://www.pr.gov.br/arquivopublico/pdf/palestra_fontes_orais.pdf> em 25-06-2007.

SANTOS, Carlos Alberto de Ávila. Espelhos, máscaras e vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas de Pelotas, 1870-1930. Pelotas: Educat, 2002, coleção História e Etnias de Pelotas, v. 4.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SCHELLENBERG, Theodore R. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004 (1973).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Sol do brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas na corte de dom João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEFFNER, Fernando. O herói e o mito no espaço da sala de aula de história: algumas impressões. In: FELIX, L.; ELMIR, C. Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998, p. 195-205.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Editora UnB, 1990, 103p.

SILVA, Marianela Tafernaberry da. Bascos no Uruguay: considerações sobre imigração e identidade. Pelotas: Monografia em História, UFPel, 1995. 46p.

SOARES, Mozart Pereira. O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: AGE, 1998. 206p.

SOUZA, Tania C. Clemente de. Discurso e Imagem: perspectivas de análise do não verbal. 1997: Disponível em <http://www.salves.com.br/virtua/disima.html>. Acesso em 25 de julho de 2007.

SPALDING, Walter. Construtores do Rio Grande. Porto Alegre: Sulina, 1967. V.1. 282p. SPALDING, Walter. Construtores do Rio Grande. Porto Alegre: Sulina, 1969. V.2. 282p.

SPALDING, Walter. Construtores do Rio Grande. Porto Alegre: Sulina, 1974. V.3. 272p.

SPALDING, Walter. Os franceses. In: ENCICLOPÉDIA RIOGRANDENSE. Canoas: La Salle, 1956. v.5. p. 175-206.

TAMBARA, Elomar. Positivismo em Educação. Pelotas: Edufpel,1995.

TAVARES, Aurelio de Lyra. Brasil-França, ao longo de 5 séculos. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1979, 335p.

THIAGO, Raquel S. Fourier: Utopia e Esperança na Península do Saí. Blumenau-Florianópolis: Editora da Furb; Editora da UFSC, 1995. 178p.

THOMPSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.22, n° 44, pp.341-364. 2002.

TIMM, Octacílio B.; GONZALES, Eugênio (orgs.). Álbum Ilustrado do Partido Republicano Castilhista do RGS. Porto Alegre: Livraria Selbach de J R da Fonseca e Cia., 1934.

TWORKOWSKI, Irene. Dom Feliciano cem anos de história. Passo Fundo: Instituto Social P. Berthier, 1991.

TWORKOWSKI, Irene., RAKOWSKI, Zeno. Dom Feliciano. Porto Alegre: Gráfica Pallotti, 1984. 92p.

UEDA, Vanda. A Elite Rural Pelotense e a construção de um novo cenário urbano. I Congresso de Estudos Rurais.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no Sul do Rio Grande do Sul. Ensaios FEE, Porto Alegre, ano 5, n. 2, p. 57-74, 1984.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. Viajantes franceses no Brasil. Recife: UFPE, 1994. 303p.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. A memória da cidade e o lugar. Pelotas: I Colóquio Internacional sobre as cidades do Prata. 22 a 24/11/2006.

WOORTMANN, Ellen F. Herdeiros, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo-Brasília: Hucitec; Edunb, 1995. 336p.

ZANIRATO, Sílvia Helena, RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, n° 51, p.251-262, 2006.

ZANOTELLI, Jandir João; VECCHIA, Agostinho Della; ZANOTELLI, Ruth Ávila. Rio Grande do Sul: Arquétipos culturais e desenvolvimento social. 2ª ed. Pelotas: EdUCat, 2003. 447p.

ZELDIN, Theodore. Os Franceses. Trad.de F. Rangel. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Fontes

As fontes utilizadas são em sua maioria artefatos culturais criados e geridos pelo grupo étnico com o objetivo de evocar ou representar a memória social. Portanto, estas fontes são históricas e perpassam a história da comunidade étnica da Colônia Francesa de Pelotas. Além da revisão bibliográfica, teórica e metodológica para a construção do

objeto de pesquisa, o levantamento de dados se baseia também no trabalho de campo com entrevistas e observação, conforme as teorias e metodologias contempladas por esta pesquisa. Durante as entrevistas buscamos constituir as fontes orais, visuais, materiais e escritas para poder avaliarmos o grau de compartilhamento e uso de suportes da memória social do grupo étnico.

Fontes Escritas

Fontes Impressas

Fontes Impressas em Periódicos

Trata-se de recortes de diferentes jornais locais e regionais que citam ou trazem elementos sobre a Colônia Francesa de Pelotas. Estes recortes são parte do acervo pessoal do autor ou do acervo de Lino Emílio Ribes.

A Gazeta da Tarde. Visita à fábrica de Emílio Ribes. 10 maio 1944.

Correio do Povo. Centenário da chegada dos primeiros imigrantes franceses em Pelotas. Porto Alegre, 20 setembro 1980.

Correio do Povo. Pelotas já produziu muita uva e bom vinho. Poderá recuperar esta riqueza? Porto Alegre, 15 julho 1979. p.23.

Correio Mercantil. Pelotas, 8 maio 1875. p.3.

Correio Mercantil. Pelotas, 9 jan. 1876. p.2.

Diário Liberal. Bodas de Ouro de Franklin e Eugênia Fouchy. Pelotas, 16 janeiro 1938

Diário Liberal. Bodas de prata de Emílio e Julieta Ribes. Pelotas, 08 agosto 1934.

Diário Liberal. Os franceses na colônia Santo Antônio. Pelotas, 18 outubro 1933. p.27.

Diário Popular. Colônia Francesa comemora se centenário hoje. Pelotas, 21 setembro 1980, p.17.

Diário Popular. Colonização francesa: Agradecimento da comissão organizadora dos festejos. Pelotas, 23 setembro 1980.

Diário Popular. DUVAL, Paulo. A atuação dos franceses, desde os primórdios da cidade. Pelotas, 15 e 16 de novembro de 1980.

Diário Popular. Editorial: Colônia Francesa. Pelotas, 12 setembro 1980.

Diário Popular. ETCHEVERRY, José. Ruas de Pelotas: Rua Domingos Pastorello. Pelotas, 05 junho 1997.

Diário Popular. Festa cívica no Sétimo Distrito. Pelotas, 29 setembro 1926.

Diário Popular. História da ferrovia Rio Grande/ Bagé. Pelotas, 02 dezembro 1984.

Diário Popular. Inaugurado o retrato do sr. Adolfo Fetter na Galeria de honra da Soc. U. Camponesa. Pelotas, 24 fevereiro 1957.

Diário Popular. JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. Pesquisa sobre casamento dos franceses de 1855 a 1888. Pelotas, 7 julho 1988. p.5.

Diário Popular. MOREIRA, Ângelo Pires. Pelotas na tarca do tempo. Pelotas, 05 setembro 1993. p.6.

Diário Popular. NASCIMENTO, Heloísa A. Nossa cidade era assim: A Saga dos franceses. Pelotas, 18 maio 1986.

Diário Popular. No centenário da colonização francesa em Pelotas: homenagens, emoção e alegria na comemoração. Pelotas, 20 setembro 1980

Diário Popular. O cinqüentenário da fundação da colônia Santo Antônio. Pelotas, 20 setembro 1930. p.18.

Diário Popular. Ricardo Jouglard, Comerciante do Ano – 93. Caderno especial. Pelotas, 16 julho 1993.

Diário Popular. ROCHEFORT, Théo. Nome de escola homenageia fundador. Pelotas, 06 abril 1995.

Folha do Povo. A Quinta Pastorello. Pelotas, 22 dezembro de 1943. p.31.

Libertador. Visitando as fontes da nossa riqueza: colônia Santo Antônio. Pelotas, abril 1936. p.23.

O interior. Colônia Santo Antônio: Quem cantará as canções francesas? Porto Alegre, 16 julho 1984.

Outras Fontes Impressas

Estas fontes estão sob guarda da Biblioteca Pública Pelotense e do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

Arquivo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa. Pelotas

Revista Agrícola do Rio Grande do Sul. Sociedade Agrícola Pastoril. Pelotas: Ano III, 31-03-1900. p.151-154. Cópia do trecho da Excursão Agrícola na Colônia Santo Antônio realizada de 21 a 24/03/1900 sob a coordenação de Guilherme Minssen, do Lyceu de Agronomia de Pelotas e relatado por Manuel Serafim Gomes de Freitas. Gentilmente cedido por Darcy Trilho Otero em Dezembro de 2007.

Catálogo geral de plantas e sementes da Quinta Ambrósio Perret. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936-1937. 90p. Doação de Mogar Pagana Xavier ao Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas

PELOTAS. Intendência Municipal. Relatório do ano de 1925, apresentado pelo Intendente Augusto Simões Lopes ao Conselho Municipal em 20/09/1926. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

PELOTAS. Intendência Municipal. Relatório do ano de 1917, apresentado pelo Intendente Cypriano Correa Barcelos ao Conselho Municipal em 20/09/1918. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

PELOTAS. Intendência Municipal. Relatório do ano de 1922, apresentado pelo Intendente Pedro Luis Osório ao Conselho Municipal em 20/09/1923. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

PELOTAS. Intendência Municipal. Relatório do ano de 1921, apresentado pelo Intendente Pedro Luis Osório ao Conselho Municipal em 20/09/1922. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas.

Fontes Manuscritas

Arquivo da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre.

Livros de registros eclesiásticos: batismo, casamento e óbito. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Arquivo da Diocese de Pelotas. Pelotas

Livros de registros eclesiásticos: batismo, casamento e óbito. Arquivo da Diocese de Pelotas.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

BRASIL. Livros de registros de estado civil: nascimento, casamento e óbito. Cartórios do Município de Pelotas.

BRASIL. Comarca de Pelotas. Inventários e Processos Crime de Pelotas.

Arquivo de Lino Emílio Ribes. Pelotas

Livro de atas de exames na 23ª aula de sexo masculino na colônia Santo Antônio (1906-1926). Arquivo pessoal de Lino Emílio Ribes. Município de Pelotas.

Livro de Registro da Sociedade de Cemitério Santo Antônio da Boa Vista. Acervo pessoal de Lino Emílio Ribes. 1930.

UNIÃO CAMPONESA. Livro de atas da Sociedade Bailante União Camponesa. Arquivo pessoal de Lino Emílio Ribes. Vila Nova, Quilombo, Município de Pelotas. L 1, 1902-1948.

UNIÃO CAMPONESA. Livro de atas da Sociedade Bailante União Camponesa. Arquivo pessoal de Lino Emílio Ribes. Vila Nova, Quilombo, Município de Pelotas. L2, 1948-1954.

Apontamentos de Augusto Pastorello. Arquivo pessoal de Lino Emílio Ribes. Município de Pelotas.

Arquivo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa. Pelotas

Abaixo-assinado de moradores da Colônia Francesa de Santo Antônio de 1898. Arquivo pessoal de Alda Jaccottet. Município de Pelotas.

Documento de transcrição do registro de nascimento de Felicién Dalvo Carré emitido pela Agência Consular da França em Pelotas. Pelotas: 14 Novembro 1935. Acervo da família Carré em Pelotas.

Livro de atas da Sociedade de Socorros Mútuos União Francesa. L2, 1903-1935. Doação de Mogar Pagana Xavier para o Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa em Pelotas.

Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas

Livro de Registro de estrangeiros pedindo naturalização brasileira em 1844. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 9.

Livro de Registro de imigrantes que não aceitaram a naturalização de 1889. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 24.

Livro de Registro dos estrangeiros que receberam naturalização até 1889. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 22.

Documento de doação de terras do major João Antônio Pinheiro à colônia Santo Antônio. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 562.

Apontamentos sobre a colonização em Pelotas, por Henrique Carlos de Moraes. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 521.

Apontamentos sobre a colonização em Pelotas, por Henrique Carlos de Moraes. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 523.

Dados sobre o artista plástico Augusto Pastorello. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 575.

Apontamentos sobre Alfafa e Vinho em Pelotas, por Alberto Coelho da Cunha. 1911. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 573.

Apontamentos sobre chafarizes franceses em Pelotas, por Henrique Carlos de Moraes. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 525.

Apontamentos sobre o censo do Quinto Distrito em 1890, por Alberto Coelho da Cunha. Museu da Biblioteca Pública de Pelotas. Pasta 619.

Fontes Não-Escritas

O enfoque da pesquisa é no "acervo étnico-familiar" formado também pelas fontes orais, visuais e materiais. Deste acervo são os elementos de cultura material, iconográfica e oral, que são relevantes para o grupo e que está sob a guarda das famílias. O grupo construiu no tempo, diferentes artefatos para sua memória. É o indivíduo que escolhe e se apropria dele para contar sua história e construir sua identidade. Por isso, em nossa metodologia de pesquisa propomos entrevistar indivíduos de diferentes gerações de uma mesma família. Cada uma destas pessoas convive em diversas redes, e vai pensar os seus próprios artefatos de memória.

Fontes iconográficas

Durante o trabalho de campo foi possível perceber nas casas dos descendentes o uso de imagens como decoração de ambiente. Ou até mesmo quando buscam o apoio da imagem para apoiarem suas falas. Mais do que ilustração, a fotografia possui um caráter de revelar detalhes de uma cultura, seja pela escolha dos elementos fotografados, pela forma e processo realizado e também significados revelados pelo contexto. Estes foram os principais acervos pesquisados:

GRUPPELI, Erna Mielke. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Erna Mielke Gruppeli. Pesquisado em 04-10-2008 por Leandro Ramos Betemps.

LONGCHAMP. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Maria Nilza Longchamp Guido. Pesquisado em 04-10-2008 por Leandro Ramos Betemps.

MAGALLON. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Luiza Magallon Borges. Pesquisado em 12-12-2008 por Leandro Ramos Betemps.

RIBES, Lino Emílio. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Yvone Ribes Rickes. Pesquisado em 04-03-2008 por Leandro Ramos Betemps.

WAHAST. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Lili Wahast. Pesquisado em 11-12-2008 por Leandro Ramos Betemps.

BETEMPS, Leandro Ramos Betemps. Acervo fotográfico familiar sob a guarda de Leandro Ramos Betemps. Pesquisado em 26-01-2009 pelo autor.

Fontes Orais

O uso da História Oral nesta pesquisa se dá por entendê-la como uma técnica de obtenção e utilização do pensamento exteriorizado e proclamado como fonte histórica. Desta forma realizamos as entrevistas com os descendentes dos franceses. As principais entrevistas utilizadas para neste trabalho estão textualizadas e apresentadas no apêndice.

BORGES, Albino Magallon. Pelotas, 12/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

BORGES, David Marcelo de Oliveira. Pelotas, 12/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

BORGES, Denis Marcelo Zitzke. Pelotas, 12/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

CARVALHO, Gabriela Guido. Pelotas, 30/10/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

FOUCHY, Celina Hernandez. Pelotas, 30/10/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

GUIDO, Valquíria Longchamp. Pelotas, 30/10/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

LONGCHAMP, Maria Nilza Fouchy. Pelotas, 30/10/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

MAGALLON, Luiza Conte. Pelotas, 12/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

RIBES, Leinira Prestes. Morro Redondo, 11/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

WAHAST, Eugênio Ribes. Morro Redondo, 11/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

WAHAST, Lili Jaeckel. Canguçu, 11/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

WAHAST, Olmar Jaeckel. Morro Redondo, 11/12/2008. Entrevista feita por Leandro Ramos Betemps. Acervo do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa de Pelotas.

Fontes de Cultura Material

As fontes materiais tiveram um peso tão fundamental quanto às fontes visuais, orais ou escritas para a obtenção de dados. O acervo familiar de cultura material é facilmente reconhecido no trabalho de campo. Pois durante as entrevistas os descendentes de franceses utilizaram objetos para exemplificar ou reforçar sua fala. Além disto, percebermos objetos usados para decoração e que ocupam lugares de destaque na casa ou objetos que não sendo utilizados como sinais diacríticos, foram apenas observados pelo pesquisador como relacionado com o cotidiano do narrador. Nestes acervos encontramos desde louças, toalhas e vestuários, livros, selos, pinturas, calçados, moedas antigas, instrumentos para fabrico de vinhos e doces e até construções arquitetônicas. Os principais acervos observados foram:

LONGCHAMP. Acervo familiar de cultura material sob a guarda de Maria Nilza Longchamp Guido. Observado e/ou fotografado em 04-10-2008 por Leandro Ramos Betemps.

MAGALLON. Acervo familiar de cultura material sob a guarda de Luiza Magallon Borges. Observado e/ou fotografado em 12-12-2008 por Leandro Ramos Betemps.

WAHAST. Acervo familiar de cultura material sob a guarda de Lili Wahast. Observado e/ou fotografado em 11-12-2008 por Leandro Ramos Betemps.

APÊNDICES

1. Os franceses na Colônia Santo Antônio.

Arbes - 1. Joseph **Arbes** e Marie Louise Guiot, 7 filhos
Argout - 2. Jean François **Argout** e Marie Philippine Chevallier, 3 filhos
Beauvalet - 3. Achiles Artur **Beauvalet** e Louize Alexandrine Descroix, 3 filhos
Bertholon - 4. Alexandre e seu irmão Felix **Bertholon**, sem descendentes
Betemps - 5. Jean François **Bétemps,** viúvo, 14 filhos
Bichet - 6. François Claude **Bichet** e Augustine Colomby, 15 filhos
Capdeboscq - 7. Jean **Capdeboscq** e Marie Jeanne Renard, 5 filhos
Carret - 8. Louis Modest **Carre** e Jeanne Micheaux, 5 filhos
Charnaud - 9. François Charles **Charnaud** e Fanny Bernard, 3 filhos
Charrois - 10. Vicent **Charrois** e Claudine Glement.
Chollet – 11. Jean Frederic **Chollet** e Jeanne Marianne Besson, 8 filhos
Choreux - 12. Isidore **Choreux**, solteiro
Claverie - 13.Jean **Claverie** e Maria Honorine Firemiot, 1 filha
Colomby - 14. Jean François Andre **Colomby** e Marie Angelea Thoby, 7 filhos
Conte - 15. Jean **Conte** e Josephine Isabelle Gerard, 4 filhos
Cousen - 16. Joseph **Cousen** e Marie Adelie Renon, 3 filhos
Crochemore - 17. Auguste Alfonse **Crochemore** e Rosaline Felicite Goutier, 1 filho
Ebersol - 18. Charles Joseph **Ebersol** e irmãos, com descendentes
Escallier - 19. Pierre **Escallier** e Marie Bernard, 7 filhos
Fouchy - 20. Simeon **Fouchy** e Marie Antoinete Thoma, 7 filhos
Fournier - 21. Luis **Fournier** e Idalina Borges, 9 filho
Frechou - 22. Jean Marie **Frechou** e Virginie Faré, 1 filho
Fuzeri - 23. Bartholome **Fuzeri**, solteiro
Gaume - 24. François Emile Aristin **Gaume** e Maria da Silva, sem descendentes
Gerard - 25. Saturnen **Gerard**, viúvo, 3 filhas
Giroux - 26. Justin **Giroux** e Honorine Bourthier, 1 filho
Guiot - 27. Emile **Guiot** e Luiza Bichet, 9 filhos
Jacquot - 28. Pierre Louis Auguste **Jacquôt ou Jacob** e Philomene Blois, 5 filhos
Jouglard - 29. Pierre Celestin **Jouglard** e Marie Jouglard, 6 filhos
Lahutte - 30. Emilie **Lahutte** e Cesarine Frenoit, 5 filhos
Lardot - 31. Narcise Joseph **Lardot** e Marie Pauline Douhart, 3 filhos
Laurent - 32. Louis **Laurant** e Catarine Steinle, 3 filhos
Leroy - 33. Octavio **Leroy** e Blanche Beauvalet, 5 filhos
Lesauvage - 34. Michel **Lesauvage** e Silvana da Silva, 2 filhos
Lhomme - 35. Jules **L'homme** e Cecilie Emabelie Magallon, 6 filhos
Lonchamp - 36. Claude Lucien **Lonchamp** e Veronique Deffeuily, 11 filhos
Louvier - 37. Camillo **Luvier** e Maria Justina Petit, 3 filhos
Magallon - 38. Augustin François **Magallon** e Marie Françoise Colomby, 7 filhos
Martin - 39. Jean **Martin** e Rose Jouglard, 11 filhos
Ney - 40. Victor **Ney** e Alexandrine Colomby, 10 filhos
Palavet - 41. Jules **Palavet** e Marie Celestine Delarue, 5 filhos
Pastorello - 42. Domenico **Pastorello** e Catarina Magdalena Augieri, 4 filhos
Petit - 43. Jean Louis **Petit** e Justine Jouglard, 2 filhas
Raffy - 44. Jean **Raffy** e Generosa da Silva, 2 filhos
Ribes - 45. Gustav Paul Auguste **Ribes** e Eugenie Reboul, 11 filhos
Steinle - 46. Joseph **Steinle**, solteiro
Tourin - 47. Isidore **Tourin**, solteiro
Vachez - 48.Jean Claude **Vachez** e Marie Magdeleine Bouvard, 1 filha
Vannuer - 49.Eugene **Vannuer** e Marie Louise Dessantes, 4 filhos
Wahast - 50. Oscar **Wahast** e Sylvie Octavie Augustine Lesarge, 4 filhos

2. O roteiro utilizado nas entrevistas

INÍCIO
. Qual o nome completo? Data e local de nascimento?
. Qual o nome dos seus pais? E avós?

PARTE I - sobre o que sabe de sua família e de seus antepassados
. Onde moravam seus pais e avós? O que faziam?
. Quem foi o imigrante francês da família?
. Sabe qual é o local de origem da família na França?
. O que eles faziam na França? Quais as condições de vida lá?
. Por que e quando eles emigraram?

PARTE II – Sobre o que sabe da Colônia Francesa
. Conhece a Colônia Francesa de Santo Antônio?
. Quando foi lá pela última vez?
. Vai seguidamente? Em que momentos vai a Colônia?
. Você visitava ou morava na Colônia Francesa na sua infância? Por quê?
. Conhece a residência do seu ancestral na Colônia? Como era?
. Qual era a principal atividade econômica da família?
. Como eram os cultivos, doces, vinhos, plantações, criações.
. A família se relacionava com outras famílias francesas na cidade?
. Ainda hoje, que pessoas você conhece da Colônia Francesa?
. Como era ou imagina a Colônia Francesa de antigamente?
. E em sua opinião, como é ou imagina que é a Colônia Francesa hoje?
. O que modificou na colônia e na relação entre as famílias francesas?

PARA OS QUE SAIRAM DA COLONIA (perguntar ainda):
. Sabe quando e porque a sua família saiu da Colônia Francesa?
. Onde foram viver? Porque foram para este local e não para outro?
. Este local tinha outros descendentes de franceses vindos da Colônia?
. Que atividade profissional a família desenvolveu ali?

PARTE III – Sobre a memória social do grupo étnico e seus suportes
. Acha que os franceses tiveram dificuldades para se adaptar ao Brasil?
. O que a sua família e as outras incorporaram dos hábitos brasileiros?
. Ainda existe alguma coisa que sua família trouxe da França?
. O que o senhor via seus pais e avós fazerem e que o senhor ainda faz?
. Mantém algum hábito de seus ancestrais franceses?
. Hoje, se o senhor precisasse mostrar que o senhor é um (nome da família), descendente de seus pais e avós, o que lhe identifica? E com a Colônia Francesa? E com a França?
. Que traços físicos são característicos de todo membro da família?
. Que traços o senhor pensa ter herdado da família francesa?
. Você acha que herdou mais traços do lado francês de sua família?
. O que conhece alguma coisa sobre os franceses e a França de hoje?
. O senhor é brasileiro, mas tem orgulho de ser descendente de franceses? Que significado tem isso na sua vida?

FINALIZAR
. Na sua opinião, qual a importância desse trabalho as lembranças da sua família?

3. Depoimentos textualizados das famílias

Depoimento de Luiza Conte Magallon

A colônia está bonita, agora está cheia de pêssegos para colher.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 48 minutos

Participação: filho Albino Borges

Eles vieram para fazer a terra. Não sei quantos dias de viagem, vieram a cavalo magro e usavam um selim. Eu tinha guardado um selim de veludo, com duas orelhas assim, não sei quem levou aquilo. Eu me lembro de algumas coisas, eu ainda tenho a cabeça boa, muitos aí se admiram porque eu tenho 88 anos. Eu sou Magallon por parte de pai.

*Meus **avós** chegaram aqui com o meu pai e a minha mãe. O meu **pai** era Augusto Magalão (Magallon) e ela era Letícia Sophia Conte, ele era filho de **franceses** e ela era filha de **italianos**. Ele casou aqui, com 21 anos. A minha mãe dizia que a **mudança** dela veio debaixo do braço, vieram a **cavalo** para cá. Levaram muitos dias. Cortavam o coqueiro pelo meio para fazer a parede da **casa**, quem passava assim via até o pessoal dentro, mas o que iam fazer? Não tinham **ferramentas**, não sei como é que se arrumaram. Devia ter um martelo ou uma coisa assim para abrir o coqueiro.*

*Para **alimentação** deles, faziam numa **pedra** assim um bolinho grudado em cima, era o **pão** deles, de centeio. Eles faziam uma bolinha assim e botavam numa pedra. A minha gente falava de uma comida chamada "**góf**", mas eu não conhecia. Nunca falaram de outra bóia que veio da França. Eram muito **pobres**. **Fogão** não existia, fogão era um pau assim atravessado e uma corrente com um gancho embaixo. Ali botavam a panela. E **luz** não tinha, tinha que cedo comer alguma coisinha e pronto. **Cama** não tinha, era uma madeira assim no ar, que botavam uns panos. Não tinha **colchão**, não tinha nada. Os filhos deles não usavam **roupa**, se vestiam com uns vestidos que faziam de **saco amarrado**. Até **esse francês** que morava aqui tinha neto com uns vestidos depois é que mudou, converteu um pouco e conseguiram comprar roupa para as **crianças**.*

*Acho que vieram da **França** para mudar porque de certo era ruim e não queriam mais aquilo. Mas aqui passaram muito **trabalho**. Depois que chegaram, ainda custaram muitos anos para depois fazerem **vinho** aqui. Depois é que plantaram **parreiras** e a criaram um pouco de **porco** e aí fizeram. Eles plantavam **milho, feijão, batata**, essas coisas assim. **Pessegueiro** não tinha era um pé cá outro lá.*

*Quando chegaram ficaram aqui, na beira do **arroio**, e fizeram um **ranchinho** bem na beirada aí. Eu não cheguei a conhecer meus avós, eu era pequena.*

*A minha mãe tinha irmãos, essa gente dos Romano, a mãe dessa que tem 94 anos era **irmã da minha mãe**. O meu pai tinha também a tia Bebé, a tia Luiza e outras.*

*Tinha as **irmãs do meu pai**, eu me lembro da tia Bebé, da tia Luiza, qual era a outra... Elas sempre vinham aí e aqui no **cinamomo** faziam **buquês de flor** para levar para o **cemitério**. No dia de **finados** sempre se ia no cemitério. Nós cansávamos de ir, nós íamos a pé daqui lá. Não era só em finados, nós íamos seguido! Nós atalhávamos pelo **Modestinho Raffi**, aqui pelo **Nicolau Larroque**. Às vezes, nós chegávamos lá nos Larroque e eles davam uma água gelada para nós que estávamos loucas de suadas, carregando flor. Um desses Larroque era padrinho de uma irmã minha. Eles eram **compadres**, então, nós íamos no cemitério e eles diziam: "vem cá, toma **café**, depois vocês vão lá".*

*Tinha uma parente que era **irmã de caridade**. Ela tinha dado umas coisinhas para a gente botar debaixo do travesseiro. Ela era irmã e agarrou aquele emprego, acho que na **Santa Casa** ou no Asilo. Me parece que a minha mãe era madrinha dela. O pai dela era **Halfen**. Decerto, a coitada se foi já, já devia de ter muitos anos. Ela sempre procurava a minha mãe.*

*Uma vez a minha tia disse que eu tinha que ir para lá **passear**. Era num **churrasco**, mas aí encheu o **arroio** e nós não pudemos passar. Da Antônia Halfen, eu tinha até **retrato** dela, mas a **Vitalina***

*pediu porque era a **madrinha** dela. E a tia Bebé, eu nem sei **onde ela está enterrada**, coitada. O marido era José Halfen.*

*Eu tenho **retrato** da gente dos Halfen, **muito bonito**, mas está lá a minha outra **casa**. Eu moro aqui porque o meu **marido** morreu. Mas aqui eles me cuidam tão bem. Eu é que fico brava, a gente não gosta de sair e eles gostam. Mas sempre tem um ou outro que fica. Eles **trabalham** no **fumo**, trabalham no cortar fumo. Que pena que eu não posso **enxergar** bem. Estou curta de vista depois que agarrei uma gripe, uma coisa parece que me turvou as vistas.*

*Quando **criança** eu não fazia muita **visita**. Ficava sempre em casa, sempre tinha um e outro brincando. **Brincava na volta da casa**, a gente também era mal **arrumada** então ficava em casa, era mais bonito e ninguém ria.*

*A minha **infância** era assim, eu fazia o brinquedo com uns **sabugos de milho** amarrado numa **latinha de peixe** e aí puxava, não tinha caminhão, não tinha coisa nenhuma. **Vestido** era um só, lavava e botava. De pequeno eu nunca ia a **cidade** comprar um sapato, nada, só depois quando fui **mais grande**[76], mais velha.*

*Os **meus guris**, coitados, quando era domingo, eles iam com os filhos da falecida **Nonora** matar e melar camatim ou **preá** para assar e comer. Era o Albino, o Nelcyr, o Sidney... Para brincar ou bobear ali, para passar o domingo. Os guris mandaram fazer uma **bicicleta de pau**, com duas rodinhas assim. Eles é que fabricaram a bicicleta com um pedaço de pau e um arame, com umas travas atrás. Inventavam para passar o tempo, queria que visse, uma bicicleta mal feita, de pau, mas era caprichada. Mas eram umas crianças muito boas, não faziam nenhuma arte, nunca tinha queixa deles. Ninguém brigava com isso, ou aquilo. Brincavam o dia inteiro ali. Uma vez um caiu. Quase se matou dentro de uma valeta grande do Lanchão (**Longchamp**), acho que era o Darci **Cazari**. Essa foto, o homem disse assim: "mas eu vou tirar **retrato**, que rica bicicleta"!*

*Ali quase em frente, morava a **Celina**, era **boa vizinha**. Ela era muito boa para os meus filhos. Ela dizia: "deixa aqui que eu te cuido eles enquanto tu vai trabalhar". Ela me ajudou muito, me serviu muito. Uma vez o Tilinho era guri e tinha o costume de querer trabalhar. Então foi arrancar folha de milho e tinha um cabeludo ali naquela folha. Ele chorou a noite inteira e nós não sabíamos mais o que fazer. Aí nós chamamos os vizinhos e o Artur e a Celina foram lá. Tão bons, eles disseram: "nós vamos ajeitar isso".*

*Eu não ia a **festas** naquele tempo de moça. E ir na "**Camponesa**", meu deus se eu ia lá! Não tinha com o quê se meter ali, ali era muito de **luxo**. Às vezes, eu ia numas danças que faziam quando eu era "mais grande", moça. Uma dança aqui numa **fábrica de papel** que era bem alta, um sobrado em frente a casa do **Aldrighi**. Agora está **caindo**, ali era o baile que eu ia.*

*Eu lembro quando inauguraram o **marco da colonização**, eu ia no **colégio** lá. Tem uma estrada que sobe para o Oracy **Charnaud** aqui. Eu ia para lá, era pela **terra** do meu pai, e nós íamos atalhando pelas capoeiras, nas sujeiras. Íamos, eu, a Zilda Betem (Betemps), a Irma Betem, o Ireno Betem, o Agostinho Charnó (Charnaud), nos íamos todos. Depois pegaram a brigar muito os guris. Aí o falecido Tiofil passou uma xingada neles que não era para brigarem mais. Eles judiavam, tinha Knopp também. Eu não gostava muito de ir para a escola. Eu não sabia nada, eles não me ensinavam. Era o **professor Osvaldo**, ele fechava o livro e já resmungava. Tinha o apelido de Osvaldo Louco, coitado. Ele já morreu, vinha da cidade, ele, a mulher e a mãe dele.*

*Quando eu era moça não lembro de fazerem **compota** na minha casa, nunca era feito. Naquele tempo eu agarrava o **café** e levava daqui da beira do **arroio** até lá na ponta da **colônia** dos franceses. Eles estavam na **lavoura** trabalhando, colhiam **vagem** de feijão lá e eu levava lá a chaleira de café. Eu gostava de ir quando era **colheita de uva** aqui nos vizinhos. Mas! Aquilo era bonito e bom, coisa boa: **vinho**, **leitão** assado, **salada de batata** e tudo quanto era coisa à vontade. E um café, com **patê**, salgados, essas coisas de porco para comer. Se fazia muito desses **salgados de porco**. E nesses **Fouchy**, eles tinham bastante uva, às vezes, enchiam, nem sei quantos tanques e não ia toda a uva, ficava para outra colheita. Às vezes, tinha um monte de milho para descascar e os vizinhos ajudavam também aqui.*

*Hoje na **colônia mudou**. Não tem mais **parreira**. Mas tem **luz**, tem **vendedor de fruta**, tem **padeiro**, tem **casa para vender criação** assim pronta, aviário. E de primeiro tinha que criar para matar, agora não. Eu acho que está muito melhor! Agora estão num céu aberto, tem gente que não sabe os trabalhos que eram, mas outros sabem. De primeiro para a gente enxergar, nós tínhamos um **lampião** assim, com gás. E era um paninho dentro, fazia uma **fumaça** para botar dentro de casa. Mas nós*

[76] Poderia ser um resquício da expressão: "plus grand" equivalente ao 'maior'.

agüentávamos assim. Se tinha uma roupa assim pendurada, ficava preta e agora tem luz. Agora está bom.

*Eu não lembro dos meus **avôs**, mas eles **trabalhavam** e **eu trabalhava também**. E hoje eu não posso trabalhar, eu quebrei a mão, o braço e furei a vista.*

*O meu **avô** morreu **mordido de cobra**, coitado. Ele estava naquele primeiro **ranchinho**, mal fechado e ele desceu para urinar. Mas um bicho pegou ele e ele sentiu aquela ferroada da cobra e a mulher já tinha morrido também, ele estava solito e não se queixou para ninguém, agüentou. Quando foi no outro dia foram ver e ele já estava duro. Ele já tinha idade. **Morava solito porque a mulher morreu**.*

*O meu avô Magallon tinha "**escravo**" que trabalhava para ele, mas mataram. Ele ganhava um **prato de comer para capinar** nos matos de cima, na beira do arroio, por aí. E aí chegaram, aquela gente e queriam saber onde ele estava. E eles disseram assim: "te esconde, te esconde debaixo de um banco". E eles foram, puxaram ele por um braço, degolaram ele e atiraram lá para os matos de cima. Não sei se ele veio fugindo, mas tinha isso antigamente aí, **atiraram, degolaram**, mandaram o pai ficar quieto e foram embora. Depois que os homens foram embora, o pai agarrou e **enterrou** ele na areia para os cachorros não comerem, nem os corvos.*

*Eu conheci **uns franceses velhos**. Eles **falavam em francês e eu escutava**. E depois eles não queriam que eu escutasse mais o que eles falavam em francês porque daí eu já compreendia. Elas diziam entre elas, umas palavras, umas coisas, e eu pegava: "Il est son bon ami, il est». O pai e a mãe falavam francês. A **Elzinha**, minha prima, também fala francês. A mãe dela era irmã da minha mãe. **Não faz muito** disseram que aqui **no colégio iam ensinar francês**, muita gente estava tentando, depois acho que parou. Eu estava dizendo, eu tenho aqueles **livros antigos**, do falecido. O Lino me disse para eu dar para ele e eu pensei no que eu podia fazer com aquilo lá...*

*Toda a gente diz que eu puxei mais para o lado do pai, dos **Magallon**, dizem que eu **sou parecida**, no **jeito de caminhar**, é da pessoa, **toda a gente diz**. Eu sou muito do **alho** e da **cebola**, eu gosto na **hora da janta**, acho que é uma **coisa francesa**.*

*Sabe o que o meu **pai** fazia? Nós íamos com um **serrote para o mato**, quando o **dinheiro estava pouco**. E **derrubava goiabeiras** tinha muitas ali perto onde está agora o **Beto**, ele é filho do meu irmão, é do **nosso sangue**. Ali tinha uma colônia grande de goiabeiras e aí o pai derrubava e puxava a serrote para ajudar. E depois trazia aquela lenha toda cortadinha e lá em casa ele rachava e já a carroça ia encostando e levando **para trocar nos Storch**, aí já **vinha café,** já vinha **açúcar**, já vinha bolacha, um **bolachão** daqueles grande. O Storch era ali **perto do colégio, no Cerrito Alegre**.*

*Fizeram bom **passeio**? A colônia está bonita, agora está cheia de pêssegos para colher. Nem fiquei cansada da **conversa**, fiquei bem **contente** de ter recebido a **visita dos parentes**.*

Depoimento de Albino Magallon Borges

Eles mandam botar um copo de vinho. Esse aí tu não pergunta quem é,

porque é francês.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 50 minutos

Participação: nenhuma outra participação

*A minha mãe é filha do Augusto, chamavam de "**Gustô**" Magallon e o pai dele acho que era João Augusto. A minha mãe tinha cinco irmãos: o **Tiofil**, o Augusto, a Isabel, a **Titina** e o Eduardo. O **francês** que veio era o avô da mãe. O **João Conte**, era pai da minha avó Sophia Conte. Esse velho estava doente, de cama e não morria nunca, estava preocupado que queria ser enterrado nas terras dele. E diziam que não podia ser, que o melhor era ser enterrado no **cemitério**, mas ele não aceitava. Então, um dia ele estava muito mal e disse de novo que só morria se fosse enterrado nas terras dele, e disseram para ele que então iriam enterrar ele ali e ele descansou. Mas levaram ele para o cemitério. Acho que*

*eram franceses também. Os Conte foram os primeiros moradores daqui da **Costa do Andrade**, vieram juntos na mesma leva que os outros.*

*Eu nasci aqui mesmo no **Rincão do Andrade**, numa **casa** aqui ao lado da estrada da costa do arroio. Na casa onde a mãe morava antes de vir para cá morar comigo. Eu tenho aqui umas **fotos** da outra casa. Na verdade já é uma casa nova, mas era ali perto a tapera da **casa de pedra** onde residiu o primeiro Magallon. Mas ela foi **derrubada**, depois do lado fizeram essa casa montada em 1963 e entre elas tem a que morou o **Irineu Betemps**, era tudo a mesma propriedade deles e foram fazendo as casas todas perto.*

*Eu acredito que quando o velho Magallon veio para cá, ele morou num **ranchinho**, nesse primeiro lugar antes de fazer a casa de pedra. Ele trouxe para ali os filhos. O meu avô veio para ali com o pai, quem nasceu ali foi minha mãe. O Magallon chegou ali e cravou 4 paus, os piques, para fazer os alicerces. E criou os filhos ali, depois os filhos ficaram grandes, começaram a casar e o meu avô ficou com a casa de pedra. A minha mãe nasceu ali e depois morou nessa propriedade que eu tenho aqui em baixo, onde tem o **forno de pedra** ainda, depois casou e o vovô Gustô ficou ali e ela voltou a morar nessa primeira propriedade até então vir morar comigo agora. Ela está comigo aqui há 6 anos, depois que ela enviuvou.*

*O meu avô tinha 3 **propriedades**: 75 hectares. E então pôs um filho lá onde é a casa do meu irmão, lá tinha uma tapera velha onde morou o meu padrinho João Augusto Magallon, que chamavam de "**Guiguisto**". Depois se jogou para lá na casa do forno, porque o filho, o tio Tiofil casou e queria ficar ali na casa velha, porque gostava mais lá. Então a minha mãe mudou-se com os meus avós para lá e ali ficou morando o outro dos filhos. Ao invés do Tiofil estar ali onde está o **Adalberto**, perto do **Oracy Charnó** (Charnaud), ele ficou primeiro aqui nessa propriedade. Depois quando a minha mãe casou, ela retornou para cá, porque aí o Tiofil ficou viúvo e foi embora para Pelotas. Ele era funcionário do Antoninho Fonseca, ele dirigia um caminhão do **Fonseca Júnior**. Foi **motorista** por 20 e tantos anos. E aí voltou a casar e foi quando passou a residir ali para cá do Charnó. Veio para aí onde está o filho dele, o Adalberto. Aqui no cantinho da foto da bicicleta de pau, está o tio Tiofil, foi quando morreu o meu vô, 11 de maio de 1955, ele estava de luto, ele morava na Colônia Osório na época, ele veio aqui em cima no Moinho do Ribes. Aqui está ele, olhando nós tirarmos a foto, era ali na casa deles.*

*Eles logo que chegaram aí, eu posso dizer pelo que peguei deles dizerem, a minha mãe, eles vieram muito mal, vieram de **Camaquã** para cá por dentro das matas, e foram se estabelecendo assim **onde tinha mais francês**. Porque naquele tempo a colonização era de diversas origens: era alemão, italiano e então vinham procurando mais pela gente deles. Quando chegaram aqui se decidiram aqui pela **água do arroio Andrade**, chegaram aqui gostaram do lugar, eu não sei como, mas algum pivô deveria ter trazido eles até aqui, como é que iriam saber disso aqui?*

*Aí chegaram e fizeram a **casinha com paus**, barro, pedaço de coqueiro em cima. Ele cortou varas e esteiros na mata, e cravou ali, então como não existia ferraria, nem dinheiro, nada, a pessoa tem que pegar o que a natureza ofereceu. Pegaram o barro que se pode fazer com a água e pegaram **coqueiro**, derrubaram com machadinho, tiraram o miolo e botaram duas por baixo e uma por cima, duas telhinhas de ripa assim e a água escorria por ali. Faziam duas partes ocas voltadas para cima e uma voltada para baixo colocada por cima fazendo uma calha para escorrer a chuva. Imagina que conforto poderia ser aquilo!*

*Outra coisa que eu ouvi muito eles dizerem é do **vestuário** deles, tanto feminino quanto masculino. Eram quase nus. Tanto a menina ou o menino usavam vestidos feitos daqueles sacos antigos que vinham com açúcar cristalizado, aproveitavam o saco para fazerem roupa. Era o que tinham, esse pessoal foi sofredor.*

*Sem **comida**, sem **dinheiro**, sem parentes, veja bem que situação. Tiveram que enfrentar o mundo desta maneira, ficando seus parente lá na França, se soltaram para o mundo, se jogaram, criando os filhos. O quê que poderia fazer um homem com **uma enxada, um machado e bimbarra**? Então eles botaram as **roças**, plantaram **feijão, milho, essas coisas básicas** para não morrerem de fome. E contam que sem ter o que comer, eles cozinhavam com água aquele **broto mais mole dos coqueiros**, para não morrer de fome. E a água imagina que tinham que descobrir vertentes, porque ainda hoje eu tenho **água de vertente**. É ainda uma água cristalina, não é uma água tratada, mas para mim é uma das melhores águas.*

*Depois daqueles primeiros passos naquela terra fértil, com feijão e batata, já alimentado, aí começou o **progresso**. Começaram a vir outros, com **moinhos**, já tinha facilidade de levar **farinha** de milho, já começou a melhorar. Quero dizer que o difícil mesmo foi na chegada, depois com o progresso*

foi bom. É uma região que iniciou mal, mas ***hoje*** *aqui tem* ***tecnologia****, tem* ***luz****, tem* ***telefone****, tem* ***ônibus****, tem* ***microônibus levando a criançada para as escolas****, tem campo de* ***futebol****, tem* ***lazer*** *e tem até pistas de* ***moto*** *aí.*

Eu acho que ***o que mudou da colônia*** *daquela época é que hoje é um horizonte que se abre, o mundo é nascido de uma maneira e as pessoas com* ***vontade de viver e de vencer*** *com o* ***progresso****, fazem mudar. Assim veio* ***estrada****,* ***ponte****, mais* ***estrutura****, hoje nós* ***temos tudo dentro de casa****. Antes não tinha luz, nem geladeira, as pessoas comiam a* ***carne de porco****, principalmente* ***toucinho****, mas aquilo era numa vara de pendurada ao vento. E naquele tempo, como tinha muita* ***caça****, eles caçavam tipo índio, eu acho que eles faziam boa parte do que o índio fez, vivendo da natureza. Peixe também deveria ter alguma abundância. E esse pessoal enfrentou isso tudo com bravura e com vontade de vencer. E eu acho que venceram, eu acho que está concretizada a Colônia Francesa, o sonho deles.*

Foi o que eu peguei daquele pessoal velho dizer, porque eu já nasci em 1944. E aí eu noto que eu posso dizer que ***eu já nasci num berço de ouro****, eu sou um homem que já trabalha em cima de* ***máquinas*** *a 35 anos. Tanto com* ***tratores****,* ***plantadeiras****,* ***ceifadeiras****, tudo isso eu tive só não tenho a ceifa hoje. E botei essa* ***microempresa*** *aí, hoje quem toca é meu filho,* ***tenho propriedades que eu conquistei comprando****, não foi pedindo, nem em movimento dos sem terra, nem nada. Fui eu, com meu suor, juntado a tostões, centavo a centavo, para chegar aqui. Claro que vivo humilde, ser rico é outra história, mas o pouco que eu consegui foi diante do que eu vivi e senti, do meu trabalho e me sinto bem por isso. Todo mundo aqui tem seu* ***trator*** *e tem casa com 2 ou 3, todo mundo tem suas* ***motos****,* ***automóveis*** *populares e novos, e zerados também, linhas* ***telefônicas*** *nós não temos mas tem o ruralcel que é um dos melhores. Então para quem não tinha nada, quem chegou aqui no meio da mata e se reuniam para atirar um osso, no* ***jogo do osso****. Que lazer tinha essa pobre gente? Se eles precisavam onde procuravam um* ***médico****? Quando saiam a* ***cavalo*** *daqui para ir a* ***Pelotas****, se o* ***Retiro*** *estivesse cheio eles tinham que passar 2 dias do lado de cá esperando para passar, existia isso. Essa foi realmente a história da Colônia Francesa.*

Aqui foi muito grande o ***pêssego****, mas já não foi bem no início. O melhor pêssego foi uma planta que se originou da família* ***Aldrighi****. Apareceu um pé de pêssego, até o nome é Aldrighi, ali no* ***Monte Bonito****, nas imediações da prefeitura por ali assim. Ali tinha um cidadão que achou aquela mudinha e plantou, há de ver que aquele único pêssego, além de ser produtivo ele foi o que mais ou menos por 40 anos* ***liderou a qualidade da produção*** *de pêssego na colônia. Esse pêssego Aldrighi liderou a melhor produção para Pelotas, Canguçu e alguma parte de Morro Redondo. Hoje existem outras variedades, mas é um absurdo o que não é aproveitado. Tem agricultores aí, nessas redondezas, que perderam 80 mil quilos de um produto da mais alta qualidade. É produto dentro de tecnologia, dentro de plantio direto, altamente tratado a máquina, pulverizadores a turbina e botado fora por falta de indústria no nosso município! Nosso município está precário, está morrendo nisto. Essa família dos* ***Capdeboscq****, os que mais se destacaram aqui na industrialização e ainda estão ali as* ***ruínas da fábrica****, para a época, 1920-25, descascavam o 'pesquinho' numa maquinazinha. Hoje eles descascam uma tonelada de pêssego na soda, sai tudo limpo, sai tudo descaroçado. Mas naquele tempo eles descascavam o pêssego e botavam numa mesa. E um passava a faquinha e outro a descaroçadeira. Porém saia um* ***produto bom****, podia não ser bonito, mas era bom. Eram os* ***Ribes, Pastorello, Capdeboscq*** *e interessante que essa gente que aqui se destacou muito, menos os Ribes que ainda mantiveram alguma coisa, mas todos tiveram dificuldade de manter suas fábricas.* ***Aquela colônia de antigamente infelizmente findou, foi uma pena.***

Os ***Magallon eram mais da parreira****, não chegaram a fazer compota. O* ***pêssego*** *que tinham,* ***levavam em carretinhas*** *para aqueles que compravam o pêssego da região toda. Eram umas fábricas pequenas, mas o pessoal aqui também não tinha muita produção. O meu vizinho tem uma produção de 150 mil quilos aqui, mas naquele tempo 150 mil quilos era a produção da região toda. Então eles tinham facilidade de absorver aquilo tudo.* ***Em casa*** *a minha mãe fez muita* ***compota****, comprava vidro, tampinha, pegava o pêssego e fazia e o fruto cristalizado, eu lembro que faziam o* ***figo e o pêssego cristalizado****.*

O ***vinho*** *também! Eu não vou dizer que a* ***parreira*** *foi a primeira planta a ser cultivada porque eles chegaram aqui com a barriga vazia e tinham que optar pelo feijão, milho e farinha para se sustentar. E é muito fácil de conhecer o francês daqui, ao chegar no estabelecimento já conhece, enquanto que os outros tomam cachaça, tomam cerveja, eles mandam botar um copo de vinho. Esse aí tu não pergunta quem é, porque é francês. Eles conservam hoje, realmente a* ***videira é a preferida deles, é o símbolo.***

Eu sei de uma ***história do meu padrinho francês****, era o irmão da minha mãe, o João Augusto, o* ***Guiguisto****. Ele tinha muito* ***vinho****, então ele* ***vendia*** *para o tio Otílio* ***Tonini*** *casado com a tia Titina, irmã da mãe. O tio Otílio tinha um comércio no que passava a ponte, na subida ali, do outro lado do arroio* ***Andrade****. E ele não quis botar os bois na carreta para levar o barril de vinho. Então, se agachou,*

*agarrou nas duas beiradinhas assim e **botou o vinho nos costas**, atalhou pelo arroio e levou lá. Fez um quilômetro com 118 quilos nas costas. Um barril é de 100 quilos e mais o casco. E depois se rendeu muito. Quando chegou lá foi dizendo: "para aí que eu estou me pisando aqui". Mas ele tinha umas 'munhecas' assim. Uma **característica dos Magallon** é que são fortíssimos. 'Magalão' é conhecido pela **força**. Eram uns homezinhos, assim **baixinhos**. O Tiofil era o mais alto deles e são **peludos** com uns **pulsos grossos**.*

*Nos últimos anos, eu tenho viajado bastante e as pessoas me vêem e dizem: "mas tu não é daqueles 'Magallão' do Andrade"? E eu digo que sou. Isso tem acontecido muito. Eles perguntam se eu sou dos Magalão loucos, lá do Andrade, mas o **Magalão louco** que eles dizem era o irmão da mãe. Eu não sou do louco.*

*Os Magallon são **carecas**, quase todos puxam para carecas. Interessante que o francês é muito careca, tem calvície, 80% do francês é mais careca **ou com cabelo crespo**.*

*Traço de saúde eu não sei, o que acontecia muito na minha família era o **câncer na próstata**, mas hoje está muito comum isso. E depois a **sirrose**, porque o vinho não perdoa, devia de beber um barril de vinho por mês. Se bem que dizem que o vinho hoje é remédio...*

*Acho que herdei mais pela minha mãe, a **fisionomia**. Até me acho muito parecido com ela de **jeito**. Eu gosto de **ser descendente de francês**, eu me orgulho, porque o francês é trabalhador e é inteligente. Se de repente ele tem uma **ira**, mas também **aquilo se apaga** em dois minutos e meio, francês é tudo isso aí. Mas se precisou de um cidadão, ele já está ali, aquela briga foi ontem, faz parte do passado, eu me orgulho de ser francês.*

*Eu acho que foi uma 'enormidade' a **adaptação** um francês que caia aqui sem escola. Como iam se entender? **Não havia escola** para aprender. Eu acho que foi um sofrimento terrível, depois com a prática foram mentalizando as palavras até que atualizou aquilo ali, uns falando mal, outros menos mal. Um detalhe que se os Conte eram italianos, quem mais **falava francês** era a velha Sophia Conte! Esses franceses mais antigos tinham um **sotaque** que eles não perderam nunca. Aquilo até servia para brincadeira da gente. Eles se adaptaram, mas não ficaram brasileiros.*

*Uma coisa muito engraçada são os **costumes brasileiros**. O **chimarrão** é quase polêmica na nossa família de francês aqui. Ninguém pegou o costume do chimarrão, nem de fumar **cigarro** de fábrica de fumo. Eu tenho 3 filhos e ninguém faz isso. Eu que nunca botei um cigarro na minha boca e nunca tomei uma **bebedeira** na minha vida. Isso não aconteceu comigo. Eu acho que não pegaram muita coisa de brasileiro não. Eles ficaram no alho, o francês é amigo do alho. O **alho e o vinho, isso eles cultivaram**. Até hoje a minha mãe aqui, não entra na mesa sem vir o dente de alho dela, picadinho. Isso é o habito do francês. E **acho que a benzedura também**. É só o camarada ter uma dor de barriga que vai ali no **Vitorino Ney** ou outro e já faz uma benzedura. O francês é da benzedura. Esse é o habito dele, pelo que eu conheço desses franceses daqui. E se cuide com francês, ele é muito bom, mas de repente ele te pega também. Cuidado com ele, eu sei de um cidadão aqui, tio da mãe, o Vitorino, ele fazia benzedura para mal e para bem. Eu por mim, posso dizer que não tenho nenhum hábito de francês. Porque o francês gosta de fumar um bom cigarro, gosta de fazer benzedura e eu não gosto de nada disso. Eu acho que eu sou bem nacional nisso.*

*Aqui tinha os **Ney**, a **Angelina Girard Colomby** foi a dona dessa propriedade aqui. O marido dela era **José Ney**, depois ela deixou desse homem. Eles eram donos daqui, eu já comprei de terceiros isso aqui, mas **a casa dela era aqui do lado**, dá para ver ainda os **alicerces**. Era casa **de pedra** e já era uma boa casa, não era mais de coqueiro. Tem um **porão** de pedra e a **calçada** de pedra quadrada assim. E esses franceses eram inteligentes, o francês era muito da pedreira, do corte de pedra, não era de usar muito barro. Isso foi uma coisa tradicional deles. No **marco de cima da porta, eles botaram em pedra cortada**, uns 500 quilos. Eu fico pensando como é que eles carregavam as pedras, sem ter um animal, sem ter nada, pois se era tudo mato acho que eles vinham puxando a pedra até aqui.*

*Outro fato que lembro do **padrinho** me contar é que um dia eles estavam sentados no famoso **ranchinho** e chegou dois caras a cavalo. E esse pobre **escravo** estava fugido, não era escravo dele, era de alguém que tinha comprado e aí o meu tio e padrinho João Augusto Magallon, irmão da mãe, diz que foi só o quanto ele se arredou para um lado e já choveu a bala. Mataram ele ali mesmo, não teve tempo nem de reação, que reação ia ter numa palhocinha de 4 metros, chegaram ali mataram sem dó, montaram a cavalo e se foram. Aí o padrinho e o falecido vô foram ali e tiraram ele dali para não vir os corvos, era uma brutalidade. E enterraram o pobre para não deixarem vir corvo. Ele veio foragido, fez algumas amizades aí, porque ele já estava a um tempo trabalhando, estava foragido e de repente chegou o dono. Isso era na época do **vô Gustô**. Estava chovendo e eles estavam dentro de casa. E os caras*

vieram de certo se informando pelo rastro. Perguntando onde é que está o fulano, está trabalhando lá no ***Magallon****. Aí não teve nem dó, nem defesa, botou o peito para bala comer, foi verídico esse fato. O que dizia meu padrinho Augusto é que não deram nem explicação. Ele até se viu mal porque senão a bala tinha pego ele também, ele era um gurizote. Chegaram como nós estamos sentados aqui, do nada, chegaram e a bala comeu, montaram a cavalo e foram embora, feito o serviço. Devia ser algum mando, sempre tem essa gente. A gente não pode imaginar o que tinha acontecido entre ele e o patrão dele, alguma rixa, chegaram e brutalmente mataram sem dar explicações. Dizia o meu tio: "e aí tia chica"? Ele só se arredou para o lado.*

Eu sempre morei aqui na ***Colônia Francesa*** *e a colônia na minha infância tinha* ***escola****, mas tínhamos que ir para escola a pé. Os primeiros não tinham escola, depois é que apareceu escola paga pelos pais, eles fizeram, um dava uma coisa, outro dava outra coisa, mas aquele pessoal ainda aprendeu o b-a-bá, aprendeu a assinar o nome. Eu já tive escola aí, fiz o primário completo, não tive grandes problemas a não ser ter que ir e vir.*

Eu me criei, numa condição humilde, eu era um rapaz de 16, 17 anos e não tinha ***chinelo*** *para botar no pé, era só o* ***tamanco****. Mas a barriga até hoje é bem cuidada por estes velhos. Eu não conheci o* ***Góf****, mas já ouvi falar, era um mexido de farinha, aquilo era alimentação de última necessidade, quando não tinha mais o que comer. A nossa* ***alimentação*** *era na base do* ***toucinho****, da* ***lingüiça****, do* ***presunto*** *aquele naquela bolinha e aquilo nunca findava. Aquilo quando queria ameaçar de findar, já tinha outro* ***porco*** *gordo. Porque não havia outros comércios, então o pessoal aplicava o dinheiro que tinha na comida, o pessoal trabalhava exatamente para a comida. De barriga cheia, não se pagava imposto de telefone, de automóvel, nem de gás, de coisas assim.* ***Hoje a gente tem esse conforto****, mas esse conforto tem algum custo. Mas eu posso dizer que sou um homem feliz.*

*Na minha época ainda existia a "****Camponesa****", e a gente ia, não tinha onde a gente não foi a baile,* ***por toda parte****, onde tinha uma gaita rosnando eu ia. Aqui bem perto tinha o salão do falecido Antônio* ***Raffi****, mas esse era muito pequenino, era uma coisa assim mais para a vizinhança. Tinha um outro salão de baile, antes de chegar na ponte, por aqui, ali onde tem uns paredões altos de pedra, era a antiga* ***fábrica de papel****. Ali tinha um salão de baile, quando eu era pequeno eu ia, eu ia atirar o osso e ali vinha o* ***Aci Portela****. Era o que tinha para o pessoal se divertir, dar uma risadinha. O Aci portela era um humorista, comediante, de mês em mês vinha do Rio Grande e passava um mês por aí. Não tinha televisão, não tinha outra coisa e o pessoal ia todo para lá. Um cidadão aí do Cerrito Alegre, o* ***Alberto Getz, um alemão****, tomou umas cervejas e vai brincar com o palhaço e com o revólver. E casualmente, dá um tiro na garganta do palhaço! Embora de brincadeira, mas como ele podia ter brincado com o revólver no meio da multidão? Aconteceu isso, foi trágico, eu acho que o palhaço faleceu e depois aquele alemão andou sofrendo umas penas e tudo. Com revólver não se brinca.*

Aqui era muito comum o ***jogo de bocha e o jogo do osso****. Aqui eu me lembro que tinha cancha no* ***Aldrighi****, no tio Otílio* ***Tonini****, tinha no Ambrósio* ***Ribes****, aqui no Tilinho tinha uma cancha velha junto do campo de futebol que era do* ***Longchamp****, tinha outra no* ***Knopp*** *e aqui no Antoninho* ***Raffi****. Só o que o pessoal sabia fazer era jogar bocha. Se juntavam sábado de tardezinha e no domingo a jogar bocha. Isso aí foi a diversão principal deles, menos o* ***esporte de campo****. Me parece que houve um* ***time*** *aqui na costa do arroio, mas não vingou. Outro lazer deles era* ***carreira*** *de cavalo matungo. Eu acredito que eles trouxeram o jogo de bocha de outro país, eu joguei muita bocha aí. Eu cheguei a ganhar um torneio de bocha com 14 anos. Jogava assim de 12 e eu jogava com o Augustinho Raffi, ele é o meu primo. O falecido Lourival* ***Cazari*** *que morava aqui me disse: "tu tens 8 pontos com estas duas bolas e se tu der de "chanta" nesta bocha faz 12". Eu digo: "então risca". Ele era o que riscava e eu levantei a bocha por debaixo e não deixei plantada, ela caiu em cima da outra: puhm! Então está, 12! Hoje faz 30 anos que eu não jogo mais. Hoje é mais raro aqui na colônia se encontrar cancha de bocha. Tem uma na Vila Nova e... Até depois chegou a ter uns torneios de bocha, há uns 10 anos, mas aquilo ali o pessoal foi deixando. O novo não tem interesse, eu acho que o novo com a televisão, todo mundo quer ser atleta. Todo mundo quer ser juiz e o pessoal é mesmo do futebol. A mocidade é futebol de campo, todo mundo quer ser Grêmio, quer ser Inter, quer ser Palmeiras, ninguém quer ser da bocha.*

As ***famílias francesas se relacionavam*** *muito bem, este lado do Andrade não ficava isolado do lado da Francesa. Eram* ***amigos*** *de todos, por isso que eu falei no início que esse pessoal se procurava, os alemães, os italianos, cada um ia assim para o seu grupo, até para o entendimento das suas línguas, suas origens. Eles* ***se visitavam****, nós aqui tínhamos visita dos Jouglard, dos Ribes, semanalmente, eram amigos mesmo. Visitam,* ***faziam procissão****, não era grande festa, a não ser depois da* ***construção da igreja da Vila Nova****, aí sim o pessoal se reunia mais, faziam visitas e faziam arrecadação. Mas no início o pessoal se visitava, iam para* ***carreiras*** *junto, os franceses eram amigos.*

*Aqui é interessante, **hoje não existe mais**, se visita só pai e filho, genro, mas **antigamente eles se reuniam na casa de um ou outro**. Sábado de noite, os vizinhos bons, um passava para a casa do outro para **jogar o 'vispo'**, tomavam **café** e depois cada um para sua casinha trabalhar. **Conviviam bem italianos**, **alemães**, **franceses**, não tinha problema. Se reuniam no sábado para **descascar milho**. Era uma diversão, uma maneira de conversarem, como não havia comunicação nenhuma, de repente um trazia uma notícia lá de Pelotas, outro trazia dali dos Três Serros, era a maneira de se saber alguma coisa. Isso é uma coisa que a colônia se modificou.*

*Eu acho que é importante se fazer esse **museu** dos franceses **para mostrar para o povo brasileiro** que está tão carente, alguma coisa está acontecendo com o povo brasileiro, é violência, morte, roubo. Eu acho que os franceses não vieram aqui para isso, até poderia ter acontecido com alguém deles, mas acho que os franceses vieram aqui para trabalhar e respeitar essa pátria, eu acho que foi para isso. Então é um **exemplo que eles nos deixaram de como viver**.*

*Lá na **França** eu não sei o que fariam, eu acho que vieram porque eles se sentiam apertados, com **falta de espaço** e a oferta do governo brasileiro em trazer gente, aqueles que tivessem coragem. Sabe lá o que é partir, olhando para trás a mãe e o vô, dar um adeus e nunca mais voltar lá, porque de lá para cá alguém o trouxe, até um intermediário de governo deve ter havido, agora voltar só se tivesse dinheiro. E eu acredito que esse pessoal, **além de sofrer**, **sofreu pela família** que ficou lá.*

*Acho que não ficou nada do que veio da **França**. Se houve alguma coisa do que ficou com meus avós, teria ficado com o meu tio Eduardo Magallon, porque por último eles estavam morando com ele e morreram ali. Se ficou algum baú velho, acho que teriam botado fora. Ele morava ali embaixo numa outra propriedade que está tapera também.*

*Eu só tenho que **agradecer a visita** e já que nós somos **parentes**, o **sangue forte de Magallon** aí dentro, então **vamos honrar os Magalão**, **respeitar a nossa grande França e o Brasil**.*

Depoimento de Denis Marcelo Zitzke Borges

Eles sempre nos levavam e mostravam onde estava cada um.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 1 hora e 10 minutos

Participação: nenhuma outra participação

*Eu sou **neto** da **Luiza** Magallon, filha do **'Gustô'** Magallon. Eu não sei se ele veio da **França** ou se foi o pai dele. Não é que eu não tive interesse é que quando eu casei, eu perdi um pouco do convívio deles lá e vim para cá. Eu das coisas que eu sei hoje, soube depois que eu perdi o meu vô e a minha vó ficou morando lá sozinha, porque daí ela me contava algumas coisinhas. Eu chegava lá na minha vó, porque eu fiquei muito tempo com ela depois que faleceu o vô, não tinha ninguém para ficar com ela. Então eu trabalhava de dia e como não tinha ninguém para ficar com ela de noite eu ia. Às vezes, eu chegava 11 h meia da noite, já chegava louco de cansado e a vó queria conversar até a uma hora.*

*Eu sempre morei aqui na **Colônia Francesa**, a não ser quando nasci que morei um ano lá na Laquentinie. O meu pai conheceu a minha **mãe** na **Laquentinie**, aqui perto da Santa Isabel, do outro lado do **arroio**. Ele **trabalhava** e **plantava** lá na Laquentinie e também nestas terras onde ele mora agora. Ali era propriedade dos **Romano** e ele arrendava e plantava **soja** ali. Depois, com o passar dos anos, o pai comprou ali e eu vim para ali. Mas eu nasci e cheguei a morar na Laquentinie, eu era pequeno e não me lembro com quantos anos eu vim, acho que com um ou dois anos.*

*Eu me recordo já nessa casa ali e de ir para o colégio que tem ali perto do Edgar **Cazari**, ali depois daquelas duas **pontezinhas** que cruzam o arroio, lá no fim da linha do **ônibus**. Era o **colégio Augusto Simões Lopes**, ali é que eu estudei, eu e meus irmãos. Então eu passava por dentro da propriedade que era da Nilza **'Lanchão'**, casada com o Lourival Cazari, que no caso saia quase lá na entradinha do colégio. A **professora** era **Vanda**, casada com Osmar Domingos **Cazari**, ela eu não lembro se era **Wickboldt**... Eu acho que eles eram gente daqui também, mas isso eu não sei.*

*Da época que eu era **criança**, a gente ia para o colégio e às vezes, nem vinha para casa, **já ia direto para lavoura ajudar a escolher morango**. Isso com 7, 8, 9 anos de idade. Então eu lembro que eles plantavam muita soja ali, eu tenho uma recordação que **antes eles tinham parreira** ali também. Mas tinha pouca coisa e lembro que tinha um descendente de escravos que vinha ali pedir vinho. Eu sei que o meu **irmão** mais novo, o Márcio, era criança e **gostava muito de vinho** e aí o pai pensou, quer saber de uma coisa? Eu vou parar com essa plantação de parreira porque esse guri vai se agradar desse negócio, gosta tanto de vinho que quando vê, vai se viciar no vinho. Ele se botava a chorar por causa das parreiras porque queria tomar vinho, estava uma briga, era antes de ir para o colégio, talvez ele tivesse uns 4, 5 anos. Acho que vinho ele não tomava, deviam fazer **suco de vinho**, mas isso também é forte. E assim que do passado, da época de parreira e do vinho eu me lembro pouco, mas o pai chegou a fazer um pouco de vinho. Não era a atividade principal, que eu me lembre era de soja. Até tinham um **ceifa**, tinham tudo aí, arrendavam outras **terras**.*

*O que eu me lembro também era de **brincar** com os meus **irmãos** e meus **primos** num braço velho do **arroio**, para baixo da **casa da vó**. Éramos uns 6, 7. Ela morava ali, então nos íamos brincar para lá porque os nossos pais **iam para a lavoura** cortar soja no tempo que ainda era manual. Porque se era muita chuva, eles não podiam entrar na lavoura para ceifar e para não perder a soja faziam manual. A soja brota dentro da vagem com a chuva, então eles iam cortar e nós ficávamos com a vó. Nós íamos para o arroio brincar e a minha vó falava, como diziam os antigos: "tu cuidado com a congestão". A minha avó **perdeu filhos**, uns falavam que foi por **congestão** porque tinha ido para o arroio, eu não lembro que idade tinha, nem sei se era mais velho ou mais novo que o pai. Então por causa disso a velha, já **ressabiada** dizia para ter cuidado. O arroio velho mudou de curso e ficaram uns quantos metros de areia que vinha das enchentes e ia depositando ali. Então nós pegávamos e cavávamos bem direitinho e colocava capoeira podre e aquelas folhas em cima e fazia umas **armadilhas** para cair. E a coitada da vó caia. Que idéia a gente tinha! Seguido caia a velha. E nós éramos pequenos e fazíamos uns rastros e de vez em quando a velha caia. Ela vinha pegar a gente aqui em baixo, perto da **represa**, para baixo do Sílvio 'Betem' (**Betemps**), pelo **Constantino** ali. Talvez pela estrada dê uns 2 quilômetros, mas por dentro do arroio dá uns 3 a 4 quilômetros. A velha chegava com uma **varinha** atrás de nós. Nós aprontávamos.*

*A história de como os **franceses vieram eu não sei**, mas deve ter sido com algum **barco**. Eu acho que eles enfrentaram muita dificuldade, eu não sei o **motivo porque vieram da França**. Se era por causa do frio ou se acharam que aqui era melhor. Eu acho que lá era muito difícil em termos de **espaços** e coisas, se eram muito **pobres** lá, resolveram arriscar. Eu sei que ela conta, que de primeiro quando os falecidos **avós** fizeram uma **casinha** e **roupas** quase não tinham, não tinham quase **nada para trabalhar**, para morar eu sei que era muito difícil tudo. A casa deste primeiro Magallon eu acho que era ali mesmo na **casa** onde a vó morava. Porque o meu vô não era dali e o pai sempre brinca porque de primeiro tinha o tal de **dote**. E o pai brinca que a vó quase perdeu o vô, que a sorte dela é que ela tinha mais terra e por isso eu acho que tenha sido ali, porque já era dos pais da minha avó, do Gustô. Agora se eles vieram de outro lugar eu não sei, pelo que me contam foi sempre ali, na casa velha onde a vó estava morando antes. O **vô** não era dali, ele era **Ferrari** e veio para cá morar.*

*Acho que a vó chegou a morar ali nessa **casa do forno**. Acho que moraram porque o pai me diz que eles brincavam ali na volta daquela casa. Era um alicerce de pedra e a casinha de tábua, eu me lembro ainda quando o vô e o pai ainda cuidavam daquilo ali, as tabuinhas eles caiavam. Talvez que lá onde ela morava antes de ir para o pai, ali seria onde os pais da vó moravam. Até ainda tem uma **cacimba**, tem que cavar, hoje eu planto ali.*

*Eu sei que a vó conta muito que os **pais** dela **plantavam feijão** e **ervilha**. Eu acredito que tivessem algum pé de **pessegueiro**, só não sei se os primeiros tinham ou se veio depois. Eu sei que o meu pai e ela sempre tiveram pessegueiro e sempre cuidaram de chácara. Eu não sei dos mais antigos, mas eu acho que tinham alguma coisa.*

*A vó Luiza sempre fala as mesmas coisas, que **antigamente** que era 'brabo'. Era uma dificuldade, vir para dentro de mato sem ter nada, tinha que ter muita coragem para tocar a vida para frente. E depois que se têm **filhos**, tem que se virar. Nem sei se chegaram verão ou inverno ou se já puderam plantar as suas plantinhas... Eu só sei que **foi tudo dificultoso** para eles e mas acho que é como hoje, quando se inicia uma coisa sem **dinheiro**. Iniciaram a morar no meio do mato, de um capoeirão, talvez sem uma enxada, sem roupa, sem casa, só com a vontade de trabalhar e contam que trouxeram feijão e sementes de algumas coisas para produzir.*

*Eu não sei é se é francês, mas que eles usavam muito, era fazer um bom **café das 9**, bem reforçado. A minha vó era muito do **ovo 'estralado'**, ela chama o ovo frito de estralado. Outra coisa é o **colchão de palha** que eu não sei se era de origem francesa, claro que deve se der porque era o que*

*tinham. Era dessas cachopas de **milho**, a **palha** toda era esfiapada a mão, eu acho que isso aí deve ter vindo deles quando vieram para cá. No que eles dormiam se não veio cama com eles?*

*Hoje tem óleo, antigamente era **banha de porco**. Isso aí eu me lembro deles fazerem, até nós lá no pai criávamos porcos e dentro de 2, 3 meses se matava um e **conservavam** a carne na banha.*

*Eu chegava lá pequeno, a **luz** era **candieirinho**, o forro estava sempre preto da fumaça. Saia aquela **fumacinha com querosene**, tudo isso eu ainda passei, eu me lembro da gente sentado naquelas mesonas de madeira e um banco comprido, e nós todos sentados em latas, porque nós éramos pequenos, e comendo **feijão**, carne de **porco**. A vó gosta muito de alho, ela come puro cara, será que o **alho** é de **francês**?*

*Eu lembro deles fazendo **doces** de **compota** e **cristalizados**. A minha mãe fazia com a vó depois que vieram para cá. Era doce de **pêra**, faziam e gostavam muito. Apesar de francês gostar de doce, quase todos eles gostam e a minha descendência de **pomerano** também gostar de doce, eu não sou de doce. **Não gosto** de doce com pão, não que eu não coma, mas eu não gosto por causa do café que fica amargo. Eu lembro deles aí fazerem, passavam um dia quase só descascando e aprontando o pêssego, deixavam dentro da água a fruta. Eu acho que doce de laranja não faziam, isso eu não me lembro. Eu acho q não, mais era isso de figo, pêra e pêssego, se reuniam e faziam um monte.*

*Hoje se tem **máquina**, se vai ali e para lavrar uma **terra** se pega um **trator** e dentro de uma hora, duas horas já se tem um hectare lavrado. Antigamente era só no **enxadão**, eu imagino a dificuldade que eles tiveram. Hoje se a gente abandona uma terra por três anos para renovar, dar uma descansada, para refazer aquela terra de novo se pega um trator ou uma **roçadeira**, se vira aquela terra e já está refazendo a terra para **plantar**. Antigamente não, se tinha que entrar para dentro do matagal, do capoeirão, com enxadão e picareta para tirar as pedras antes de revirar a terra.*

*Hoje está tudo muito bom por um lado, mas por outro lado a gente é obrigado a trabalhar com **venenos**. Só porque o mercado hoje é muito exigente e não vai ter a qualidade que o pessoal quer. Eu levo produtos para o **Fragata**, mas se levo um **morango** desse tamanho eles não querem. Tem que ser só do graúdo. Antigamente era uma beleza de morango, o tamanho era miudinho, mas o que nós comia de morango na **lavoura**! Acho que nós comia uns 2, 3 quilos de morango por dia. Hoje lá tem um morango desse tamanho, mas não tem sabor, não tem gosto de morango.*

*O pai tinha **plantação** de morango também. Nós colhíamos uns 4, 5 mil quilos de morango. Nós saíamos de manhã, antes de passar o **ônibus** das 6 e meia, agora ele passa às 6 horas, mudou um pouco acho que por causa dos colégios, não sei por quê. Então, se ia para a lavoura e 6 e meia quando passava o ônibus a gente já estava quase meia hora colhendo morango na lavoura. E é nesse tempo agora, há um mês atrás que iniciava a safra do morango. Tu ia colher morango e chegava em casa liquidado. Não se fazia meio-dia, se levava a comida e comia na lavoura mesmo, parava um pouquinho na sombra. Chegava 4, 5 horas em casa.*

*Eu acredito que não tenha sido muito fácil se **adaptarem** aqui pela diferença de clima, principalmente o **calor**. E digo por nossa **família**, porque eu acho que sempre os filhos aprendem com os pais. E da nossa parte eu acho que não se pegou muitos **costumes brasileiros** porque eu nunca vi a minha vó tomando **chimarrão**, nunca vi o meu pai tomando chimarrão. Eu nunca vi dizerem que **fumassem**, eles não fumam e nós também não fumamos. Nós também, nunca fomos ligados a **carnaval**, nem eu, nem meu irmão, o pai acho que ia um pouco a carnaval quando era novo.*

*Hoje falam que a nossa **língua portuguesa** é uma das mais difíceis de aprender. Imagina hoje cada um tem um **sistema de falar**. Eu estudei só até a quinta série, mas eu não me considero tão atrasado para falar. Já o meu filho ele sabe mais coisas e se vê que **vem progredindo o aprendizado** da língua com ele. Eu não sei se falavam francês em casa, mas de repente alguma palavra. O que eu vi uma vez a vó falar é "**cochons**", eu não sei se é bem isso aí, mas queria dizer **porco**.*

*Para o lado da minha avó do **lado alemão**, **talvez eu saiba mais** da origem dela, porque o **pai** comprou trator e aí plantava as coisas dele e **sempre trabalhou fora**. Trabalhava de noite, chegava 2, 3 da manhã, e às vezes não dormia de noite só trilhando soja e não vencia. Ele foi dos pioneiros a ter trilhadeira, isso naquele tempo era um modernismo louco. Então ele saia e nós **fomos criados mais com a mãe**. Por isso talvez a gente saiba mais coisas para o lado da minha outra avó por ter sido criado mais com a mãe. Se a mãe fosse francesa talvez nos soubéssemos mais. A vó Melita é enredada para falar muitas coisas porque primeiro nos colégios não deixavam falar a **língua** portuguesa, ensinavam tudo em **pomerano**, eles tentavam manter uma tradição. **Para os franceses** eu imagino que deve ter sido **difícil** para eles **aprender** o **português**.*

*Acho que **hoje** todos nós estamos numa **situação melhor**, mais estruturados. Nas famílias de origem francesa que eu sei, é difícil ter uma pessoa que não melhorou de vida e vem melhorando. Eu acho que está muito mais fácil para trabalhar. A minha mulher sempre diz que eu nunca desanimo, sempre vejo pelo lado bom. Eu acho que tudo tem uma vantagem, é que nem aquela história que o **bom brasileiro** não desiste nunca. Mas aí eu já não sei se é o brasileiro puro, porque falam que o índio não tem muita vontade para alguns trabalhos, então eu não sei se é da origem francesa, se os franceses são lutadores mesmos lá ou se não são. Eu acho que eles vieram de lá enfrentando muitas dificuldades para conquistar o espaço deles aqui, para trabalhar.*

*Aqui eles se reuniam em **festa** da **igreja**, mas acho que em **futebol** e pelo o que o pai fala, até ia mais gente. O pai comenta que muita gente ia nos jogos de futebol, os filhos do Ribes, os Romano. Nós íamos no futebol também.*

*O pai conta do **jogo de bocha**. Ele diz que uma vez, ele estava jogando bocha numa **cancha** para atrás da casa da vó, no **Longchamp**, ali tinha umas **bochas de madeira**. E uma vez o pai foi para bochar e conta que quando foi bochar, o cara foi medir e ele atirou deu na cabeça. Eu acho que até era do velho 'Lanchão' (Longchamp). E aí diz que o pai, ainda criança, chega correndo e diz para a vó Luiza: "mãe, mãe, eu matei o 'Lanchão'"! Aquela bocha deu na nuca do velho e deixou quase morto. Já pensou se morresse mesmo?*

*Eu me relaciono fácil com as pessoas, tenho **amizade** com **outras famílias** daqui, de **franceses**. E não de amizade estreita, mas assim de conversar, no caso o pai do Tom **Ribes**, a gente fala sobre **vinho**, essas **coisas antigas** também, mas pela diferença de idade já é outro assunto. Para cá, tem muita gente de francês, no caso pegou mais essa região aqui para cima e ali onde era o Lino Ribes.*

*A ligação maior que se tinha com os franceses era no **cemitério** que se ia seguido. São praticamente todos sepultados lá. A gente sempre ia, seguido, agora para te falar a verdade faz mais de ano que eu não vou lá, até nesse dia dos **finados** eu estava falando porque a gente sempre ia pelo vô, pelo Gustô, pelo irmão do pai. O pai sempre nos dizia: "aqui está o velho Augusto, aqui tá o meu irmãozinho que perdi". Eles sempre nos levavam e mostravam onde estava cada um. Até inclusive quando morreu o meu vô Otávio, casado com a vó Luiza, o velho Gustô está sepultado naquele cemitério lá da Francesa, então nos mexemos nos ossos dele. E quando nós desmanchamos o **túmulo** para reutilizar e até para cuidar porque imagina se deixava aquele ali e pegava outra sepultura, termina perdendo a origem. Se eles não ensinassem, nós não saberíamos mais quem estava ali e aqui. E o pai sempre mostrou. Nós tiramos o caixãozinho dele e eles sempre falavam que o velho tinha as 'canelas' muito compridas. E o pai disse: "lembra, que eu falava para vocês que ele era alto, está aqui olha". A 'canela' dele era deste cumprimento e o que eu achei interessante é que na cabeça dele ainda tinha fios de cabelo seco, assim parece que agarrado na cabeça dele.*

*De antigos tinha o velho **Tiófil** era irmão da vó, ele não tinha uma perna, amputaram uma perna. O Tiofil ele fazia tudo que era **artesanato com arames**. Eles usavam muito segurança, não sei se aquilo era por ser francês ou o que, a minha avó Luiza sempre tinha umas **seguranças** grandes assim, **presas no peito**. O Tiofil fazia sempre, trabalhado ali com o aramezinho, não sei como ele conseguia fazer, era o 'entertimento' dele. Eu acredito que eles usavam isso pela descendência deles, como eles trabalhavam muito fazendo serviço nos matos, com tocos e espinhos eles tinham de repente aquilo para tirar algum espinho ou para prender algum botão, alguma gola para não rasgar a roupa. Eu sempre conheci a vó com aquilo. Esses dias eu mexi com ela: "vó, tu te lembra que tu tinhas aquele monte de segurança? Será que tu não me arruma uma"? E ela foi bem quetinha lá, me deu e disse: "está aqui olha, agora não perde".*

*E me lembro do outro, o **pai do Adão Magallon**, como era o nome... O velho **Eduardo**, irmão da vó também. Do velho Eduardo, eu me lembro que ele passava seguido lá, ele ia na venda e sempre chegava na vó. Pessoa de idade, não sei com quantos anos a vó já estava e ele levava bala para a irmã dele. A vó sempre tem umas palavras gozadas, nos dizeres dela era um **quitute**. Eu nem sei bem o que quer dizer um quitute, para mim ela quer dizer que era um agrado. Essas palavras vêm de passar, de um dizer para o outro, é de família. O pessoal da minha mulher é de Canguçu, do meu sogro, eles também têm um tipo de **linguajar** bem diferente. Eu já estou acostumado, são umas palavras que para nós são diferentes. Outra coisa que a minha vó usa muito é **prosear**. Não sei se é de francês. Ela diz: "eu gosto de prosear" ou "senta aqui para nós prosearmos". Prosear é conversar, para nós deve ser a mesma coisa que conversar.*

*O que eu posso dizer de coisas antigas é que eu **gosto de fotos antigas**. Eu não tenho nada comigo aqui, mas a **vó tem** as fotos que ela mostrava e que eu gosto de ver. Aquelas fotinhos das coisas do pai, da **bicicleta de pau**. Ela contava quem era essa, que aquela era a mãe do fulano.*

*Aqui de primeiro falavam de uns **ambulantes**, era o **Maneco**, que andava meio bêbado pelas estradas. E tinha o tal de negro **Hélio** também... Eu sei que o pai conta que o vô morava na casa velha da vó e que um tentou matar ele uma vez, eu não sei bem quem era. Eu sei que veio e quase matou o vô, eu não sei por que daquilo, mas sei que dizem que era um meio louco. O vô estava escolhendo **cebola**, porque eles plantavam muita cebola antigamente. E o tal sujeito chegou e deu bom dia. Era frio e eles estavam com um **casacão** daqueles que usavam antigamente. Uns casacões grossos de chuva, um capão daqueles. E contam que ele chegou e do nada puxou uma faca e **meteu a faca nas costas do vô**, só não matou porque ele estava com essa capa grossa. O **pai** pegou um **pedaço** de **pau**, não sei que idade ele tinha, uns 15 anos, e ele se revoltou porque podia ter matado o pai dele e ter terminado com a história do vô lá mesmo. E diziam que fez aquilo por nada, não sei por que era bravo com alguma coisa. Ele conta que se não fosse aquilo tinha matado o vô. Então o pai pegou um pedaço de pau e deu no cara com aquilo. Até nem sei se não era um 'Lanchão' ou se era parente do **Libório**... Esses **Longchamp** dizem que eram os mais bravos por aqui, contam que tinha um que chegava a correr atrás dos outros com um garfo, quando ficava bravo. Mas não sei quem era.*

*Eu já não tenho o **sobrenome** de **Magallon**, mas eu acho que vem da minha origem de Magallon, pelo o que eu conheço da vó e do meu pai é que são assim tudo **meio estourado**, de **gênio forte**. Não sei se os outros são assim, ou se é de signo, eu sou de Leão e dizem que de Leão não desiste nunca. Mas a vó é assim, se a gente insiste muito com ela, ela **se emburra** e fica muda, brava. E e o pai também é desse tipo. Contam que o Adão Magallon que é primo do pai também é assim. Os caras aí **sempre falam que os Magallon são todos esquentados**, para não dizer bravos.*

*O meu **filho** gostava muito de animal desde pequeno, eu fiz uns boizinhos para ele. Chegava no mato e geralmente tem umas forquilhas, de três galhos ou pedaços tortos. E às vezes tinha um que já era parecido com uma cabeça e ou se não tinha eu fazia, cortava uns pauzinhos e ele passava todo dia brincando com aquilo. Ele sempre gostou muito de animal, se a gente chegava com um boi, ele queria se atirar. Parece que já tem no sangue. Quando ele era pequeno, queria sempre estar sempre comigo. Aqui tinha um capoeirão e como era uma terra boa eu peguei para roçar. E ele era pequenininho, para ver como ele gostava, que inventava brinquedo. Ele me viu trabalhando com a foice e pediu: "pai, eu quero roçar também". E me lembro dele, desse tamanhozinho assim, com um bonezinho vermelhinho, dei para ele um pedaço de pau fininho, com uma curva, como se fosse uma foice e esse gurizinho amassava aquele capim como se estivesse roçando. E "ferro e ferro", aí, no que tirava o bonezinho dele, o cabelinho todo suado. Ele me via fazendo e queria fazer também. Eu não sei se isso era de olhar ou se já vem da genética. É o que dizem: "os **Magallon são loucos para o serviço**". É o que falavam.*

*Eu acho que puxei mais pelo lado do pai. Tenho **orgulho** da **família**, dos **antepassados** da gente, é bom a gente saber de tudo, mas quando a gente encontra pessoas com um sotaque diferente, a gente pergunta de onde é. Aí dizem eu sou da serra, sou italiano. Então a gente pensa, eu também tenho outra origem, pelo sangue do lado do meu pai, a minha avó sempre conta que vieram da França. Então a gente diz a origem para os outros. Talvez isso já demonstrasse que se tem orgulho de ser francês, no caso. Claro que se é brasileiro, mas tenho origem de francês, de antepassados no caso.*

*Eu acho que o **gostar da agricultura é uma coisa que herdei dos franceses**. Eu gosto muito disso, eu até não sei se futuramente, não é difícil, mas eu tinha vontade era iniciar a **trabalhar com a uva**. Eu tenho tudo aqui para iniciar, eu arranquei os moerões de pedra, tão ali ainda. Eu arranquei tudo aquilo porque estava destruída a parreira. Hoje eu trabalho aqui com uma mini **leitaria**. Antes trabalhava com o fumo e hoje planto **fumo**, mas é pouca coisa. Eu estou mais virado para **hortifruti**. Já tenho um mercado, só não tenho chácara de **pêssego** que quero plantar também, estou mudando um pouquinho.*

*O **museu** dos franceses será importante de se fazer, talvez muita gente até possa não dar valor, mas, por exemplo, se tivessem feito a **história** que nem tem aqueles alicerces antigos que tem aqui no terreno do meu sogro, hoje nós não estaríamos aqui nos perguntando quem será que fez aquela casa ali, já se saberia. Se não se pode saber do passado que já passou, se pode pegar a escrever desse tempo que se sabe para frente e assim nunca vai acabar, se mantém. Então é muito bom o museu para se saber das coisas. O pai me contou a história do bisavô, do velho Conte que queria ser enterrado no campo. E eu já contei para o meu filho e depois pode continuar passado e continua. Por isso é bom. De vez em quando dava aquelas matérias da RBS TV sobre a colonização francesa aqui e mostrava ali no Lino e nuns quantos lugares.*

Depoimento de Marcelo Borges

Uma vez eu joguei o jogo de bocha, eu sei um pouco.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, 7º Distrito, Colônia Santo Antônio

Data: 12 de dezembro de 2008

Duração: 13 minutos

Participação: pai Denis Marcelo Borges

*Meu nome é David Marcelo de Oliveira Borges, eu tenho **10 anos** e sempre morei no **Rincão do Andrade**. Eu estudo na terceira série, agora passei para a quarta, da **Escola Nestor Eliseu Crochemore**, ali na **Vila Nova**. Eu sempre estudei ali e a matéria que eu gosto mais é educação física, porque eu gosto de jogar futebol.*

*Eu vou seguido lá na **casa do meu vô Albino**. Converso com ele, mas com a bisavó Luiza pouco. Acho que ela nunca me contou de quando ela era criança. Mas o vô às vezes fala de quando ele era pequeno que não tinha roupa para botar. Eu não me lembro as outras coisas que ele me fala. Eu vi uma **foto** de quando ele tinha uma **bicicleta de pau**. Mas eu não queria uma bicicleta dessas para mim. Quando eu era pequeno, o meu pai fazia para eu brincar uns boizinhos de madeira.*

*Uma vez eu fiquei lá na **casa do meu vô**. Acho que quando ele era criança aqui era diferente. Acho que as brincadeiras eram melhores. Não sei o que ele trabalhava, acho que plantava fumo. O nome dele e da vó Luiza eu até sei, mas não me lembro. Eu não sei de onde veio a família da vó Luiza, ela nunca contou. Se contaram eu não me lembro, pois fico só brincando com o meu primo.*

*No **cemitério** da Colônia Francesa, aquele que passa a Vila Nova, bem no alto, lá em cima, eu acho que **fui uma vez**, mas eu era pequeno.*

*Uma vez eu joguei o jogo de **bocha**, eu sei um pouco. Joguei uma vez que eu fui lá onde tem uma **venda**, lá em cima, perto de onde estaciona **ônibus**[77].*

Depoimento de Celina Ernandez Fouchy

E eu pensava: "puxa esse podador não pode morrer".

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 53 minutos

Participação: nenhuma participação

Eu vou contar um pouco da minha vida, assim como a gente trabalhava.

*A família do meu pai é francesa, **Fouchy** e da minha mãe eram canários, Ernandez. Os pais do meu pai, tanto a mãe dele, como o pai, eram franceses. Meu pai já nasceu no Brasil. O falecido vovô Isidoro Fouchy nasceu na França, eu não o conheci porque o meu pai era criança quando ele morreu. Nem ele conheceu. Eu não sei de que lugar eles eram lá na França. Mas pelo que diziam, os Fouchy deveriam ser grandes lá na França porque tinham terra e dinheiro. É só o que eu ouvia falar. Os filhos do Felixinho, filho da Maria e do Chico Fouchy, ele tem 3 filhos e eles foram morar lá na França. Eles se formaram e dizem que lá é uma maravilha. Eu falo pouco com eles e com a Maria, ela também sabe contar as coisas antigas.*

*O vovô morou muito tempo aí no **Retiro**. Ora, eu não me lembro bem onde era a casa, mas era perto da ponte velha, ficava mais para o canto de cima do que hoje é a ponte do Retiro. Mais perto da Santa Fé, para aquele lado de cima. Eu ainda dizia para o papai. Aqui onde é a ponte do Retiro hoje, é*

[77] Segundo o pai dele é onde era a venda de Nilza Longchamp, ali tinha uma cancha velha.

muito mais bonito do que lá onde moravam os meus avôs, perto da ponte velha. Quando o papai era criança, e também o falecido tio Alfredo, eles moravam ali. Eles trabalhavam ali e dizem que aquilo lá, enchia de água, ali para o lado do Santa Fé. Dizem que ali era uma tristeza, era difícil de trabalhar naquele lugar. Depois que a vó Maria Ribes ficou viúva é que foram morar lá na Colônia Santo Antônio. E foi lá que deu o outro casamento do Longchamp com Fouchy. Eu também, Fouchy, casei com Longchamp. Eu gostava dele e ele também gostava de mim. E a gente foi se namorando, às vezes a gente fazia umas briguinhas, mas aí eu me casei com 19 anos.

*O Fouchy mais antigo que eu conheci era o irmão do meu avô: o falecido tio Franquelin, esse era francês mesmo. E a mãe do meu pai, Maria Ribes, ela também era francesa. Depois que ela casou com o Longchamp eles tiveram mais 3 filhos, duas menina e um menino. Ele também era viúvo de Fouchy. Eu acho que alguns Fouchy são parecidos, a minha irmã Edite é meio parecida comigo, ela fez 80 anos. Eu tinha que ter conhecido meu avô para saber como ele era, mas eu me acho Fouchy mesmo. Pela criação do pai da gente, ele sempre fez a gente respeitar o seu **segundo nome**, o seu nome. Então, como eles eram bons pais, a gente ficou com aquilo guardado. O amor pela **família**. A gente vê certas coisas na volta, é por isso que eu não pego esses costumes de hoje. Eu acho que as pessoas pensam que as coisas são fáceis, mas não são. As coisas são difíceis, a pessoa tem que caprichar e ir para frente porque senão não tem nada.*

*A gente tinha um pedaço de **parreira** que nós trabalhávamos, fazendo aquele vinhozinho que a gente fazia, passando trabalho. Mas a gente fazia coisa boa. Para vender só fazíamos vinho. **Vinho e a plantação** também: batata, milho para moinho, isso tudo a gente vendia. Quando chegava aquela safra, a gente já arrumava aí uns 10, 12 sacos de milho amarelo e levava para o moinho para fazer farinha, fazia dinheiro assim.*

*Nós não fazíamos compota. Fazia assim, só para comer em casa, para vender não. A compota a gente não fazia para vender. E se fazia pouca compota de pêssego, mais era a de figo. Fazia sempre **compota de figo**. Muito bom é de figo, quando é bem feitinho. O cristalizado não se fazia. Disso, doce bom mesmo só de onde tinha fábrica. Ali tinha a fábrica do Capdeboscq, a do Ribes, a do Crochemore, tudo fábrica grande. E eles colocavam bastante gente para trabalhar. O **pêssego** a gente quase sempre só apanhava e vendia para os quitandeiros. Porque a gente vendia a fruta para fábrica e eles vinham buscar em casa.*

*Então, o coitado do falecido vovô **Alberto Longchamp** dizia assim: "olha, vocês colham e podem o pessegueiro, mas tirem tudo o que vocês puderem do ladrão". Porque senão, não se vende pêssego sem temer. Daí, eles vão vender só porcaria e porcaria não adianta, não vende aquela porcaria. Mas, aí então o vovô podava e dava cada pêssego grande assim, coisa mais linda. E eu pensava: "puxa esse podador não pode morrer". E assim era com a parreira. Ele podava a parreira. Vamos dizer que tinha assim uma forquilha. E ele podava, então, ele deixava só uma guia para gente amarrar. E mandava a gente dar duas laçadas com vime, pra não escapar. Mas aquilo ficava que dava gosto. Uns cachos de uva assim! Olha, aquilo era um capricho! E nós fomos tão infelizes, porque a nossa terra era num lugar muito baixo, caía pedra no tempo em que a uva estava ficando vermelhinha. E nós ficávamos sem nada. Nós podíamos ser umas pessoas de muito **dinheiro** hoje, mas nós perdemos que foi um causo muito sério. Nós passamos muito trabalho. Isso era na casa do meu sogro. Na casa do meu pai tinha menos parreira. Na do meu sogro tinha também 9 mil pés de pessegueiros, mas aquilo dava muito pêssego. O caminhão encostava de tarde e enchia de pêssego. Mas tinha ano que vinha aquela bomba de pedra e ficava aquela lavoura de pêssego caído no chão. Coisa mais horrível, coisa mais triste. Por isso que eu digo que o colono sempre passou trabalho.*

*Eu nasci no Andrade e passei lá a infância que era mais ou menos. Um tempo era boa, mas se vinha os sacrifícios dos temporais, ficava ruim. Meus pais eram muito bons para mim. Eles me tratavam bem, sempre fui bem criada por eles. Eu ia na escola quando criança. Aquela **escola** era tão boa, é onde tem a **pedra da colonização**. O professor era o Osvaldo Gomes. Estudei lá, acho que uns 4 anos, ele ficou doente e veio para o hospital com a família dele. E custaram a botar outro professor para a colônia. Eu já era uma mocinha quando chegou um professor. Mas aí já não estudei mais. Eu lembro do meu professor que me dava aula, eu me lembro. Ele botava uma vara de eucalipto, como daqui lá na estrada, mais longe, dessa grossura, e botava aqueles guris tudo com um saco, quando eles iam passar na vara aquela tinha que saltar. E quem não caísse ganhava um presente. Mas foi tão bonito, era uma festa! Nunca teve uma festa tão grande lá na colônia como quando eu era criança. Mas o professor comandava bem. A organização era com ele. Eu passei muito trabalho e penso que a **organização** vale dinheiro.*

*Quando nós vínhamos aqui para a **cidade** ficávamos na tia Maria casada com o tio Alfredo Fouchy. Ele era irmão do meu pai e ela era irmã da minha mãe. Nós ficávamos ali, se passeava. A*

família Ribes também era gente da França que quando vinha para cidade, eles ficavam às vezes três ou quatro dias e depois iam embora. E todos diziam que aqui na cidade é outro lugar, que é tão bom; agora dizem que na colônia é que está melhor. Que eu saiba, os franceses não tinham participação na política da cidade. Mas lá fora o ***Capdeboscq*** *foi subprefeito. Eu não sei se tinha mais alguém ali no meio.*

Os franceses lá fora faziam ***festa*** *de tudo que era coisa, até* ***carreira de cavalo*** *eles faziam. Tudo que era coisa boa pra se divertir eles faziam. E eu sempre digo para as gurias: lá tinha mais diversão séria do que hoje. Eles aí vão dizer que não, que hoje é melhor. Mas, para mim, naquele tempo é que era melhor. Eu ia nos* ***bailes da União Camponesa****. Eram maravilhosos, ainda hoje a minha neta me pergunta. Ela disse: "porque que existia a Camponesa?" E eu disse assim: "ora, por causa dos sócios, as pessoas faziam baile". Então os sócios escolhiam um casal de namorados para fazer a festa. Eles eram os organizadores. Os bailes começavam às 21 horas e iam até às 6 da manhã. Eu passava a noite inteira no baile dançando. Tinha o baile da uva. O baile da uva era muito bom. Os Bachini não tinham miséria com ninguém. Só os homens é que sempre pagavam a entrada, pagavam o café, mas as mulheres nenhuma pagava nada. Todas comiam, bebiam, iam tomar café, tinha salgado, os Bachini faziam tudo. Mas agora no fim não estavam dando mais, acho que era mais caro. Também tinha o "craval". Isso é quando botavam uma boneca, assim toda bonita ou então botavam um lençinho, num ganchinho. Então as moças é que tiravam os rapazes para a dança. E eles já sabiam com quem iriam dançar ou não. Porque aquela moça que ia tirar, sabia por que queria aquele. Se não, não tirava. Era mais fácil.*

Nas festas não ia só ***francês****, tinha alemão, italiano. Mas se tratavam muito bem e eram bons os bailes. E quando os alemães começavam a "bater batata-quente", tu não entendias mais nada porque era só falando em alemão. Os franceses podiam falar em francês também, juntava 3 ou 4 e eles se faziam aquele luxo. Mas, eram diferentes dos alemães, quando estavam com a turma toda, eles não falavam em francês. O meu pai sabia falar francês. Mas não se importava de ensinar aos filhos. Lá, no falecido tio Pedro Jouglard, ele já ensinava os filhos. Todos já sabiam um pouco. E do lado dos Longchamp, o meu sogro mesmo, não falava o francês com a gente. Nunca falaram. Nem sei se eles sabiam. Por isso, eu acho que rapidinho eles pegaram a falar em português. A necessidade obrigou a aprender logo.*

Eu trabalhei na ***fábrica do Emílio Ribes****. Ele era muito bom para os empregados. Já quando o pêssego estava inchado, eles já davam uma voltinha lá em casa, para dizer para que nos preparássemos. Quando eles abriam a fábrica para trabalhar, eles mostravam as máquinas e diziam tudo como a gente tinha que trabalhar. Explicavam tudo direitinho. E dava tudo certo. Eu trabalhei lá uns 3 ou 4 anos. Na fábrica, eu cortava pêssego, tirava a pontinha e arrumava ali onde o pêssego pega. Depois partia o pêssego no meio e passava para o descaroçador que trabalhava na outra mesa. Cada um fazia uma coisa. Agora o melhor serviço é no fim. Eu fui para esse serviço também: enlatar. Enlatar era o melhor de tudo, bastava o capricho. Tu colocas o pêssego direitinho, deixa a lata bem parelhinha, bem cheinha. Não tem perigo de estufar nem nada. Quando era de tarde, o Waldemar Ribes, ele cuidava muito aquele negócio, então ele passava e dizia assim: "olha, vou dizer uma coisa para vocês, da mesa que sair a lata que está barriguda é que está mal acomodado o pêssego". Eu botava o meu bem parelhinho, e apertava para ver se ele dava de si ou se ia estufar. Então ele disse: "como é ruivinha", ele me chamava assim porque o meu cabelo era mais claro. Ele dizia: "como é ruivinha, como é que está?" Eu disse: "olha que as minhas latas podem botar até separado para ver, porque nenhuma ficará barriguda". Mas dos outros dava lata arrebentada, tinha de tudo e trabalhavam assim. E separavam as mais feias pra enlatar de novo depois. O que os Ribes botavam para eles comer na mesa deles, dentro da casa, eles levavam para a mesa grande lá na rua, na outra casa para gente comer. E depois, vinham servir bebida, botavam um copo pra cada um beber o vinho, junto com eles. Eu não trabalhei em outra fábrica sem ser aquela. Muito bacana. Nas refeições eles assavam batata doce para comer, botavam numa bandeja cheia e quem queria tomar café com aquilo, comia aquela batata doce, coisa mais boa. Também serviam sopa, faziam muita sopa. A primeira vez eram sempre 2 ou 3 pratos de sopa de feijão e depois tiravam aquilo. E perguntavam: vocês estão servidos de sopa? Quem não está servido, grite que eu vou mandar vir mais sopa, e senão já vai vir só comida seca. De comida seca vinha arroz, massa, carne e tinha outras coisas que não lembro o que era. Sobremesa só se a gente trabalhava no sábado, se estava apertado de serviço. Se a gente trabalhava sábado, daquelas latas que ficavam barrigudas eram abertas e botavam na mesa para a gente comer. Também eles faziam assim, eles cortavam presunto e salame num prato e passavam, quem gostava podia tirar e passava o prato para o outro.*

Lá em casa, eles matavam porcos e a gente fazia ***patê de porco****. Fazíamos patê na panela. A gente moia o fígado, moia pedaço de carne cortado. Tudo já estava fervido numa panela, depois que estava friozinho, botava na máquina de moer e tocava bem tocadinho. E se fazia assim, botava um corinho de toucinho em toda a volta da panela, pra botar aquela carne dentro, naquele buraquinho que*

ficava. Mas olha, vou te dizer uma coisa, ficava uma coisa boa! Isso eles chamavam de patê de panela. Mas era bem bom, aquilo dava um patê que tu morria comendo de tanto que ficava bom.

*Outra coisa que se fazia era o gófe (**goinfre**). A gente tem que corta o toucinho bem miudinho e põe dentro de uma frigideira e pega a mexer com a escumadeira até fritar bem. Depois vai mexendo, mexendo e pega a botar farinha de milho torrada e mexe aquele toucinhozinho que já estava meio louro. A gente mexe bem e faz uma baita travessona e bota pra comer... mas é bom. Não é a farinha da polenta, está esta mais moderna. Para a polenta eu sempre botava água, sal e banha dentro daquela água antes dela pegar a levantar as borbulhas. Aí eu chegava com a caneca de farinha e botava, até que mais ou menos achava que ficava boa pra cortar a polenta em fatia. E fica uma coisa tão boa. O gófe não era a mesma coisa, ele é solto, deixa ficar amarelinha a farinha e nem sempre vai água, só se tu quer. Tu frita o toucinho e depois tu vai mexendo seco, tem que mexer muito senão queima. Aí tu pega um prato de feijão com caldo e tu pega duas colherzinha de gófe e tu te estufa comendo. Eu não fazia o gófe com ovo, mas pode botar. A polenta eu pegava um barbante e cortava um monte de fatias e depois eu batia 5 ou 6 ovos numa travessa, bem batido, e botava na frigideira com banha no fogo. Eu fritava e aquilo ficava douradinho. É dez vezes melhor do que pão. O vinho também ia na comida. Eu fazia por exemplo com frango e na **sopa** também! E fica muito bom com vinho junto. Esse do **frango com vinho**, até basta se ele não é um frango muito novo. E aí se tu vai fazer ele puro, tu deixa ele dar uma douradinha e vai botando vinho.*

*Hoje a **colônia se modificou**, mas a colônia ainda vai ser a colônia. Porque pode ver a "careza" que vêm as coisas, não é brincadeira. E tu estando na colônia, cria galinha, cria porco e já tem do que viver. Meus pais e avós plantavam, tinham criação de porco e galinha. Por isso que eu digo: viva a Colônia! Eu lembro deles assim: trabalhando. Eu também trabalhava muito, mas agora do jeito que eu estou não posso. Eu fazia tinha muitos serviços, eu cuidava das minhas crianças e ajudava a cuidar das crianças dos vizinhos que eu levava lá pra casa e ainda fazia comida para todos. Fazia pão, fazia de tudo.*

*É difícil ir na Colônia Francesa. Nós queremos ir lá, agora nos **Finados**. Eu sempre costumo ir, mas agora é difícil, eu não tenho uma perna e dá muito trabalho para ir. Mas lá tão quase todos os nossos parentes, lá no **cemitério** da Francesa. E está muito lindo aquele cemitério. Fizeram uma capelinha, tem velório lá agora. De primeiro não tinha água nem para fazer um cal para pintar. E hoje já esta tudo mais fácil.*

*Eu não quis vir para a **cidade**, quem quis vir foi o vovô Alfredo Longchamp. E eu achei a maior loucura termos vindo. Ele não quis mais ficar lá, já estava velho. Morávamos lá, ele, meu marido, eu e a minha cunhada Nilza. Ele não podia mais trabalhar na parreira, vivia azarado. Nunca podia juntar nada. Só passava trabalho. Com o que nós tivemos muita sorte foi com o pêssego. Com o pêssego foi um colosso, mas na uva, era tudo mais na baixada onde pegava aquele frio, aquela geada, que terminava com tudo. Tu vês lá no Oracy Charnaud, que é mais alto, sempre escapa uva. Ali onde nos morávamos era mais perto do arroio.*

*Vindo da colônia nós fomos morar numa rua lá no fim da **vila Santa Terezinha**. Aquilo foi uma "burragem" tão grande que nem sei. O Artur trabalhava muito bem em armas e molas de revólver. Fazia aquilo que dava gosto de se ver. Então, um professor, eu não sei o nome dele, foi lá a propósito para buscar toda a família. Ele dava dinheiro e serviço. E naquele tempo o vovô não quis vir para a cidade. E depois de um tempo resolver vir, mas para vir para passar trabalho aí não precisávamos ter vindo.*

Foi um primo do Artur que disse: "olha, lá na Terezinha é um lugar bom pra negócio." Boa "buxa"! Ele trabalhou um pouco com recompondo armas. Ele falou com a polícia e liberaram. E tinha duas canchas de bocha. Chegava sábado, domingo de tarde, tinha trezentos cruzeiros naquele tempo de jogo e de venda. Porque nos fazíamos bastante pastel, nós trabalhávamos muito. Aqui na Terezinha já tinha conhecidos lá de fora, tinha famílias alemãs, mas está muito mudado agora. Ali na Py Crespo até a Lindóia era puro mato. Se saia por ali, era capaz de se perder no mato. Mas foi dentro de pouco tempo ficou pura casa. Eu digo: "meu deus do céu é tudo pessoal da colônia que veio pra cá". Fomos dos primeiros a chegar aqui na Terezinha, depois nos mudamos de casa, nós saímos dali e viemos alugar da dona Otília, o nome dele eu nem me lembro, acho que era Darci, ele era professor. E tinha 4 lotes juntos, mas coisa mais linda e limoeiro, nem sei quantos pés de limão. Ali que o vovô Alfredo morreu e foi velado, era quase na Barbuda. O meu pai foi assim: ele era muito trabalhador, tanto ele trabalhava para manter a nossa estrada que saia no tio Beto, e trabalhava na roça. Um dia ele agarrou e pegou um machado, ele tinha acho que uns 64 anos, e foi derrubar um eucalipto e um galho de acácia ficou acavalado no eucalipto lá em cima. E aquilo caiu e deu na cabeça dele e rachou. Ele veio pra casa botando sangue e ele disse pra mãe: "ai, castelhana". Ele chamava a mamãe de castelhana: "ai,

castelhana, estou ruim, me deu uma paulada na cabeça que nem posso mais..." Então, eu já estava casada, eu fui lá para casa ele disse: "caiu o pau na minha cabeça". E eu falei: "Olha pai, na cabeça não se deixa. Pelo amor de deus." Aí eu agarrei e fui no Artur e na Edite porque ele não deixava ninguém sair. Espia que idéia. Eu disse assim: "eu vim aqui, Edite, para ver se o Artur vai lá nos Ribes e combina com o seu Emílio para ir no pai e dizer que vai numa pescaria e quer que ele vá junto. Depois o papai disse: "Mas como é que eu vou ir se eu estou na cama". Mas o seu Emílio veio de carro, e ele foi junto. E o Ribes foi direito ao tio Beto, que morava perto da praça do Colono. E o pai disse: "ah, mais não era aqui que eu vinha, não era para ir pescar?" Mas disseram: "é, mas o Albertinho vai junto". Ai, chegaram no tio Hermo e falaram do jeito que o pai estava, que já não estava dizendo coisa com coisa. E levaram para o Sanatório do dr. Veloso. Ali não tinha dinheiro para pagar e o Artur disse: "eu vou falar com o Artur Bachini porque meu sogro não está bom e eu quero deixar ele aqui mas a gente não tem uma garantia para deixar no particular". Ele falou com o Artur Bachini e não levou 15 minutos ele estava ali. Aí ele chamou a dona Dora que era dali e falou: todo o gasto dele eu vou responder por isso. Nesse tempo da política, não teve gente melhor do que esse Bachini. Ele foi muito bom pra nós, e nós fomos para eles. Então ele agarrou na hora, eu gostei daquilo. Aí já levaram para o quarto, fizeram uma injeção nele e ele ficou com sono. Nós fomos todos lá e a gente não podia segurar nem a coberta, porque ele ficou a mesma coisa que louco. Ele queria ir embora e a gente, todo mundo, tinha que ajudar a segura. E quando foi de tarde o Bachini veio e perguntou para dona Dora: "como é que está?" E ela disse: está bem, mas ele está muito atacado da cabeça, o caso não é bonito. E aí levou 12 dias e ele morreu lá dentro do hospital. Depois o Artur e o Orlando acertaram a conta com o Bachini. Tinha gente boa naquele tempo, porque hoje são capaz até de disparar.

Eu acho que esse trabalho de lembrar as famílias francesas é importante, saber do que a pessoa estava doente, do que a pessoa trabalhava ou fazia. Então, se aquela pessoa tem a vida dele mesmo, ali no museu, é um prazer, um prazer muito grande porque com aquela história se pode ganhar alguma coisa, nem que seja uma boa tarde de passeio.

Depoimento de Maria Nilza Fouchy Longchamp

Hoje que eu acho que mudou muito, porque na época que a gente morava lá, não existia aposentadoria do colono.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 30 minutos

Participação: mãe Celina Fouchy

*Eu nasci no Rincão do Andrade, na **casa dos Longchamp**. O vô Alfredo morava junto também. Ali morei até me casar, com 19 anos. Nós casamos e moramos por dois anos no Cerrito Alegre, porque a gente casou e trabalhava de sociedade com o pai e o padrinho do França, e aí as coisas não davam como nós queríamos e então viemos embora. Porque ele achava que se trabalhasse em construção aqui, para ele ia ser melhor. Nós não tínhamos terra nossa na colônia, então viemos embora para a **cidade**. Nós viemos primeiro e depois vieram os meus pais. Eles vieram morar aqui, na época tinha os guris, os meus irmãos ainda. Aí o vovô Alfredo morreu, os guris se mudaram. O Zeca foi embora para o Lindóia e depois ficaram só meus pais e a Leda. Aí eles vieram morar aqui com a gente.*

*A **Colônia** Francesa da época dos meus avós eu não sei dizer, mas as pessoas não tinham quase nada para sair, andavam a cavalo. Eu acho que não era muito diferente da colônia que eu conheci. Talvez um pouquinho de diferença, mas não muita. **Hoje** que eu acho que mudou muito, porque na época que a gente morava lá, não existia aposentadoria do colono, hoje eles têm facilidades, luz e água. Eles têm tudo e a gente não tinha nada. Então quero dizer que do meu tempo para o tempo do meu pai mudou muito pouca coisa, pois eu não tinha também. Agora sim, eu até falo para o meu marido, eu digo: "Nós ainda não estamos aposentados, mas se a gente tivesse aposentado e pudesse comprar um pedacinho de **terra**, eu até queria ir embora para colônia". E a minha filha diz: "está louca!" Mas eu queria, eu gosto de tudo, não de trabalhar lá fora na **lavoura** como se trabalhava, mas eu gostaria, é uma coisa mais*

calma. Porque hoje tem as facilidades lá na colônia. Hoje tem tudo lá. O colono fica velho, tem a aposentadoria dele. Igual ao que nós temos aqui, fica tranqüilo e ainda planta uma coisinha para colaborar na mesa. É bem diferente do nosso tempo lá fora.

*Hoje é muito raro ir passear na **Colônia**, a gente vai pelo menos uma vez no ano, geralmente nos **finados**, e então a gente passa por ali onde morava. Nós vamos no **cemitério** do Cerrito e aí faz aquela volta para ir na Colônia Francesa. Em outro momentos é meio difícil porque... Temos conhecidos e parentes por lá, mas visitar é difícil, mas a gente se dá muito bem. Como esse retratinho da **bicicleta de pau**. O Tilinho é mesmo que irmão da gente. Ele veio aqui esses tempos, mas para gente ir é difícil, por causa da perna da mãe. Mas ali, aquela gente, são mesmo que irmão nosso!*

*Na época da minha infância, ali no Andrade, eu estudava naquela **escola** lá do outro lado do **arroio**, na Augusto Simões Lopes, era o colégio que tinha ali perto, pela estrada que passa pela **fábrica de papel**, do outro lado. Mas, a gente só atravessava o arroio pelos Cazari ali, não fazia a volta pela fábrica. Professores eu tive uns quantos. A Mozarina foi a primeira professora, depois não me lembro qual é a outra que teve, eu sei que teve o professor Julio, que tinha família dele lá. E depois teve um outro professor que era solteirão, Antonio Veiga ou Viegue. Ele era um professor engraçado, que não passava quase nada. Ele conversava, conversava e depois naquele tempo tinha o diário de classe, e tinha que fazer alguma anotação no diário. E ele fazia qualquer coisinha para o diário. E o engraçado é que a gente aprendia porque ele conversava, ele contava piada, mas já era a matéria que ele estava dando e a gente nem sentia. Então com aquele professor a gente prestava atenção e aprendia sem saber. Eu gostava dele porque aprendia as coisas, agora do professor Julio eu não gostava porque passava as coisas, mas eu não aprendia. O Zé Betemps era o meu amigo de classe. Nós estudávamos no mesmo ano. E depois o Zé veio embora para a cidade e fez mais que eu, eu só fiz ali, aquele estudo. Mas aquela turma era danada, o Zé não, mas os outros... eram os **Ferreira, as Cazari, Romano**, tinha muita gente e essa turma se reunia. Eram uns guris grandões e faziam um frege ali na Vó Luiza **Betemps**. A Vó Luiza saia atrás deles porque eles bagunçavam o "coreto".*

*Lá fora, **festas** quando eu era criança era só de aniversário ou quando se reuniam os parentes em casa. Tinha também jogo de **futebol**, tinha o time do Cruzeiro no Bachini, o da Vila Nova, o do Guarani no Cerrito Alegre. Mas eles vinham jogar ali. Aí vinham nuns caminhãozinhos cheio de gente e se ia ver. A gente dizia: "vamos lá ver o fulano que é bonito, a fulana é bonita" e se ia... Também tinha um salão de **baile** na Vila Nova, bem na esquina. No **Bachini**. Eu muito pouco fui naqueles **bailes da Camponesa**. Mas ainda fui. Eu era pequena, mas a minha madrinha ia, a tia Edite. E ela levava as sobrinhas, era muito bom. Eu não sei quando aqueles bailes acabaram, mas acho que depois que começou essas coisas do tipo Jovem Guarda, começou a decair aquilo lá. Porque os mais antigos se acomodaram e os mais novos não queriam ir mais naquele tipo de baile. E que ainda eram os melhores para mim.*

*Não costumava vir muito a **cidade**, enquanto criança, eu mesmo para te dizer a verdade, eu não sabia andar na cidade, eu não sabia nada. Nós vínhamos uma vez por ano, era muito difícil vir. Vinha só quando tinha que comprar alguma coisa, ou tinha que vir no **Sanatório Veloso** consultar. Lá na colônia tinha só enfermeiro, uma coisa assim mais séria tinha que vir, já que doutor não tinha.*

*Não se tinha terra de mato, nem cuidava de abelhas, se fazia um pouco de vinho e vendia uva. Nós, lá no pai, trabalhávamos em parreira, porque assim, se cuidava da parreira quase não se podia plantar outra coisa, se plantava um pouquinho, mas era com os outros, as nossas terras não dava muito. A gente plantava de sociedade com os outros. Mas o sustento era tudo parreira. E aí o vovô trabalhava também em arma, consertando revólver e a gente ia se defendendo assim. O vovô defendia com aquelas composturas dele. A vida era meio difícil. Porque a **parreira** é assim: tu trabalhas durante o ano inteiro, mas chega às vezes, bem na época da colheita e vem um temporal e te leva tudo. Fica sem nada. Trabalhou todo aquele ano de graça. E a gente não queria mais trabalhar naquilo, mas o vovô que era **Longchamp**, coitado, era "**cabeçudo**", tinha que ser aquilo. Acho que ele gostava daquilo e pronto.*

***Compota** não se fazia, de **doces** se fazia pessegada, geléia de uva, o que tinha e dava pra fazer, se fazia. Hoje eu não costumo fazer doces, prefiro comprar pronto.*

*O meu **avô** era assim, uma pessoa muito boa, maravilhosa, mas muito bravinho também. Ele era muito nosso, do filho Artur. Tirava a "cara" por nós. Mas ele era bem **bravinho**, como todo **Longchamp**. Até tem um filho de uma sobrinha minha que eu acho ele é bem parecido com o nosso lado. E eu digo: "esse aí não nega a raça, até fica **vermelho** quando fica atacado". O pai dele veio da França, mas eu de lá não sei nada, porque o vovô era muito assim..., ele não nos ensinava nada. Podia ter nos ensinado a falar alguma coisa, mas nada. E, ele, acho que veio pequeno não sei..., não foi a minha avó castelhana que não nasceu aqui. Porque a mãe sempre conta.*

Sobrenomes de famílias franceses que eu me lembro são esses dos nossos parentes: ***Fouchy, Betemps, Charnaud*** *também é. Essa turma que está ali naquele bolo, ali quase todo mundo é francês.*

Não deve ser muito fácil mudar de país, eu penso que foi difícil a ***adaptação*** *dos franceses aqui, penso que eles tiveram problemas para se adaptar aqui. Se bem que se a gente fosse para fora hoje eles não nos aceitariam. O Brasil é mãe de todo mundo. Naquela época até queriam gente no Brasil, mas hoje também é difícil.*

Aprender a ***língua*** *portuguesa deve ter sido difícil aprender, inclusive a gente vê a raça mais teimosa para o negocio de falar é o alemão. Aqueles não largam o costume, se olha e eles estão ali enrolando a língua que tu não entende. Mas isso é que eu culpo a nossa gente, pois eles eram para ter passado para gente isso. A gente é brasileiro mas pode se orgulhar de ser* ***francês*** *também. A gente se orgulha do* ***sobrenome*** *que tem porque que não ia se orgulhar em falar francês. A gente ia sim, com certeza. Mas eles não ensinaram.*

Eu não me dou conta do que teria ficado de francês na ***família****, mas com certeza tem porque quando a gente conversa com uma pessoa que toca na ferida da gente a gente salta. A gente quer conservar aquele lado, nem que ele seja meio errado, mas a gente quer conservar aquilo ali. Eu não lembro de alguma coisa específica. Mas além dessas* ***fotografias*** *que a gente ainda tem guardado, eu acho que na própria forma de viver já esta claro que eu sou uma* ***Longchamp****. Eu não saberia te dizer o que me caracteriza como Longchamp, mas eu acho que tem porque a gente foi criada daquela maneira lá de fora, e aquilo fica na gente, como a gente é criado. Não adianta. A gente não se nota, mas os outros é que chegam e dizem que a gente parece. O França às vezes me critica, eu digo: "ué, mas eu sou assim o que tu queres". E eu acho que é nesse tipo de coisa que a gente diz como a gente é. Nasceu com a gente e fica. Até tem um bisneto da mãe... só ele é bem alemãozinho e o vovô não, o vovô era puxado para o moreno. Então ele caminha assim com as mãos para as costas. E eu digo: "olha aí o velho Alfredinho"! Está ali o jeito do vovô. Dizem que a geração mais longe é que vai puxar aqueles. Eu acho que os Longchamp se parecem mais assim nos* ***olhos****. E se tu escutas falar também, tem uma* ***entonação na voz*** *que diferencia. O meu* ***avô*** *era muito querido, mas ele tinha um jeito de falar forte, áspero. Ele era "****pique-curto****". Ele não esperava, se ele se incomodava, ele já saia arrancando. E eu acho que os Longchamp são mais assim porque a tia* ***Hortência*** *também era igual. Eu me lembro, quantas vezes eu fiquei lá na tia Tência, e ela era o mesmo tipo do vovô. E se um dizia que Longchamp é isso, ela já saia respondendo. A tia Tência era bem Longchamp, coitadinha já morreu. E eu até me acho parecida com ela!*

Da ***França*** *eu não sei nada, então posso dizer que eu me orgulho de ser francês, mas eu me orgulho de ser* ***Longchamp****. Meu nome não tem nenhum igual, então isso me dá orgulho. Inclusive as minhas netas que são Guido Carvalho, elas dizem: "porque que não me registraram Longchamp? Quando eu fizer 18 anos vou mudar meu nome para Longchamp". Eu digo: "mas tu vai ficar com muito* ***sobrenome****". E elas: "então eu tiro um para botar o Longchamp".*

Eu acho importante se fazer o ***museu*** *dos franceses. É um trabalho bonito, porque vai ficar uma lembrança, as pessoas vão chegar e vão olhar: essas* ***famílias*** *vieram da França, imigraram aqui, começaram o Brasil. Eu acho muito importante isso. Até me arrepiei. É que toca um pedacinho para gente. A gente se emociona. Faz a gente pensar: é a minha história também, é a nossa família. Quando sai alguma coisa na televisão, que falam dos franceses na colônia, a gente acha importante aquilo. Tocou qualquer coisa na gente e a gente fica feliz, então porque a gente não vai se orgulhar de um museu, que vai ficar ali.*

Depoimento de Valquíria Longchamp Guido

Quando a gente vai no cemitério e fico olhando para a foto dele, lembro disso: a gente sentado embaixo de uma árvore e ele cantando a musiquinha para mim.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 20 minutos

Participação como ouvinte: avó Celina Fouchy, mãe Nilza Longchamp.

*Eu nasci no **Cerrito Alegre**, fora da Colônia Francesa e vim para a **cidade** ainda bebê, eu não sei bem se um ano, mais ou menos. Nem lembro de ter vivido na colônia, minhas primeiras memórias são daqui. Sempre morei com meus pais e com a vó Celina e o vô Artur foi de uns anos pra cá. Quando eles vieram para a cidade eles moraram na rua São Pedro e depois vieram morar aqui conosco. Mas sempre tive contato com eles, inclusive eu lembro do meu **bisavô** Alfredo. Eu deveria ter mais ou menos uns 3 anos, mas eu lembro que ele cantava para mim, era a **musiquinha** do sabiazinho na gaiola. Eu lembro sempre disso, quando a gente vai no **cemitério** e fico olhando para a **foto** dele, lembro disso: a gente sentado embaixo de uma árvore e ele cantando a musiquinha para mim.*

*Nós costumamos ir na **Colônia** quase todos os anos, no **Finados**. Até acontece da gente ir no dia de Ano Novo, mas em Finados a gente sempre vai. Desde criança a gente sempre foi em Finados, sempre se teve esse costume. Para visitas na colônia ultimamente, se tem ido só na casa da tia Edite. Quando eu era criança ir para a colônia significava alegria. Eu adorava como gosto até hoje. Mas quando era criança eu gostava muito, porque era uma coisa diferente eu pensava assim: a gente vai lá pra tia Edite, vamos jogar bola no **campo**, vamos tomar banho no **arroio**, além da comida porque a tia Edite **cozinha** muito bem.*

*Uma vez a gente esteve lá na **casa do vô Alfredo**, era de pedra, eu me lembro. Eles trabalhavam lá com a cultura da uva. E esporte eu sei que eles gostavam da **bocha**. Eles produziam vinho e doces eu não lembro de comentarem nada, lembro só do vinho e da uva. E ouvi comentários sobre cultivo de **pêssego**, mas a uva era o principal.*

*Lembro de falarem de sobrenomes de **vizinhos** como os Betemps, os Jouglard, mas não sei se estes são franceses. Lembro e escuto falar de outros, gente de lá, mas não lembro agora. A vó fala muito e então a gente se pergunta: mas quem é essa pessoa? Também lembro da vó falar dos **bailes** lá fora, da **União Camponesa**.*

*Eu imagino que a **colônia** na época da vó era mais **campo**, que as **roupas** eram tipo do que a gente vê nos filmes, bem tapadinhas, sapatinho bem fechadinho, é assim que eu imagino. **Hoje** eu não vejo muita diferença entre a cidade e a colônia, vejo que lá eles têm tudo lá, televisão, alguns tem internet também, tem praticamente tudo o que a gente tem aqui. E eu lembro que quando eu era criança e a gente ia para fora, que essa parte eu não gostava, porque eles não tinham banheiro, tinha que ir na "**casinha**". Se bem que lá na tia Edite sempre teve banheiro, mas tinha alguns outros lugares que a gente ia visitar que não tinha. Mas eu vejo que nas famílias quase sempre tem um jovem que vem para cá estudar e leva as técnicas para a colônia. Então, estão fazendo com que aquilo lá cresça e fique uma colônia com cara nova, modernizada, mais fácil com técnicas que podem ser bem aproveitadas. Porque antigamente, por exemplo, uma leitaria era toda manual, hoje não, é moderna. Na época da minha avó, para ela tirar leite de uma vaca, tinha que andar muito, hoje não, as vaquinhas têm um lugarzinho para banho e tudo.*

*Na minha opinião, a minha família veio para a **cidade** em busca de um outro trabalho.Não quiseram mais seguir na **agricultura**. Acho que não estavam podendo manter as famílias só com a cultura do vinho e da uva. Então, na época, penso que escolheram a **Santa Terezinha** porque era um bairro mais próximo da colônia, hoje está modificado, mas na época acho que contribuiu muito. E também o bairro tem, ainda hoje, essa característica de ser um bairro acolhedor. e então eles se sentiram mais em casa. Também contribuiu que aqui já tinham outras famílias da colônia, por exemplo, os **Fouchy**. Agora lembrei dessa outra família francesa. Aqui eles vieram trabalhar, no caso dos homens, como **pedreiro**. Meu avô era pedreiro, meu pai e tios também. E as mulheres, eu acho que trabalharam nas **fábricas**. A minha avó e a mãe também trabalhou.*

*Eu não sei a origem da família lá na **França**, nem comentavam como era a vida deles na França. Eu sei que eles trabalhavam na **uva** e no **vinho** e que eles seguiram fazendo a mesma coisa aqui quando eles moravam na colônia. Cultivavam a uva e faziam vinho. Eu imagino que eles vinham da França porque aqui tinham mais condições que lá não tinham. Hoje a gente vê a França bonita, mas mais para trás não devia ser.*

Eu nunca tinha parado para pensar como a minha família se adaptou ao Brasil, mas conhecendo a família, eu acho que não deve ter sido muito fácil porque sempre muda muita coisa, a cultura, o clima, a língua. Acredito que não deva ter sido fácil.

*Hoje ninguém fala **francês** aqui. Isso é diferente dos alemães que tem bem mais forte a tradição de guardar as origens. No caso da nossa família, as únicas que têm alguma noção da língua francesa são*

a Francine e a Bárbara que estudaram no ensino médio. Elas optaram pela língua francesa por causa da origem delas, eu quando fiz o meu médio, não tinha essa opção era só o inglês e deu.

*Eu não sei identificar se ficou algum hábito ou costume francês na família, mas acho que ficou alguma coisa porque eu acho que um pouco do meu jeito de ser, me identifico com Longchamp ou Fouchy. Com o meu avô, por exemplo, que era muito **determinado** a fazer uma coisa, podia não saber como, mas vai, dá um jeito e vai conseguir fazer, vai procurar os meios. É uma determinação que ele tinha e eu acho que herdei dele. Ele era muito determinado, era uma pessoa que eu achava muito inteligente, que não estudou mas que consertava **armas** de fogo como ninguém, era **habilidoso**, detalhista e isso eu também sou, muito **detalhista** e determinada. Eu lembro também que ele ia concertar uma arma e se a arma era, por exemplo, feita por alemães ele dizia: isso não presta. O vô Artur jogava tudo no chão, se não dava certo o que estava fazendo. Na minha imaginação, eu penso que o meu bisavô Alfredo era mais bravo que o vô Artur, que já era bravo. Quando ele ficava bravo o chapéu dele vinha aqui. Mas era um bravo diferente, ao mesmo tempo de ser bravo, o coração era uma manteiga.*

*Mesmo vivendo a minha vida toda na cidade eu acho que tem uma coisa que me liga com a colônia e esse passado: o gosto pelo **vinho**. Eu gosto de **vinho seco**, não gosto de vinho suave, como dizia o meu avô "vinho suave é para quem não tem sabor". Eu lembro que quando eu trabalhava ali no engenho São Bento, eles faziam churrasco e sempre tinha o vinho. Às vezes, diziam: "vamos comprar um vinho suave para as gurias", e eu era a primeira a criticar e dizia que não, tinha que ser seco. Já com a **França**, eu fico encantada com a **beleza** da França, aquilo me chama atenção. Uma coisa que eu gosto muito e que acredito venha dos franceses é que eu adoro **perfume**. A França tem essa característica, não sei se tem haver com a minha descendência francesa, mas é uma coisa que me liga com a França.*

*Além do perfume, eu não sei muita coisa sobre a França. Mas eu gosto da França, gosto de dizer meu **sobrenome**, me orgulho de ser Longchamp. Embora eu não busque saber mais da história da família, eu me orgulho. O significado eu já sei, me disseram, e gosto porque quando digo meu nome, às vezes me perguntam: "mas dá onde é isso aí?!" e eu digo que é da França.*

*Embora eu não tenha traços físicos característicos dos **Longchamp**, eu acho que tem alguns traços que alguns se parecem. Eu já saí mais pelo lado do meu pai. Mas nos olhos, eles têm os **olhos claros, pele clara**. A minha filha, a Gabi, ela já se parece com os Longchamp, desde pequenininha eu achei que ela puxou a pele, parecida com a da minha mãe. E a gente olhando aquelas fotos antigas da vó, depois que ela olhou, ela também se acha parecida. Ela brinca que até se deprimiu quando viu a foto dos olhos azuis do vô Alfredo, que ela não puxou. A Gabriela sempre foi muito apegada com o vô Artur. Até inclusive quando ele faleceu, ele só pediu assim: "tira as minhas negrinhas daqui porque eu não quero que elas vejam". Mas aí elas deram um último beijinho e as lágrimas dele correram. Foi uma coisa que marcou pra mim e para elas também. Elas também me cobram que eu não deixei elas irem no velório dele.*

*Uma outra coisa que tem ligação com os bisnetos do vô Artur é que ele gostava muito de **música** e todos eles gostam, tem algum dom. A Gabi toca, a Camila canta , tem o René que toca violão é uma vocação deles. Só que o vô era muito crítico, não era qualquer música, para ele as músicas que não estavam boas para o ouvido dele eram "tuêti". Não sei o que significava isso, mas era uma coisa ruim para ele.*

*Eu acho que o **museu** e a pesquisa sobre as famílias francesas é um trabalho fantástico. Acho que com certeza, como a minha avó, cada família tem o seu ascendente mais velho, isso é legal, uma valorização, a gente pensa assim: tão falando da minha família, recuperando sua memória.*

Depoimento de Gabriela Guido Carvalho

*Eu sei que a "bisa" fala que colhia **uva**, não sei se faziam vinho.*

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Pelotas, Bairro Três Vendas, Vila Santa Terezinha

Data: 30 de outubro de 2008

Duração: 22 minutos

Participação: bisavó Celina Fouchy, avó Maria Nilza Longchamp

*O meu nome é Gabriela Guido Carvalho, filha da Valquíria Longchamp Guido, tenho 13 anos, tenho uma irmã chamada Camila e sou a mais nova. Nasci na **cidade** e não sei quase nada da **colônia**.*

*Já não tenho mais o **Longchamp** no meu nome, mas eu gostaria de ter porque sei lá, é que Longchamp eu acho **bonito**! Todo mundo é Carvalho, mas Longchamp é só a minha família que é. E eu não tenho, todos os meus primos têm, só eu e a minha irmã que não temos. Mas eu vou botar quando fizer 18 anos porque tem **história** e a minha avó sempre diz que a **minha pele** é de francesa, porque sou bem clarinha. Eu gosto de história e a "bisa" já me contou várias dela por sinal.*

*Eu já fui na **Colônia Francesa**, onde a minha **mãe nasceu**: no Rincão do Andrade. Eu acho que na colônia eu só fui lá, porque a gente só passa quando vai no **cemitério**. Porque eu vou no **Cerrito**, ali que é o cemitério e depois vamos lá pra o cemitério da francesa. Eu gosto de olhar as fotinhos das pessoas assim nos túmulos, vou desde pequena no cemitério. É uma visita. Tem túmulo de 1800 e tantos lá. Tinha até um que não morreu, mas já tem os nomes lá. A gente vai para colônia em **Finados** e quando vai visitar a tia **Edite**. Só assim. Mas eu gosto. O ar é diferente. A gente passa em frente onde minha mãe nasceu, mas eu nunca parei, só nos dois cemitérios. Mas eu não me lembro da **casa** que eles moravam, acho que nem por foto eu conheço.*

*Eu não sei o que meus **bisavós** faziam, mas acho que era em **agricultura**, cuidavam de vaquinha lá, de **agropecuária**, sei lá, não sei bem. Eu sei que a "bisa" fala que colhia **uva**, não sei se faziam vinho. Isso eu não sei. Eu lembro de alguns **sobrenomes** lá da colônia. Mas só os que a "bisa" fala, é **Crochemore**, **Schwanke** e **Magallon**, acho que eram vizinhos lá na colônia. Crochemore é um nome francês que eu acho bonito também. Magallon eu não sabia que era francês.*

*Eu imagino que a **colônia antigamente** fosse diferente, eu acredito que lá era **mais habitado** do que é hoje. E acredito que era **melhor** a **vida**, não tinha tanta frescura, não tinha televisão, era uma vida mais **simples**. E acho que eram pessoas mais **ajuizadas**, tinham mais **respeito**. Hoje eu não sei, mal conheço a colônia, só de passagem. Mas eu acho que se a pessoa vive..., por exemplo, se a minha bisavó, ela era de lá, se ela, minha avó, minha mãe e eu também continuássemos a morar lá, **se sempre morássemos lá**, eu acredito que seja a mesma coisa hoje. Mas se passássemos a morar na colônia depois de um tempo, que tivéssemos morado primeiro aqui e depois lá, eu acho que já não é a mesma coisa. Sei lá, eu acredito que aí sentíriamos diferente.*

*A minha família veio para a **cidade** em **1969**, porque a mãe tinha três meses. Não sei ao certo porque vieram, acho que por causa do **êxodo rural**, acreditavam que aqui tinham mais condições de sobrevivência do que lá. Eu não sei se aqui tem, porque acho que emprego na colônia, mais é em alguma **fábrica** e na agropecuária. Eu acho que não tem escritório na colônia. Eu acredito que aqui a quantidade de **emprego** seria maior que lá que no campo é só agricultura.*

*Eu não sei se, mas acho que estes franceses se **adaptaram de alguma maneira**, porque aqui no Rio Grande do Sul é **mais frio** do que mais para cima. Dizem que o céu da França é cinzento e aqui não é. Eu acho que no verão devia ser pior para eles, mas só porque lá é mais frio, com gelo. E aqui não é tanto, é frio, mas não tanto. Acho que foi mais **fácil** se adaptar com a **língua**. Porque o francês, o espanhol, o italiano e o português são **línguas latinas** e dá para entender mais ou menos. Eu acho que nisso não foi tão difícil.*

*Eu não sei se seria uma **herança** da **cultura** francesa, mas eu acho que ir lá no dia de **Finados** vem da minha bisavó, da minha avó. É uma coisa da minha família. Eu não sei se tem mais alguma coisa que a gente tenha herdado dos franceses, porque eu não notei, mas acho que isso é da família. Eu acho que eu sou **Longchamp** não só por ser tão **branquinha**, mas eu também fico **vermelha** quando fico com vergonha. O meu primo fica vermelho e é Longchamp. E também a minha bisavó diz que o meu **bisavô gostava muito de café** e eu também gosto. Acho que isso tudo me liga com a história da família. De **ir lá na colônia**, acho que depois quando eu me casar, que falta muito tempo ainda, mas eu acho que quando eu me casar eu vou **continuar indo** lá **no cemitério** da Colônia Francesa.*

*O que me chama atenção na **França** é que é um **país desenvolvido**. Eu gosto da **língua**, eu acho "massa" falar assim com "r". E os **monumentos**, eu acho bonito e eu não sei, mas já ouvi falar que tem, acho que um **bairro ou avenida que se chama Fouchy**, porque a minha **bisavó é Fouchy**. E eu já espalhei para todo mundo. Eu não sei o **significado** do **nome Fouchy**, mas o do **Longchamp** eu sei. A minha prima estudou no Maria de Lourdes, lá ensinam francês e ela perguntou para a professora e ela disse que é 'longo campo'.*

Eu gosto de história e gosto de conhecer o passado. O livro que eu pego na escola é sempre assim de época, eu gosto das datas de 1800... Então, eu acho importante recuperar a ***história*** *das* ***famílias francesas****.*

Depoimento de Lili Jaeckel Wahast

Está tudo atirado também lá, a parreira estava no meio da capoeira.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Morro Redondo, localidade de Sanga Funda

Data: 11 de dezembro de 2008

Duração: 45 minutos

Participação: nenhuma outra participação

O meu nome é Lili Jaeckel Wahast, mas Jaeckel eu nem me assino, é só Lili Wahast, e o "t" não se diz, é só "Vaas". A história dos ***Wahast****, aqui na Sanga Funda, município de Canguçu, começou quando eles viveram aqui com a falecida minha* ***avó*** *Ribes. Ela era parente do* ***Emílio Ribes****, de Pelotas. Porque o falecido meu* ***avô*** *morreu novo, ele era Oscar Alfredo Wahast. Ele era* ***médico ou farmacêutico****, não sei bem o quê. Ele morreu com febre de tifo em Pelotas e ficou lá, naquele tempo não tinha carro para trazer. Mas ele já morava aqui, foi em Pelotas para se tratar e ficou lá, a idade que ele tinha eu não sei, mas era novo, eu tenho a* ***foto*** *dele aí. O filho mais novo ficou com meses, era o Dirceu Wahast. Depois ficou a viúva e eles plantavam* ***milho****, plantavam* ***piretra****, que era a flor de piretro. E viviam do* ***pó de mosquito****, faziam o pó de piretro, moíam no moinho e faziam o pó. Então se enlatava aquele pó e vendia. Vinha aquela lata do* ***Firpo****, de Pelotas,* ***lata de 5 quilos****.*

A gente apanhava a ***flor da piretra****, eu estava dizendo para eles, se eles tem carro que vão lá na* ***Embrapa*** *que lá tem ainda a flor do piretro. Lá se pode conseguir uma muda. Então a gente botava um bocó amarado assim na cintura e apanhava com as duas mãos e ia botando a flor ali dentro. Quando aquilo estava cheio a gente despejava num saco. Depois botava no sol, para secar, tinha um cimento lá e ali eles botavam no cimento e secavam. Quando a flor estava seca, era ensacada e botavam numa* ***estufa****, com bandeja de folha. Aquilo tinha um cano e aquela estufa secava. Depois de torrada eles moíam, lá embaixo tinha um* ***moinho****, e aqui tinha outro. Os dois eram nossos, esse era de farinha e lá embaixo era de piretra. Hoje não tem mais os moinhos, nenhum deles, está tudo caído lá e esse aqui findou também. Tem as* ***peças*** *aí.*

Depois de colocar nas latas de 5 quilos eles vendiam para Pelotas. Para a Farmácia ***Khautz****. Isso eu me lembro, lá tinha muito piretro e vendia para todo lado. Inseticida não tinha, para fazer* ***inseticida*** *a gente pegava aquele pó da flor e botava numa jarra com um pouco de querosene e pedras de canfôra. Tirava a efusão dali do líquido e botava na máquina de flit, eram duas ou 3 bombadas e terminava com a mosca. Era forte mesmo, vendia quantidades, iam caminhões e caminhões de pó. O pessoal aqui vivia plantando essa piretra. Eles usavam para o sustento mas depois da invenção do inseticida acabou tudo. Eu não lembro bem até que época funcionou o piretro, mas eu já era grande, eu estou com 78 anos, acho que até com 20 anos eu enlatava piretro ali dentro.*

No início era só ***piretro****, depois meu pai é que fez uma plantação de* ***parreira****. Ele tinha uma* ***venda*** *grande ali, mas uma venda grande mesmo, no tempo da vó já existia a venda, depois ele inventou de fechar a venda e plantar parreira. E aí ele plantou a parreira, mas a parreira era difícil para dar, ela leva muitos anos para dar. É difícil mesmo, porque aquilo um ano dá, outro não dá. Aquilo tem que podar, é mais complicado e amarrar os pés, eu acho que precisa umas 4 ou 5 amarradas em cada pé. E nós tínhamos 21 mil pés de parreira. Toda essa parte aqui da frente tinha parreira, lá para baixo onde tem aquele milho também e depois dos bambus, quem vem do cemitério também. O ano que nós colhemos mais uva, nós fizemos 21 pipas de* ***vinho****. E era vinho. Eu já era moça, nós já trabalhávamos. Para engarrafar o vinho, nós pegávamos de manhã, a turma toda, quando era de tarde, nós tínhamos 46 engradados engarrafados e rotulados. Era em* ***garrafão*** *naquele tempo, a gente dava prontinho, era eu, outras duas irmãs casadas, o Oscar e o Olmar que é o mais novo da* ***família****. E eu sou a mais velha. Entre eu e outra irmã minha, tem uma morta, ela morreu com 7 anos, era a Leonídia, morreu com tétano.*

Nós também plantávamos ***pêssegos****,* ***figos*** *e outras* ***frutas****. De primeiro era a* ***parreira****, mas a gente não venceu a cuidar da parreira. Era difícil, nós compramos* ***máquina de barril****, puxada a cavalo,*

mas era difícil, ela se negava e a gente resolveu plantar pessegueiro. Só eu, tinha 1.200 pés de ***pessegueiro****. Só de colher pêssego, o Olmar comprou um fusca zero, só com aquele pedaço onde tem uma lavourinha de milho hoje. E lá tinha outra lavoura de pêssego. Enquanto nós vendíamos para os* ***Almeida****, de Rio Grande, todo mundo tinha dinheiro, porque a gente vendia todo tipo de pêssego. Mas depois, agora não, só querem o extra e o de primeira. O de segunda tem que fazer o raleio... e, naquele tempo não se fazia nada, se apanhava e vendia, ia tudo, miudinho e grande, de todo tipo. Se, vendia só a fruta, não se fazia compota.* ***Compota*** *era só para o gasto de casa, também se fazia "****schimier****" e compota. O cristalizado, nós nunca fizemos. O que se fazia era o* ***pêssego seco****, passava na calda e secava. Esse ano eu não acertei, o sol parece que mudou, bota no sol a secar e ele preteia, queima, acho que está muito forte o sol agora. A gente pega o pêssego e descasca, depois que descascou a gente pega e bota uma panela de calda. Quando quer ferver, a gente tira, escorre, bota numa forma e bota a secar. E ele fica seco. Não fica cristalizado, mas fica muito bom. Fica com açúcar. Mas esse ano eu não acertei.*

O ***vô*** *eu não conheci, mas a* ***vó*** *eu conheci. A mãe casou com 17 anos, e ela dizia que nunca viu uma velha tão boa. A mãe dizia que nunca viu uma velha tão boa, ela morou toda a vida junto e é difícil a nora dar certo com a sogra. E a mãe dizia que não, que sempre gabava a velha e a tia também. A tia Elza morou nem sei quanto tempo aqui com a velha, muito tempo, trabalhava na lavoura também. O falecido Dirceu era até padrinho meu e plantavam na lavoura aqui. Ela também dizia que nunca viu uma velha tão boa. A vó não deixava as noras lavarem roupa, pagava lavadeira. Só tinha uma coisa, ela* ***cozinhava****, almoçava meio dia e depois dormia e as noras é que tinham que limpar a cozinha. Isso elas é tinham que fazer.A tia Elza diz que ela nunca pôde aprender a fazer* ***omelete*** *de ovo batido na frigideira, isso eu me lembro que a velha tinha uma frigideira grande assim e ela botava não sei quantos ovos naquela frigideira e fazia só assim e aquilo se desvirava direitinho. Só os ovos batidos, sem farinha e um pouco de gordura e ela dava um jeitinho assim e aquilo se desvirava sozinho. E a tia Elza diz que ela nunca pôde fazer isso A tia Elza pára comigo aqui muito, ela vem aqui e pára uma semana ou duas, até um mês. Agora que ela fez cirurgia numa vista e eu andei meio ruim das pernas, então ela não tem vindo.*

Aqui o que nós fazia de ***comida francesa****, a falecida minha avó e a mãe também, faziam o* ***patê de porco****, miúdos e cabeça. Depois cozinhava um prato de couve de horta. Passavam na máquina de cortar carne o patê e um pouco daquela couve, depois de misturado, tiravam o véu do porco. Isso eu cansei de fazer, até a última vez que eu matei porco eu ainda fiz. O véu é aquilo dentro do porco, o que suspende as tripas, uma rede que segura as tripas. Então a gente corta uns pedacinhos e passa na água quente. Faz uns bolinhos e assa. Aquilo é a tal de "****caieta****" (Caillette). E se corta depois com uma faca e se come com pão. E é bom.*

A mãe fazia o seguinte. Tirava os olhos do porco, os miolos e cozinha um pouco da cabeça. Tirava a carne da cabeça e botava o fígado, não todo porque com fígado fica forte. E botava pelanca, rapava bem rapadinho e examinava para ver se ficava algum pêlo. Depois de tudo cozido, moia tudo junto e disso fazia o tal de ***patê****. Botava sal e pimenta. Alho eu não lembro se botava, mas se botava era muito pouco. E depois daquilo pronto, é que moia a tal de couve. O patê botava dentro de uma tripa. Tinha que passar numa água antes, quando queria ferver a gente tirava. Para não rebentar, só cozinhava a tripa porque ele já estava cozido. E a "****caieta****", a gente fazia ela com aquele veuzinho, fazia uns bolos baixos e assava no fogão. E comia com pão e tomava café, não era comida de almoço, era de café. A gente fazia também torresmo, tirava a banha, fazia o torresmo e moia e depois se temperava com alho, pimenta, sal e se comia no pão. Nós matávamos porcos a cada 15 dias, porque era um monte de gente, os filhos e empregados que nós tínhamos.*

Eram muitos ***empregados*** *para a* ***parreira****, e depois para o* ***pêssego****. Aqui eles jogavam* ***bocha****, tinha uma cancha, era cancha da família e os velhos também jogavam carta, de* ***baralho****. O jogo que jogavam era o sol. Todos os domingos cada vez iam na* ***casa de um vizinho*** *e jogavam o sol. Um domingo era aqui, outro era na casa dessa senhora que está aqui em casa. Ma eu trabalhei muito na minha vida, nem sei como é que sou viva até hoje. Já me criei* ***trabalhando na lavoura*** *e em todo o serviço. Quando o Olmar era pequeno, a mãe me soltava para o* ***arroio*** *com 3 sacos de* ***roupa para lavar*** *e ainda era de cócoras numa tábua, naquele tempo era assim. E eu não tinha força para esfregar a roupa, para lavar. Aí o meu tio que morava ali perto, onde tinha um açude grande, me ajudava a lavar. Depois o pai arrumou uma empregada e depois veio uma* ***negra****. Aquela morena, acho que morreu com 110 anos. E ela veio e pediu para a mãe fazer uns tapapós para os negrinhos dela, para irem num colégio que tinha lá em cima. Aí a mãe disse que ia fazer, mas ela tinha que lavar a roupa. E eu disse: "mãe ela não sabe lavar roupa". Mas aí, eu é que aprendi a lavar roupa com a negra. Porque ela chegou lá se "acocou" naquela tábua, pegou a roupa suja e botou tudo em cima da grama com sol. Com aquele sol afrouxou tudo e ela dava só uma esfregadinha e botava na corda. Ela trouxe a roupa tudo limpa para casa. Naquele tempo,* ***toalha de mesa era de saco branco****, eram duas ou três toalhas por semana. Uma* ***mesa***

grande *que está lá no galpão. Acho que tem uns dois metros e meio. Lençol era tudo de saco também.* ***Se ia na cidade****, o pai buscava coisas porque tinha a venda. Ele trabalhava num* ***caminhãozinho****, ele levava o pó e trazia mantimento para vender. Eu era pequena, mas gostava de ir. Nós íamos lá no* ***Joaquim Oliveira****, ele me dava um monte de presente, eu pequeninha. O pai era muito amigo do Joaquim Oliveira. Eles vendiam pó de* ***piretro*** *lá e compravam também.*

Agora o vô e a vó vieram solteiro de lá da ***França****, eles casaram por aí em Pelotas, foi depois que eles estavam aí. Eles vieram num* ***barco*** *daqueles, acho que vieram juntos, as duas famílias vieram juntas, e depois aquele barco jogou eles para trás e até* ***fome*** *passaram. Isso a falecida vó contava, eu não lembro se eles eram da mesma zona, isso eu não sei, porque a minha avó morreu quando eu tinha 7 anos. Eu era pequena, mas me lembro dela, ela morreu aqui nessa casa. Eu não lembro deles contarem como era a vida deles lá na França, eu era muito pequena. Eu sei que o meu vô era* ***médico*** *aqui, mas lá na França eu não sei. O pai já nasceu aqui e não contava nada de lá. Mas eles vieram para cá para ficar rico, diziam que aqui viviam como rico, mas chegaram aqui viram que não tinha nada. Não sei em que colônia eles ficaram primeiro e depois eles vieram para Pelotas. Mas eles arrumaram* ***dinheiro****, porque depois a velha tinha muita* ***terra*** *aqui, os velhos compraram terra aqui. Foram trabalhando e adquirindo. Eles tinham terras lá para o arroio Faxinal, nem sei quantas hectares de terras e colônias. Dos meus avós não ficou nada, eles vieram naqueles barcos e depois tiveram em outros lugares, não restou nada deles.*

Eu nunca fui na ***Colônia Santo Antônio****, em Pelotas, na época do pai, eles vinham passear aqui. Tem* ***foto*** *deles aqui, o* ***Lino****, o Emílio, depois que morreu a* ***Romilda****, eles já não fizeram muito contato. Senão eles vinham seguido, enchiam um caminhão dos parentes todos e vinham. Lá a gente não tinha carro para ir, então eles é que vinham. Depois eles foram também, depois que tinha carro, mas sempre eu ficava em casa e os outros é que iam. Eles traziam de tudo de lá e outras vezes avisavam e nós fazíamos churrasco para esperar por eles. Que eu saiba, lá na francesa, só casamento eles iam, festas de casamento.*

Quando o ***Lino*** *era vivo, eles vinham muito aqui e a minha irmã e o Olmar foram lá no* ***cemitério dos franceses****. Ela foi para procurar a vó do marido dela, que estava enterrada lá, mas não acharam e então foram visitar o Lino. E o Lino conheceu eles: "mas meus primos!". Eles disseram que ele estava tomando café, aí se levantou e disse: "mas os meus primos se lembram de mim", ele* ***recebeu*** *eles e tiveram muito tempo lá. E ele perguntou: "e a Lili, porque que não veio?". Ele se lembrou de mim. E a Leda disse: "não, é que eu mandei avisar em cima da hora, e ela disse que não podia vir". Não deu porque eu moro sozinha e tem que ver se o caseiro pode ficar.*

Eu vi na televisão a ***Colônia Francesa****, vi a* ***casa do Lino****, está tudo atirado também lá, a parreira estava no meio da capoeira. E eu não conhecia a casa do Ribes, mas meu pai e minha mãe iam passear lá e o Olmar também. Porque nós tínhamos primeiro uma* ***camionete*** *Internacional quando nós compramos o primeiro carro. Era usada, ali a gente carregava pêssego, carregava uva, era tudo com a camionete. Depois o pai vendeu aquela e a gente comprou uma Rural, que é a Rural que o Olmar tem.*

Eu acho que os franceses tiveram ***dificuldades*** *para viver aqui. Para aprender a falar* ***português*** *eu não sei, isso eu não sei, mas eu acho que aqui eles já falavam português, eles não falavam mais* ***francês****. A minha tia falava muitas palavras francesas a tia Georgeta. Ela falava, em casa nós não falávamos francês. Acho que todos esses franceses que vieram para o Brasil, pensavam que aqui iam ficar rico e ninguém ficou rico. Acho que a vida foi difícil para eles. O pai deixou até uma* ***libra*** *pra mim, para os parentes conhecerem. Eu tenho a libra, tenho também a* ***medalha*** *do pó de piretro e tinha o quadro quando eles tiraram o* ***primeiro lugar*** *no pó de pireta. Foi em 1901, parece. E um* ***diploma num quadro****, eu não sei, ficou numa goteira, sabe que a mãe tinha 5 filhos, nós todos pequenos para cuidar e quando ela teve o Olmar, ela tirou um mês no hospital. E eu não sei, estragou o quadro, mas a medalha eu tenho aí.*

Eu não sei quando eles ***vieram para Sanga Funda****, mas em 1901 já estavam aqui, o meu pai é de 1906 e a minha mãe nasceu em 1911 em Morro Redondo. Ela era dos* ***alemães****, os pai dela também vieram de lá. A minha avó era Ribes, Wahast era o vô, acho que eles já vieram da* ***França*** *meio junto, depois ficaram num outro lugar, mas acharam ruim e vieram para Pelotas. Isso era quase mato, não tinha estrada, não tinha nada. Eles vieram para cá para ficar rico, e de fato, eles compraram muita terra aqui. Aqui na Sanga Funda tinha outras famílias francesas os* ***Carré, os Ribes. Os Zurchmittem*** *parece que a velha era irmã da minha avó, eu acho que ela era Ribes também. Os Zurchmitten moravam ali em cima na estrada. Lá ficaram os* ***Crochemore, os Jouglard e os Martin****. Tinha um Martin que trabalhava com nós aqui, mas ele trabalhou uns tempos e depois foi embora de volta para lá, depois nunca mais vi ele. Esses franceses que vinham aqui nós visitar não tinham negócio com meu pai era só visita. Outra*

família que vinha nos visitar aqui, além dos Ribes, era os Crochemore. Aqueles que vieram juntos de lá, eles se visitavam, vinham a cavalo, isso eu me lembro. Não tinha estrada, aqui mesmo, era um trilho de ***carroça****, essas estradas foi tudo feito depois. Depois de um tempo, o pai foi* ***vereador****, em Canguçu, aí sim, aí eles fizeram estrada boa aqui. Eu não lembro em que época ele foi vereador, mas já faz uma porção de anos, ele já tinha idade, foi bem antes dele falecer. Ele foi 4 anos eu acho, depois ele não quis mais política.*

Aqui chamam de ***Travessão dos Wahast****, mas as terras não eram todas deles. Até o* ***cemitério*** *eles botaram de Wahast, mas a primeira a morrer era Wenkester e por isso o cemitério é Santa Ana, por causa do nome dessa moça. Mas eles chamam de cemitério dos Wahast, porque a terra era do meu pai, ele comprou e o cemitério veio junto, depois é que ele doou o cemitério para comunidade. Quando morreu o velho vô, eu não sei, mas cada filho ficou com muita terra ainda. Eles tinham terras do arroio Faxinal lá embaixo e vinha sair lá na Estrada Real. No tempo da velha, ainda compraram acho que com o pó de piretro, de certo, porque eles não tinham nada quando vieram para o Brasil. Eu lembro que quando eu ia no* ***colégio****, eu tinha 11 anos. Quando a gente conseguiu um colégio, eu tinha que ir no meio do mato por aqui, num petiço, senão, ia nuns trilhos até o Morro Redondo, naquele colégio lá.*

Acho que eu puxei mais para os ***Wahast****, de fisionomia. A minha mãe era de origem alemã, ela falava em* ***alemão****. Tem uns parentes que são bem parecidos, o pai era* ***magro e alto****, o tio Dirceu também, o Olmar era magrão e alto também. Os Wahast são todos assim, alto e magro. O Cleme Wahast também, bem Wahast, aquele tinha todo o tipão de Wahast. Ser* ***descendente de francês*** *não tem muita importância para mim, é a mesma coisa para mim. Eu gosto da minha gente toda, me dou com todo mundo, e é isso. A minha vida aqui, não vivo muito bem, eu tomo muito remédio, tenho só um salário e faço tratamento, mas eu me mantenho sempre trabalhando com toda a idade que eu tenho eu ainda trabalho. Eu lembro que o meu pai estava sempre trabalhando. Trabalhava de* ***carpinteiro****, era muito* ***inteligente*** *e* ***habilidoso****. Ele* ***aprendeu a fazer vinho*** *com a gente dele, com os parentes franceses. Quem forneceu o galho da parreira foi o Emilio Ribes, depois ele tinha um livro de químico. Fazia o vinho suave e seco, 2 tipos. Fazia também* ***vinho de laranja****.*

E tem essa tia minha de 93 anos e está certa da cabeça, a tia Elza, foi onde descobriram esse ***livro*** *sobre os franceses. Foi a filha do Nildo, da tia Elza, ela estava de aniversário e na loja onde ela trabalha fizeram uma festinha para ela e deram esse livro de presente. E eu estava de aniversário aqui e aí veio a minha irmã, o meu cunhado, não tinha mais ninguém. E aí chegou o chegou o pai dela, o Nildo e a Clédis Carré. E o Nildo disse: "sabe que saiu um livro da nossa família?" e ela deu o nome para minha irmã e depois o meu irmão estava de aniversário e o meu sobrinho me ligou: "como é que é o nome do livro aquele?" e ai a Leda me deu o nome e ele comprou me deu um livro para mim e outro para o meu irmão Oscar.*

Depoimento de Olmar Jaeckel Wahast

Acho que não foi difícil para eles se adaptarem no Brasil,

porque eles vieram em grupo de família.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Morro Redondo, sede

Data: 25 de outubro e 11 de dezembro de 2008

Duração total: 1 hora e 20 minutos

Participação: nenhuma outra participação

O ***pai*** *sempre contava que o pai dele veio da* ***França****, formado em* ***médico de flora****. Ele tinha um* ***micro laboratório****, um micro forno em fundição e cuidava os meses certos para ir para o mato colher pedaços de madeira de árvores e colhiam da flora,* ***chás*** *e ervas. Então ele fazia um fogo, fervia água numa chaleira de ferro e o meu pai queimava aquele micro forno subterrâneo, era tapado de terra com um chaminezinho fininho de lata ou fundição. Ele botava aquela panelinha dentro do chão e o maior prazer do pai era montar a chaminé. O pai gostava de montar aquilo, era um 'chaminezinho' alto. Ele fazia o fogo, acendia. O início do fogo ficava embaixo da terra e começava com a lenhazinha fraca, lenha seca. E quando estava totalmente queimado, ele empilhava aquela madeira cortada, verde mesmo e*

abafava. E aquele estoque de brasa continuava queimando naquela panelinha e depois ele pegava aquele carvão e tirava aquela parte do início do fogo e aquela segunda parte do carvão era moída. Tinha uma maquinazinha que botava o carvão ali e ia moendo. Junto usavam o líquido do chá que ferveu antes. Botava um tanto do líquido. Aí cortava naquela máquina que tinha, não sei se era um pente ou uma pecinha, porque o pai dizia que empurrava ou puxava para um lado e para o outro e assim ia cortando e saindo naquela medida certa, redondinho, cortando em ***comprimido,*** *aquele carvão embebido. E guardavam aquilo numas latinhas. Não existia plástico, só vidro ou embalagens de lata. Eles iam para o mato de manhã, quase sempre da parte do meio dia para a tarde. Iam meio dia e voltavam de noite. Aí voltavam na bolsa, os objetos que eles carregavam. E eles faziam assim os remédios para o intestino.*

Eu não sei de onde ele trouxe essa ***máquina****, acho que veio da* ***França*** *com isso. E tinha uma* ***planta, salvia ou salva****, um nome assim. Não sei com quem ficou aquele micro forno. Depois que ele faleceu, eram uns quantos herdeiros, eu não cheguei a conhecer o aparelho. Lá ainda tem a* ***salva****, é uma erva que tem um cipó. Eu fiz o curso de Fitosanidade Animal e eu tinha* ***veterinária****, até registrei. E quando tinha útero exposto, muitos animais de pobre que não tinha como fazer medicamento, eu banhava aquele útero com a salva morna e fazia uma irrigação vaginal durante 3 dias. E o animal ficava bom. O vô receitava aquela salva para o* ***espasmo****, daquilo também faziam* ***chá*** *para dar para as mulheres grávidas, cólica de nenê, cólica de frio. Davam aquele chazinho bem fraquinho, depois davam um mais forte. Às vezes, as mulheres chegavam e diziam: "acode que eu vou ganhar nenê". E a primeira coisa que ele dava era aquele chazinho, melhoravam e iam embora. E era o frio.*

E a mãe sempre contava um causo, ela morreu com oitenta e seis anos, acho que foi, o ***vô*** *já tinha falecido, mas existia a* ***vó*** *Luiza. E ela conta que uma tia da Leinira, uma irmã do pai dela, era* ***Ribes*** *também de lá que casou aqui, e nós somos parentes, da mesma família. E a menina, com 12 anos, estava na beira de um fogareiro, era um dia de garoa e a menina sai e cai roxa. Aí eles pegaram a guria, abafaram na cama e foram lá em casa chamar a minha avó. E ela foi lá, caminhava pouco, a minha mãe foi na frente e ferveu o* ***chá****. E conseguiram dar uma xícara entre os dentes, nem chegou bem a ser cheia. E não chegou uma hora e a guria estava boa. Eu tenho aí essa planta, eu sempre trago de lá. Ela dá uma folha e enraíza de novo. Ela dá duas folhas e umas florzinha do lado da folha, tipo um cipó. Mas é um chá muito quente e muito perigoso para tomar, tem que ser bem fraquinho. E ele receitava aquilo também para a próstata. É um chá muito bom. Na minha casa lá tem uns pés plantados e na casa velha, na minha irmã, na beira da estrada também. Mas nos terrenos nos fundos tem ainda silvestre de quando eles trouxeram. O nome da planta é* ***Salva****. Ela dá um pedaço assim e depois enraíza de novo. Ela quebra fácil, é uma madeira meio mole. E não dá broto direito. A folha é meio enrugada. Aqui eu não ainda não plantei porque lá tem bastante lá na minha irmã.*

Tem uma ***flor azul*** *que também trouxeram da França. Tinha que as* ***lavouras*** *fechavam totalmente, agora está no meio mato. Antes eu só via aquela flor lá. Mas agora já tenho visto lá em cima na Trapeira. E a* ***abelha*** *é que bate muito naquilo. E eles trouxeram para dar para os* ***suínos****. Porque a raiz tem um sabor assim do tipo de uma hortelã e o porco come. Quando é nova dá com as folhas largas e aí já se corta para os animais. Arranca com raiz para dar para o porco. Ele gosta mais da raiz do que da folha. Mas aquilo é um* ***inço****, é tipo um mal-me-quer, se espalha e chega a dar alto assim.*

Foi o meu ***avô*** *que plantou lá, ele* ***trouxe*** *de lá estas* ***mudas****. Dizem eles trouxeram muitas coisas. Eles* ***trouxeram*** *essas três coisas: a* ***flor azul, a salva e o piretro****. Não sei se trouxeram outras coisas.*

Eu não cheguei a conhecer o meu ***avô****. O meu pai quando ele morreu não sei se tinha 9 ou 12 anos. Eu não tenho certeza, mas ele era menino. O meu* ***avô*** *está enterrado na cidade de* ***Pelotas****, tem um jazigo passando o portão do* ***cemitério*** *velho, tinha uma pedra antiga, parecida com a* ***pedra*** *da vó Luiza aqui no cemitério, mas a dela já é mais simples.*

Tinha época que o meu avô ficava preocupado, acho que com os familiares que deixaram lá na França. Ele tinha assim uma ***perturbação****, não sei se mental, ele ficava fraco e ia sentar debaixo de uma* ***laranjeira****. Era nos fundos e ele saia, desaparecia. E o meu pai e a vó Luiza sabiam que ele devia estar lá na laranjeira. Ele gosta de ir para lá olhar porque era um lugar alto. Então ele ficava lá* ***sentado, pensando****. Diz os descendentes que era da* ***viagem****. Toda a pessoa que viaja muito, dizem que tem problema na mentalidade, dizem que não pode viajar em volta do mundo de uma vez, fica com labirintite. Não pode viajar assim.*

Ele devia ser médico homeopata, sempre eles diziam que ele trabalhava lá de médico e a não sei se era a minha avó ***Ribes*** *que na* ***França*** *trabalhava na* ***fábrica de chocolate****, era funcionária assim. Depois vieram para aí. Eles* ***desceram*** *primeiro lá nos* ***Ribes****, como imigrantes e não sei quantos vieram.*

Muitas coisas antigas a gente não sabe porque o pai faleceu com 86 anos. Ele tinha lembrança de ***parentes da colônia dos Ribes*** *lá.*

Eu não sei por que vieram para ***Sanga Funda****, mas para mim vieram para explorar o* ***piretro****. Porque no começo deles aí era comércio e exploração da flor do piretro. Tinham* ***outras famílias antigas*** *ali, os* ***Ribes, os Carré, os Zurchmitten****. Eu não sei quem veio antes ou depois, disso eu não tenho conhecimento. A* ***Sanga Funda*** *é só uma localidade, não tinha colônia ali. Tinha umas datas de Rodrigues, não sei como faziam para medir naquele tempo. A* ***Sanga Funda é em Canguçu****, porque a Sanga Funda vem aqui no cerro e para lá já é Sanga Funda. E ali no cerro tem um marco na rua por ali no Neumann. Tem a casa do meu cunhado que é metade em Canguçu e metade em Morro Redondo. Então logo adiante da fábrica do Albino Neumann, tem uma entrada, a divisa cruza do lado de cá da entrada um pouquinho. Daquela entrada para lá, o ponto de ônibus muda de valor, se vem de Canguçu até Sanga Funda se paga até aquela entrada um preço. Se desce do ônibus no Neumann se paga mais porque já é outro município. Do Morro Redondo até o casa antiga dos Wahast dá uns 9 quilômetros.*

O pai contava que eram de um lugar na ***França*** *onde tinha água, não sei se era rio, mar ou o quê. Depois de um mês ou 90 dias que eles saíram de lá deu uma ressaca, um* ***maremoto*** *e onde era a casa deles ficou só uma* ***amoreira*** *na beira da margem, submergiu tudo. Eu não sei qual era a cidade. Eles trouxeram um galho e plantaram no* ***cemitério****, dois pés de amoreira, minha vó que plantou. Depois findou e ficou um pé no meio do mato, porque eles não tiraram a raiz e a árvore brotou de novo.*

Esse cemitério, o pessoal chama de ***cemitério*** *dos Wahast, mas não é. Ele é Santa Ana porque enterraram uma moça que deu o nome do cemitério. Então nós compramos um* ***terreno****, uma fração de terra e entrou junto o cemitério. Aí tinha um* ***zelador****, acho que passou mais de 10 zeladores. E cada um dava uma gorjeta para eles. Mas depois o pai, foi* ***vereador*** *em* ***Canguçu*** *um tempo e ficou aquela política envolvida. Esses tempos, o presidente do diretório do PMDB queria me envolver. Mas ele não chegou a se eleger porque ficou com menos votos, ele conseguiu 406 votos. Ficou de suplente e aí faleceu um vereador de Canguçu e ele assumiu. Tinha outro vereador que era de Pedro Osório e muitas vezes iam a cavalo para Canguçu. Então foram três anos, o término do mandato do outro. Eu não lembro que ano foi isso, mas lá no major José Moreira Bento tem uma foto. Ele foi vereador na época do pai desse José Moreira Bento, o Ernani Bento. Então ele tem uma foto quando o major Ernani foi eleito prefeito e o pai está naquela foto com outros tantos. Deve estar na sede do PMDB.*

Mas foi com o Gilberto Mussi foi prefeito que era do partido dele que o pai tratou de acertar aquela área do cemitério, porque começou a existir os direitos, as carteiras assinadas. E como ficava no domínio do proprietário e tinha ali o zelador que cuidava, capinava, limpava e tinha algum direito, podia ter que indenizar ele. E aí nós desmembramos o cemitério que ficou municipal. Ali vem enterro de tudo que é lugar. No outro ano nós aumentamos mais um pedaço do cemitério. Só que é tudo registrado em cartório agora.

Quando vieram para cá os que já estavam aqui diziam que ganhavam ***dinheiro*** *como água, que era um paraíso. E os que estavam lá, por isso queriam vir. Então eles tinham um conhecimento que o pessoal daqui não conhecia. O vô comprou uma data de* ***terra*** *que começava aqui na* ***Sanga Funda*** *e ia lá pelos* ***Melões****, não sei onde, era uma reta. E do outro lado da Sanga Funda, chamam* ***Melões****. Mas não é Melões, é* ***Mulões****. Tinha ali um serro pelado que tinha muita mula chucra, em dia de sol, no frio do inverno as mulas iam todas para aquele cerro pegar sol. E hoje é do Neumann esse serro. E o pai quando era menino, não sei 15, 16 anos, ia lá perto* ***espiar as mulas****. Ele e um amigo botavam uma batata numa lanceta, atiravam e elas sumiam no mato. Aqui era tudo* ***mato****, eram poucas lavouras, tinha* ***bicho selvagem****. Então ele sempre contava que numa roça que tinham ali, existiam uns* ***veados*** *e ele quando eram menino ia ver os veados, eles plantavam* ***alfafa*** *e não conseguiam fazer render por causa dos veados que vinham comer a alfafa. Aí um velho disse que ele tinha que ir só quando o dia estava calmo. Quando tem vento, tem que ir contra o vento porque eles farejam as pessoas. E assim ele e um amigo fizeram e conseguiram ver o bando estava todo, os filhotes e os mais velhos, todos comendo a alfafa. Também no que eles viram, os animais já fugiam, se mandavam. Eles produziam alfafa também,* ***todo pessoal aqui plantava alfafa****, enfardavam, secavam.*

A ***casa*** *deles foi feita em 01/01/1922, dá pra ver lá em cima a data. Ela está boa e tem 22 metros de frente é um* ***casarão****, tem bandeira de vidro em cima das portas, tem um parreiral para o lado de baixo. Antes dessa casa eles moravam nos fundo, ali tinha uma* ***casa velha****. Era uma casa mais velha, de tijolo. E eles usavam fazer* ***cantoneira*** *de madeira.*

Ao lado tem umas peças onde o ***tanque*** *onde faziam o* ***vinho****. Mas botaram um empregado e ele pintou tudo de cal. Antes dava para ver onde se* ***anotava toda a safra*** *anual de uva, ervilha e trigo. De*

quatro em 4 anos dava um safra boa, então eu já sabia qual a safra que ia ser boa. Depois no outro ano dá bem pouquinho, o clima era certo, regulado.

*Na época do meu **avô** eu não sei que frações de **terras** eles tinham.*

*Eles **nunca se mudaram dali**, no mesmo lugar aonde chegaram ficaram morando. Ali tinha uns **velhinhos** que mataram porque acharam que eles tinham dinheiro. A minha irmã que conta, eu não me lembro. Eles achavam que eles tinham muita coisa antiga dos franceses. Acho que era um tio do meu avô, e moravam bem no terreno nosso. Mas eles não tinham nada de **dinheiro**.*

*O pai também contava que achavam que esses franceses eram muito **ricos**, que tinham muita coisa. Mas eles **tinham só muito conhecimento em remédios e outras coisas**. Muitas pessoas procuravam os **velhinhos Wahast**. E no dia da morte deles quando investigaram lá, tinha **três pratos na casa**. A pessoa foi para pernoitar e de noite matou eles. Contam que o velho brigou muito com um **porrete**. Não sei com o que mataram, parece que foi com um **machado**. Sei que ele brigou muito e esses assassinos já tinham assassinado mais gente. Eu acho que eles foram **presos lá para o Laranjal** ou Barro Duro, por uma **praia**, porque, depois de um tempo, conseguiram ter pistas deles. Eles já tinham feito diversas mortes. Era um **tipo de esquadrão de extermínio**. O pai sempre falava que jantaram três pessoas e que eles eram só dois. A **casa deles** era adiante daquela curva onde nós moramos, lá para o lado de lá onde se desce para o meu sítio. Dali de casa para baixo, são uns 300 metros. Segue reto e é lá adiante, a direita. Hoje, tem uma tapera lá, bem próximo dali eles moravam. Foi uma pessoa que matou, mais essa pessoa era ligada com a esquadrilha. Eu sabia até os nomes, mas eu não me lembro. Quem falava disso e contava essa história era o falecido **dentista Rodolfo**, ele é falecido, eu tratava meus dentes lá e ele sabia da história e me contou que a polícia ou o delegado conseguiu pegar eles. Parece que não quiserem se entregar e a polícia matou eles lá. Esse Rodolfo cansou de me contar, ele foi lá ver o corpo. E ele foi de manhã, não sei se de carro. Eles tinham matado não sei quantas pessoas, vinham de outros lugares matando. E aí enterravam eles de manhã e de tarde eles estavam fora da areia. Eu era menino e o Rodolfo cansou de contar isso, o que é a natureza nem a terra queria receber aquela gente. Ele atendia a gente e depois vinha para a sala de visita nos contar o que ele tinha passado na vida. E ele contou essa versão do que aconteceu com os velhinhos. Eles foram ver o corpo e sepultaram no areal, mas de tarde já estava de fora e os cachorros comendo uma perna de fora. Eu não lembro quando isso aconteceu, eu não era nascido. Eu não sei se o pai era nascido, eu acho que era porque ele sempre contava. Os dois velhinhos estão enterrados ali no **cemitério**, atrás do **túmulo verde da vó**, tem um **gradil** ali. Mas ali **tem três lugares** e eu não sei. Parece que ali estão os dois velhinhos e tinha uma filha. Eu sei que ali está a família, não sei se é filha ou filho. Eu pensava que fosse o casal que tinham matado. Esse homem brigou muito que o pau ficou todo cortado a machado ou facão, houve pista porque a polícia foi lá e achou um prato. Eu não sei se era prato de louça ou alouçado daqueles antigos. Onde lavavam a louça tinha três pratos sujos, aquela foi a pista. Eu acho que o pai era nascido. Muitos **registros** daqui estavam no Capão do Leão. O da minha mãe está no Capão do Leão. Mas o cartório da época era na quarta zona de Canguçu, Coxilha dos Piégas, era o Cartório do falecido Pianinho. Ele pousava lá em casa e fazia registros lá em casa. Esse cartório está lá na quadra da igreja de Canguçu, tu desce da praça, na rua de baixo. Naquele tempo a falecida vó pressionou para ver se descobriam os assassinos. E eles foram mortos, parece que três deles, lá no laranjal. Eles reagiram contra a polícia e como eram bandidos, tocaram bala mesmo.*

*O meu pai sabia a data e tudo. Uns disseram que queriam os potes de **ouro**, outros que era porque eles produziam piretro e tinham muito dinheiro.*

*O pai sabia tudo, mas a gente não gravou aquelas historias. E outro que sabia era o velho **Emílio Ribes**.*

*O **piretro** quem criou foi o meu vô aqui. Inicialmente o **dinheiro** era do piretro. O piretro é uma planta, é um veneno tóxico que mata qualquer bicho. E para as pessoas não tinha problema nenhum.*

*O **piretro** quando abre bem, forma bem, ele pode ser colhido. E a flor que não estava pronta, não podia **colher**, tinha que deixar. Era só a que estava pronta. Ela tinha que abrir bem e ter aquela pétala bem formada. A que estava com a pétala pequeninha não apanhava. A for é torcida assim e arranca. Era só tirar a **florzinha**. Dava um jeitinho assim e arrancava. E aquilo junta muito é **micuim**, o pessoal que apanha sofre. E **planta** um ano e dura uns 5 ou 6 anos. Só vai tirando a flor e passa um ano, capina e ele volta a crescer de novo.*

*Era uma sacola aqui, tipo bolsa, era um **avental** feito de pano. Era atado na cintura e enganchado no pescoço. Depois vai enfiando a flor ali. Depois quando chegava no saco para despejar, um abria o saco e o outro era só desatar a bolsa ou virava, eu mesmo só virava ali para dentro. Eles*

dobravam, duas dobras e costuravam nas máquinas de pedal para ficar mais forte para ficar armado no corpo e facilitar a colheita. E aquilo se custava a apanhar um lote, como tinha.

*Aquilo se colhia e vinha naquelas **carroças** tudo em sacos. Mas dava lavouras e lavouras de **piretro**. E eles apanhavam e secavam aquilo. E esparramavam, não podiam botar mais que dessa altura assim no sol. **Secava** em eira, não existia lona. Era em eira. E não podia pegar areia. Essa areia não ia. Então a maior parte do pessoal fazia **calçadas** para secar. E o pai uma vez não comprou de um homem porque tinha areia. Então quando secava bem, ia para um monte, numa sala que se tem lá, aquilo enchia até o forro. Não tinha depósito para botar e secava numa **estufa** de bandeja. E não nos envenenávamos com aquilo. Eu ensaquei quando ainda era pequeno. Se tivesse gripe, botava para fora todo o catarro. Aquilo provocava, era uma coisa forte.*

*Nós tínhamos um **moinho** para o piretro. No início eles não tinham **moinho**, depois é que montaram um moinhozinho de pedra, eu não sei como aquilo era amassado, como era feito antes, se era tração animal ou o quê. Hoje está tapera e mato no moinho novo, **fizemos um açude ali** com a permissão da lindeira. Ali tinha mais queda, mas era menos **água** que no velho. Era 60, 70 litros por segundo, e lá tem 110 litros naquela época, hoje essas águas dos riachos estão defasadas.*

*E quando ia lavar o saco de algodão no arroio, nós **pegávamos peixe**. Porque lá tem uma fração de terra nossa que escorria uma água por um lajeado. E a correnteza de água vai por baixo dele. Eu era guri e nós lavávamos ali naquela correnteza o saco onde carregava piretro. E depois nos íamos pegar os jundiás e pintados, pois eles ficavam todos borbulhando em cima da água. E quando se ia secar numa estufa ou quando começava a moer no **moinho** de pedra a 70, era **hidráulico** o moinho e tinha **peneira** naquilo. Aí os **ratos** que estavam lá em cima, caíam todos para o chão. Não ficava nem bicho ali.*

*E aquilo se botava oito litros de água, um litro de querosene, e um quilo de pó ou de pireta amassada. E deixava oito dias em efusão. E botava rama de eucalipto junto. Depois de 8 dias, tirava aquele líquido e botava numa **máquina**. Numa peça pequena, eram só três **assopradas** e o que não **matava**, mosca, por exemplo, ela se mandava, não ficava nada ali. Depois caiu devido a entrada dos **inseticidas** no comércio.*

*Eu acho que só fizeram pó de **piretro,** aqui na Sanga Funda. Lá acho que lá na **Colônia Francesa** não faziam. Não tenho lembrança disto. Ali eles plantavam muito **piretro**. Meus pais chegaram a ter 200 mil pés de piretro. Eram lavouras e lavouras. E era uma cultura da Trapeira, os outros aqui também plantavam. O pai tinha **venda** e trocava alimento por flor de **piretro** que os outros traziam. Eles então começaram a comprar de outros e passaram a exportar aquilo, tinha muito pedido. Não havia outra, era a única que produzia aqui. Para mim vieram para explorar aquilo.*

*Eu não sei se naquele armário meu tem alguma **embalagem** do piretro ainda, eram latas de 5 quilos e depois de produzido, **exportavam** o pó. O **rótulo** são três cores, vermelho, amarelo e verde. Então eles estavam que vinha pedido de tudo que era lado. E depois foram para Porto Alegre numa **exposição** e eles ganharam por dois anos a exposição.*

*E aí o pai fez um negócio com o **Joaquim Oliveira**. Ele trabalhava com o Joaquim Oliveira e a **Khautz**, de Pelotas. Até na Khautz eu vi uma vez escrito num livro lá que o pai tinha 80 mil quilos de pó em haver. Se ele pedisse as contas eles quebravam. Aí o homem pediu um prazo para pagar o pai. Mas começou com os Oliveira, ele dava a mercadoria e o pai tinha comércio aqui e aí levava mercadoria e vendia para o Oliveira. Depois levou batata e essas coisas.*

*E num ano ele fracassou muito porque ele emprestou a **embalagem** para os Rommer, uma família que tem na Sanga Funda. Porque eles começaram a plantar e não tinha embalagem registrada e não podiam vender. Eram amigos dos meus pais, até meio parentes da minha mãe. E o pai cedeu a embalagem e eles vendem uma partida para exportação. Só que eles botaram em cada lata um quilo de farinha de milho misturado. **Alteraram o produto** e descobriram. Aí o pai custou a restabelecer o negócio de novo, teve que escrever e explicar por carta o motivo daquilo.*

*A principal atividade deles era o **piretro**, era onde eles faziam **dinheiro**. Naquele tempo não tinha variedade, era coisa para vender para o mercado. Depois o pai comprou muita terra e começou a investir em outras coisas, o pai **plantou outras coisas** quando começaram a fazer a roça nova.*

*No tempo da minha avó acho que já plantavam a **uva** porque as **parreiras** já eram velhas dizia o pai. Mas foi só com o meu pai que o vinho foi mais forte. Quando eu me criei tinha 12 mil pés de parreira. Era plantado a cada metro e meio ou dois, não sei bem, de corrimão com dois fios, hoje são de 5 fios. Depois o pai começou plantando 270 pés de **pessegueiro**. Eu tinha 6 anos e ele plantava no meio de outras coisas. Ele tinha batata, milho e plantava no meio. No início não tinha bicho, pêssego*

'abichado' não tinha. Nós tínhamos uns dois pés grandes de pêssego molar e o pessoal todo ia lá comer pêssego. Não se fazia ***compota****, se fazia só para o gasto, para o consumo. A compota se passou mesmo a fazer mais tarde* ***quando tinha vidro****, antes era difícil. Quando eu tinha uns 18,20 anos é que apareceram uns vidros de mola com a tampa de vidro, ai se fazia mais.* ***Cristalizado não se fazia****, só se* ***fazia passas de pêssego seco****. Pega o pêssego descasca e ferve na calda de açúcar. Depois tira, escorre e bota para secar. Às vezes, a minha mãe fazia assim: pegava o pêssego com casca, lavava bem e botava no fogo para dar uma assada pouca nele. No que ele preteava, ficava marrom, tirava ele, mas tinha que ser bem maduro o pêssego, e botava no sol para secar o resto. Sendo bem maduro fica bom.*

Compota *não se fazia, quem fazia* ***doce*** *era a* ***família da irmã da minha mãe****, a tia Ida da antiga Casa Verde, essa fazia compota. O tio Guilherme faleceu com 98 anos, ele era muito inteligente, ele queria fazer tachos e pedia para os ciganos ensinarem. Dava doces e coisas para os ciganos ensinarem, mas eles não ensinavam. E tanto foi que ele fez uma coisa, fez outra e conseguiu fazer o material do tacho. Eles moravam ali na entrada do Fragata. A Anita, minha prima, filha da tia Ida tem uma fábrica boa aqui, ela é modelo. Antigamente o tio Guilherme fazia reunião de família, os Ribes iam lá também.*

A ***comida*** *deles era na* ***base da carne de suíno****, guardada na* ***banha****, porque não tinha geladeira. Matava o suíno, carneava e guardava em porções, assavam a carne num quarto inteiro, eram umas 2 horas de fogo. Depois cortavam em quadro e aí botava a carne fria na banha quente iam botando uma camada de carne e outra de banha, e colocava a lata no piso, não podia ser colocada em prateleira. Faziam a* ***caieta****. É a mesma massa que faz o* ***patê****, e tira aquela renda do porco, limpa e lava, aí amassa a massa do patê e leva uns 30% de couve cozida, moída e junta. E faz uns bolos e enrola aquela pele. Faz umas bolotas, põe no forno e assa. A minha mãe chamava de Caieta, não sei se era alemão ou francês. E depois come, é um patê com verdura, fica muito bom e fica digestivo. A comida deles era essa,* ***arroz, batata, ganso, pato, peru. Não fazia patê de fígado de ganso.***

Eu conheci de passada a ***Colônia Ribes*** *lá em Pelotas, tem o* ***cemitério*** *dos descendentes. Uma vez fui com um amigo de Pelotas, tivemos no* ***monumento*** *aonde eles chegaram, também numa* ***pracinha****. Eu não era o motorista, era um médico de Pelotas que ia fazer jurupiga e nós fomos pegar* ***graspa*** *lá. Aí fomos de combi pegar. Mas antes nós fomos uma vez numa* ***festa do colono lá no Bachini****. Fomos de camionete, eu era solteiro nessa época, o* ***pai tinha a Internacional 1946****. Nós fomos lá na* ***Colônia Francesa*** *onde tinha a* ***usina****, que era de parente também, uma usina de 50 metros de queda. Parece que era de um* ***Martin****. Nós fomos de camionete e custou aquela subida, patinava para sair de lá do fundo. Isso era adiante dos Ribes. Não se costuma fazer visita lá, eu às vezes ia buscar* ***vasilhame****, buscar* ***vinho****. Um ano faltou aqui e buscamos uma* ***pipa*** *de vinho lá no Emílio* ***Ribes****. Não se visitava outras famílias. Lá, tinha o Valdemar e os outros irmãos, mas depois se mudaram para Pelotas e eram os que eu conhecia, nós íamos só até ali.*

Mas quase todo o primeiro do ano os Ribes vinham aqui, outras vezes íamos todos no Reinaldo Portantiolo, ou no Antônio Portantiolo, eram os que faziam vinho e plantavam pessegueiro. O Antonio Portantiolo era o campeão do vinho bom, seco; então, em contato de conhecer os Ribes, se uniram com os italianos. O Reinaldo, o Antônio e os Ribes, vinham outras famílias de Ribes de lá também. Tinha lá Martin que eram outros para lá um pouco, que tinham usina lá, vinham também junto, vinham de carro e aí nós fazíamos churrasco. Ali no Portantiolo se fazia no meio de uma pedra. Começava de manhã, oito horas eles já estavam aí, e depois iam embora quando o sol entrava, passavam o dia de festa e traziam tudo. O Reinaldo disse: "eu vou surpreender vocês, no primeiro do ano que vem será na minha casa". Eles vieram e a surpresa eram três cabritos assados, um cabrito novo para aperitivo, quando chegou nove e meia ou dez horas o cabrito novo estava pronto. Aí botaram numa mesa e o Antônio Portantiolo botava um avental de couro, ele era muito divertido, e então cortava. Ali eles pegavam com a mão e farinha de mandioca, e comiam com um copo de vinho. Jogavam bocha, na época do vô não, mas sim quando eu já era adulto, tinha ***cancha de bocha,*** *era cancha aberta, não era fechada. E o Emílio Ribes* ***cantava em francês,*** *tomavam* ***vinho****. Eles vinham n um caminhaozinho, depois findou aquilo.*

A minha vó Luiza também sabia cantar em ***francês****, ela sabia três línguas: italiano, francês e português; e escrevia também. O* ***francês*** *tem a carga mais acentuada numa palavra no 's', no 'i', o francês ele sempre puxa mais numa letra, quando fala tem uma repetição. Eu não sei falar francês, mas eu me lembro. O pai não sabia falar francês, só quem falava era a minha avó. E ela não ensinou ninguém e a minha mãe falava alemão correto e também não ensinou ninguém.*

Tinha outras famílias que vinham visitar aqui além dos Ribes, mas eram mais os que eram parentes mesmo. Às vezes trazia algum conhecido lá deles, mas eu não me lembro. Eles faziam um churrasco de convidados, os ***Funari****. O Adir e o José Funari, esses foram lá depois de um baile de fim de ano aqui no Morro Redondo.*

*A **Colônia Francesa** agora está toda **fracassada**, está espalhada também, mas tem a fábrica dos **Crochemore**, uma família **francesa** também. E tinha uma firma de trator que era de Pelotas, daquela firma dos **Jouglard**, da Andrade Neves. Ele era pai dos **irmãos Jouglard** e comprou fazenda aqui nos Melões. **Eles se esparramaram**, o Valdemar e o Darci foram embora para Pelotas para estudo. Então ficou só o Lino e Airton lá e mais uns poucos ali.*

*Acho que não foi difícil para eles se **adaptarem** no Brasil, porque eles vieram em **grupo de família** e a minha avó falava três línguas acho que era **francês**, português e italiano. Mas acho que eles **não se abrasileiraram**. Quando eles **plantavam,** eu lembro que uma vez o pai comprou umas **sementes**, não sei se caixa ou saco de batata **que vieram da Alemanha**. Lá em Pelotas ele conseguiu isso, quando ele conheceu os Oliveira. Ele plantou uma caixa de batata e deu 18 sacos! Dizem que fazer uma roça nova, de enxada, dá uns batatões. Quando ele começou a arrancar deu um horror e ele não falou para os outros, só foi falar depois com medo que o pessoal fosse arrancar tudo. E aí o pessoal veio todo olhar. E aí vendeu a maior parte das batatas para semente. Para fazer semente eles deixavam secar não sei quantos dias e depois botavam ela para cima, se plantasse para baixo ela não produzia. Tinha que fazer ela brotar virada. Naquele tempo, as **sementes vinham de fora, o Brasil** quase não tinha, e no segundo ano o colono vendia a semente. Eu mesmo plantava **ervilha** para essa empresa Minuano, eles traziam a semente, davam a semente e a gente pagava da safra. Aí começou a expandir, depois começou a sair a semente híbrida.*

*Nós aqui sempre fomos bem **conhecidos por famílias** e essas colônias nos conhecem de quando a **gente fazia e entregava vinho**. A pessoa fica reconhecida, por exemplo, quando nós tínhamos moinho, nós é que entregávamos a farinha no Morro Redondo. Eram 20, 30 sacos de farinha de milho, até trigo se vendia para os comércios. Depois mudou tudo, então éramos uma família conhecida como essa firma dos Fiss aqui. Até hoje é uma família de tradição, de comércio antigo, de hotéis, fábrica de esquadrias, reduziram ali para igreja, mas ainda são os Fiss. Então se aquele é Neumann, já se sabe que ele é descendente daquela família daqui.*

*Eu via sempre o meu pai **cuidar da chácara**. Acho que isso é uma tradição dos Wahast que vem de pai para filho. **Fazer vinho** também, porque ninguém é químico nem nada, é um ensino que vem de pai para filho. Hoje eu não faço, mas vinho, mas nós fazíamos. E a gente fazia tudo na prática, eu tenho aí os **termômetros** ainda, mas nós usava muito pouco. E o químico não, ele está medindo a temperatura, chega e pega 80 quilos de uva e 6 quilos de açúcar e botou tudo de uma vez. Então, para não usar o termômetro tem que colocar açúcar aos poucos, para que não dê a caloria de vez, não passar a temperatura. Senão aquele vinho que ferve muito forte e fica quente, ele fica um vinho mais forte, de paladar mais forte. Não pode passar de 35 graus, 32 é bom para a fermentação. Porque tudo tem um segredo, uma temperatura forma um tipo de bactéria outra forma outra, porque o vinho é vivo. Conforme a quantidade de açúcar vai ter uma temperatura de fermentação, se coloca a uva quente, assim naqueles dias de calor que vem das lavouras, ia colhendo a uva e deixando, quando findou o tanque, deixava o tanque ferver sozinho sem açúcar. Quando a fervura já tinha passado mais de 12 horas, aí ia se colocando o açúcar para que a fermentação agisse, mas o químico não, ele bota o termômetro para medir. Teve lá um **químico** formado e explicou, o dr. Darci Varela. Para fazer o **vinagre**, bota o vinho puro numa **bordalesa** e o vinagre cria a 'mãe', dentro de uma pele. Ele não leva conservante, aquela pele purifica e o vinagre fica clarinho, aquela pele é viva isso é o normal. Quem bota conservante nos vinho e faz vinagre, não cria a 'mãe', e o vinagre fica com gosto de vinho.*

*Uma coisa que esse pessoal de origem estrangeira, o francês e o alemão também, sempre gostam de ter em casa é uma **horta**. É da nossa **criação**, **são os costumes familiares**. E isso muda de uma família para outra, se é italiano ou francês gosta de ter **parreiral** e fazer o **vinho** dele ou suco, agora se passar para o brasileiro ele não tem horta, não cria, é diferente. Então as **pessoas precisam saber cuidar**, porque não adianta ter um pé de fruta se não sabe cuidar, se planta um pé de fruta com semente, aí corta cinco guias todo o mês de agosto e em 5 anos vai produzir. Se plantar e nunca podar, não tirou os espinhos, não abriu a copa, não ao cortou as guias todo os anos, então leva nove anos para produzir. Lá eu tenho bergamoteira pequena que já está dando frutas. A mesma coisa que um pessegueiro, se cortar os galhos com 3cm de grossura, ele cria cerne em seguida. Se deixar ele com pouca força, que não cortar muito os galhos, ele só produzirá em mais anos, mesmo sendo enxerto. Então esses **conhecimentos**, acho que identificam um francês, um alemão, um estrangeiro porque vêm de pai para filho. Eles aqui me disseram: esse enxerto só produz até 6 anos. E os nossos pés de pessegueiro estavam até hoje lá produzindo, mais de 60 anos. Mas tem que mudar a planta, tem que saber, o pessegueiro tem que ser plantado num canteiro, no caroço, e quando ele está uma mudinha assim, tem que se retirar dali porque o pêssego dá uma guia para baixo e uma raiz para o lado. Então para transplantar tem que tirar*

aquela guia, senão ele produz a guia e a raiz só para um lado, por isso é feito o transplantio do pessegueiro.

*Eu me acho mais parecido com o pai, já o Oscar, meu irmão, eu acho que puxou mais para o lado dos Jaeckel, nem sempre os filhos saem iguais. A Lili é mais para o lado da minha avó Luiza **Ribes**, já a outra irmã, a Lenir é mais para o **Wahast** também, a Leda ficou média em **fisionomia** e em costumes.*

*A minha irmã que faleceu brincava no jardim lá de casa e deu tétano, a **Leonídia**. Ela faleceu no Natal e eu nasci em janeiro. A minha mãe estava grávida de mim. Então o meu pai levou para Pelotas, o meu pai foi o primeiro que comprou **caminhão** Volks, modelo A, com chapa e tudo.*

*A minha irmã Lili, que mora lá no **casarão**, fez 78 anos no dia 6 de outubro. Ela sabe contar mais coisas porque teve **mais conhecimento**. De todos eu sou o mais novo estou com 66 anos.*

*Às vezes se vê algum filme sobre a **França**, pela **televisão**, mas faz tempo que não tenho visto nada. Eu acho que eles lá estão bem **avançados**, mas tem países que **não divulgam quase nada**. Por exemplo, na China e no Japão, depois que eu entrei para aquela religião budista em Pelotas, eles contam que lá são montanhas e eles cultivam arroz naquilo e a cada ano eles mudam tudo e a água fria entra e depois aquece. Para produzir **arroz** a água tem que 'aquentar', não pode ser fria. Eu já plantei arroz lá na Sanga Funda, puxava água da sanga, mas era fria. E um homem passou lá e me disse que eu não ia conseguir porque era fria que ia dar só viço, que tinha que fazer um depósito no alto para aquecer a água. Ele me disse: "o senhor puxa a água por cima que está mais quente, puxe da descarga da represa". E eu não colhi nada mesmo por causa da água fria. Depois no outro ano eu fiz uma **maracha**, uma volta de uns 100 metros na terra para que a água circulasse e perdesse a correnteza. E deu arroz, só por causa do aquecimento da água.*

*Eu acho que não é fácil ter pessoas que se interessem em fazer esse trabalho difícil assim. Acho que o **museu** dos franceses tem muita importância e acho que vai ser muito divulgado. Tem muitas famílias aí, de outras origens, que vão querer fazer, mas não é assim tão fácil. Em Morro Redondo estão fazendo um museu também.*

Eu acho bom ter uma descendência, a pessoa que é descendente de estrangeiro sempre é procurada para ajudar, desde os velhinhos que mataram, eles também eram muito procurados.

Depoimento de Leinira Prestes Ribes

O pai ia visitar no fim do ano, ele dizia que tinha que visitar e pegava o cavalo e ia lá.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Morro Redondo, sede

Data: 25 de outubro e 11 de dezembro de 2008

Duração: 36 minutos

Participação: nenhuma outra participação

*Eu nasci na **Sanga Funda**, em Canguçu. No mesmo lugar onde nasceu meu pai. Ali é que morava o Alcides Ribes, meu **avô**. Ele veio da **França** e ele morou ali. E eu nasci ali porque o meu pai ficou na casa dos velhos. Eu não conheci o meu avô porque a minha avó estava grávida do meu pai quando ele morreu ou o pai tinha poucos meses. Eu não sei bem, sei que ele foi criado sem o pai. Eu conheci só a vó, a gente chamava de vó **Lilica**, era Maria Severina Ribes. No final da vida ela teve seis anos **entrevada** morando com a minha mãe. Em cima da cama que situação difícil.*

*O pai trabalhava na **lavoura**, plantava milho, trigo, arroz, feijão, tudo para o sustento da casa. Também criavam **galinhas**. Ele não trabalhava com **vinho**. E a minha vó trabalhou no tempo que era recém casada no **piretro**. A minha irmã Neiva tem umas **fotos** de umas **mulheres com umas bolsas** assim e iam colher a flor de piretro só com a mão. Eu não sei se era separado, mas acredito que fosse uma lavoura em conjunto com os **Wahast**. Tem uma **foto** da minha avó grávida do meu pai, colhendo piretro, está lá no meu irmão.*

*O pai contava que a família tinha vindo da **França**, só que o local lá eu não sei. O **Cláudio**, que é Ribes também, é que deu uma **pista**, acho que era um local onde teve uma enchente, que tem um rio. Acho que no passaporte que o Cláudio tem diz qualquer coisa. Porque eles não contavam o que faziam lá na França, nem porque vieram.*

*Foi por acaso que eu casei com um outro descendente de francês, dos **Wahast**. Eu saí para trabalhar com 17 anos e quando eu voltei, já conhecia ele antes, porque era um vizinho. Só que ele é 8 anos mais velho que eu, então ele era moço e eu era menina. Depois quando eu voltei é que eu resolvi namorar. E namoramos, não teve porque era francês ou que era de família conhecida, isso não pesou em nada. Foi porque a gente se gostou.*

*Eu não conheço a **Colônia Santo Antônio** em Pelotas. Nunca fui e conheço só de nome e da **televisão**, que às vezes aparecem **reportagens sobre os franceses** e a gente viu o **monumento** aquele lá. Também não conheci ninguém de lá, o meu pai é que contava que eles **vinham aqui fazer churrasco** e o falecido **Emílio Ribes** vinha com a família, **cantava em francês**. Talvez eu fosse pequena, eu não lembro. Mas eles aqui iam lá visitar, o pai adorava ir para lá. Ia a cavalo até lá. O Ariano, **meu irmão**, foi lá, a pouco tempo. E diz que ele imaginava que ia ser de um jeito e lá era de outro. Acho que ele **imaginava uma coisa maior**. E ele tinha visto uma **foto** e quando ele ia longe, ele mais ou menos que reconheceu a casa. Sei que ele tomou **vinho**, o Lino hoje é falecido, mas ele foi no tempo do Lino. Ele achou muito interessante que toda a família Ribes gosta muito de ler e achou coisa muito linda o **acervo de livros do seu Lino**. E o **diário** dele, tudo registrado depois que terminava o dia. Eu lamento não ter feito isso no meu trabalho na **escola**. Eu imagino uma **casa grande**, comprida, com alicerce de pedras rústicas e com varandas grandes, com barril e com paredes grossas, dobradas. Acho que a Colônia Francesa era assim neste estilo. Hoje, pelo que o Ariano falou que era tudo diferente, eu imagino que é tudo menor. O Ariano falou numa **cacimba** que ele foi, de água boa. Nos fundos das casas aquilo chamou atenção dele.*

*Lá na **Colônia Francesa** eu sei que tinha a família dos **Jouglard**, que eles chamavam de "Juclá". Eu não conheci nenhuma outra família aqui. Quando eu era criança já não tinha mais famílias por ali. Se teve devem ter ido embora então. As famílias de franceses que tinham ali eram os **Wahast, Ribes, Carré, Zurchmitten**, acho que eram só estes mesmo. Essas outras famílias não trabalhavam com vinho e piretro, só na lavoura. Só os Wahast trabalhavam com piretro e vinho. Eu ainda me lembro das ruínas do **ranchinho** tapado de capim destes velhinhos que mataram aqui na Sanga Funda.*

*Só quem vinha visitar lá da Colônia Francesa era o falecido Emílio **Ribes**. Eles aqui iam lá, também visitavam o Emílio. Era uma relação de visita, de parente mesmo, não tinha troca experiência ou troca produtos, não tinha negócios. Eu lembro de falarem de **outros Ribes**, não sei se eram de Pelotas ou de outro lugar. Acho que era Honório e Augusto Ribes, eu não lembro bem, mas o meu pai ia visitar esse Honório, não sei se era parente. O pai ia visitar no fim do ano, ele dizia que tinha que visitar e pegava o cavalo e ia lá.*

*Eu não sei quando eles vieram para **Sanga Funda**, mas foi lá por 800 e pouco. O pai já nasceu aqui e tinha outros irmãos mais velhos. Se o pai fosse vivo teria uns 80 e tanto. Eu acredito que foi a qualidade da **terra** que trouxe eles para cá, porque eles queriam fazer **vinho**. Eu acho que o meu avô veio para a Sanga Funda para fazer vinho. Porque dizem que ele morreu roçando uma **lavoura**. O pai sempre dizia que era para montar um **parreiral**. Eu acredito que ele tinha essa idéia, talvez tivesse vindo com esse fim para cá. Eles queriam muito era plantar uva, o pai teve pouco contato por ele ter ficado jovem sem o pai. Eu não sei se ele já era nascido, mas eu sei que ele não chegou a conhecer o pai. Ele só lembrava do que os outros contaram para ele, e é disso o que ele passou para nós.*

*Lá em casa sempre tinha alguma **árvore frutífera**, mas para comércio não. Se vendia o **figo verde**, a fruta, mas se fazia para a casa o **doce de figo**. Era um doce que se fazia na panela. Mas fazia **compota** também, tirava a pele e botava na compota, não era a fruta desmanchada em figada, era em calda. Não chegava a vender isso, era só para o consumo. A fruta sim, vendia para ter dinheiro, era a renda que eles tinham.*

*E das **passa de pêssego** eu lembro do pai contar que eles enchiam a dona Elizia e a outra tia, que não lembro o nome, para elas fazerem essa passa de pêssego seco. Elas já eram moças e ele era pequeno.*

*Eles faziam **patê** com o couro de toucinho de porco que eles moíam. Também moíam parte dos miúdos, coração, faziam "**mursilha**". Mas comida francesa acho que não era. Também faziam a **caieta**, um bolinho feito com o patê que botavam numa prensa antes de assar e depois cortavam de fatia, agora lembrei mesmo que eles faziam isso, a minha sogra fazia. E todo francês gosta de **vinho**, eles tomavam*

*bastante. A nossa **alimentação** em casa era com bastantes legumes, mas bastante misturas com arroz, com batata, nos usávamos sempre muito misturado.*

*A minha irmã **Neiva** conta que foi lá na **colônia do Artur Lange**. Ela foi passear, ela diz o nome da casa dos Ribes que ela foi, mas eu não lembro. E eles fizeram **alcachofra** e disseram, na hora que serviram, que aquilo era de origem francesa. Se ferve aquela cachopa, descasca e faz um refogadinho daquele miolo, fazia um bolinho que fica como se fosse uma carne frita. Eu tenho alcachofra aqui, mas eu nunca faço porque não sei fazer. A Neiva comeu e disseram que era **comida francesa**.*

*Eu acho que tenha sido fácil a **adaptação** deles aqui porque todos eles não têm mais características, mais nenhum sotaque. Todos os franceses velhos que eu conheci **ninguém tinha sotaque**. E acho que pegaram bem os hábitos brasileiros, pois eles sempre diziam que gostavam de estar aqui, que não queriam voltar.*

*Da **França** não ficou nada que eles tenham trazido, pelo menos do meu avô não. Mas eu acho que ainda se mantém algum hábito daqueles franceses ou da família deles. O **plantio de horta** é uma coisa. Tem uma coisa que eu digo e que eu acho que tem haver com francês, o meu pai falava e eu tenho que me cuidar às vezes para não dizer. É que ao invés de dizer 'assim' eu digo '**ansi**'. Eu acho que é francês isso, e eu tenho esse costume. Já os Wahast, ao invés deles dizerem 'eu disse tal coisa' eles dizem '**eu di** tal coisa'. E todo Wahast tem o pé com essa volta de **cima do pé acavalada**. Já os Ribes tem o **pé mais achatado**, é uma característica genética. Acho que herdei mais para o lado do pai. Porque a família dos **Prestes** são bem mais gordos e eu sempre fui magra, agora eu estou mais gorda, mas eu era bem magra. Eu conheci meus tios, os irmãos do vô não vieram para cá. Todo Ribes é geralmente magro, não tem tendência a ser gordo. O pai também era **alto e magrão**, acho que isso é dos franceses.*

*O pai valorizava o **estudo**. Ele sempre dizia que a herança que se deixava era o estudo, isso ele valorizava. Queria que as pessoas estudassem, isso é uma coisa que eu preservo e acho que é uma coisa de **Ribes**. Por exemplo, **gostar de ler**. Nós gostamos de leitura, dessa coisa de saber mais, de descobrir. O pai sabia ler, ele estudou até o terceiro ou quarto ano. Chamavam quarto livro naquele tempo, mas ele lia bem. Ele sempre dizia que a pessoa tinha que se atualizar. E todos os filhos procuraram estudar um pouquinho, acho que isso é uma característica dos Ribes.*

*Eu tenho pouca referência sobre a **França**, mas tenho orgulho de ser descendente de imigrante francês, gosto de ser Ribes.*

*Quando os franceses vieram para cá, eles trouxeram muita muda de planta, de **chá**. E eu sou tomadeira e plantadeira de chá, acho que isso é uma coisa que me identifica com a França. Acho que deviam tomar e gostar disso lá. E de **jardim** foi minha avó, pelo lado da minha mãe, os Prestes. Eu ia lá pequena e aquilo me chamava a atenção. Eu sei até as flores que ela tinha lá. Dos franceses então seria a parte dos chás e a **agricultura**. De **gostar de leitura e de se atualizar**, seria isso.*

Depoimento de Eugênio Ribes Wahast

Eu acho que eu também, quando tiver a minha casa vou plantar um pé de parreira.

Entrevistador: Leandro Ramos Betemps

Local: Morro Redondo, sede

Data: 11 de dezembro de 2008

Duração: 44 minutos

Participação: nenhuma outra participação

*Eu nasci em Canguçu, na Sanga Funda, numa casa perto da **casa antiga dos Wahast**. Antes era um chalé, depois a gente cresceu um pouco e o pai fechou na volta de cimento e aí fez até um pedaço de laje por causa das **chuvas de pedra**. Ali eu morei até os 18 quando a gente veio morar aqui em Morro Redondo. Meus **avós** Ribes por parte de mãe eu não conheci, eu devo ter visto ele quando eu era muito pequenininho mas eu não me lembro.*

*Agora os **avós** Wahast, por parte de pai sim, conheci os dois, eles moravam na casa onde morava a tia Lili. O contato com eles foi bem maior. Todos os dias eu ia lá de manhã, ia cuidar a **venda***

para a vó. Lá a maioria não tinha estudo e eu estava na segunda, terceira série e já sabia fazer conta de mais. Então já estava atendendo na venda e o pessoal dizia: "bah, o gurizinho já sabe fazer conta!" E eles iam lá comprar e eu fazia a conta, às vezes eu errava, mas a maioria das vezes eu acertava. A venda era do tempo do vô, antes quando eu era pequeno tinha bastante movimento na Sanga Funda. Agora todo mundo foi embora de lá. Mas antes, aquela venda ali era forte, era um ***ponto de encontro****. Domingo mesmo, tinha jogo de* ***bocha****, todo mundo se juntava ali, iam jogar bocha, eu sei que aquela venda enchia tanto que a gente não conseguia chegar na porta. Dali até o balcão era um trabalho de chegar. Cheio de gente jogando carta. O bom de quando eu era pequeno é que tinha mais* ***união****, a* ***família*** *era mais unida. Antes dos velhos morrerem eram bem mais unidos. Os outros parentes não moravam perto, mas eles vinham* ***visitar****, vinha o tio Oscar lá de Pelotas, vinha praticamente quase toda a família e aí faziam churrasco, pegavam aquelas mesas grandes da cozinha, levavam para sala e faziam uma mesa compridona assim e ai se juntava todo mundo. Eu gostava daquilo ali, depois começaram a se dispersar, uns não se acertavam bem com os outros e tudo terminou. Mas a melhor parte que lembro era essa. Hoje esta só a tia Lili morando lá,os outros foram embora para a cidade.*

Quando eu era pequeno, o ***pai*** *trabalhava, agora que ele está aposentado, mas antes dele casar ele foi veterinário, relojoeiro, vendedor... depois que ele casou eu não lembro dele assim. O* ***vô*** *eu sei que gostava de fazer serviço de marceneiro, mexer com madeira, porque sempre quando eu ia lá ele ia para a marcenaria. Ele tinha duas, uma no galpãozinho e outra lá na sala onde ele guarda as máquinas, onde guardaram fumo, perto da lavoura. Ele ia pra lá e passava a manhã inteira cerrando e cortando. Eu ia lá olhar, não fazia muita coisa, mas ia ver.*

Eu não sei qual era a principal atividade econômica do meu ***vô****. Eu sei que ele tinha a* ***leitaria****, e quando eu nasci não tinha mais os* ***vinho****. Eu não cheguei a pegar essa época, só as* ***garrafas*** *prontas é que ficaram para lembrança. Nem piretro, acho que o* ***piretro*** *é ainda mais antigo que o vinho. No começo era o piretro, depois o vinho. Tinham os* ***porcos****, tinha uns 20 por aí, era uma criação grande. Enquanto criavam 2 ou 3 por casa, ali eles tinham dois chiqueiros grandes cheios de porcos. Já era uma criação maior do que os outros. As vacas, eu lembro que teve uma época que teve umas 14, 15 vacas, agora depois a tia Lili foi ficando mais velha e foi diminuindo, acho que agora, nem sei, mas deve ter umas 3 ou 4. E também a* ***venda****, eu sei que a venda pelo menos foi o principal lá.*

Eles cultivavam ***parreiras*** *mesmo depois que pararam com o* ***vinho****. Sempre tem uma parreira, eles gostam, faz parte deles. É mais é mais uma tradição assim. O pai quer trazer até para cá um pé de parreira. E eu acho que eu também, quando tiver a minha casa vou plantar um pé de parreira porque já é uma marca assim. Todo mundo gosta da parreira*

Pessegueiro *eu sei que tinha, que plantavam bastante pessegueiro. Quando eu era pequeno, tinha pessegueiro onde era plantada a uva. Eu não sei se eles substituíram no lugar, porque é um lugar grande, eu acho que aquele lugar eles usavam para parreira antes, porque era grande a safra lá. Eu não ajudava a colher, só ia com eles quando iam descarregar na* ***fábrica****, aí eu fazia a viagem junto. Eles colhiam a fruta e vendiam para fábrica do* ***Albino Neumann****. Eu lembro que eu ia ali e quase sempre o seu Albino me dava um suco, dava alguma coisa e eu gostava, não perdia uma viagem.*

Em casa eles gostavam de fazer ***doce****, a vó mesmo, os melhores doces que eu já comi eram dela. A tia Lili até faz, mas não é como os da vó. Ela fazia assim de* ***tacho*** *e se eu estava sobrando por ali, eu ia lá mexer o tacho. Não era sempre, mas se eu estava por ali eu ajudava. Era doce de abóbora, de figo, de pêssego. De* ***goiaba****, acho que era o que ela mais fazia porque tinha muita goiabeira por lá. Do pêssego faziam* ***pêssego seco****. Secava-se com caroço, eu não gostava muito daquele pêssego seco, mas tinha que ajudar a fazer sempre. Eles descascavam a fruta e tiravam umas lascas e secavam. Às vezes, eles faziam assim em lascas e outras vezes, inteiro e seco com caroço dentro. O que eu me lembro mais era dos doces, da ambrosia, do pudim. Eu até aprendi a fazer pudim primeiro, agora que estou aprendendo a fazer arroz ou feijão.*

A minha avó gostava de ***cozinhar****, a tia Lili também gosta, a minha avó gostava de* ***fazer doce*** *e fazia muito bem, a tia Lili também, e eu também gosto de fazer doce e eu, o que eu sei fazer, eu faço bem feito, pelo menos todo mundo gosta. Então eu penso que é uma coisa, um hábito que a vó fazia e eu penso que isso é de família também.*

Aqui, eu não sei se é francês, alemão ou aqui da região mesmo, mas eles gostavam de fazer um ***pão folhado na pedra****. Pegava uma pedra e botava a massa folhada, com toucinho dentro, entre uma folha e outra de massa, em cima da pedra e botava a pedra a assar em fogo de brasa. Não era no forno ou assadeira, era assim no chão. Faz uma fogueirinha e bota a pedra no plano com a massa ali para assar. Só que eu não sei se isso é francês ou não. E não é só aqui que eles fazem. Têm umas quantas famílias lá do Rincão dos Melões que fazem, lá é mais forte ainda essa receita que eu só vejo aqui.*

*O pai do meu vô era Oscar e acho que foi o Oscar Mário, pai dele que veio da **França**. O lugar de origem lá da França eu já procurei por tudo mas não descobri. Da França eu não sei nada, muito pouco o vô falava. Eu só sei que eles falavam que vieram de navio, que a viagem não foi boa, sei que teve uma doença durante a viagem, não sei bem. A vó falava que as pessoas que tinham doença no meio da viagem eram jogadas no mar. Mas eles não eram de falar muito disso. Porque é muito pouco eles diziam, não eram de falar assim. Eu sei mais as partes que me interessavam quando eu era pequeno. Era essas histórias de que tal lugar tem um **dinheiro enterrado**, que tal lugar aparece **fantasma**, eu era pequeno e tinha medo. Isso eu me interessava em saber, tenho que saber para não ir lá, então eu puxava por eles e eles contavam. Mas se dependesse deles não contavam nada. Sobre a história dos **velhinhos que mataram**, eu fui saber depois que começaram as pesquisas sobre as famílias francesas, eu nem sabia. Sabia que tinha uma casa ali, que teve gente morta, mas não sabia que eram destes velhinhos, ou porque eles foram mortos. Agora se tivesse um fantasma ou alguma coisa assim eu ia saber.*

*A **vinda dos franceses** aqui para Sanga Funda é coisa antiga. Eu sei que a casa dos meus avós Ribes, ela não era a original. Eles não são de falar muito de coisa antiga, mas eu lembro deles falarem "na outra **casa**" que eu até hoje não sei onde é a outra casa. Mas que tinha outra casa, tinha. Eles moravam lá e se mudaram para essa casa. A chegada deles ali deve ser do tempo que eles moravam na outra casa. Os Wahast também, aquela casa da tia Lili é de 1922, eu não sei se teve outra casa, mas pelo que eu ouvi falarem dá para entender que tinha outra casa também.*

*Eu acho que eles vieram para **Sanga Funda** e aqui devia ter alguma fonte de trabalho ou as terras eram mais baratas aqui para comprar. Eu acho que eles não iam querer se dividir, eles iam querer **sempre ficar numa colônia**. Até porque tem duas colônias, os que vieram para cá não se espalharam também. Se dividiram uma vez de Pelotas para cá, e aqui não se dividiram mais, aqui eles ficaram todos morando próximos. E agora todo mundo teve que sair da Sanga Funda porque os filhos cresceram e vieram principalmente para estudar. Eles vieram para Morro Redondo e agora é assim, eu moro aqui e a 50 metros o meu tio e a 1 km mais outro tio, eles vieram juntos de novo. Continuam sempre juntos, parece que não sabem viver separados um do outro, tem uns que foram para cidade, mas eles podendo vir fim de semana, eles estão aqui, é assim, eles vão e tem que se reunir de novo.*

*Lá na Sanga Funda eles gostam de **bocha e jogo do osso** também, até os **Carré** eram os que gostavam mais ainda do jogo do osso. Eles moravam ali perto, são parentes dos Wahast, mas não sei qual o parentesco. Na **internet** tem comunidades que acabaram ajudando a conhecer bastantes famílias de Ribes. A comunidade dos "descendentes de famílias francesas de Pelotas", que centraliza tudo assim, acabou a gente olhando um e outro e conhecendo vários Ribes e Wahast.*

*Quando perguntavam para o pai como era o nome dele, ele tinha o costume de sempre soletrar o **Wahast**, nunca dizia o **sobrenome** só soletrava antes de dizer. Então eu aprendi a escrever o Wahast muito fácil. O **Ribes** era fácil porque se escreve como se lê, o Wahast era mais complicado com o "w" e o "h". Aquele "h" eu errava sempre quando era pequeno. Mas da segunda para a terceira série ai eu já não errava mais.*

*Eu acho que sou bem Wahast, o **Wahast** é **teimoso**, e eu sou teimoso. Às vezes isso é um problema porque por ser teimoso eu faço uma aposta e a teimosia me faz pensar que aquilo ali é daquele teu jeito e que tu vais ganhar, não tem nada que faça pensar que vai perder, mas perde. De traços fisionômicos... os **Ribes** quase todos **eles têm miopia ou usam óculos**. O uso dos óculos é uma marca dos Ribes. Aqui de cada 4 Ribes, 3 usam óculos. Pelos **Wahast** eu sei que tem a **unha do pé diferente**. Ao invés dela nascer retinha para frente, ela nasce retinha para cima. E depois todo mundo diz eu tenho a unha grande, mas a minha unha não é grande! Ela nasce e aponta para cima, e fica parecendo que é grande, mas não é. Brincadeiras a parte, mas essa é uma característica. O dedo do pé do meu pai é assim, do vô também era assim. E eu me lembro que ele tinha o costume de lavar os pés numa baciazinha e eu ia lá ajudar ele, botar água porque ele não conseguia se dobrar, já era velho. E eu olhava e pensava: "pô! O dedo dele é igual ao do meu pai". E eu olhava para o meu e pensava: "o meu ainda está ajeitadinho, mas tem alguma coisa parecida". Hoje que eu estou maior, eu vejo que eu não fugi da regra, ele é igual.*

*Pelos Ribes eu peguei a tal da miopia, pelos Wahast é o dedinho do pé do vô. Eu acho que não teve uma coisa que eu pegasse mais de um lado ou mais de outro. Sou misturado. Então os **Ribes** têm alguns, que tem uma tendência a ter calvície, ou então a ter entradas na testa. Eu pelo menos não tenho mas e o meu vô não tinha problema assim, ele tinha cabelo. Mas os que não são calvos têm a entrada, é uma tendência e como eu ainda sou novo, não sei se terei. Tomara que não tenha.*

*A **Colônia Francesa** lá em Pelotas eu não conheço. E acho que eu não conheço ninguém de lá também, mas só escuto falar do **Lino Ribes**. Depois que eu vi o livro sobre os franceses na internet, aí eu*

comecei a buscar e comecei a notar como o Lino Ribes se destacava entre eles lá. Eu pesquisava Ribes e era sempre Lino Ribes que aparecia direto. Aí comecei a ver o que ele fez, quem ele era. De Pelotas sempre vinha a tia Elza, não sei se ela faz parte da colônia, mas essa veio aqui, eu lembro. Ela vinha para ficar com a tia Lili, porque ela também é meio idosa e elas ficavam conversando os assuntos delas.

*Eu acho que a **Colônia Francesa** na época deles lá em Pelotas devia ser como era aqui, antes do vô morrer, onde eles se juntavam bastante, gostavam de ver a **família** bem unida, gostavam de fazer festas no fim de semana, bem festeiros, eram **hospitaleiros**, gostavam de receber **visitas** de outros lugares. Quase certo deviam ter produção de **vinho**, deviam criar **porco** lá também porque quando eles matavam porco. Eles juntavam todo mundo, cavavam gente para ajudar e como na época não devia ter luz deviam **repartir**. Eu lembro que lá na Sanga Funda, se matava um animal e repartia, porque não conseguia comer tudo sozinho, então repartia e aí quando outro matava um animal, tu recebia também. Ia, ajuda e ganhava uma parte. Assim todo mundo se matinha com carne em casa e sem tem geladeira. Agora já não tem mais isso, eu não vejo mais ninguém fazer isso. Quando eu era pequeno ainda me lembro deles fazer assim, mas conforme foi passando os anos foi diminuindo e agora nem sei, devem comprar fora.*

*Como eu não conheço a **Colônia Francesa** de Pelotas eu acho que com o tempo, hoje, dos costumes bons deles acho que muita coisa se perdeu, mas deve ter ainda aquela **essência**, porém não devem seguir. Como era originalmente, ainda devem gostar de tudo, mas dependendo das famílias não deve ser tão forte. Eles perderam as características mas acho que se tivessem, tipo um **encontro** com dia marcado da gente se reunir, eu garanto que isso ia dar certo e todo mundo ia se reunir. Porque está no sangue deles fazer isso, acho que ainda tem um sentimento de gostar de se unir, de sair junto, excursão da Sanga Funda era o que eu mais adorava. Quando parava um ônibus e todo mundo ia, depois se tinha um que não foi, dizia: "porque não me avisaram, eu não fui queria ir". Quando a gente conseguia avisar todo mundo era ônibus lotado na certa.*

*Se os franceses tivessem tido um inventivo de seguir com a **língua francesa**, eles teriam continuado, que nem os alemães em Canguçu, mas como não tiveram, eles perderam com o tempo. Mas eu acho que passar trabalho para aprender outra língua acho que não tiveram. Como **gostam de viver juntos**, eles devem ter seguido a falar em francês entre eles por muito tempo, porque gostavam de viver juntos. Eles não iam querer se misturar com outras línguas até hoje a **gente usa repetir os nomes**, eles seguem um padrão, é Oscar, é Mário, é Luís... eles repetem a mesma coisa, os nomes não variam muito, é sempre aqueles mesmo. Eu acho que até se a Colônia Francesa, agora, tivesse um **curso de francês** para quem fosse da Colônia Francesa, era mais uma idéia que ia dar certo. Porque todo mundo gosta de voltar um pouco às origens, de conhecer, de saber, só que os mais velhos não fazem questão de expor a história e falta um incentivo para manter a história.*

*Eu tiro muita **foto**, eu gosto, posso guardar bastante e não ocupa muito espaço. Tiro de tudo que é festa e depois guardo num cd. São fotos principalmente da família, dos encontros, festas de aniversário, de churrascos, banhos no arroio, excursão, eu tenho muita foto e a mãe também gosta de tirar foto, e os que não tem máquina ou não gostam de tirar, gostam de sair nas fotos, é uma coisa que eu faço e tenho para lembrar da família.*

*O vô falava que a família tinha vindo da **França**, mas quando eu era pequeno, eu não ligava muito para isso. Depois, **com o tempo, eu fui gostando mais, embora eu já gostasse da França**. Depois, com o tempo, que o pai começou a falar e o vô também e comecei a gostar daquilo e acho que tenho um certo orgulho de ser descendente de francês. Não é uma coisa assim muito forte, acho que tenho mais orgulho de ser gaúcho, não brasileiro, gaúcho em primeiro. Mas **gosto da França, mas maior mesmo é o orgulho de ser gaúcho**.*

*O que me liga com a **Colônia Francesa** de Pelotas e sua história eu acho que é o **vinho**. Eu gosto de vinho. Acho que é uma coisa... gosto de **parreira** e acho que isso vem da **França**. O que eu sei sobre o francês e a França de hoje são só esteriótipos. Dizem que francês não gosta de tomar banho, que gosta de tomar vinho, que gosta de perfume porque não gostam de tomar banho. Que eles gostam de futebol e que gostam de cozinhar também.*

*Acho importante esse trabalho de se fazer o **museu** dos franceses, isso deveria ter sido feito há muito tempo, mas ninguém deu importância. Se tiver mesmo um museu eu ia querer ir lá, eu falei lá na trabalho que eu ia dar entrevista com a minha família e eles disseram: "pô! Ia ser legal se tivesse com a minha família também". Eu falei do **livro** dos franceses e só pelo trabalho ser feito com famílias daqui da comunidade, eles que nem são parentes de franceses, se interessaram em saber mais porque são histórias de gente daqui, da região. E eu disse que tem umas receitas ai mesmo é que se interessaram. Eles foram a Feira do livro de Pelotas, mas não conseguiram achar o livro.*